



## **CABIDO METROPOLITANO E PRIMACIAL DE BRAGA**

### **REABILITAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO TESOIRO-MUSEU DA CATEDRAL DE BRAGA-ARTE SACRA**

**INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA (DEMOLIÇÕES, SONDAGENS E  
ACOMPANHAMENTO) REALIZADA NA ÁREA DOS EDIFÍCIOS N.ºs. 102/118  
DA RUA D. DIOGO DE SOUSA  
(2003-2004)**



## **RELATÓRIO**

**Francisco Sande Lemos, José Manuel Freitas Leite e Pedro  
António Azevedo da Silva**

## **TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DA U.A.U.M. / MEMÓRIAS, N.º 32, 2013**

### **Ficha Técnica**

Editor: **UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**  
**Avenida Central, 39**  
**P 4710-228 Braga**

Direção: **LUÍS FONTES E MANUELA MARTINS**

Ano: **2013**

Suporte: **EM LINHA**

Endereço eletrónico: <https://www.uaum.uminho.pt/edicoes/revistas>

ISSN: **1647-5836**

**Título: CABIDO METROPOLITANO E PRIMACIAL DE BRAGA. REABILITAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO TESOIRO-MUSEU DA CATEDRAL DE BRAGA-ARTE SACRA. INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA (DEMOLIÇÕES, SONDAGENS E ACOMPANHAMENTO) REALIZADA NA ÁREA DOS EDIFÍCIOS Nºs. 102/118 DA RUA D. DIOGO DE SOUSA(2003-2004). RELATÓRIO**

**Autor: FRANCISCO SANDE LEMOS, JOSÉ MANUEL FREITAS LEITE E PEDRO ANTÓNIO AZEVEDO DA SILVA**



# Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS

n.º 32

2013

**CABIDO METROPOLITANO E PRIMACIAL DE BRAGA  
REABILITAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO TESOIRO-MUSEU DA  
CATEDRAL DE BRAGA-ARTE SACRA  
INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA (DEMOLIÇÕES, SONDAgens E  
ACOMPANHAMENTO) REALIZADA NA ÁREA DOS EDIFÍCIOS Nºs.  
102/118 DA RUA D. DIOGO DE SOUSA  
(2003-2004)**

## RELATÓRIO

**Francisco Sande Lemos, José Manuel Freitas Leite e Pedro António Azevedo  
da Silva**

**Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho  
Janeiro de 2006**

Os responsáveis da intervenção arqueológica e subscritores do pedido de autorização de trabalhos arqueológicos reservam-se todos os direitos autorais, nos termos da legislação aplicável, designadamente os consagrados nos Decreto-Lei nº 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro (que regulamenta os direitos de autor e direitos conexos) e a lei 50/2004, de 24 de Agosto (que transpõe para a ordem jurídica nacional a Diretiva nº 2001/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Maio, relativa a direitos de autor e conexos).

O presente relatório foi aprovado pelo IPA/Instituto Português de Arqueologia - ofício n.º 2003/1(319) de 27 de Março de 2006.

**CABIDO METROPOLITANO E PRIMACIAL DE BRAGA**  
**REABILITAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO TESOIRO-MUSEU DA**  
**CATEDRAL DE BRAGA-ARTE SACRA**

**INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA (DEMOLIÇÕES, SONDAGENS E**  
**ACOMPANHAMENTO) REALIZADA NA ÁREA DOS EDIFÍCIOS N.ºs, 102/118**  
**DA RUA D. DIOGO DE SOUSA**  
**(2003-2004)**

**RELATÓRIO FINAL**

FRANCISCO SANDE LEMOS  
JOSE MANUEL FREITAS LEITE  
PEDRO ANTÓNIO AZEVEDO DA SILVA

**UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**

**JANEIRO DE 2006**



## ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>4</b>
2.1. Demolições.....	4
2.2. Sondagens arqueológicas.....	5
2.3. Acompanhamento.....	6
<b>3. INTERVENÇÕES.....</b>	<b>6</b>
3.1. Demolições.....	6
3.2. Sondagens.....	8
3.2.1. Sondagem A.....	8
3.2.2. Sondagem B.....	10
3.2.3. Sondagem C.....	11
3.2.4. Sondagem D.....	13
3.2.5. Sondagens E1 e E2.....	13
3.2.6. Caracterização dos perfis.....	15
3.2.6.1. Sector A.....	15
3.2.6.2. Estratigrafia sob o muro 6.....	17
3.2.6.3. Sector C.....	18
3.2.6.4. Sector D.....	20
3.2.6.5. Sector E1.....	22
3.2.6.6. Sector E2.....	25
3.2.7. Listagem dos materiais da fase de demolições e sondagens.....	27
3.3. Acompanhamento.....	42
3.3.1. Quadrantes.....	42
3.3.1.1. Quadrante noroeste- Q1.....	42
3.3.1.2. Quadrante sudoeste- Q2.....	42
3.3.1.3. Quadrante centro norte- Q3.....	43
3.3.1.4. Quadrante centro sul- Q4.....	43
3.3.1.5. Quadrante nordeste-Q5.....	44
3.3.1.6. Quadrante sudeste- Q6.....	44
3.3.2. Sondagens mecânicas.....	45

3.3.2.1.	Sondagem 1.....	45
3.3.2.2.	Sondagem 2.....	45
3.3.2.3.	Sondagem 3.....	46
3.3.2.4.	Sondagem 4.....	46
3.3.2.5.	Sondagem 5.....	46
3.3.2.6.	Sondagem 6.....	46
3.3.2.7.	Sondagem 7.....	47
3.3.2.8.	Sondagem 8.....	47
3.3.2.9.	Sondagem 9.....	47
3.3.2.10	Sondagem 10.....	47
3.3.2.11	Sondagem 11.....	48
3.3.2.12	Sondagem 12.....	48
3.3.2.13	Sondagem 13.....	48
3.3.2.14	Sondagem 14.....	48
3.3.2.15	Sondagem 15.....	49
3.3.2.16	Sondagem 16.....	49
3.3.2.17	Sondagem 17.....	49
3.3.2.18	Sondagem 18.....	49
3.3.2.19	Sondagem 19.....	50
3.3.2.20	Sondagem 20.....	50
3.3.2.21	Sondagem 21.....	50
3.3.2.22	Sondagem 22.....	51
3.3.2.23	Sondagem 23.....	51
3.3.2.24	Sondagem 24.....	51
3.3.2.25	Sondagem 25.....	52
3.3.2.26	Sondagem 26.....	52
3.3.2.27	Sondagem 27.....	52
3.3.2.28	Sondagem 28.....	52
3.3.2.29	Sondagem 29.....	53
3.3.2.30	Sondagem 30.....	53
3.3.3.	<b>Estruturas exumadas.....</b>	<b>53</b>
3.3.3.1.	<b>Estruturas Medievais.....</b>	<b>53</b>
3.3.3.1.1.	Estrutura 1.....	53

3.3.3.1.2.	Estrutura 2.....	54
3.3.3.2.	<b>Estruturas Romanas</b> .....	54
3.3.3.2.1.	Solo de <i>opus signinum</i> .....	54
3.3.3.2.2.	Solo em terra batida.....	54
3.3.3.2.3.	<b>Muralha</b> .....	55
3.3.3.2.3.1.	Tramo leste.....	55
3.3.3.2.3.2.	Torreão.....	56
3.3.3.2.3.3.	Tramo oeste.....	58
3.3.3.2.3.4.	Caleira .....	59
3.3.4.	<b>Referenciação dos complexos na fase de acompanhamento</b> .....	62
3.3.5.	<b>Listagem dos materiais na fase de acompanhamento</b> .....	65
4.	<b>SÍNTESE</b> .....	71
5.	<b>NOTA HISTÓRICA</b> .....	73
6.	<b>CONCLUSÃO</b> .....	75
7.	<b>INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA ÁREA DO SAGUÃO</b> .....	77
	<b>APÊNDICE</b> .....	78
7.1	INTRODUÇÃO.....	78
7.2.	ESCAVAÇÃO.....	79
7.2.1.	<b>Listagem dos materiais</b> .....	80
7.3.	RESULTADOS.....	81
7.4.	CONCLUSÃO.....	81
	<b>FICHA DO ENDOVÈLICO</b> .....	82
	<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	84

## 1. INTRODUÇÃO

O “Cabido Metropolitano e Primacial de Braga”, entidade proprietária dos edifícios situados no gaveto da rua D. Diogo de Sousa (nº 102 a 118) com a rua do Cabido- ver carta militar 1:25 000 (fig. 1) e carta de Braga de 1968 à escala 1:1 000 (fig. 2), levou a efeito a construção de um edifício com fins museológicos naquele espaço, no âmbito do projecto: “Reabilitação e Ampliação do Tesouro-Museu da Catedral de Braga – Arte Sacra”, da autoria do gabinete de arquitectura- “Humberto Vieira, Arquitecto, Lda”.

Dado que a área em causa se insere em pleno Centro Histórico, e que o edificado inclui a construção de cave e o consequente rebaixamento do solo, o IPPAR, para além de condicionar a demolição dos muros com algum significado histórico urbano, condicionou ainda a elaboração de qualquer projecto, à realização prévia de sondagens arqueológicas no local. Assim, os responsáveis do Cabido contactaram a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, entidade responsável pelo projecto científico de *Bracara Augusta*, com vista ao acompanhamento das demolições e à realização dos indispensáveis trabalhos arqueológicos, solicitação que foi aceite, após aprovação de um orçamento para o efeito.

De acordo com o plano inicial elaborado pela Unidade de Arqueologia, as sondagens arqueológicas, deveriam estar concluídas em Dezembro de 2002, prevendo-se que demorariam dez meses. No entanto a primeira reunião, para dar início ao projecto, apenas se efectuou em Fevereiro de 2003, o que obrigou a nova planificação dos trabalhos, que compreendeu duas fases: acompanhamento das demolições, precedidas de um levantamento fotográfico exaustivo dos vários edifícios; abertura de sondagens a fim de se determinar o valor patrimonial do subsolo. Este plano, todavia, não pôde ser cumprido tal como estava delineado, devido à má qualidade e pouca profundidade dos alicerces das casas.

Os primeiros registos fotográficos na fase da pré-demolição foram operados em 26 de Maio de 2003, e em 2 de Junho, deu-se início às primeiras demolições, a cargo da empresa de construções “Britalar – Sociedade de Construções, S.A.”, devidamente acompanhadas conforme o previsto, tendo sido recolhidas no total cerca de 1500 imagens fotográficas.

Concluídas as demolições autorizadas pelo IPPAR, avançou-se então para a fase das sondagens arqueológicas. A intervenção decorreu entre 2 de Junho de 2003 e 12 de Março de 2004, em circunstâncias que suscitaram permanentes questões de segurança,

quer para o pessoal em campo, quer para os imóveis adjacentes, Igreja da Misericórdia e Catedral, quer ainda para as paredes de prédios que os técnicos do IPPAR entenderam mandar conservar. Como é fácil imaginar estas questões induziram uma “pressão” acrescida, muito para além do que é habitual em trabalhos arqueológicos urbanos. Foram abertas cinco sondagens, **A**, **B**, **C**, **D** e **E**, sendo que, pelas razões acima aventadas, apenas foi possível concluir a escavação do sector **E**.

Terminadas as sondagens arqueológicas, em 04-08-2004, foi remetido ao IPA o relatório preliminar dos trabalhos, onde se apresentavam os dados mais relevantes resultantes das sondagens, bem como os cuidados a ter em conta com a elaboração do projecto final, como se pode verificar no ponto 7 do citado relatório que a seguir se transcreve:

“...consideramos que é possível avançar com o projecto, incluindo a cave, devendo, no entanto, ser registados todos os vestígios arqueológicos que possam surgir. Caso ocorra um achado excepcional deverá ser ponderada a sua manutenção *in situ*. A conservação da muralha, cujo traçado ficou perfeitamente identificado, deve ser acautelada no projecto.”

Juntamente com o relatório preliminar, foi feito o pedido de autorização ao mesmo instituto, para o acompanhamento das terraplanagens com vista à construção da cave, cujo ponto 2 do Plano de Trabalhos, refere o seguinte:

“... é imprescindível que o rebaixamento do solo seja devidamente acompanhado por uma equipa de arqueologia, por forma a garantir o registo exaustivo daquela operação. Chamamos desde já a atenção para a forte possibilidade de se encontrar um torreão da muralha romana na área onde se pretende construir a referida cave. A confirmar-se esta suspeita, a exequibilidade do projecto terá que ser ponderada em função do seu estado de conservação. A mesma atitude será adoptada, caso ocorram outros vestígios importantes.”

O acompanhamento arqueológico programado para o arranque das terraplanagens, inicialmente previsto para o dia 9 de Agosto de 2004, só se iniciou em 22 de Setembro e prolongou-se ininterruptamente até ao dia 23 de Novembro. Entretanto, nos dias 14 e 16 de Setembro, uma equipa da empresa adjudicatária das obras, a construtora “Ladário – Sociedade de Construções, Lda.”, sob a vigilância do licenciado contratado para efectuar o acompanhamento, procedeu à realização de duas micro-sondagens, nas imediações dos sectores **C** e **D**, operação que tinha como objectivo confirmar ou não a existência da face externa da muralha e do torreão. A face da

muralha só viria a ser detectada na fase final das terraplagens, tal como uma conduta de água que corre paralela à muralha, passando sob o torreão e alguns fragmentos de um pavimento, já detectado na sondagem **E**, ao que julgamos, integrariam um piso de circulação exterior à muralha, enquanto o torreão foi identificado desde logo, embora a uma profundidade considerável.

Os trabalhos foram dirigidos por Francisco Sande Lemos, Luís Fontes e José Manuel Freitas Leite. Coube ao primeiro dos responsáveis o acompanhamento directo das demolições e das sondagens, que contou para o efeito com a colaboração de duas equipas:

- Uma primeira constituída por Felismina Vilas Boas dos quadros do Museu D. Diogo de Sousa e por dois trabalhadores de Leste cedidos pelo empreiteiro, que operou de 2 de Junho até 15 de Julho, e que garantiu o acompanhamento das demolições e a abertura das sondagens **A** e **B**, contando ainda com a participação inicial de Henrique Miranda que fez a reportagem fotográfica antes e durante as demolições;

- Uma outra, constituída por Jorge Ribeiro, David Mendes, Ana Garrido Elena e Eurico Machado, que assegurou a continuidade dos trabalhos e que operou de 15 de Julho de 2003 a 12 de Março de 2004, data em que se deram por concluídos os trabalhos das sondagens arqueológicas.

O acompanhamento arqueológico diário das terraplanagens foi assegurado pelo licenciado Pedro António Azevedo da Silva e pelo técnico de arqueologia, estudante do último ano do curso de História – variante de arqueologia, Rogério Filipe Eustáquio Rodrigues, sob orientação de um dos responsáveis pelo projecto de arqueologia, José Manuel Freitas Leite.

Todos os materiais metálicos e cerâmicos recolhidos, quer os procedentes das sondagens, quer da fase de acompanhamento, foram depositados no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa e os elementos líticos na área vedada do Alto da Cidade, tendo sido devidamente marcados e inventariados. Parte dos registos fotográficos, os operados em película, foram igualmente entregues no referido Museu. Quanto à reportagem fotográfica das demolições, efectuada em câmara digital, integra a base de dados da Unidade de Arqueologia. Os desenhos de campo da fase de sondagens foram realizados por Felismina Vilas Boas e Eurico Machado, e vectorizados em gabinete por Ana Maria de Jesus e Joaquim Folhento; na fase de acompanhamento foram efectuados em campo por José Manuel Freitas, co-responsável científico neste projecto, e por Eurico Machado, que assegurou igualmente a sua vectorização,

juntamente com Pedro Azevedo. O tratamento das plantas, numa e noutra fase, esteve a cargo de Alfredo Barbosa.

As sondagens foram financiadas pelo promotor da obra, o Cabido da Sé e pelo POC- Plano Operacional da Cultura, num valor total de 23 456.56 Euros; os custos do acompanhamento das terraplanagens, que incluiu o pagamento do licenciado e do técnico durante o tempo em que permaneceram no terreno, acrescido de um mês para elaboração do relatório, conforme o estipulado no caderno de encargos, foram suportados pela empresa adjudicatária da obra “LADÁRIO – Sociedade de Construções, Lda.”.

A Unidade de Arqueologia teve uma participação significativa neste projecto, que para além da orientação técnico-científica, disponibilizou meios técnicos e humanos para a consecução das diferentes etapas de trabalho, quer no terreno quer em gabinete. O Museu D. Digo de Sousa, prestou igualmente a sua colaboração, através da cedência da técnica Felismina Vilas Boas, em determinado período da fase de sondagens.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1. Demolições**

No âmbito do desenvolvimento da “Arqueologia da Arquitectura” e pela primeira vez na história do salvamento de *Bracara Augusta*, antes de se avançar para a fase de demolições, foi realizado um levantamento fotográfico exaustivo do antigo edificado. Como se compreende, a exiguidade de espaço que ora encurtava ora cortava angulações, a falta de luminosidade, o perigo que representou operar num cenário que tinha como pano de fundo um emaranhado de construções em eminente ruína, constituíram dificuldades que complicaram, e muito, esta primeira experiência.

Face aos condicionalismos supra-mencionados, e, tendo como grande objectivo garantir futuras consultas destas mais de 1500 fotos, maioritariamente operadas com máquina digital, com base nas plantas do pré-existente fornecidas pelo gabinete de arquitectura, optámos por formas distintas de registo: numa primeira fase, cada imóvel foi assinalado como uma unidade, edifício 1, 2, 3, 4 e 5 (fig. 3), e os vários volumes que os constituíam foram designados e numerados sequencialmente a partir do rés-do-chão (figs. 4, 5, 6, 7, 8 e 9) por compartimentos- espaços que apresentavam delimitações precisas como quartos, salas e cozinhas; escadas- subdivididas em lanços, ex: escada 1, lanço 1, 2, 3... ; halls; corredores; terraços e telhados. Devido a uma eventual falha

técnica, as plantas relativas ao pré-existente, não assinalavam quaisquer divisões no edifício 5, pelo que, para efectuarmos o registo individual dos diferentes espaços, foi realizado um croqui ao nível dos vários pisos, cujas dimensões não corresponderão à realidade. Realizado o grosso das demolições dos pisos superiores, mantendo-se de pé apenas as paredes mestras, pouco mais do que ao nível do rés-do-chão, e uma vez menorizado o perigo de ruína, adquámos os registos à nova realidade espacial, numerando os vários compartimentos num total de 8, e designando cada uma das paredes segundo os pontos cardeais (fig. 10).

Com a continuidade das demolições, e devido a vicissitudes de ordem técnica e de segurança, continuaram a ser efectuados registos diários, agora de âmbito mais geral. Ainda assim, foram registados todos os pormenores que conseguimos visionar, que do nosso ponto de vista se revestiam de algum interesse arquitectónico, e sempre que possível um ou outro aspecto individual por edifício ou por piso.

## **2.2. Sondagens arqueológicas**

A realização de sondagens arqueológicas tinha como grande objectivo obter a melhor radiografia possível do subsolo para se poder avançar com alguma segurança para a elaboração de um projecto consentâneo com a existência ou não de ruínas arqueológicas.

Tendo em conta a realidade do terreno, em particular a área para construção e a presença de alguns muros que o IPPAR entendia conservar (fig. 11), contrariamente ao que é habitual, optámos por não implantar previamente uma malha de quadrados que cobrisse toda a mancha construtiva. Face à fragilidade de alguns embasamentos dos muros limítrofes, em especial do lado sul, por questões de segurança, algumas sondagens tiveram que ser reduzidas. Assim foram abertas as sondagens A, B, C, D e E (fig. 12), sendo que a sondagem B, se destinou a confirmar se os dados publicados no relatório de reconhecimento geotécnico realizados em torno da Catedral pela empresa Teixeira Duarte – Engenharia e Construções, S. A. tinham equivalência para o espaço interior dos edifícios demolidos. Por razões de segurança, nesta vala, apenas foram efectuados registos fotográficos.

A metodologia de escavação para os outros quatro sectores, foi a habitualmente adoptada em *Bracara Augusta*. Foram efectuados os registos dos vários planos, bem como dos perfis finais, quer através de desenho quer em fotografia.



## **2.3. Acompanhamento**

Qualquer acompanhamento de terraplanagens com recurso a maquinaria, constitui por si só tarefa complicada para quem a realiza.

Dada a absoluta necessidade em cintar as paredes perimetrais da área a edificar, por forma a garantir a sua estabilidade, o empreiteiro procedeu à implantação de tramos intercalados em ferro e betão. Para o efeito, teve que abrir 30 sondagens de 2x1,50m aproximadamente, até à cota do projecto da cave (fig. 13). Concluída a cintagem, procedeu-se então ao rebaixamento da restante área, que para efeitos de registo dividimos em 6 quadrantes (fig.13): Q1- Quadrante Noroeste; Q2- Quadrante Sudoeste; Q3- Quadrante centro Norte; Q4- Quadrante centro Sul; Q5- Quadrante Nordeste e Q6- Quadrante Sudeste. Quer as sondagens quer os quadrantes, foram acompanhada(o)s, implantada(o)s e numerada(o)s segundo a ordem de abertura, pelos técnicos de arqueologia destacados no terreno, que designaram através de letras- A, B, ... os muros que ainda se mantinham (fig.14). Face aos condicionalismos referidos, o recurso à fotografia foi a fórmula mais eficaz encontrada para proceder aos registos, tendo sido efectuadas cerca de 1300. Todavia, sempre que se justificasse, eram ainda feitos registos em desenho, tal como viria a suceder com os tramos e torreão da muralha.

As estruturas medievais, normalmente ao nível dos embasamentos, para além de fotografadas, eram igualmente implantadas e numeradas à medida que iam surgindo no terreno. Assim aconteceu com as estruturas **1** e **2** (fig. 15).

O espólio, maioritariamente cerâmico, foi identificado com um complexo referenciado às valas de fundação da muralha, do torreão ou da conduta, e ainda à respectiva sondagem ou quadrante, cuja listagem foi iniciada no número =200=.

## **3. INTERVENÇÕES**

### **3.1. Demolições**

O acompanhamento das demolições visava dois objectivos fundamentais: tentar perceber as diferentes fases construtivas do aglomerado, através da observação atenta dos vários alinhamentos, e identificar elementos pétreos isolados reaproveitados nas paredes, que pudessem proporcionar indicadores cronológicos.

Relativamente aos paramentos, apesar de termos efectuado sondagens cirúrgicas e picagens de alguns rebocos que nos poderiam ajudar, pelo menos a balizar as várias remodelações conhecidas através dos documentos escritos, todo o nosso empenho acabou por não ter o sucesso desejado, tal era a anarquia instalada no miolo do conjunto

edificado, o que não constitui novidade, já que esse é o cenário recorrente sempre que se intervém no casco urbano do centro histórico: alicerces fracos, quando existentes; paramentos com aparelhos diferenciados e evidentes discontinuidades impossíveis de temporalizar, paredes estruturais intercalando tramos de pedra e tijolo e até em tabique, algumas pintadas e outras decoradas a papel e azulejo; pisos e escadas ora em madeira, ora em betão..., enfim, um catálogo digno de materiais e técnicas de construção transeculares. Não obstante o caos instalado, com excepção dos alinhamentos da fachada norte e da ala oeste, que permanecem incólumes, foi possível identificar algumas estruturas que evidenciam momentos construtivos distintos:

- **Um paramento** que divide os compartimentos 2 e 4 do edifício 1, constituído por dois tramos de épocas diferentes, cada um deles com uma porta à distância aproximada de 60cm entre si. O tramo oeste com 4.30m, incorpora no seu extremo leste, uma das ditas portas, tapada e conectada com um nível de circulação mais baixo, que corresponderia à entrada de uma das casas compradas por D. Diogo de Sousa aquando da (re)construção dos açougues da cidade e da abertura da Rua Nova - actual rua D. Diogo de Sousa e dos Açougues Velhos, sendo por isso, anterior ao séc. XVI (fig. 16). O tramo leste, igualmente com 4.30m e adossado ao primeiro, integra no extremo oeste, uma outra porta, cuja soleira se eleva cerca de 70cm em relação à anterior, ostentando uma inscrição de 1519 no seu lintel. Parece pois, óbvio, que este paramento, constituído por tramos construídos em épocas diferentes, corresponderia à fachada do séc. XVI (fig. 16), eventualmente *“das duas casas pequenas pera quem tiver cargo d’alimpar os açougues e alpendres delles”*, no âmbito das remodelações empreendidas por D. Diogo de Sousa, que terá inutilizado a porta que ali existia e aproveitado aquele troço, abrindo uma outra porta, agora a uma cota superior e de acesso a um espaço muito mais amplo, selando o nível de ocupação anterior.

- **Um lajeado**, que pavimenta o compartimento 2 do edifício 1, limitado a norte pelo paramento acima referido, e que deverá corresponder ao piso de ocupação das casas que prestavam apoio aos açougues, cuja porta de 1519 dava acesso (fig.16). É constituído por lajes de granito com dimensões que oscilam entre os 50-90cm de comprimento por 30-50cm de largura. Apesar de bastante mutilado, deixa perceber uma boa qualidade construtiva, apresentando fiadas isódomas, com travamentos a espaços e juntas de encosto milimétricas.

- **Um passeio** que encosta pelo interior e ao longo da fachada do edifício 1-compartimento 4. Com 8.60m de comprimento por 1.50m de largura, sugere no entanto,

duas fases construtivas e outras tantas interpretações: excluindo o canto nordeste, remendado com elementos irregulares de dimensões variáveis entre os 15 e 30cm, resultante da instalação de uma conduta em época relativamente recente, o tramo mais a leste, com 2.90m, constituído por grandes lages com dimensões que variam entre 1.08 e 0.84m de comprimento por 0.74 e 0.54m de largura, afigura-se-nos como o mais antigo, e embora com algumas reservas, poderá corresponder ao que ainda resta de um lajeado relacionado com os açougues da época de D. Diogo de Sousa (1505-1532); os restantes 5.70m, assentes em fiadas que evidenciam um grande rigor isódomo, constituídas por lajes cujas dimensões oscilam entre 1.26 e 0.22 m de comprimento por 0.45 e 0.22m de largura, perfeitamente esquadriadas e com juntas de encosto milimétricas, terão sido construídos em finais do séc. XVII - inícios do XVIII e estarão estreitamente relacionados com a fachada observável no mapa das ruas de Braga desenhada em 1750. Admitimos no entanto, como hipótese mais remota, a possibilidade de o tramo leste ser coevo da fachada original com apenas duas portas, pavimentando um pequeno hall acessível pela porta mais a leste, e que o restante, não obstante encontrar-se 15cm. abaixo das soleiras actuais, niveladas com um soalho em madeira, se relacione com a remodelação da fachada actual, operada em finais do séc. XVIII. Para uma melhor visualização das várias estruturas registadas nesta fase, bem como da sua distribuição, ver (fig. 16).

- Para além destes elementos estruturais, foram ainda recolhidos dezenas de elementos pétreos com interesse que integravam algumas paredes, designadamente aduelas de um arco, um miliário e uma epígrafe romana.

Nesta fase, onde se inclui a pré-demolição, foram recolhidas mais de 1500 imagens digitais, numa tarefa sem paralelo na história do Salvamento de *Bracara Augusta*.

## **3.2. SONDAGENS**

### **3.2.1. Sondagem A**

Ocupando toda a área de um pátio a céu aberto localizado nas traseiras do edifício 1 e encostando às capelas da Sé Catedral, esta sondagem tinha como objectivo aferir a provável passagem da muralha romana nesta zona, o que se veio a confirmar. Para além da muralha, foram ainda identificadas outras estruturas que passamos a descrever.

- **Muro A-** parede que limita o referido pátio a oeste, denotando um aparelho fruste. Com 4.30m de extensão, é construída em elementos de granito com dimensões

que variam entre os 10 e 40cm, cujas juntas são colmatadas por uma argamassa amarelo torrado. A conjugação da leitura do alçado leste com a planta do pré-existente, sugere momentos construtivos diferenciados. O tramo sul, com 3.20m, evidencia três fases: uma primeira, que rasgou o miolo da muralha e que vai desde a cota de escavação até 1.40m de altura, relacionado com a construção original reportável ao séc. XVI; uma outra que se eleva cerca de 0.40m, com o mesmo tipo de aparelho, embora com ausência de argamassa nas juntas, eventualmente de meados do séc. XVIII; finalmente, os últimos 0.30m, construídos num misto de pedra e cimento, numa clara alusão ao séc. XX; o tramo norte, com 90cm, parece corresponder ao prolongamento daquele, presumivelmente na segunda metade do séc. XVIII. Trava com o muro B, formando o canto nordeste deste compartimento e deverá estar associado ao empedrado registado no levantamento 1 deste sector.

- **Muro B**- tramo de 0.90m mais a oeste da parede que limita o compartimento a norte. Contemporâneo do muro A, mantém as mesmas características, e está igualmente associado ao mesmo lajeado. Deverão integrar-se nas remodelações operadas por volta de finais do séc. XVIII.

- **Muro 1**- tramo mais a leste da parede que limita o pátio a norte. Com 3.97 por 0.60m de largura. De aparelho muito mais robusto que os anteriores e associado ao segundo lajeado, em tudo idêntico ao anterior, deverá corresponder ao limite do edificado observável no mapa das ruas de Braga, desenhado em 1750.

- **Muralha**- sob o segundo lajeado, na metade leste do limite sul da sondagem, foi identificado um solo em *opus signinum*, que assenta sobre o miolo da muralha, que poderá corresponder a um primeiro nível de circulação daquela estrutura defensiva, confirmando-se assim as previsões sobre o traçado da muralha erguida no Baixo-Império. Embora não tenham sido detectadas nem a face interna, nem a externa, as características do miolo são rigorosamente idênticas às registadas noutros pontos da cidade, próximos, como a Torre da Capela da Senhora da Glória, ou mais distantes, como na Quinta do Fajal: tramos transversais com 70-80cm de largura, constituídos por grandes e toscos blocos, excepcionalmente integram alguns elementos arquitectónicos (fustes e cornijas) reaproveitados, intercalados por espaços de 60-70cm, colmatados com pedra miúda e argamassa. A face interna da muralha, está sob o próprio edifício da Sé, enquanto a face externa foi desmontada e dela, apenas resta a fiada de embasamento exumada durante o acompanhamento, a uma profundidade de 4.50m.

- **Muro 6-** A descoberta da face norte deste muro, localizado nas proximidades do limite norte da sondagem A, ocorreu aquando do nivelamento do terreno feito pela bobcat na fase final das demolições, razão pela qual o seu registo tenha sido referenciado e incluído neste sector. A outra face viria a ser descoberta durante o acompanhamento das terraplanagens, fase que desenvolveremos a seguir e onde será abordado com mais pormenor. Poder-se-á relacionar com o projecto dos *Açougues* construído por D. Diogo de Sousa nas primeiras décadas do séc. XVI.

- Para além das estruturas descritas, foram ainda registadas outras, que reportamos do séc. XX, como um tanque em cimento localizado no centro do pátio; uma caixa em cimento no canto sudoeste e uma conduta no canto nordeste, que descia pela parede limite leste da sondagem, drenando o terraço que cobre as três capelas localizadas a norte da Sé Catedral. Sublinhe-se o facto desta conduta, construída em blocos graníticos sobrepostos e escavados pelo interior, encontrar alguma analogia com a técnica construtiva do “Aqueduto das Sete Fontes” do séc. XVIII, o que nos leva a admitir, que muito provavelmente, os elementos presentes nesta construção tenham sido reaproveitados, após a desactivação daquela estrutura hidráulica.

Considerando que o objectivo principal tinha sido atingido, que era a definição do traçado da muralha, e uma vez que a área útil de trabalho, sem o desmonte do miolo era muito reduzida, foi decidido dar por terminada esta zona à cota de 182.20m, a uma profundidade aproximada de 1.42m. Os projectistas foram informados que nesta área não poderiam abrir cave ou instalar a caixa do elevador.

### **3.2.2. Sondagem B**

Como já foi referido, a abertura desta sondagem, tinha como objectivo confirmar se os dados publicados no relatório de reconhecimento geotécnico realizados em torno da Catedral pela empresa Teixeira Duarte – Engenharia e Construções, S. A. tinham equivalência para o espaço interior dos edifícios demolidos. Para além dos aspectos estratigráficos, não forneceu quaisquer outros dados arqueológicos relevantes. Por razões de segurança, nesta vala, apenas foram efectuados registos fotográficos, quedando-se a escavação pela cota aproximada de 179m, a uma profundidade cerca de 2.65m, sem se ter atingido o substrato rochoso.

### 3.2.3. Sondagem C

Inicialmente dimensionada com 5.40m de comprimento a partir do extremo sul do antigo edificado por 3m de largura e implantada sobre o muro divisório dos edifícios 3 e 4 entretanto desmontado, num local estratégico para a análise do subsolo, logo verificámos que o alicerce das capelas da Sé se encontrava à vista, facto que surpreendeu todos, tanto o dono da obra, como os projectistas, os técnicos do IPPAR e os próprios arqueólogos, de tal modo que se ponderou inicialmente a possibilidade de existirem duas paredes encostadas. Uma pequena “janela” aberta na parede, afastou essa hipótese. Deste modo, os projectistas aconselharam que o espaço de trabalho fosse reduzido para uma área de 3x3m, situação que se agravou com a ruína eminente de uma parede lateral, o que impediu que a equipa continuasse a trabalhar no local até a mesma ser parcialmente desmontada e escorada. Em síntese, esta vala, por motivos de segurança, não desceu até ao substrato rochoso, tendo os trabalhos de escavação sido interrompidos à cota de 180.30m, a uma profundidade máxima de 1.78m, sendo que o último plano não chegou a ser desenhado, bem como os perfis Este e Sul, que apenas foram registados até à cota de 180.60m. Ainda assim, a abertura desta sondagem, permitiu verificar que, no local, se conservam algumas estruturas, a seguir enunciadas, entre elas, um dos torreões subcirculares da muralha, do mesmo tipo dos que foram registados na Quinta do Fajal (fig.17).

- **Muro 2-** Demolido nas obras em curso, corresponde à divisão dos edifícios 3 e 4. Com 4.60m de comprimento por apenas 20cm de largura, evidencia igualmente grandes fragilidades ao nível dos alicerces, quase inexistentes. Terá sido levantado em finais do séc. XVIII para aproveitamento do logradouro do edificado dos inícios daquela centúria, momento em que terão sido alteradas as fachadas norte e oeste para o aspecto actual. Encosta de forma ortogonal ao muro 4, alinhamento que deverá corresponder às traseiras do edifício original.

- **Muro 3-** Demolido no decorrer das obras actuais, tem 34cm de largura, por 6m de comprimento aproximadamente, sendo que 1m surge nesta sondagem e os restantes 5 se desenvolvem para norte, entroncando na fachada. Denota uma grande debilidade, com ausência total de qualquer tipo de alicerces. Tal como o muro 2, funcionou como divisória dos edifícios 3 e 4. No entanto, a diferença de largura em cerca de 15cm e o desalinhamento axial de cerca de 50cm entre ambos, sugere momentos construtivos diferentes. Integraria em conjunto com o muro 4, ao qual encosta de forma ortogonal, o primeiro projecto urbano do século XVIII.

- **Muro 4-** Terá sido desmantelado na segunda fase do séc. XVIII, pela construção do muro 2, aquando do aproveitamento do antigo logradouro. Conservaram-se ainda dois elementos que perfazem 80cm de comprimento por 35cm de largura. Ortogonal ao muro 3, limita com ele, espaços a leste e oeste. A presença de dois elementos, embora mais toscos a oeste, perspectiva o seu prolongamento, desenhando como já se disse, as traseiras do edificado mais antigo.

- **Canalização 1-** Trata-se de um cano em grés, com aproximadamente 15cm de diâmetro, protegido por uma argamassa de cimento e gravilha. Arranca a 1.40m do limite sul desta sondagem, junto ao muro divisório (M2) dos edifícios 3 e 4 onde deveria receber outra tubagem vertical, entrando adentro do perfil oeste. Terá sido instalada no séc. XX com funções de saneamento.

- **Canalização 2-** Caleira construída em blocos graníticos com as seguintes dimensões: comprimento variável entre 1.04 e 1.60m; largura- 0.40m; altura 0.30m. O canal de escoamento escavado apresenta uma largura que varia entre os 10cm na base e 14cm à superfície, por 8cm de altura. Com pendente sul-norte, não forneceu dados que nos permitam perceber a sua funcionalidade. De igual modo, sentimos grandes dificuldades em explicar a sua interrupção a sul: terá sido desmantelada para a colocação daquele aglomerado pétreo, que poderá corresponder a um lajeado, ou articulava-se com o mesmo conjunto, que poderia ser uma canalização completamente arruinada? Esta última hipótese apresenta-se-nos como mais plausível. Considerando que não foram encontrados quaisquer indícios de cobertura, é possível que se destinasse a drenar águas pluviais ou residuais. Deveria integrar o projecto de remodelações da segunda metade do séc. XVIII.

- **Estrutura 7-** A sul do sector, foi encontrado um aglomerado pétreo, que como acima referimos, tanto poderá corresponder aos restos de um lajeado como a uma canalização em ruína, que terá sido aproveitada para a ligação à canalização 2. Independentemente da sua funcionalidade, será uma construção anterior ao projecto de remodelação, verosimilmente das primeiras décadas do séc. XVIII, já que está subjacente ao muro 2.

- **Muro 5-** Murete de construção muito fruste, localizado no canto noroeste da sondagem. Tem apenas uma fiada e não apresenta qualquer tipo de alicerce. Orientado de forma mais ou menos paralela em relação ao torreão, encontra-se 1.50m acima das fiadas que esta estrutura ainda conserva, tendo sido construído na Antiguidade Tardia ou mesmo na Idade Média, sobre sedimentos de abandono da muralha.

- **Torreão**- No canto sudeste da sondagem, desde muito cedo que começaram a aflorar alinhamentos constituídos por toscos e grandes blocos pétreos com excepção de um elemento de cornija reaproveitado, intercalados com outros de pedra mais miúda e argamassa, cujas dimensões já descrevemos aquando da abordagem da sondagem A. Para norte, ao nível dos vários planos eram perceptíveis pormenores estratigráficos que desenhavam uma linha circular, correspondente à vala de roubo dos elementos talhados do torreão. Estas evidências constituíam fortes indícios de poder tratar-se do miolo do torreão, suspeitas que viriam a confirmar-se por inteiro, quer através de uma pequena sondagem cirúrgica aberta no início do acompanhamento, quer durante o desenrolar do mesmo.

#### **3.2.4. Sondagem D**

Implantada a partir da metade norte e sensivelmente ao centro do edifício 5, esta sondagem de 3x3m, tinha como objectivo a intercepção da muralha, intento que acabou por sair gorado. Face à proximidade das paredes envolventes e o consequente perigo que tal representava, tanto mais que os técnicos do IPPAR determinaram que fosse mantida a empena lateral oeste do imóvel, nesta área apenas foi possível descer até à cota de 181.20m, cerca de 2.10 metros de profundidade, sendo que o último plano, pelas razões acima evocadas não chegou a ser desenhado. Foram registados sucessivos níveis de abandono e terraplanagem, dos quais apenas os iniciais se inserem na Idade Moderna. Os restantes são medievais. Não foi aqui exumada qualquer estrutura, sendo de destacar a grande quantidade de material cerâmico recolhido.

#### **3.2.5. Sondagens E1 e E2**

Com base na leitura estratigráfica proporcionada pela sondagem B realizada a partir do nível actual, e por uma questão de economizar algum tempo, considerámos que seria útil rebaixar o terreno cerca de 1.25m, até à cota aproximada de 180.40m, com recurso a uma bobcat para retirar os sedimentos revolvidos. Assim, nesta área só foi possível avançar no Outono, uma vez que a empresa responsável pela obra apenas procedeu ao rebaixamento do terreno na segunda quinzena de Outubro.

Com 5m de comprimento leste-oeste, por 3m de largura norte-sul e implantada ao centro do compartimento 4 do edifício 1, optáramos apenas pela escavação de uma área a nordeste, com 2.5m de comprimento- leste-oeste por 2m de largura- sul-norte, a



qual designámos por sector **E1**. Posteriormente foi alargada 1m para norte, tendo então sido atribuído a este acréscimo de 2x1m o sector **E2**.

Não foi encontrada nenhuma estrutura, nem indícios de fosso exterior à muralha. Registaram-se no entanto, sucessivos níveis de aterro, alguns dos quais com características aluvionares, muito semelhantes aos detectados na sondagem D. O substrato rochoso que se encontra à cota máxima de 178.40m, a 3.25m da superfície original, foi aplanado, e sobre ele, à cota média de 179.05m, foi encontrado um nível de pavimento muito compacto, pelo que se admite a possibilidade de ter existido em redor da muralha, um corredor de circulação. São visíveis vários sulcos rasgados no substrato rochoso, quatro dos quais com alguma clarividência, com aproximadamente 8cm de largura e igual profundidade, distando entre si cerca de 45cm. Apresentam-se mais ou menos paralelos à muralha, sendo que o implantado mais a norte é mais afastado desta da sua face externa cerca de 9m. Estes negativos na rocha, poderão ter sido escavados pelos rodados dos carros, eventualmente com funções bélicas, cujos problemas de estabilidade terão obrigado a optar de tempos em tempos por trilhos alternativos. A ser verdade tal proposição, estimamos em cerca de 0.90m a medida de eixos dos veículos da época.

Provavelmente só para o exterior deste espaço, ou seja na actual rua de D. Diogo de Sousa, ficaria o fosso.

Para uma melhor compreensão das várias estruturas e sua distribuição nos diferentes sectores nesta fase de sondagens arqueológicas, ver (fig 18).

### 3.2.6. CARACTERIZAÇÃO DOS PERFIS

#### 3.2.6.1. Sector A

**C1-** Camada superficial de coloração castanha, com algumas manchas amareladas à mistura, argilosa e com algum cascalho e pedras de média e grande dimensão. Escavou-se inicialmente à cota média de 182.42m. Foi-lhe atribuído o complexo =017=. Esta camada apareceu apenas na zona norte do sector.

**C2-** Camada de coloração heterogénea (castanha acinzentada com pequenas manchas amareladas). Camada de consistência média, com pouco cascalho e pontos de carvão à mistura. Foi escavada com o complexo =018=. Surge igualmente na parte norte do sector.

**C3-** Camada de terra fina, pouco compacta, coloração predominantemente acastanhada, com várias manchas acinzentadas à mistura. Consistência média. Apresenta blocos graníticos de média e grande dimensão. Foi escavada com os complexos =002= e =003=.

**C4-** Camada fina de areão de coloração homogénea (esbraquiçada), consistência mole e sem cascalho. Foi escavada igualmente com o complexo =003=. Surge na zona sudeste do sector junto à parede sul (09).

**C5-** Camada de coloração acinzentada, com bastante cascalho, fragmentos de telha e de tijolo, e ainda um ou outro ponto de carvão à mistura. Consistência média. Esta camada foi escavada com o complexo =003=.

**C6-** Camada fina de argamassa amarelada (coloração homogénea), compacta e algo argilosa. Possui algum cascalho à mistura. Escavada com o complexo =003=.

**C7-** Camada atribuída ao pavimento de *opus signinum* (camada alaranjada com bastantes fragmentos de tijolo, compacta e batida), foi-lhe atribuído o complexo =008=.

**C8-** Bolsa de terra fina pouco compacta, coloração castanha acinzentada, com pontos bege e cor de telha à mistura. Contém pequenos e médios elementos graníticos, fragmentos de telha e tijolo e pontos de carvão dispersos. Consistência média.. Camada escavada com o complexo =007=.

**C9-** Bolsa de terra fina, pouco compacta, cor acastanhada, homogênea, com pequenos fragmentos de tijolo. Consistência média. Camada escavada com o complexo =003=.

**C10-** Aglomerado de pedras de média dimensão com bastantes fragmentos de tijolo à mistura. Camada onde assenta o pavimento de *opus signinum*. Escavada com o complexo =003=.

**C11-** Bolsas de terra fina, pouco compacta, coloração acinzentada. Consistência mole. Contém algum cascalho. Foi escavada com o complexo =003=.

**C12-** Camada de terra fina, pouco compacta, de coloração variável: ora acinzentada ora bege, juntamente com manchas alaranjadas. Contém material essencialmente de granito de tipo médio e grosseiro, juntamente com um ou outro fragmento de tijolo. Contém igualmente pontos de carvão dispersos. Foi escavada com os complexos =011= e =023=, sendo que este último ainda não foi escavado, já que corresponde à cota pela qual se quedou a escavação.

**C12a-** Bolsa de coloração castanha, homogênea, com alguns elementos graníticos de média dimensão. Consistência média. Foi escavada com o complexo =011=.

**C13-** Terra fina, pouco compacta, coloração predominantemente acinzentada com manchas e pontos alaranjados e bege. Contém algum material essencialmente de granito de tipo fino e médio. Pontos de carvão dispersos e bastantes fragmentos de tijolo. Vala de fundação do muro B (muro 1). Foi escavada com os complexos =009= e =020=. Consistência média.

**C14-** Camada de terra fina, pouco compacta, coloração predominantemente cinzenta escura com pequenas manchas mais claras. Contém um ou outro elemento granítico de média e grande dimensão, fragmentos de tijolo e bastantes pontos de carvão à mistura. Consistência média. Possível camada de derrube do miolo da muralha. Foi escavada com os complexos =013= e =021=.

**C15-** Camada que envolve o miolo da muralha, coloração castanha amarelada (homogénea), é composta por um areão fino. Contém alguns pontos de carvão e bastantes pedras soltas do miolo da muralha. Trata-se pois, de uma camada de derrube, saibrosa e de consistência mole. Foi escavada com o complexo =022=.

**C16-** Camada correspondente ao miolo da muralha. É constituída por blocos de granito das mais variadas dimensões, alguns dos quais, em especial os de maior porte são faceados e portanto reaproveitados. Inclui ainda um ou outro fragmento de tégula. Nos interstícios apresenta uma camada saibrosa, pouco compacta, de coloração amarelada.

#### **3.2.6.2. Estratigrafia sob o Muro 6**

**C1-** Terra fina, medianamente compacta, coloração castanha escura. Contém algum cascalho e pequenos fragmentos de tijolo bem como um ou outro ponto de carvão. Camada de superfície.

**C2-** Terra fina, pouco compacta, coloração castanha. Miolo do muro.

**C3-** Terra fina, medianamente compacta, coloração castanha-acinzentada. Contém cascalho e fragmentos de tijolo à mistura. Possível vala de fundação da parede Oeste (02).

**C4-** Terra fina, saibrosa, medianamente compacta, coloração castanha-amarelada com algumas manchas negras com inclusão de pontos de carvão. Contém algum cascalho e fragmentos de tijolo à mistura. Camada de assentamento do muro 2.

**C5-** Terra fina, saibrosa, bastante compacta, coloração amarelada. Contém elementos de granito de média dimensão.

### 3.2.6.3. Sector C

**C1-** Camada de coloração heterogénea (castanha, com manchas saibrosas amareladas e fragmentos de estuque branco). Contém cascalho, alguns fragmentos de tijolo e telha recentes e um ou outro ponto de carvão. Camada de média consistência. Foi escavada com o complexo =000=.

**C2-** Terra fina, pouco compacta, coloração acastanhada. Contém algum material de granito de tipo fino e pequenos fragmentos de tijoleira. Camada correspondente ao enchimento da canalização nº 2.. Foi escavada com o complexo =038=.

**C3-** Terra fina, medianamente compacta, coloração castanha escura, com algumas manchas negras à mistura. Contém alguns fragmentos de tijoleira bem como bastantes pontos de carvão. Camada que envolve um aglomerado de pedras. Foi escavada com os complexos =000=, =035=, =039= e =047=.

**C4-** Terra fina, pouco compacta, coloração predominantemente acastanhada, homogénea. Contém algum material essencialmente de granito de tipo fino e médio bem como pontos de carvão à mistura. Foi escavada com os complexos =000=, =034=, =044=, =046=, =057=.

**C5-** Terra fina, pouco compacta, coloração predominantemente acastanhada. Contém bastante material essencialmente de granito de tipo médio, bastante cascalho e fragmentos de tijoleira.. Foi escavada com o complexo =058=.

**C6-** Terra fina, medianamente compacta, coloração castanho escura (quase negra). Contém bastante cascalho de pequena e média dimensão, fragmentos de tijolo e bastantes pontos de carvão. Esta camada foi escavada com o complexo =045=.

**C6a-** Camada muito semelhante à C6, apresentando apenas uma coloração mais escura. Foi escavada com os complexos =045=, =056= e =062=.

**C7-** Terra fina, medianamente compacta, coloração negra com manchas saibrosas amareladas. Esta camada contém cascalho e fragmentos de tijoleira, apresentando também bastantes pontos de carvão à mistura. Foi escavada com o complexo =060=.

**C8-** Bolsa de terra fina, medianamente compacta, coloração negra. Contém algum material de granito de tipo médio e fragmentos de tijoleira, para além de uma grande densidade de pontos de carvão. Foi escavada com o complexo =061=.

**C9-** Terra fina, muito argilosa, medianamente compacta, coloração castanho escura (quase preta). Contém muito cascalho e muitos fragmentos de telha. Foi escavada com os complexos =066=, =067=, =072= e =073=.

**C10-** Terra fina, muito argilosa, medianamente compacta, coloração amarelada. Contém pequenos fragmentos de tijolo e bastantes pontos de carvão à mistura. Foi escavada com o complexo =070=.

**C11-** Terra fina, pouco compacta, coloração cinzenta escura. Contém elementos graníticos de pequena dimensão, fragmentos de tijoleira e pontos de carvão, à mistura. Foi escavada com o complexo =078=.

**C12-** Terra fina, bastante argilosa, medianamente compacta, coloração amarelada. Contém algum cascalho e pontos de carvão à mistura. Foi escavada com os complexos =071= e =074=.

**C13-** Terra fina, pouco compacta, coloração castanha acinzentada. Contém bastante cascalho e fragmentos de tijoleira. Camada de derrube. Foi escavada com os complexos =063= e =068=.

**C14-** Argamassa saibrosa, medianamente compacta, coloração predominantemente amarelada, com pequenas manchas castanho escuras à mistura. Contém bastantes elementos graníticos de média e grande dimensão e alguns fragmentos de tijolo. Foi escavada com o complexo =048=.

**C15-** Aglomerado de pedras e terra envolvente medianamente compacta e de coloração acastanhada. Os elementos pétreos são de granito de pequena e média dimensão. Foi escavada com o complexo =059=.

**C16-** Camada constituída por pedras de pequena e média dimensão e argamassa envolvente medianamente compacta e de coloração amarelada. Os elementos pétreos são de granito. Foi escavada com o complexo =064=.

**C17-** Terra fina, pouco compacta, coloração acastanhada. Trata-se de uma camada que integra um aglomerado pétreo de granito de média e grande dimensão. Foi escavada com o complexo =069=.

#### **3.2.6.4. Sector D**

**C1-** Bolsa de terra fina, medianamente compacta, coloração castanha escura. Contém blocos graníticos de grandes dimensões, fragmentos de telha moderna e pontos de carvão. Camada superficial que corta a C2, correspondente à abertura de um buraco que foi posteriormente enchido e nivelado. Atribuiu-se-lhe o complexo nº =000=.

**C2-** Terra fina, muito compacta, coloração predominantemente castanha-acinzentada, com algumas manchas de estuque branco à mistura. Contém algum cascalho de pequena e média dimensão bem como alguns fragmentos de telha moderna. Camada superficial, correspondente ao actual nível de circulação. Foi escavada com o complexo =000=.

**C3-** Terra fina, algo saibrosa, medianamente compacta, coloração castanha. Contém blocos graníticos de média dimensão, bastante cascalho e fragmentos de telha e tijolo. Camada de revolvimento, escavada igualmente com o complexo =000=.

**C4-** Terra fina, bastante arenosa (areia fina) e saibrosa, pouco compacta, coloração castanha. Contém algum (pouco) cascalho à mistura. Camada de origem aluvionar. Surge na parte norte do sector e foi-lhe atribuído mais uma vez o complexo =000=.

**C5-** Camada constituída essencialmente por blocos graníticos de pequena, média e grande dimensão, com fragmentos de tijolo à mistura. A pouca terra envolvente apresenta uma coloração castanho escura e é pouco compactada. Esta camada desce bastante do centro para norte do sector conforme se pode verificar pela análise dos perfis. Corresponde a uma camada de entulho, e foi escavada com os complexos =000=, =024= e =028=.

**C6-** Terra fina, bastante argilosa, medianamente compacta, coloração predominantemente alaranjada com bolsas de coloração castanho escura. Contém à mistura algum cascalho, fragmentos de tijolo e pontos de carvão. Surge por todo o sector descendo para norte e foi escavada com os complexos nº =000=, =024=, =025=, =030 = e =050=.

**C6a-** Filete de terra fina, saibrosa, medianamente compacta, coloração esbranquiçada. Praticamente sem cascalho, surge apenas na parte sudeste do sector e foi escavada com o complexo =000=.

**C7-** Terra fina, medianamente compacta, coloração amarelada. Contém algum (pouco) cascalho bem como alguns fragmentos de tijolo e pontos de carvão. Surge na parte noroeste do sector e escavou-se com os complexos =042= e =051=.

**C8-** Aglomerado de blocos graníticos de pequena e média dimensão, envoltos em terra fina, medianamente compacta e de coloração castanha-amarelada. Surge na parte sudeste do sector e não foi distinguida em plano. Foi escavada com o complexo =025=.

**C9-** Terra fina, saibrosa, medianamente compacta, coloração amarelada. Contém algum cascalho e pequenos fragmentos de tijolo à mistura. Refira-se que esta camada surge igualmente na parte sudeste do sector e também não se detectou em plano. Foi escavada com o complexo =025=.

**C10-** Camada de terra fina, pouco compacta, coloração acinzentada. Contém algum (pouco) cascalho e um ou outro fragmento de tijolo. Trata-se de uma bolsa que surge na parte sudoeste do sector, e que só foi detectada a partir da cota 181.80m, tendo sido anteriormente escavada com o complexo nº =024=. Foi registada a partir da referida cota sendo-lhe atribuídos os complexos =027=, =031= e =055=.

**C11-** Terra fina, algo arenosa, pouco compacta, coloração predominantemente bege. Contém algum cascalho e um ou outro fragmento de tijolo. Foi escavado com os complexos =026= e =032=.



**C12-** Bolsa de terra fina, saibrosa, medianamente compacta, coloração amarelada. Contém algum (pouco) cascalho. Foi escavada com o complexo =040=.

**C13-** Camada de terra fina, medianamente compacta, coloração acinzentada. Contém algum cascalho, fragmentos de tijolo e um ou outro ponto de carvão. Escavou-se com os complexos =033= e =053=.

**C14-** Terra fina, medianamente compacta, coloração preta. Contém algum (pouco) cascalho bem como bastantes pontos de carvão. De referir que esta camada surge na parte sul do sector à cota média de 181.49m. Escavou-se com o complexo =043=.

**C15-** Camada constituída por um aglomerado de blocos graníticos, de pequena e média dimensão, envoltos por terra fina, saibrosa, medianamente compacta e de coloração amarelada. Surge na parte central do sector à cota média de 181.48m. Escavou-se com os complexos =041= e =052=.

**C16-** Camada de terra fina, medianamente compacta, coloração cinzenta escura. Contém algum material de granito essencialmente de tipo grosseiro, fragmentos de tijolo e alguns pontos de carvão. Esta camada surge na parte norte do sector tendo-lhe sido atribuídos os complexos =029= e =049=.

**C17-** Terra fina, medianamente compacta, coloração acinzentada. Contém material de granito essencialmente de tipo grosseiro, fragmentos de tijolo e bastantes pontos de carvão. Escavou-se com o complexo =054=.

#### **3.2.6.5. Sector E1**

**C1-** Terra fina, bastante compacta, coloração cinzento escura. Contém alguns blocos graníticos de grande dimensão, cascalho, fragmentos de tijolo e um ou outro ponto de carvão. Camada de revolvimento correspondente ao nível de circulação actual. Foi escavada com os complexos =079= e =080=.

**C2-** Camada de terra fina, bastante saibrosa, medianamente compacta, coloração amarelada. Contém pequenos fragmentos de cascalho e tijolo. Camada de nivelamento que surge na parte Sul do sector, à qual foi atribuído o complexo =081=.

**C3-** Terra fina, algo saibrosa, medianamente compacta, coloração cinzenta clara. Contém cascalho, fragmentos de tijolo e alguns pontos de carvão. Corresponde a uma camada de nivelamento e surge na parte sul do sector, à cota média de 179.98m. Foi escavada com o complexo =083=.

**C4-** Terra fina, algo saibrosa, medianamente compacta, coloração castanha-amarelada. Contém cascalho e um ou outro ponto de carvão à mistura. Foi escavada com os complexos =082= e =091=.

**C5-** Terra fina, saibrosa, medianamente compacta, coloração amarelada com uma ou outra mancha castanha à mistura. Contém bastante cascalho, fragmentos de tijolo e bastantes ossos em estado avançado de decomposição. Camada de nivelamento que surge na parte sul do sector, tendo sido escavada com o complexo =090=.

**C6-** Terra fina, algo saibrosa, medianamente compacta, coloração castanho-amarelada com manchas de saibro amareladas à mistura. Contém algum cascalho, pequenos fragmentos de tijolo e um ou outro ponto de carvão. Poderá corresponder ao leito da ribeira e foi escavada com os complexos =086= e =089=.

**C7-** Terra fina, bastante compacta, coloração acinzentada. Contém bastante cascalho, fragmentos de tijolo e alguns pontos de carvão à mistura. Surge igualmente na parte Sul do sector e foi escavada com o complexo =092=.

**C8-** Terra fina, bastante saibrosa, bastante compacta, coloração amarelada. Contém algum cascalho, fragmentos de tijolo e alguns ossos em estado avançado de decomposição. Trata-se de uma camada de saibro de depósito. Surge no centro/norte do sector e foi escavada com os complexos =084= e =088=.

**C8a-** Terra fina, saibrosa, medianamente compacta, coloração esbranquiçada. Contém algum (pouco) cascalho. Trata-se de uma variação do complexo =084=. Surge sob a forma de duas bolsas: uma na parte nordeste do sector, que foi escavada com o complexo nº =087=, e outra na parte oeste, que não foi identificada em plano e que foi escavada com o complexo =084=.

**C9-** Terra fina, algo compacta, coloração castanha. Contém bastante cascalho e pequenos fragmentos de tijolo. Não foi identificada em plano, tendo sido escavada com o complexo =091=.

**C10-** Camada semelhante à C8 (complexos =084= e =088=). Terra fina, saibrosa, medianamente compacta, coloração amarelo-acinzentada. Contém cascalho em menor quantidade e alguns ossos em decomposição. Foi escavada com os complexos =085=, =093=, =094=, =095=.

**C11-** Camada predominantemente arenosa, medianamente compacta, coloração predominantemente amarelada com manchas acastanhadas e esbranquiçadas, à mistura com algumas pequenas bolsas argilosas castanho escuras. Contém bastantes fragmentos de cascalho e tijolo. Surge na parte sul do sector e foi escavada com os complexos =096=, =097=, =098= e =099=.

**C12-** Terra fina, de matriz argilosa, medianamente compacta, coloração castanha acinzentada. Contém algum cascalho, raros fragmentos de tijolo, fragmentos de ossos em decomposição e bastantes pontos de carvão. Estende-se por toda a área da sondagem e surge à cota média de 179.48m. Foi escavada com os complexos =100=, =101=, =102=, =103= e =106=, sendo que este último corresponde ao plano pelo qual se quedou a escavação, não chegando, por isso, a ser escavado.

**C12a-** Terra fina, medianamente compacta, coloração castanha, com bolsas de areia fina amarelada à mistura. Contém elementos de granito de pequena e média dimensão, bastante cascalho, fragmentos de telha, restos osteológicos em decomposição e um ou outro ponto de carvão. Surge na parte central do sector e foi escavada com o complexo =104=.

**C12b-** Terra fina, saibrosa, medianamente compacta, coloração amarelada. Contém algum (pouco) cascalho. Surge á cota média de 179.15m sob o complexo =104= e foi escavada com o complexo =105=.

**C13-** Camada constituída essencialmente por areia fina, muito consolidada, coloração acinzentada, à mistura com bastantes manchas castanho ferruginosas á mistura. Contém algum cascalho, alguns (poucos) fragmentos de tijolo e um ou outro ponto de carvão. Camada que antecede o substrato rochoso. Foi escavada com os complexos =109= e =111=.

**C13a-** Terra fina, algo argilosa, medianamente compacta, coloração acinzentada. Contém algum cascalho, fragmentos de telha e um ou outro ponto de carvão. surge na parte sudeste do sector. Trata-se de uma variação da bolsa identificada como C13. Escavou-se com o complexo =110=.

**C14-** Terra fina, bastante compacta, coloração acinzentada. Contém bastante cascalho, alguns fragmentos de tijolo e bastantes pontos de carvão. Camada que antecede o saibro sobre a base dos sulcos rasgados no substrato rochoso, verosímelmente correspondentes aos trilhos dos rodados das diligências. Foi escavada com o complexo =113=.

**C15-** Camada com as mesmas características e funcionalidade da C14. Apresenta-se contudo, ligeiramente menos compacta e integra alguns restos de ossos muito decompostos. Escavada com o complexo =112=.

#### **3.2.6.6. Sector E2**

**C1-** A mesma C1 do sector E1. Foi aqui escavada com os complexos =114= e =115=.

**C2-** Terra fina, muito arenosa, medianamente compacta, coloração amarela com algumas manchas acinzentadas. Fragmentos de telha e cascalho e um ou outro ponto de carvão. Foi escavada com o complexo =118= e não tem correspondência no sector E1.

**C3-** Esta camada é a mesma que surge identificada como C4 no sector E1. Foi escavada neste sector com os complexos nº =116=, =117=, =122=, =126= e =128=.

**C4-** A mesma que a **C8** do sector E1. Foi escavada com os complexos =119= e =123=.

**C4a-** A mesma que a **C8a** no sector E1. Foi escavada com os complexos =120= e =124=.

**C5-** A mesma que a **C10** do sector E1. Foi escavada com os complexos =127= e =129=.

**C6-** É a mesma camada identificada como **C12** no sector E1. Aqui foi escavada com os complexos =130=, =131=, =133=, =136= e =137=.

**C6a-** Camada homogénea saibrosa de coloração amarela, sem qualquer tipo de cascalho. Não tem correspondência no sector E1. Foi aqui escavada com os complexos =132= e =134=.

**C7-** Pavimento. Camada de saibro muito compacta, constituída por pedras miúdas, fragmentos de tégula e um ou outro ponto em carvão. Foi retirada (em duas fases) com vista a obter possíveis cronologias. Foi escavada com o complexo =135= e não tem correspondência no sector E1.

**C8-** Camada de terra castanha ferruginosa, com algum (pouco) cascalho, fragmentos de tégula e um ou outro ponto de carvão. Camada relativamente compacta. Preparação do pavimento. Também foi levantada para fins de datação com o complexo =138=. Sem correspondência no sector E.

### 3.2.7. LISTAGEM DOS MATERIAIS EXUMADOS NA FASE DE DEMOLIÇÕES E SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS

Complexo	Sector	Fra gm.	DESCRIÇÃO	Fragm. (total)
=0000=	Edifício 1 Comp.2	167	Comum grosseira	
“	“	15	Cerâmica vidrada	
“	“	11	Faiança	
“	“	9	Vidro	
“	“	3	Sigillata africana	
“	“	2	Engobe vermelho	
“	“	2	Material de construção	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	Cinzenta fina	
				212
“	Comp.4	98	Comum grosseira	
“	“	1	Material de construção	
				99
“	Comp.6	71	Comum grosseira	
“	“	7	Cerâmica vidrada	
“	“	1	Faiança	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Comum fina	
				81
“	Comp.7	65	Comum grosseira	
“	“	5	Cinzenta fina	
“	“	1	Cerâmica vidrada	
				71
“	Edif.5 Parede sul- 08	3	Comum grosseira (candeia)	
				3
“	Edif.5 Comp.7	1	Vidro azul (candeeiro)	
				1
=0001=	Edif.1 Comp.2	6	Comum grosseira	
“	“	5	Vidrada	
“	“	1	Faiança	
				12
=0002=	Sect. A	25	Comum grosseira	
“	“	10	Cerâmica vidrada	
“	“	1	Faiança	

=0002=	Sect. A			
				36
=0003=	“	244	Comum grosseira	
“	“	70	Cerâmica vidrada	
“	“	28	Faiança	
“	“	11	Vidro	
“	“	5	Material de construção	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Lítico	
				360
=0004=	“	192	Comum grosseira (2 testos com perfis completos e 1 vasilho de perfil completo)	
“	“	84	Cerâmica vidrada	
“	“	11	Faiança	
“	“	3	Material de construção	
				290
=0005=	“	30	Comum grosseira	
“	“	4	Cerâmica vidrada	
“	“	1	Faiança	
				35
=0006=	“	72	Comum grosseira	
“	“	10	Cerâmica vidrada	
“	“	3	Faiança	
“	“	3	Material de construção	
				88
=0007=	“	7	Comum grosseira	
				7
=0009=	“	68	Comum grosseira	
“	“	18	Cerâmica vidrada	
“	“	6	Material de construção	
“	“	3	Faiança	
“	“	1	Tento de jogo	
				96
=0010=	“	15	Comum grosseira	
“	“	2	Cerâmica vidrada	
“	“	1	Material de construção	
				18
=0011=	“	89	Comum grosseira	
“	“	9	Cerâmica vidrada	
“	“	6	Faiança	
“	“	2	Material de construção	
“	“	1	Tento de jogo	
				107
=0012=	“	5	Comum grosseira	
“	“	1	Cerâmica vidrada	
“	“	1	Faiança	
				7
=0013=	“	94	Comum grosseira	

=0013=	Sect. A	3	Comum fina	
“	“	3	Material de construção	
“	“	2	Sigillata	
				102
=0017=	“	18	Comum grosseira	
“	“	7	Cerâmica vidrada	
“	“	5	Faiança	
“	“	1	Vidro	
				31
=0018=	“	21	Comum grosseira	
“	“	3	Cerâmica vidrada	
“	“	2	Comum fina	
“	“	2	Vidro	
				28
=0020=	“	7	Comum grosseira	
“	“	1	Cerâmica vidrada	
“	“	1	Cerâmica <i>Bracarense</i>	
				9
=0021=	“	21	Comum grosseira	
				21
=0022=	“	4	Comum grosseira	
“	“	1	Material de construção	
				5
S/Compl.	“	13	Comum grosseira	
“	“	1	Material de construção	
				14
=0014=	Sect. B	173	Comum grosseira	
“	“	1	Cinzenta fina	
				174
=0015=	“	47	Comum grosseira	
“	“	6	Engobe vermelho	
“	“	3	Cinzenta fina	
“	“	3	Sigillata africana	
“	“	2	Ânfora	
“	“	2	Comum fina	
“	“	2	Engobe branco	
“	“	2	Vidro	
“	“	1	Cerâmica pintada	
“	“	1	Material de construção	
				69
=0016=	“	23	Comum grosseira	
“	“	3	Sigillata africana	
“	“	2	Ânfora	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	Sigillata	
“	“	1	Engobe vermelho	
“	“	1	Vidro	
				32



=0000=	Sect. C	29	Comum grosseira	
“	“	15	Cerâmica vidrada	
“	“	5	Faiança (perfil completo de tijela)	
“	“	2	Porcelana (perfil completo de pratinho)	
“	“	1	Azulejo	
“	“	1	Engobe vermelho	
				53
=0034=	“	96	Comum grosseira	
“	“	4	Cerâmica vidrada	
“	“	4	Vidro	
“	“	3	Faiança	
“	“	3	Sigillata (perfil completo)	
“	“	3	<i>Bracarense</i>	
“	“	3	Engobe vermelho	
“	“	3	Material de construção	
“	“	2	Tento de jogo	
“	“	2	Cadinho	
“	“	2	Sigillata africana	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	Cerâmica pintada	
				127
=0035=	“	3	Comum grosseira	
“	“	1	Cerâmica vidrada	
“	“	1	Material de construção	
				5
=0037=	“	21	Comum grosseira	
“	“	4	Material de construção	
“	“	2	Comum fina	
				27
=0038=	“	11	Comum grosseira	
“	“	3	Vidro	
“	“	2	Comum fina	
“	“	1	Cerâmica vidrada	
“	“	1	Sigillata	
				18
=0039=	“	2	Cerâmica vidrada	
“	“	1	Comum grosseira	
				3
=0044=	“	1	Comum grosseira	
“	“	1	Sigillata	
				2
=0045=	“	98	Comum grosseira	
“	“	3	Material de construção	
“	“	2	Vidro	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	Sigillata africana	
“	“	1	Engobe vermelho	
				106

=0046=	Sect. C	52	Comum grosseira	
“	“	3	Comum fina	
“	“	2	Material de construção	
“	“	1	Sigillata africana	
				58
=0047=	“	16	Comum grosseira	
“	“	1	Tento de jogo	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	<i>Bracarense</i>	
				19
=0048=	“	3	Comum grosseira	
				3
=0056=	“	1	Vidro	
				1
=0059=	“	2	Material de construção	
“	“	1	Comum grosseira	
“	“	1	Comum fina	
				4
=0060=	“	167	Comum grosseira	
“	“	4	Vidro	
“	“	2	Sigillata	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	Cinzenta fina	
“	“	1	Material de construção	
				176
=0061=	“	48	Comum grosseira	
“	“	1	Material de construção	
“	“	1	Sigillata africana	
				50
=0063=	“	28	Comum grosseira	
“	“	3	Comum fina	
“	“	2	Material de construção	
“	“	2	Vidro	
“	“	1	Sigillata	
“	“	1	<i>Bracarense</i>	
“	“	1	Engobe vermelho	
“	“	1	Engobe branco	
				39
=0065=	“	2	Comum grosseira	
				2
=0066=	“	246	Comum grosseira	
“	“	2	Material de construção	
“	“	2	Sigillata	
“	“	2	Sigillata africana	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Cinzenta fina	
“	“	1	Vidro	
				255

=0067=	Sect. C	608	Comum grosseira	
“	“	45	Ânfora	
“	“	19	Vidro	
“	“	13	Cinzenta fina (perfil completo de potinho)	
“	“	6	Sigillata	
“	“	4	Sigillata africana	
“	“	2	Comum fina	
“	“	1	Cerâmica pintada	
“	“	1	Material de construção	
				699
=0068=	“	31	Comum grosseira	
“	“	2	Comum fina	
“	“	2	Material de construção	
“	“	1	Vidro	
“	“	1	Sigillata	
“	“	1	Sigillata africana	
“	“	1	Engobe vermelho	
“	“	1	Tradição indígena	
				40
=0069=	“	2	Comum grosseira	
				2
=0070=	“	9	Comum grosseira	
				9
=0071=	“	1	Comum grosseira	
				1
=0072=	“	9	Comum grosseira	
				9
=0073=	“	23	Comum grosseira	
				23
=0074=	“	46	Comum grosseira	
“	“	1	Material de construção	
“	“	1	Peso de tear	
“	“	1	Cerâmica pintada	
“	“	1	Sigillata africana	
				50
=0077=	“	98	Comum grosseira	
“	“	5	Comum fina	
“	“	4	Sigillata	
“	“	4	Sigillata africana	
“	“	3	Vidro	
“	“	2	Ânfora	
“	“	2	Cerâmica pintada	
“	“	1	Cinzenta fina (nº de achado 76)	
“	“	1	Lucerna	
“	“	1	Engobe vermelho	
“	“	1	Engobe branco	
				122
=0078=	“	28	Comum grosseira	

=0078=	Sect. C	1	Material de construção	
“	“	1	Sigillata	
				30
=0000=	Sect. D	52	Comum grosseira (prato de perfil completo)	
“	“	2	Ânfora	
“	“	2	Cerâmica vidrada	
“	“	2	Sigillata africana	
“	“	1	Material de construção	
“	“	1	Cinzenta fina	
“	“	1	Sigillata	
				61
=0024=	“	78	Comum grosseira	
“	“	8	Vidro	
“	“	4	Tesselas de pasta de vidro	
“	“	3	Sigillata africana	
“	“	2	Comum fina	
“	“	2	Cinzenta fina	
“	“	2	Sigillata	
“	“	1	Material de construção	
“	“	1	Tento de jogo	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Cerâmica pintada	
“	“	1	Late Roman C	
“	“	1	Engobe vermelho	
				105
=0025=	“	84	Comum grosseira	
“	“	6	Vidro	
“	“	3	Tesselas de pasta de vidro	
“	“	3	Sigillata africana	
“	“	2	Ânfora	
“	“	2	Sigillata	
				100
=0026=	“	12	Comum grosseira	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	Sigillata	
“	“	1	Sigillata africana	
				15
=0027=	“	2	Comum grosseira	
				2
=0028=	“	25	Comum grosseira	
“	“	1	Material de construção	
“	“	1	Vidro	
				27
=0029=	“	28	Comum grosseira	
“	“	2	Vidro	
“	“	2	Ânfora	
“	“	1	Sigillata	
				33

=0030=	Sect. D	74	Comum grosseira	
“	“	3	Comum fina	
“	“	3	Cinzenta fina	
“	“	2	Sigillata	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Vidro	
“	“	1	Cadinho	
				85
=0032=	“	28	Comum grosseira	
“	“	3	Comum fina (um deles com grafito)	
				31
=0040=	“	2	Comum grosseira	
“	“	2	Ânfora	
“	“	1	Comum fina	
				5
=0041=	“	9	Comum grosseira	
“	“	1	Engobe vermelho	
				10
=0042=	“	4	Comum grosseira	
				4
=0043=	“	20	Comum grosseira	
“	“	1	Cinzenta fina	
				21
=0049=	“	70	Comum grosseira	
“	“	5	Sigillata	
“	“	2	Ânfora	
“	“	2	Late Roman C	
“	“	1	Vidro	
“	“	1	Cinzenta fina	
“	“	1	Sigillata africana	
				82
=0050=	“	60	Comum grosseira	
“	“	2	Vidro	
“	“	1	Tessela de pasta de vidro	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Sigillata africana	
				65
=0051=	“	4	Comum grosseira	
				4
=0052=	“	34	Comum grosseira	
“	“	2	Engobe vermelho	
				36
=0053=	“	48	Comum grosseira	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	Sigillata africana	
				51
=0054=	“	90	Comum grosseira	

=0054=	Sect. D	3	Vidro	
“	“	2	Ânfora	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	Sigillata africana	
				97
=0079=	Sect. E1	10	Engobe branco	
“	“	7	Sigillata africana	
“	“	6	Engobe vermelho	
“	“	4	Cinzenta fina	
“	“	4	Cerâmica pintada	
“	“	3	Comum fina	
“	“	3	Sigillata	17
“	“	3	Late Roman C	
“	“	2	Vidro	
“	“	1	Tessela em pasta de vidro	
				43
=0080=	“	32	Comum grosseira	
“	“	2	Comum fina	
“	“	1	Patela	
“	“	1	Cinzenta fina	
“	“	1	Sigillata	
“	“	1	Sigillata africana	
				38
=0081=	“	23	Comum grosseira	
“	“	4	Sigillata africana	
“	“	2	Engobe vermelho	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Sigillata	
“	“	1	Cerâmica pintada	
				32
=0082=	“	54	Comum grosseira	
“	“	5	Comum fina	
“	“	5	Sigillata africana	
“	“	5	Engobe vermelho	
“	“	2	Sigillata	
“	“	1	Ímbrice (com marca)	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Tessela de pasta de vidro	
“	“	1	Cerâmica pintada	
				75
=0083=	“	12	Comum grosseira	
				12
=0084=	“	45	Comum grosseira	
“	“	5	Comum fina	
“	“	5	Sigillata	
“	“	5	Sigillata africana	
“	“	1	Engobe vermelho	
“	“	1	Cinzenta fina	

=0084=	Sect. E1	1	Ânfora	
“	“	1	Vidro	
“	“	1	Material de construção	
				65
=0085=	“	140	Comum grosseira	
“	“	11	Sigillata africana	
“	“	4	Comum fina	
“	“	4	Sigillata	
“	“	3	Cerâmica pintada	
“	“	2	Engobe vermelho	
“	“	2	Cinzenta fina	
“	“	2	Vidro	
“	“	2	Material de construção	
“	“	1	Engobe branco	
				171
=0086=	“	22	Comum grosseira	
“	“	6	Comum fina	
“	“	2	Sigillata	
“	“	1	Sigillata africana	
“	“	1	<i>Bracarense</i>	
				32
=0087=	“	6	Comum grosseira	
“	“	2	Sigillata	
“	“	1	<i>Bracarense</i>	
				9
=0088=	“	8	Comum grosseira	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	Sigillata	
“	“	1	Engobe vermelho	
				11
=0089=	“	24	Comum grosseira	
“	“	2	Sigillata africana	
“	“	1	Ânfora	
				27
=0090=	“	7	Comum grosseira	
“	“	1	Tessela em pasta de vidro	
“	“	1	Sigillata	
“	“	1	Sigillata africana	
				10
=0091=	“	3	Comum grosseira	
				3
=0092=	“	8	Comum grosseira	
“	“	3	Comum fina	
“	“	1	Sigillata	
“	“	1	Sigillata africana	
				13
=0093=	“	48	Comum grosseira	
“	“	6	Comum fina	

=0093=	Sect. E1	5	Sigillata	
“	“	2	Ânfora	
“	“	1	Lucerna	
“	“	1	Cinzenta fina	
“	“	1	Sigillata africana	
				64
=0094=	“	20	Comum grosseira	
“	“	3	Comum fina	
“	“	3	Vidro	
“	“	2	Ânfora	
“	“	2	Sigillata	
“	“	1	Engobe vermelho	
				31
=0095=	“	23	Comum grosseira	
“	“	2	Sigillata	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Vidro	
				27
=0096=	“	3	Comum grosseira	
				3
=0097=	“	10	Comum grosseira	
“	“	2	Sigillata africana	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	Cinzenta fina	
“	“	1	Engobe vermelho	
“	“	1	Material de construção	
				16
=0098=	“	9	Comum grosseira	
“	“	1	Sigillata africana	
“	“	1	Engobe vermelho	
				11
=0099=	“	5	Comum grosseira	
“	“	2	Sigillata africana	
“	“	1	Ânfora	
				8
=0100=	“	30	Comum grosseira	
“	“	5	Sigillata	
“	“	4	Comum fina	
“	“	3	Sigillata africana	
“	“	2	Ânfora	
“	“	2	Engobe vermelho	
“	“	1	Tessela de pasta de vidro	
“	“	1	<i>Bracarense</i>	
				48
=0101=	“	30	Comum grosseira	
“	“	6	Comum fina	
“	“	5	Sigillata	
“	“	1	Engobe branco	



=0101=	Sect. E1	1	Engobe vermelho	
“	“	1	Vidro	
“	“	1	Material de construção	
				45
=0102=	“	19	Comum grosseira	
“	“	2	Sigillata	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	Sigillata africana	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Material de construção	
				25
=0103=	“	12	Comum grosseira	
“	“	2	Comum fina	
“	“	2	Ânfora	
				16
=0104=	“	4	Comum grosseira	
“	“	2	Material de construção	
				6
=0105=	“	6	Comum grosseira	
“	“	2	<i>Bracarense</i>	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	Sigillata africana	
“	“	1	Engobe vermelho	
				11
=0106=	“	20	Comum grosseira	
“	“	7	Comum fina	
“	“	3	Engobe vermelho	
“	“	2	Material de construção	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Pasta de vidro negro (fragmento de pulseira)	
“	“	1	Cerâmica pintada	
“	“	1	Sigillata	
				36
=0107=	“	16	Comum grosseira	
“	“	7	Comum fina	
“	“	3	Sigillata	
“	“	3	Material de construção	
“	“	1	Tradição indígena	
“	“	1	Tento de jogo	
“	“	1	Vidro	
				32
=0108=	“	1	Comum grosseira	
				1
=0110=	“	1	Comum grosseira	
“	“	1	Material de construção	
“	“	1	Sigillata	
				3
=0111=	“	2	Ânfora	

=0111=	Sect. E1	1	Comum grosseira	
				3
=0112=	“	2	Comum grosseira	
				2
=0114=	E2	331	Comum grosseira	
“	“	5	Sigillata	
“	“	4	Ânfora	
“	“	4	Vidro	
“	“	4	Sigillata africana	
“	“	2	Comum fina	
“	“	2	Cerâmica vidrada	
“	“	2	Engobe vermelho	
“	“	1	Faiança	
“	“	1	Cinzenta fina	
“	“	1	Engobe branco	
“	“	1	<i>Bracarense</i>	
“	“	1	Cadinho (cerâmica com vidro negro)	
				359
=0115=	“	76	Comum grosseira	
“	“	3	Comum fina	
“	“	2	Vidro	
“	“	1	Tento de jogo	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Lucerna	
“	“	1	Cinzenta fina	
“	“	1	Sigillata africana	
“	“	1	Engobe vermelho	
				87
=0116=	“	20	Comum grosseira	
“	“	3	Sigillata africana	
“	“	2	Comum fina	
“	“	2	Vidro	
“	“	2	Sigillata	
“	“	1	Engobe vermelho	
				30
=0117=	“	6	Comum grosseira	
“	“	2	Sigillata	
				8
=0118=	“	20	Comum grosseira	
“	“	2	Sigillata	
“	“	1	Vidro	
“	“	1	Sigillata africana	
“	“	1	Engobe vermelho	
				25
=0119=	“	5	Comum grosseira	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Engobe vermelho	
				7

=0120=	Sect. E2	1	Comum grosseira	
				1
=0121=	“	2	Comum fina	
“	“	1	Comum grosseira	
“	“	1	Engobe vermelho	
				4
=0122=	“	29	Comum grosseira (2 pratos de perfis compl)	
“	“	4	Comum fina	
“	“	4	Sigillata africana (prato de perfil completo)	
“	“	3	Ânfora	
“	“	3	Engobe vermelho	
“	“	2	Cerâmica pintada	
		2	Sigillata	
				47
=0123=	“	7	Comum grosseira	
“	“	2	Sigillata africana	
“	“	1	Cerâmica pintada	
				10
=0124=	“	2	Comum grosseira	
				2
=0125=	“	5	Comum grosseira	
“	“	1	Comum fina	
“	“	1	Sigillata africana	
				7
=0126=	“	2	Comum grosseira	
“	“	1	Sigillata	
“	“	1	Material de construção	
				4
=0127=	“	30	Comum grosseira	
“	“	4	Comum fina	
“	“	3	Engobe vermelho	
“	“	2	Cerâmica pintada	
“	“	1	Ânfora	
“	“	1	Sigillata	
“	“	1	Sigillata africana	
				42
=0128=	“	2	Comum grosseira	
“	“	1	Sigillata	
				3
=0129=	“	58	Comum grosseira	
“	“	5	Comum fina	
“	“	4	Sigillata	
“	“	3	Sigillata africana	
“	“	2	Cerâmica pintada	
“	“	2	Engobe vermelho	
“	“	1	Ânfora	
				75
=0130=	“	6	Comum grosseira	

=0130=	Sect. E2	1	Sigillata	
				7
=0131=	"	21	Comum grosseira	
"	"	4	Comum fina	
"	"	3	Sigillata	
"	"	1	Engobe vermelho	
				29
=0133=	"	28	Comum grosseira	
"	"	5	Comum fina	
"	"	3	Engobe vermelho	
"	"	2	Sigillata	
"	"	1	Sigillata africana (ficha de jogo)	
"	"	1	Cinzenta Fina	
"	"	1	Anfora	
"	"	1	Tessela de pasta de vidro	
"	"	1	Vidro	
				43
=0134=	"	4	Comum grosseira	
"	"	1	Comum fina	
				5
=0135=	"	5	Comum grosseira	
"	"	1	Comum fina	
				6
=0136=	"	1	Comum grosseira	
"	"	1	Vidro	
				2
=0137=	"	4	Comum grosseira	
"	"	1	Sigillata africana	
"	"	1	Engobe vermelho	
				6
=0138=	"	11	Comum grosseira	
"	"	2	Comum fina	
"	"	1	Sigillata	
"	"	1	Sigillata africana	
"	"	1	Anfora	
"	"	1	Vidro	
"	"	1	Material de construção	
				18
			Total de fragmentos	6 548

### **3.3. Acompanhamento**

O acompanhamento das remoções de terra com vista à construção da pretensa cave, de acordo com o que a lei sobre o património estabelece para os Centos Históricos das cidades, estava previsto no plano de trabalhos apresentado desde o início pela Unidade de Arqueologia, entidade responsável pelo projecto arqueológico e oportunamente formalizado através do pedido de autorização para o efeito, requerido ao IPA- Instituto da tutela. Tendo em conta os pressupostos implícitos de um acompanhamento, já referidos na abordagem metodológica, esta operação tinha como objectivo a recolha de materiais e o registo pormenorizado dos achados em função da sua relevância patrimonial.

Assim, far-se-á uma breve análise dos 6 quadrantes em que subdivimos a área de intervenção bem como das várias sondagens (fig.19) abertas, para nos determos com maior profundidade na análise das estruturas que do ponto de vista arqueológico se revelam de grande significado, como o torreão, o tramo de muralha e a conduta.

#### **3.3.1. Quadrantes:**

##### **3.3.1.1. Quadrante Noroeste- Q1**

Área que integra as sondagens 2, 3, 4, 5, 8, 10 e 12, cuja terraplanagem atingiu a cota aproximada de 178m. A estratigrafia observada mostra-se no geral muito húmida e pouco compacta, formada por constantes níveis de enchimento, constituídos por interposições de camadas de coloração castanha com outras amareladas. Refira-se o facto de em todos os perfis norte das sondagens 2, 3, 4 e 10, bem como no perfil oeste da sondagem 4, se ter identificado uma faixa bege com 7 a 10cm de espessura, constituída por argamassa de saibro e gravilha, com pequenos elementos de telha à mistura. Trata-se pois, do mesmo piso encontrado durante a escavação dos sectores E1 e E2, posteriormente identificado noutras zonas, que deverá corresponder ao nível de circulação exterior à muralha.

Em termos de materiais, para além de algumas cerâmicas, foi recolhida uma argola em ferro (Achado 1), com um diâmetro de 4-5 cm, à cota aproximada de 180.14m. Não foi registada qualquer estrutura.

##### **3.3.1.2. Quadrante Sudoeste- Q2**

Este quadrante inclui as sondagens 1, 6, 9 e 30 e foi aprofundado à cota aproximada de 178.40m. Dado que a área em análise foi ocupada na íntegra por

sondagens, deixamos para mais tarde aquando da abordagem das respectivas sondagens, a descrição pormenorizada dos dados aí recolhidos. De um modo geral, a estratigrafia observada é bastante similar à dos quadrantes anteriores, constituída por sucessivos níveis de aterro. Os níveis superiores, especialmente os localizados na parte mais a leste, variam na sua coloração entre o castanho e o castanho escuro, e correspondem a camadas de abandono; os níveis inferiores, bastante húmidos e menos compactados, dispõem-se intercaladamente em camadas castanhas e amareladas. Sensivelmente a meio desta zona, foram registadas duas estruturas (estrutura 1 e 2 ) com orientação leste-oeste, eventualmente anteriores ao séc. XVI, estruturas que lá mais para diante nos deteremos com mais pormenor. Sob estas estruturas, assente no substrato rochoso, apesar de recortado pela máquina em proporções que jamais serão medíveis, foi identificada uma enorme mancha do já referido piso associado ao possível nível de circulação exterior à muralha. No limite sudeste, foi registado um elemento da conduta que reportamos do séc. I, que tem continuidade nos quadrantes centro Sul- Q4 e Noroeste- Q6. Para além das estruturas enunciadas, foram recolhidos bastantes fragmentos de cerâmica, uma ínfima parte da que seria retirada noutras circunstâncias que não as de um acompanhamento.

#### **3.3.1.3. Quadrante centro Norte- Q3**

O presente quadrante inclui as sondagens 7, 11, 13, 16, 17 e 19. A terraplanagem atingiu sensivelmente a cota de 178,15m..Em termos estratigráficos os resultados são similares às dos quadrantes anteriores: constantes níveis de enchimento, interposições de camadas castanhas com outras amareladas, rematadas na base com o pavimento em terra batida. Porém, logo à superfície nota-se a presença de um nível de incêndio, ao qual foi atribuído o complexo =210=. Este nível de abandono estende-se por toda a área, prolongando-se para a sondagem 1, localizada no quadrante noroeste. Não integra nenhuma estrutura, mas forneceu inúmera cerâmica, com destaque para a cinzenta tardia.

#### **3.3.1.4. Quadrante centro Sul- Q4**

A terraplanagem desta área atingiu a cota aproximada de 178,60m e integra as sondagens 1, 14, 21, e 27. Os resultados são praticamente idênticos aos obtidos nas anteriores unidades. A estratigrafia na parte mais a nascente está relacionada com a vala de saque do torreão, bem como do seu miolo, constituído por uma densa amálgama de

granito e argamassa; a poente os dados estão relacionados com aterros, com a muralha e respectiva vala de saque e ainda com a conduta do séc. I.

Para além do registo das estruturas supra-mencionadas, foi recolhida cerâmica em abundância. Aquando do desmantelamento do alicerce do muro designado por C na fase de acompanhamento, foi retirada do seu miolo uma base de coluna em granito.

#### **3.3.1.5. Quadrante Nordeste- Q5**

Integra quatro sondagens, a saber: Sond. 18, 20, 22, 25 e 26. A terraplanagem atingiu a cota de 178.20m.

Tal como nos quadrantes anteriores, prevalecem os níveis de aterro. As camadas superiores apresentam uma coloração castanha escura, enquanto as inferiores, pese embora a presença de uma ou outra bolsa de coloração mais escura, exibem uma coloração castanha e amarelada. Apresenta níveis de humidade consideráveis e um grau de compactação mediano que vai enfraquecendo da superfície para a base. Contrastando com o material ceramológico que foi recolhido em número significativo, não foi identificada qualquer estrutura.

#### **3.3.1.6. Quadrante Sudeste- Q6**

O quadrante Sudeste integra as sondagens 15, 23, 24, 28 e 29. A presença do miolo da muralha não permitiu o aprofundamento na área das sondagens 28 e 29 que se quedou pela cota de 179.15m; as restantes atingiram a cota aproximada de 178.60m. Tal como sucede com o quadrante centro Sul- Q4, a estratigrafia está relacionada com densos aterros, com o torreão, o pano de muralha, a conduta do séc. I e as inevitáveis valas de saque. No limite sul do quadrante, mais precisamente nos 3.68m mais a leste, à cota média de 182.20m foi identificado um veio em *opus signinum*, recoberto por um outro em argamassa bege. Na confluência do pano de muralha com o torreão, a cobrir a conduta, foi registado um fragmento do possível solo de circulação exterior à muralha. Todas estas estruturas serão adiante analisadas individualmente e de forma mais cuidada.

À semelhança do que se verificou nos outros quadrantes, foram recolhidas quantidades significativas de cerâmica, e aquando dos trabalhos de sustentação da fachada oeste da Misericórdia, à cota de 182.34m, 80cm abaixo da soleira de entrada do edifício 5, recolheu-se uma pequena esfera em bronze (Ach. nº 2), num estado de conservação tal, que não permitiu identificar o objecto em questão.

### **3.3.2. Sondagens Mecânicas**

#### **3.3.2.1. Sondagem 1**

Os trabalhos de escavação desta sondagem, de entre todas a mais extensa, decorreram de 1 de Setembro a 22 de Outubro.

Comprimento- 10.30m

Largura: 2.40m

Profundidade: para norte e sob o muro designado por **A** nesta fase de acompanhamento- 3.24m- até à cota de 178.41m; para sul do referido muro- 3.92m- até à cota de 178.41m.

Cerca de 1m sob e para sul do tardo do muro acima referido, foram exumados dois muros com orientação leste-oeste, então designados por estruturas **E1** e **E2** e que presumimos sejam anteriores ao séc. XVI; à cota de 178,41m, sobre o substrato rochoso, foi exumado um pavimento (=217=), que se estende por todo o terço oeste da sondagem e que foi cortado pela máquina, não sendo por isso possível determinar o seu término. Estas três estruturas já foram referidas aquando da análise do **Q1**. A sudeste foram identificadas mais duas estruturas: uma caleira que reportamos do séc. I, onde correria muito provavelmente água potável, e o embasamento da muralha Baixo-Imperial. Nesta sondagem foram apenas identificados três elementos da caleira, sendo que sobre um deles assentava um elemento arquitectónico semi-cilíndrico, que numa primeira observação, sugeria poder tratar-se da tampa da caleira, hipótese que foi rapidamente colocada de parte, depois de verificarmos que aquele elemento se encontrava em contexto de revolvimento. Quer o embasamento da muralha quer a canalização assentam directamente no substrato rochoso. Todas as estruturas enunciadas nesta sondagem, serão adiante, objecto de uma análise individual mais pormenorizada.

#### **3.3.2.2. Sondagem 2**

Iniciada e concluída no dia 6 de Outubro.

Comprimento: 2.28m

Largura: 1.70m

Profundidade: 3.75m, até à cota de 178.16m.

Nesta sondagem, próximo do substrato rochoso, foi exumado um pavimento em tégula, que poderá corresponder ao revestimento do solo registado noutras zonas, entre elas a sondagem 1. O alicerce da fachada do edifício, assenta em sedimentos de aterro, e é constituído por elementos graníticos de pequena e média dimensão, com argamassa nas juntas.



#### **3.3.2.3. Sondagem 3**

Iniciada e concluída em 6 de Outubro

Comprimento: 2.55m

Largura: 1.45m

Profundidade: 3.05m- até à cota de 178.60m

Tal como na sondagem anterior, foi igualmente identificado o pavimento em tégula e o alicerce da fachada que mantém as mesmas características.

#### **3.3.2.4. Sondagem 4**

Iniciada a 6 e concluída em 8 de Outubro.

Comprimento: 2.30m – fachada norte.

Largura: 2.15m - fachada Oeste.

Profundidade: 3.05m- até à cota de 178.60m

Na fachada Oeste são visíveis dois alicerces: o superior é idêntico ao registado nas sondagem 2 e 3 e deverá corresponder à fachada actual, edificada em finais do séc. XVIII – inícios do XIX; o inferior apresenta elementos reaproveitados da muralha e do torreão, com as juntas preenchidas por terra castanha escura, e estará relacionado com o edifício construído nos inícios do séc. XVIII, representado no Mapa das ruas de Braga de 1750

#### **3.3.2.5. Sondagem 5**

Iniciada a 6 e terminada em 7 de Outubro.

Comprimento: 2.32m

Largura: 1.50m

Profundidade: 2.85m- até à cota de 178.80m.

Embora sem a mesma clarividência, é perceptível a presença de dois alicerces, que deverão estar associados aos momentos construtivos enunciados na sondagem anterior. Sobre o saibro não foi possível descortinar qualquer indício do piso que se estende por quase todo o quadrante nordeste da área de intervenção.

#### **3.3.2.6. Sondagem 6**

Iniciada a 6 e concluída em 7 de Outubro.

Comprimento: 2.65m

Largura: 2.10m

Profundidade: 3.05m- até à cota de 178.60m

Os resultados desta sondagem são semelhantes aos obtidos na sondagem anterior.

#### **3.3.2.7. Sondagem 7**

Iniciada e concluída no dia 7 de Outubro.

Comprimento: 2.12m

Largura: 1.70m

Profundidade: 3.80m- até à cota de 178m.

Parece não existir neste tramo, ou pelo menos não se vislumbra, qualquer alicerce da fachada. A soleira da porta, assenta directamente em tijolos apoiados em sedimentos antrópicos. Foi aqui recolhido um fragmento de fuste.

#### **3.3.2.8. Sondagem 8**

Iniciada e concluída no dia 8 de Outubro.

Comprimento: 1.40m

Largura: 1.10m

Profundidade: 2.75m- à cota de 178.70m

Os resultados obtidos nesta sondagem, são os mesmos das sondagens 5 e 6.

#### **3.3.2.9. Sondagem 9**

Iniciada e concluída no dia 8 de Outubro.

Comprimento: 1 m

Largura: 1.70 m

Profundidade: 3.92m- até à cota de 178.41m.

O dado mais relevante a mencionar é a continuação do piso sobre o substrato rochoso, já identificado, entre outras zonas, na sondagem 1.

#### **3.3.2.10. Sondagem 10**

Iniciada e concluída no dia 9 de Outubro.

Comprimento: 1.40m.

Largura: 2m

Profundidade: 3.40m- até à cota de 178.25m

Tal como nas sondagens 2 e 3, também aqui foi identificado o pavimento em régulas, que revestiria o possível piso exterior à muralha.

#### **3.3.2.11. Sondagem 11**

Iniciada e concluída no dia 11 de Outubro.

Comprimento: 1.45m

Largura: 2.60m

Profundidade: 3.80m- à cota de 178.11m.

À semelhança das sondagens 2, 3 e 10, também aqui foi identificado o pavimento em tégula assente no substrato rochoso, do possível piso de circulação exterior à muralha.

#### **3.3.2.12. Sondagem 12**

Iniciada e concluída no dia 12 de Outubro

Comprimento: 1.20m

Largura: 2.40

Profundidade: 3.80m- à cota de 178m

Os dados aqui recolhidos, são semelhantes aos das sondagens 2, 3, 10 e 11

#### **3.3.2.13. Sondagem 13**

Iniciada e concluída no dia 12 de Outubro

Comprimento: 1.45m

Largura: 0.70m

Profundidade: 3.70m- à cota de 178.21m.

Contrariamente ao que sucedeu nas sondagens 7 e 11, aqui, foi possível identificar o alicerce da fachada, constituído por pedras de pequena dimensão, dispostas de forma irregular assentes em sedimentos de aterro de coloração castanha. Foi mais uma vez identificado o mesmo pavimento das sondagens 2, 3, 10, 11 e 12.

#### **3.3.2.14. Sondagem 14**

Iniciada a 12 e concluída a 13 de Outubro.

Comprimento: 2.10m

Largura: 2m

Profundidade: 4.05m- à cota de 178.20m.

Destaque para o aparecimento nesta sondagem, de um elemento de caleira talhada num único bloco granítico e de alguns elementos do embasamento da muralha,

que por motivos de segurança apenas foram registados em fotografia, estruturas que descreveremos adiante em mais pormenor.

#### **3.3.2.15. Sondagem 15**

Iniciada no dia 14 e concluída no dia 15 de Outubro.

Comprimento: 1.80m

Largura: 2.10m

Profundidade: 3.38m- até à cota de 178.92m.

À cota de 182,04m, foi identificado aquilo que parece ser um pavimento em *opus signinum*, já referido aquando da abordagem do Quadrante 6, eventualmente conectado com um nível de circulação interior da muralha. A sondagem em questão incide sobre o miolo do torreão, constituído por fiadas de blocos de grande dimensão intercalados com espaços preenchidos por outros mais pequenos ligados por terra e argamassa, situação que face às exigências do projecto nos obrigou a proceder ao seu desmantelamento até à cota das primeiras fiadas.

#### **3.3.2.16. Sondagem 16**

Iniciada e concluída no dia 14 de Outubro.

Comprimento: 1.20m

Largura: 2m

Profundidade: 3.90m- até à cota de 178.15m.

Nesta sondagem para além do habitual aspecto estratigráfico, não foi identificada qualquer estrutura.

#### **3.3.2.17. Sondagem 17**

Iniciada e concluída no dia 15 de Outubro.

Comprimento: 2.50m

Largura: 2m

Profundidade: 4m- à cota de 178.20m.

Tal como sucedeu nas sondagens 2, 3, 10, 11, 12 e 13, também nesta foi identificado o pavimento que presumimos seja um solo de circulação exterior à muralha.

#### **3.3.2.18. Sondagem 18**

Iniciada a 15 e concluída em 18 de Outubro.

Comprimento: 2.40m

Largura: 2.20m

Profundidade: 4.48m- até à cota de 178.86m.

Nesta sondagem, destaque para a presença de alguns elementos arquitectónicos reaproveitados no alicerce da Igreja da Misericórdia, entre eles um elemento da face da muralha ou do torreão.

Após se ter atingido a cota de base do projecto, no limite norte, era visível um recorte semi-circular no saibro, com aproximadamente 1m de diâmetro, cuja funcionalidade não foi possível apurar. A abertura da sondagem 26, não serviu para tirar dúvidas, porquanto se quedou por uma cota bastante acima desta. Aventamos a possibilidade de ter sido aberto para a colocação de um embasamento, eventualmente de um pilar, ou simplesmente para despejos detriticos.

#### **3.3.2.19. Sondagem 19**

Iniciada e concluída no dia 16 de Outubro.

Comprimento: 1.25m

Largura: 1.72m

Profundidade: 4m- até à cota de 178.20m.

À semelhança do que sucedeu nas sondagens 2, 3, 10, 11, 12, 13 e 17, também aqui foi identificado o referido pavimento.

#### **3.3.2.20. Sondagem 20**

Iniciada e concluída no dia 18 de Outubro.

Comprimento: 1.40m

Largura: 1.70m

Profundidade: 4m- até à cota de 178.20m

Repete-se o cenário da sondagem 19.

#### **3.3.2.21. Sondagem 21**

Iniciada e concluída no dia 19 de Outubro.

Comprimento: 2.20m

Largura: 1.50m.

Profundidade: 4m- até à cota de 178.20m.

Foi aqui identificada a caleira do séc.I e o embasamento da muralha, que por motivos de segurança apenas foi registada em fotografia. Estas duas estruturas, bem como o torreão, serão adiante, objecto de um tratamento individual mais detalhado.

#### **3.3.2.22 Sondagem 22**

Iniciada e concluída no dia 19 de Outubro.

Comprimento: 2.05m

Largura: 1.60m

Profundidade: 4.65m- até à cota de 178.70m.

Embora sem grande clarividência, parecem existir aqui ténues vestígios do piso exterior à muralha.

#### **3.3.2.23. Sondagem 23**

Iniciada e concluída no dia 19 de Outubro

Comprimento: 1.80

Largura: 2.10

Profundidade: 3.38m- até à cota de 178.92m.

Os resultados são em tudo idênticos aos obtidos na sondagem **15**, com excepção do pavimento em *opus signinum*, que aqui não foi detectado.

#### **3.3.2.24 Sondagem 24**

Iniciada e concluída no dia 20 de Outubro

Comprimento: 2m

Largura: 2.55m

Profundidade: 4.64m- até à cota de 178.70m.

Relevo para a presença da muralha romana que entra sob a parede oeste da Igreja da Misericórdia. Excluindo a de embasamento, conserva ainda 6 fiadas que apresentam uma isodomia rigorosa. Cerca de 0.50m para norte e assente no substrato rochoso, encontrou-se a caleira já referenciada nas sondagens 1 e 14. Na confluência do torreão com o pano de muralha, selando o seu embasamento e a caleira, identificámos um fragmento do pavimento que temos vindo a considerar o nível de circulação exterior à muralha, ao qual foi atribuído o complexo (=267=).

#### **3.3.2.25. Sondagem 25**

Iniciada e concluída no dia 20 de Outubro.

Comprimento: 1.76m

Largura: 1.62m

Profundidade: 4.55m- até à cota de 178.80m.

Os dados desta sondagem são similares aos recolhidos na sondagem **22**.

#### **3.3.2.26. Sondagem 26**

Iniciada e concluída no dia 21 de Outubro.

Comprimento: 1.80m

Largura: 2.05m

Profundidade: 4.48m- até à cota de 178.86m.

O único dado a mencionar é o reaproveitamento de elementos da muralha no alicerce da parede oeste da Igreja da Misericórdia. Refira-se que a cota de base desta sondagem não atingiu o substrato rochoso.

#### **3.3.2.27. Sondagem 27**

Iniciada e concluída no dia 21 de Outubro.

Comprimento: 1.80m

Largura: 2m

Profundidade: 3.38m- até à cota de 178.92m.

Esta sondagem incide quase na totalidade sobre o miolo do torreão. Para além do registo do aglomerado pétreo que o constitui, foi ainda registado o seu arranque oeste, onde era perceptível a vala de saque, da qual foi possível recolher alguma cerâmica.

#### **3.3.2.28. Sondagem 28**

Iniciada a 2 e concluída em 10 de Novembro

Comprimento: 2.70m

Largura: 2.20m

Profundidade: 4.64m- até à cota de 178.70m- para norte do pano de muralha; 3.85m- até à cota de 179.50m- para sul do pano de muralha.

Para além do miolo da muralha e do tramo da sua face externa, foram registadas outras estruturas: um pavimento em *opus signinum* eventualmente repavimentado com um outro de argamassa beje, já referido no quadrante **6** e na sondagem **15**; um fragmento do

possível solo de circulação exterior à muralha, já referido em inúmeras sondagens, e a conduta presumivelmente do séc. I. Todas estas estruturas já foram descritas aquando da abordagem do Quadrante 6. Nesta sondagem procedeu-se à recolha de alguma cerâmica, que foi referenciada às diferentes estruturas.

#### **3.3.2.29. Sondagem 29**

Iniciada a 27 e concluída em 29 de Outubro.

Comprimento: 2.20m

Largura: 1.40m

Profundidade: 3.38m- até à cota de 178.92m

Foram aqui registadas as mesmas estruturas da sondagem anterior.

#### **3.3.2.30. Sondagem 30**

Iniciada a 15 e concluída em 17 de Novembro.

Comprimento: 7.30m

Largura: 1.70m

Profundidade: 2.12m- até à cota de 180.23m.

Esta sondagem foi de entre todas a menos profunda. Apesar disso, foi possível verificar que existem elementos da muralha, ora do miolo ora da face, um pouco esparsados por toda a área, bem como reaproveitados no alicerce da parede limite sul. Foram aqui recolhidas quantidades significativas de cerâmica.

### **3.3.3. Estruturas exumadas**

#### **3.3.3.1. Estruturas medievais**

##### **3.3.3.1.1. Estrutura 1**

Surge cerca de 1m sob e para sul do tardo do muro que integra na sua fachada a porta com o lintel que ostenta a inscrição de 1519. Trata-se de um muro que assenta em sedimentos romanos revolvidos, de aparelho muito irregular, com apenas duas fiadas erguidas em blocos graníticos provenientes da muralha e do torreão, juntamente com um ou outro elemento arquitectónico, como um fragmento de fuste. Orientado leste-oeste e com 5.81m de comprimento por 0.60/0.80m de largura e 0.62/0.90m de altura, as suas juntas eram colmatadas por terra castanha escura na primeira fiada, e por argamassa de cor amarelada na segunda fiada, o que sugere dois momentos construtivos, hipótese que



não podemos, contudo, confirmar. Devido à profundidade a que se encontra, apontamos a sua construção para um período anterior ao séc. XVI (fig. 21).

#### **3.3.3.1.2. Estrutura 2**

Trata-se de um muro implantado numa camada de abandono que sela aquilo que parece ser um fruste lajeado constituído por pequenos e toscos elementos graníticos. Encosta e desenvolve-se para leste da estrutura 1, embora a face norte esteja deslocada 10/20cm para sul em relação àquela, denunciando um momento de construção diferente, que não foi possível precisar. Com 2.33m de comprimento por 0.92m de largura e 0.90m de altura, conserva apenas duas fiadas, que integram igualmente blocos da muralha e do torreão, as juntas são preenchidas com terra acastanhada. Este muro já havia sido identificado durante as escavações apenas na sua face norte, tendo então sido registado como muro 6 e referenciado à sondagem A. Parece-nos igualmente anterior ao séc. XVI, ficando por saber qual o seu desfazamento cronológico em relação à estrutura 1. (fig. 20).

#### **3.3.3.2. Estruturas Romanas**

##### **3.3.3.2.1. Solo em *Opus Signinum***

No limite sudeste do quadrante 6, a nordeste da sondagem 28, mais precisamente nos 3.68m mais a leste, à cota média de 182.20m foi identificado um veio aparentemente em *opus signinum*, com uma espessura que varia entre 3 e 6cm, recoberto por um outro em argamassa bege com uma espessura que oscila entre 4 e 8cm, que deverá corresponder a uma repavimentação do *opus*. Pela observação do limite leste, ambos se estendiam cerca de 60cm para norte, tendo sido cortados pela vala de roubo da face externa da muralha, onde encostariam no tardo. Este pavimento poderá corresponder a um nível de circulação interior à muralha, eventualmente ao adarve.

##### **3.3.3.2.2. Solo em terra batida**

Pavimento identificado nos quadrantes: **Q1**- sondagens 2, 3, 10 e 12; **Q2**- sondagens 1 e 9; **Q3**- sondagens 11, 13, 17 e 19; **Q5**- sondagens 20, 22 e 25; **Q6**- sondagem 24. A maior mancha com cerca de 2,85m comprimento por 2,40m de largura foi localizada na sondagem 1, à cota de 178,41m, à qual foi atribuído o complexo =217=. Assenta directamente no substrato rochoso, e é constituído por uma amálgama extremamente compactada de terra acastanhada, gravilha e pequenos fragmentos de

tégula. Nos quadrantes a norte- **Q1**, **Q3** e **Q5**, podemos constatar a presença de algumas tégulas à superfície, o que nos faz supor que todo ele deveria ser rematado por este tipo de revestimento. Outro dado curioso, é que no **Q6**, na sondagem **24**, o fragmento identificado, parece cobrir a conduta que reportamos do séc. I, selando-a. Sublinhe-se o facto deste pavimento já ter sido identificado aquando da escavação do sector **E**, e tal como na altura referimos, poder corresponder a um nível de circulação exterior à muralha.

### **3.3.3.2.3. Muralha**

Considerando como partes integrantes desta estrutura, o torreão e os dois tramos a leste e oeste daquele, a muralha aparece representada no limite sudeste do quadrante **Q2**- sul da sondagem 1, e ao longo da metade sul dos quadrantes **Q4**- sondagens 14, 21 e 27 e **Q6**- sondagens 15, 23, 28 e 29 (fig. 19).

#### **3.3.3.2.3.1. Tramo leste**

Troço que se desenvolve da confluência do torreão para leste, entrando sob a Igreja da Misericórdia, totalizando uma extensão de 3.52m, sendo que, apenas é visível em 3.12, até ao lintel em betão implantado na fase inicial das obras para suporte da parede oeste da referida Igreja. Ligeiramente enviesado em relação às traseiras do antigo edificado, apresenta larguras diferentes: na parte mais a leste cerca de 2.50m; no encontro com o torreão 1.60m aproximadamente. Ao contrário do que acontece na sondagem A, cujo miolo é constituído por tramos de 0.70/0.80m de enormes blocos, intercalados por outros de 0.60/0.70m de pedra mais miúda, nesta zona, parece apresentar uma disposição mais anárquica. A análise do levantamento e do alçado da sua face externa, aquela que é possível visionar, já que a face interna estará sob as capelas da Sé, revela uma altura mínima conservada de 1.30 e máxima de 2.80m num total de 9 fiadas incluindo a de embasamento, cujos elementos apresentam dimensões que variam entre 0.15/ 1.12m de comprimento por 0.20/ 0.90m de largura e 0.13/0.46m de altura. A 1.90m da superfície e aparentemente implantada na rocha, uma vez que o nível freático não permitiu que o substrato rochoso fosse atingido, exhibe um aparelho magnífico, com blocos cuidadosamente esquadriados, lavrados e dispostos com grande rigor horizontal, juntas de encosto milimétricas e uma técnica de travamento impressionante para evitar escorregamentos, através do desencontro de fiadas e de um recorte escadeado na extremidade de alguns silhares. Destaque para a inclusão neste paramento de três

elementos epigrafados com as seguintes siglas: A N D E; V Q H e uma terceira que não é possível ler, por se encontrar semi-encoberta pela segunda fiada do torreão. Refira-se que o H da segunda sigla parece ser aproveitado como nexos para o desenho de pelo menos um L. A razão porque estes elementos se apresentam siglados permanece enigmática, porquanto não são conhecidos paralelos que nos possam adiantar algumas pistas. Avançamos, contudo, com três hipóteses, que esperemos, possam ajudar a clarificar alguma coisa:

- Poder-se-á tratar da assinatura que identifica o canteiro que lavrou a pedra.
- Tratar-se-á da rubrica individual ou familiar dos mecenas que co-financiaram a construção deste tramo a troco de benefícios fiscais e ou sociais.
- Estamos simplesmente perante fragmentos de uma inscrição monumental que terá sido desmantelada e cujos elementos terão sido reaproveitados na construção da muralha.

O facto de só três exemplares se encontrarem siglados, a deficiente utilização do campo epigráfico e a ocultação de uma das siglas, induz-nos a considerar a terceira hipótese como a mais plausível, embora admitamos poderem existir fora do quadro apresentado, outras propostas interpretativas.

Considerando válido que o pavimento em *Opus Signinum* recoberto por argamassa, que se encontra 0.56m acima da fiada mais alta, constituída apenas por um bloco, curiosamente o que ostenta a sigla A N D E corresponderia ao adarve da muralha, podemos concluir que o tramo em questão se encontra muito bem conservado, faltando-lhe apenas uma ou duas fiadas, que a estarem presentes perfariam um pé-direito de aproximadamente 3m.

Após conversações com os responsáveis do “Cabido” e a equipa de projectistas, foi acordada a sua integração parcial no novo projecto.

#### **3.3.3.2.3.2. Torreão**

Detectados fortes indícios do seu miolo a 30cm da superfície, aquando da realização da sondagem C, a sua presença acabaria por ser confirmada 2.78m abaixo da superfície, cota do topo da segunda fiada, através de uma das micro-sondagens feitas pelos trabalhadores afectos à empresa adjudicatária no início das obras. A fase inicial das terraplanagens nesta área, serviu para colocar a descoberto o resto do miolo, constituído por tramos de 60/70cm de grandes blocos predominantemente toscos, intercalados por outros de 40/50cm de pedra miúda terra e argamassa. Pontualmente,

integra um ou outro elemento arquitectónico como um fragmento de cornija registado na fase de sondagens. A desmontagem desta densa amálgama de pedra, terra e argamassa até à cota das primeiras fiadas da estrutura, era um dado incontornável face às exigências do novo projecto, o que permitiu obter uma melhor e mais completa visualização do torreão ao nível das fiadas que ainda se conservavam. Foi possível verificar que desenha um semi-círculo rigoroso com 6.68m de diâmetro, valor superior aos exemplares da Quinta do Fajal, sómente com 6.30m. Apesar de não ter sido possível atingir a cota de base, face à presença do nível freático, percebe-se que assenta numa densa camada de argamassa constituída por saibro, pedra miúda e fragmentos de régua, despejada sobre o substrato rochoso, que terá sido rasgado e aplanado para o efeito.

Para além de um elemento correspondente ao arranque leste de uma terceira fiada com 42cm de altura, conserva ainda duas fiadas completas que perfazem uma altura máxima de 72cm. A fiada de embasamento, com aproximadamente 7.10m de diâmetro, cujos elementos sobressaem 18 a 40cm em relação à que se lhe sobrepõe, entrando sob ela, integra blocos com um comprimento visível variável de 10/42cm por 32/54cm de largura e 14/30cm de altura; a fiada seguinte, correspondente já ao arranque do torreão, integra blocos com valores que variam entre os 52/92cm de comprimento por 20/45cm de largura e 36/46cm de altura, talhados longitudinalmente em cunha para o interior, rigorosamente nivelados e dispostos de forma radial. A sua face é perfeitamente esquadriada e lavrada de forma pronunciadamente encurvada, de modo a garantir a circularidade da estrutura. À semelhança do que sucede com o tramo leste, o travamento para evitar possíveis deslizamentos, é assegurado através do recorte efectuado numa das extremidades de alguns blocos, em medidas que variam entre 4/21cm, formando pequenos degraus de 2/8cm de altura, quebrando assim a isodomia, que não seria aconselhável para estruturas defensivas. Refira-se que dois exemplares da segunda fiada apresentam um pequeno orifício que não ultrapassa os 10x2cm por 3cm de profundidade, ranhura que teria como função a adaptação de um qualquer engenho para auxiliar na sua colocação. Para além do reaproveitamento de alguns materiais, quer no miolo quer hipoteticamente na face externa do tramo leste, como oportunamente referimos, merece alguma relevância o facto de a fiada de embasamento integrar três estelas funerárias: a localizada mais a oeste, sensivelmente ao centro do torreão, apresenta-se tão desgastada que não permite sequer identificar qualquer letra; as duas a leste, pese embora não sejam visíveis na totalidade, uma vez que parte delas estão

ocultadas pela fiada sobreposta, estão bastante bem conservadas e serão certamente, mais tarde, objecto de estudo por parte de especialistas em matéria de epigrafia.

A sua localização, incidente numa zona para onde estava projectada a caixa do elevador, bem como a cota a que se encontrava, trazia à partida grandes dificuldades. Duas soluções se colocavam com vista à resolução do problema: a exequibilidade do projecto, o que implicaria o inevitável desmantelamento da estrutura; ou, em alternativa, proceder às necessárias alterações, adequando o projecto à sua preservação. Chamado a intervir, o IPPAR, considerou o achado de grande relevância monumental, e, invocando o preceito instituído pela Carta de Malta relativamente ao património, excluiu liminarmente qualquer hipótese de desmontagem da estrutura ainda que parcial, recomendando à equipa de arquitectura que procedesse às necessárias alterações do projecto com vista à sua conservação *in situ*. Face às dificuldades em harmonizar a funcionalidade de espaços com a deslocação do elevador para outro local, a equipa de arquitectura, em concordância com os responsáveis do Cabido, acabou por prescindir do elevador na zona da cave e fazer o ensoleiramento do torreão. A imperiosidade em implantar um pilar na área ocupada por aquela estrutura, obrigou à desmontagem do seu miolo, cerca de 50cm abaixo do topo da segunda fiada, até à cota de 178.92m, muito próxima do substrato rochoso.

Após procedermos ao seu registo minucioso, quer em desenho quer em fotografia, ao seu isolamento em plástico, à protecção com tela geo-têxtil e ao recobrimento com uma fina camada de gravilha, na tentativa de evitar possíveis migrações para o granito de sais contidos no betão, o torreão foi finalmente selado por uma fina camada de betão que não excede 5cm., sobre a qual assentou a estrutura em ferro para receber o referido pilar. Finalmente, a referida estrutura foi coberta por uma nova camada de betão com aproximadamente 20cm de espessura.

#### **3.3.3.2.3.3. Tramo oeste**

Troço não totalmente visível que entronca com o torreão, totalizando uma distância de 7.60m. Para sermos mais precisos, é observável um pequeno trecho de 1m, sendo que 60cm se posicionam a leste e 40cm a oeste da face externa do torreão, constituído por dois blocos e parte de um terceiro, que correspondem à primeira fiada deste tramo de muralha e que apoiam nos 40cm a oeste na fiada de embasamento; segue-se uma sapata em betão com 1.26m, implantada com carácter de urgência, que não permitiu a realização de qualquer registo; nos 46cm seguintes, apenas foram registadas

em planta as extremidade norte de um bloco e uma infima parte de um outro, ambos correspondentes à fiada de embasamento; os 78cm que se seguem, são preenchidos por um bloco e sensivelmente metade de outro, igualmente respeitantes à fiada de embasamento, sendo que apenas se vislumbram em corte, já que entram sob o lintel em betão construído no início das obras para suporte das capelas da Sé; os restantes 4.10m que perfazem os 7.60m, integram oito blocos e cerca de metade de um outro, e correspondem mais uma vez à fiada de embasamento, onde se erguia a face que limitava o miolo identificado aquando da escavação da sondagem A. A urgente necessidade em erguer um muro em betão sobre e ao longo deste trecho para evitar o desmonoramento quer das capelas da Sé que já evidenciavam algumas fissuras, quer do referido miolo, tornou impossível precisar as reais dimensões dos blocos que o constituem. Vísíveis entre 0.50m e 1m - valores para o menos e o mais representado, estimamos um comprimento aproximado de 1.20m por 0.44/0.54m de largura e 0.25/0.40m de espessura. Lavrados à superfície e dispostos com grande rigor horizontal separados por juntas secas, formam pequenos lanços a cotas que oscilam entre os 5 e 10cm, constituídos às vezes por um, outras, por vários elementos; na convergência dos diferentes lanços, o bloco mais alto é recortado 5/6cm na sua extremidade. Esta curiosa técnica de construção, permite vencer os desníveis topográficos e, ao mesmo tempo, um travamento eficaz para evitar possíveis deslizamentos da estrutura, que se pretendia de uma grande solidez. Tal como sucede com o tramo leste e o torreão, assenta numa espessa camada de argamassa de saibro com gravilha e alguns fragmentos de tégula à mistura, despejada sobre o substrato rochoso, rasgado e aplanado para o efeito.

A sua localização no limite sul da área de construção, bem como a cota a que se encontrava, permitiu a sua preservação *in situ*, não obstante, pelas razões sobejamente conhecidas, não ser possível a sua integração no novo projecto. À semelhança do que fizemos com o torreão, antes de se proceder ao seu ensoleiramento em betão, a estrutura foi devidamente isolada com plástico e tela geo-têxtil.

#### **3.3.3.2.4. Caleira**

Conduta de água localizada ao longo da metade sul do terreno, com orientação e pendente leste-oeste (fig.20). É constituída por blocos com dimensões que variam entre 0.78/1.40m de comprimento por 0.34/0.48m de largura e 0.20/0.26m de espessura, talhados longitudinalmente em forma de U com 12cm de largura por 6cm de profundidade. Entra adentro da parede oeste da Igreja da Misericórdia, desenvolvendo-se

para oeste, sendo visível até ao limite da reentrância para norte no actual projecto, totalizando um percurso de 17.20m. Presumivelmente, estende-se para oeste, cruzando a rua do Cabido. Nos primeiros 1.26m leste, está ocultada por um bloco que terá eventualmente ruído da face externa da muralha e pela sapata em betão do muro perimetral da cave; segue-se 1.40m que corresponde a um dos blocos da canalização, cujos limites não são visíveis; entra sob a fiada de embasamento no limite leste do torreão, voltando a ser visível 7.08m depois, no limite oeste; daí para diante, nos restantes 7.46m foi registada em toda a sua extensão. Refira-se que o elemento localizado mais a leste, encosta e chega mesmo a entrar sob a fiada de embasamento do pano de muralha, enquanto o penúltimo elemento a oeste, dista da mesma fiada 0.60m. O último elemento não segue a mesma orientação, inflectido para noroeste cerca de 21°.15'. O facto de atravessar subjacentemente o torreão, exclui, a partida, a hipótese de ter funcionado como drenagem da muralha, já que para esse efeito, o mais lógico seria contorná-la. O mesmo pormenor, sugere um período de construção anterior à muralha, período esse que poderá ser mais ou menos longo. No entanto, pelo paralelismo que evidencia com uma outra encontrada sob o painel de mosaico integrado na cave do bloco de serviços do Museu D. Diogo de Sousa, enquadrada no séc.I, apontamos para a mesma centúria a época da sua construção.

A avaliar pela qualidade técnica do seu talhe bem como pela presença de um fragmento de argamassa muito compactado na convergência leste do torreão com o pano de muralha, que parece cobrir a extremidade oeste do elemento ali presente, indicia que se destinava ao transporte de água para consumo e que seria completamente fechada até ao local de abastecimento, eventualmente uma fonte. Pela sua orientação, não será ousado admitir, que pudesse canalizar água da mesma nascente que abastecia a Fonte de S. Geraldo, localizada algures a leste da Igreja da Misericórdia, recuperada por D. Diogo de Sousa nas primeiras décadas do séc. XVI. A implantação no existente destas estruturas romanas- caleira, tramos e torreão da muralha, podem ser visionados através da (fig. 21).

Por razões de impermeabilidade absoluta da cave, não foi possível a sua integração no projecto actual. Uma vez que a sua cota de superfície, não tinha grandes implicações com a execução do projecto, tendo apenas que se proceder a pequenos reajustamentos do muro perimetral sul da cave, a estrutura foi preservada “*in situ*” sob a sapata do muro em betão, não sem que antes tenha sido protegida por plástico e tela geotêxtil.

A localização de todas as estruturas registadas na fase de acompanhamento, pode ser observada na (fig. 22). Para mais pormenores devem ser consultados os desenhos vectorizados à escala 1:20.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012



### 3.3.4. REFERENCIAÇÃO ESPACIAL DOS COMPLEXOS NA FASE DE ACOMPANHAMENTO

Complexo n°	Zona	Designação	Data
=0200=	Sector C	Vala de fundação do torreão	24/09/2004
=0201=	Sond. 1	Camada castanha escura	“
=0202=	Estrutura 1 (fuste)	Camada castanha escura	“
=0203=	Estrutura 2 (parte superior)	Camada castanha	“
=0204=	Estrutura 1	Camada castanha escura	“
=0205=	Quadrante Sudoeste (Q.2) - ao lado da estrutura 1.	Camada superficial castanha escura	27/09/2004
=0206=	Quadrante Sudoeste (Q.2)	Camada negra (nível de incêndio)	“
=0207=	“	Camada castanha	“
=0208=	Miolo muro C	Camada castanha amarelada	28/09/2004
=0209=	Miolo muro C (alicerce)	Camada castanha escura	“
=0210=	Quadrante centro Sul (Q.4)	Camada castanha escura (igual ao =0206=)	“
=0211=	Quadrante Nordeste (Q.5)- cinta de suporte	Camada castanha	29/09/2004
=0212=	“	Camada avermelhada	“
=0213=	Quadrante Sudeste (Q.6)- cintagem em betão	Camada castanha escura	“
=0214=	Sond.1	Camada castanha escura	“
=0215=	Quadrante centro Sul (Q.4)	Camada castanha escura	“
=0216=	Sond.1	Camada castanha (aterro)	“
=0217=	“	Piso	“
=0218=	Quadrante centro Sul (Q.4)	Camada negra	30/09/2004
=0219=	“	Terra castanha sobre a caleira	“
=0220=	Sond.1	Camada castanha. Aterro (igual à =216= ?)	“
=0221=	Quadrante centro Sul (Q.4)	Vala de fundação da caleira. Camada castanha	1/10/2004
=0222=	“	Caleira	“
=0223=	Sector C	Camada sobre o torreão	16/09/2004
=0224=	Quadrante centro Norte (Q.3)	Camada castanha	1/10/2004

=0225=	Quadrante centro Sul (Q.4)	Camada castanha	4/10/2004
=0226=	Sond.2	Camada castanha superficial ao nível do alicerce	6/10/2004
=0227=	Q. centro Sul (Q.4)	Camada castanha que se encontra sob o complexo =0210=	“
=0228=	“	Argamassa (miolo torreão)	7/10/2004
=0229=	“	Saibro e terra (torreão)	“
=0230=	“	Camada castanha escura (torreão)	“
=0231=	“	Camada castanha	“
=0232=	Sond.9	Camada castanha	8/10/2004
=0233=	Sond.8	Camada castanha junto ao alicerce	“
=0234=	Sond.10	Camada castanha junto ao alicerce (igual ao =0233=)	“
=0235=	Sond.13	Camada junto ao alicerce (vala de fundação da fachada ?)	12/10/2004
=0236=	Muro C	Miolo	
=0237=	Sond.14	Camada castanha	
=0238=	“	Camada muito compacta no interior da caleira	
=0239=	Q. centro Sul (Q.4)	Camada castanha escura -igual ao =0210= ?	
=0240=	Q. centro Norte (Q.3)	Camada castanha à cota de -3,80m em relação à soleira	
=0241=	Q. centro Sul (Q.4)	Miolo da muralha	
=0242=	Sond.14	Piso de <i>tegulae</i>	
=0243=	Sond.15	Miolo do torreão	
=0244=	Sond.16	Camada negra	
=0245=	Q. centro Sul (Q.4)- prolongamento do sector A)	Enchimento da vala de fundação da muralha	
=0246=	“	Cerâmica descontextualizada proveniente do muro C e do aterro	
=0247=	Q. Sudeste (Q.6)	Camada de enchimento da vala do alicerce da parede Sul da Sé	
=0248=	Sond.3	Vala de enchimento do alicerce	
=0249=	Q. centro Norte (Q.3)	Aprofundamento à cota de -2m em relação à soleira	
=0250=	Q. centro sul (Q.4)- poço	“	
=0251=	Sond.12	Camada castanha	
=0252=	Sond.13	“	
=0253=	Q. centro Sul (Q.4)- torreão	Revolvimento	
=0254=	Sond.11	“	
=0255=	Q. Noroeste (Q.1)	“	

=0256=	Q. centro Sul (Q4)	Revolvimento	
=0257=	“(torreão)”	Revolvimento	
=0258=	Q. centro Norte (Q.3)	Terra castanha, à cota de -3,80m em relação à soleira	16/10/2004
=0259=	Sond.18	Terra castanha	18/10/2004
=0260=	Sond.24	“	“
=0261=	“	Terra castanha. Sobre a muralha	“
=0262=	Sond.27	Miolo do torreão (?)	22/10/2004
=0263=	“	Pertubação torreão. Camada negra	“
=0264=	“	Terra castanha sobre o embasamento do torreão	“
=0265=	Sond.21	Camada castanha entre a caleira e a muralha	“
=0266=	Sond.24	Camada de revolvimento sobre a muralha	“
=0267=	Sond.24	Piso de terra batida entre o torreão e a muralha	“
=0268=	“	Camada castanha (miolo do torreão)	“
=0269=	Sond.28	Camada castanha (miolo da muralha)	23/10/2004
=0270=	Sond.24	Camada sobre a caleira	“
=0271=	Q. Sudeste (Q.6)	Camada que cobre a 2ª fiada do torreão	“
=0272=	Q. centro Sul (Q4)- torreão	Camada castanha de nivelamento	“
=0273=	“	Camada amarelada (vala de fundação)	“
=0274=	“	Camada descontextualizada	“
=0275=	Q. Sudeste (Q.6)	Miolo do torreão	“
=0276=	“(parte mais a leste do torreão)”	Camada castanha por cima da vala de fundação	“
=0277=	“(centro do torreão)”	Camada castanha por cima da vala de fundação	“
=0278=	“	Camada junto ao substrato rochoso	“
=0279=	“	Miolo do torreão	“
=0280=	Sond.28	Miolo. (-60cm em relação à pedra superior)	
=0281=	Q. centro Norte (Q.3)	Revolvimento	
=0282=	Sond.30	Camada superficial acastanhada, à cota de -50cm	15/11/2004
=0283=	“	Camada castanha, à cota de -2,30m	17/11/2004
=0284=	Q. centro Sul (Q4)	Revolvimento à cota de -3,80m	
=0285=	Q. Nordeste (Q5)	Terra revolvida. Recolha superficial	22/10/2004
=0286=	Q. Centro Norte (Q.3)	Contexto à cota de -3,80m em relação à soleira	
=0287=	Sond. 28	Pavimento de <i>opus signinum</i>	

### 3.3.5. LISTAGEM DOS MATERIAIS EXUMADOS NA FASE DE ACOMPANHAMENTO

Complexo	Sector	Fra gm.	DESCRIÇÃO	Fragm. (total)
=0200=	Sect. C	3	Cerâmica grosseira	
“	“	1	Cerâmica fina	
“	“	6	Cerâmica comum	
				10
=0201=	Sond. 1	11	Cerâmica comum	
“	“	2	Cerâmica cinzenta	
				13
=0202=	Estrutura 1	1	Cerâmica comum	
“	“	1	Cerâmica comum fina	
“	“	2	Cerâmica cinzenta tardia	
				4
=0203=	Estrutura 2	1	Cerâmica vidrada	
“	“	5	Cerâmica comum	
				6
=0204=	Estrutura 1	3	Vidro	
“	“	11	Material de construção	
“	“	1	Engobe vermelho	
“	“	3	Cerâmica vidrada	
“	“	30	Cerâmica cinzenta tardia	
“	“	47	Cerâmica comum	
				95
=0205=	Q.2	1	Vidro	
		30	Cerâmica comum	
		1	Sigillata Hispânica tardia	
				32
=0206=	“	16	Cerâmica comum	
				16
=0207=	“	2	Sigillata	
“	“	1	Vidro	
“	“	14	Cerâmica comum	
				17
=0208=	Muro C	3	Cerâmica vidrada	
				3
=0209=	“	4	Cerâmica vidrada	
“	“	1	Cerâmica comum	
				5
=0210=	Q.4	15	Cerâmica comum grosseira	

=0210=	Q.4	58	Cerâmica comum	
“	“	1	Dollium	
“	“	2	Sigillata africana	
“	“	1	Cerâmica pintada	
				77
=0211=	Q.5	1	Cerâmica cinzenta	
				1
=0212=	“	2	Cerâmica cinzenta	
				2
=0213=	Q.6	1	Cerâmica comum	
				1
=0214=	Sond.1	1	Cerâmica comum	
				1
=0215=	Q.4	1	Sigillata africana	
“	“	8	Cerâmica comum	
				9
=0216=	Sond.1	4	Cerâmica comum	
=0218=	Q.4	2	Cerâmica comum	
“	“	6	Cerâmica cinzenta	
				8
=0219=	“	1	Cerâmica comum	
“	“	2	Cerâmica comum cinzenta	
				3
=0220=	“	2	Cerâmica comum grosseira	
				2
=0221=	“	1	Sigillata	
“	“	4	Cerâmica fina	
“	“	12	Cerâmica comum	
				17
=0223=	Sect.C	1	Ficha de jogo	
“	“	4	Cerâmica comum	
“	“	1	Cerâmica comum cinzenta	
				6
=0224=	Q.3	3	Cerâmica comum	
“	“	1	Cerâmica comum fina	
				4
=0226=	Sond.2	1	Cerâmica comum	
				1
=0227=	Q.4	2	Cerâmica comum	
				2
=0228=	“	1	Cerâmica comum	
				1
=0229=	“	2	Cerâmica comum	
“	“	1	Material de construção	
				3
=0230=	“	4	Cerâmica comum	
				4

=0231=	Q.4	12	Cerâmica comum	
				12
=0232=	Sond.9	1	Sigillata africana	
“	“	1	Ficha de jogo	
“	“	5	Cerâmica comum fina	
“	“	1	Cerâmica comum	
				8
=0233=	Sond.8	1	Cerâmica vidrada	
“	“	1	Cerâmica comum	
				2
=0234=	Sond.10	3	Cerâmica comum	
				4
=0235=	Sond.13	1	Cerâmica comum cinzenta	
“	“	2	Cerâmica cinzenta tardia	
				3
=0236=	Muro C	1	Cerâmica comum	
				1
=0239=	Q.4	9	Cerâmica comum	
				9
=0240=	Q.3	4	Sigillata	
“	“	1	Ficha de jogo	
“	“	3	Engobe vermelho	
“	“	86	Cerâmica comum	
				94
=0241=	Q.4	1	Cerâmica vidrada	
“	“	7	Cerâmica cinzenta tardia	
“	“	10	Cerâmica comum	
				18
=0242=	Sond.14	1	Material de construção (tégula)	
				1
=0243=	Sond.15	3	Cerâmica comum	
“	“	2	Fragmentos de asa	
				5
=0244=	Sond.16	1	Cerâmica cinzenta fina	
“	“	3	Cerâmica cinzenta	
“	“	2	Cerâmica comum	
				6
=0245=	Q.4	3	Cerâmica comum	
				3
=0246=	“	3	Cerâmica comum	
“	“	2	Cerâmica comum cinzenta	
				5
=0248=	Sond.3	1	Faiança	
				1
=0249=	Q.3	1	Engobe vermelho	
“	“	1	Sigillata	
“	“	2	Cerâmica comum	
				4

=0250=	Q.4	5	Cerâmica comum	
				5
=0251=	Sond.12	4	Cerâmica comum	
				4
=0252=	Sond.13	3	Cerâmica comum grosseira	
				3
=0253=	Q.4	1	Cerâmica cinzenta	
“	“	1	Cerâmica comum grosseira	
				2
=0254=	Sond.11	1	Cerâmica cinzenta comum	
				1
=0255=	Q.1	1	Sigillata	
“	“	2	Cerâmica comum	
				3
=0256=	Q.4	1	Cerâmica pintada	
“	“	2	Material de construção	
“	“	13	Cerâmica comum	
				16
=0257=	“	3	Cerâmica grosseira	
“	“	9	Cerâmica comum	
				12
=0058=	Q.3	2	Sigillata	
				2
=0259=	Sond.18	2	Cerâmica comum	
				2
=0260=	Sond.24	1	Cerâmica comum	
				1
=0261=	“	1	Cerâmica cinzenta	
				1
=0262=	Sond.27	6	Cerâmica comum	
“	“	1	Cerâmica grosseira	
“	“	6	Cerâmica cinzenta	
				13
=0263=	“	3	Cerâmica cinzenta	
“	“	2	Cerâmica comum	
				5
=0264=	“	1	Cerâmica comum	
“	“	1	Cerâmica cinzenta	
				2
=0265=	Sond.21	1	Cerâmica fina	
“	“	2	Cerâmica comum	
				3
=0266=	“	1	Sigillata	
“	“	1	Ficha de jogo	
“	“	1	Material de construção	
“	“	2	Cerâmica comum fina	
“	“	13	Cerâmica comum	
“	“	1	Cerâmica grosseira	

=0266=	Sond.21			
				19
=0267=	Sond. 24	1	Sigillata africana	
“	“	1	Sigillata	
“	“	3	Cerâmica comum	
				5
=0268=	“	1	Ânfora	
				1
=0269=	Sond.28	1	Sigillata	
“	“	4	Cerâmica comum	
“	“	2	Cerâmica cinzenta	
				7
=0270=	Sond.24	2	Cerâmica comum fina	
“	“	6	Cerâmica comum	
				8
=0271=	Q.6	4	Cerâmica fina	
“	“	5	Cerâmica comum	
				9
=0272=	Q.4	80	Cerâmica comum	
“	“	2	Engobe vermelho	
“	“	10	Vidro	
“	“	7	Sigillata	
“	“	4	Cerâmica fina	
“	“	1	Cerâmica cinzenta fina	
				104
=0273=	“	6	Cerâmica comum	
				6
=0274=	“	1	Engobe vermelho	
				1
=0275=	Q.6	2	Cerâmica comum	
				2
=0276=	“	1	Sigillata	
“	“	5	Cerâmica fina	
“	“	1	Cerâmica comum grosseira	
“	“	10	Cerâmica comum	
				17
=0277=	“	1	Cerâmica comum	
				1
=0278=	“	1	Cerâmica fina	
“	“	2	Cerâmica comum	
				3
=0279=	“	1	Cerâmica fina	
“	“	11	Cerâmica comum	
				12
=0280=	“	2	Cerâmica comum	
“	“	1	Cerâmica cinzenta	
				3
=0281=	Q.3	1	Tijolo	



[illegible]

#### 4. SÍNTESE

A intervenção no gaveto do edifício nº 112-118 da rua D. Diogo de Sousa com a rua do Cabido, enquadrou-se nas condicionantes determinadas pelo IPPAR, à proposta apresentada pelos responsáveis do Cabido da Sé para construir naquele espaço um Museu de Arte Sacra, condicionantes que de resto, são habituais sempre que são projectadas obras de re(construção) para os Centros Históricos das cidades.

O cumprimento das exigências impostas pelo Instituto da Tutela, compreendeu três fases completamente distintas: **demolições, sondagens e acompanhamento das terraplanagens**. Ressalve-se que o início das sondagens ocorreu num período em que ainda se procediam a algumas demolições, e, que, durante aquela fase bem como das terraplanagens, por questões de segurança, procedeu-se igualmente à necessária demolição de alguns muros.

Os registos fotográficos prévios à demolição, guardam imagens da arquitectura do edificado então existente, que revela uma notória anarquia construtiva. De facto, a coexistência de materiais, como granito, tabiques, cimento, azulejo, tijoleiras, entre outros, é bem elucidativa disso mesmo. Não obstante o cenário presente, a fase subsequente de demolições permitiu identificar algumas estruturas, cuja construção se pode balizar entre os séculos XV/XVI e XX (fig.16). De entre elas, merece alguma relevância o trecho de um muro com inclusão de uma porta, cujo lintel escondia sob um reboco em cimento uma inscrição de 1519, insculpida em numeração árabe. Este tramo de muro, que parece entroncar num outro de época anterior, eventualmente do séc. XV, deverá corresponder à fachada dos Açougues construídos no tempo de D. Diogo de Sousa (1505-1532). As paredes mestras, em especial as divisórias dos vários edifícios, foram erguidas quase exclusivamente com materiais provenientes de construções romanas, onde predominam pequenos blocos talhados numa das faces, um ou outro elemento de coluna, aduelas de arcos e até um fragmento de miliário e uma epígrafe, confirmando mais uma vez o recurso sistemático a matéria-prima reutilizável ao longo dos sécs. XVIII e XIX.

As sondagens realizadas, apesar de, pelas razões já evocadas, apenas ter sido possível concluir o sector E, facultaram a recolha de relevantes dados, que para além da importância que encerram em si mesmos, ditaram os moldes de actuação no subsequente acompanhamento das terraplanagens. Confirmaram as expectativas quanto à presença da muralha romana naquela zona, através da identificação do seu miolo nas sondagens A e C; na sondagem E, foi identificado um piso extremamente compactado assente no

substrato rochoso, presumivelmente revestido com tijoleiras, que julgamos poder tratar-se de um nível de circulação exterior à muralha; sob este mesmo solo, desenham-se pequenos sulcos rasgados na rocha, paralelos à muralha, que poderão corresponder aos negativos deixados pelos rodados das carroças. Referência ainda para a identificação nesta fase, de vários níveis de aterro desde a Baixa Idade Média ou anteriores aos sécs. XIII-XIV até ao séc. XIX/XX e de um sem número de estruturas como muros, pavimentos, lajeados e canalizações.

A fase de terraplanagens, confirmou a presença da muralha romana, e a sua ligação aos troços identificados nas intervenções realizadas a leste em 1997/1998 no Largo Dom João Peculiar, mais precisamente na Torre da Capela da Senhora da Glória, e a oeste em 1998/1999 na Rua Paio Mendes. Embora não tenha sido detectada a sua face interna, que se encontra sob o edifício da Sé, as características construtivas do miolo e da face externa, são rigorosamente idênticas quer às registadas naquelas intervenções, muito próximas da actual, quer às da Quinta do Fujacal, bem mais distante. Constatou-se mais uma vez, a inexistência de construções numa faixa exterior à muralha de aproximadamente 10m, área destinada à circulação. A caleira subjacente ao torreão bem como a inclusão de estelas funerárias no embasamento deste, denunciando a existência de uma necrópole não muito distante, constituem indícios de uma ocupação anterior à construção da muralha, eventualmente no séc. I. Ao mesmo tempo, a relação de proximidade das necrópoles à rede viária, sugere a presença de uma porta nestas imediações. A presença de depósitos aluvionares com cerca de 1.20m de espessura na zona do sector E, parece não deixar grandes dúvidas quanto à existência de uma linha de água ao longo da actual Rua do Souto, que poderia, ao mesmo tempo, desempenhar funções de fosso defensivo. O abandono da muralha por volta do séc. XIII, terá conduzido à progressiva obstrução da linha de água, quer por via natural, quer através de despejos detriticos, factores que aliados a momentos de maior pluviosidade, propiciaram extravasamentos mais frequentes da ribeira, que estarão na origem da formação dos referidos depósitos. A ausência desses depósitos no quadrante nordeste, faz adivinhar o desenho para norte de um pequeno meandro. A potência estratigráfica da área em análise é de aproximadamente 3m nos edifícios 1 e 2; 3.60m nos edifícios 3 e 4 e 4.60m no edifício 5, escalonamento que estará relacionado com a edificação dos inícios do séc. XVIII, com a intenção de vencer o desnível topográfico da própria rua.

No seu conjunto, as diferentes fases de intervenção, confirmaram o traçado da muralha romana (fig.23) bem como a distância inter-torreões (fig. 24) propostas pela

equipa da Unidade de Arqueologia que nas últimas três décadas se tem dedicado ao estudo de *Bracara Augusta*, e contribuíram para esclarecer em definitivo a velha questão em torno da relação da muralha com o edificado que faceia a berba sul da Rua D. Diogo de Sousa dos inícios do séc. XVIII. Admitia-se que a muralha, pela sua imponência física, tivesse condicionado e moldado a fisionomia urbana da cidade e que o edificado ora demolido adossasse à sua face externa, o que de facto não se verificou. Efectivamente, o seu alinhamento está ligeiramente enviesado em relação às traseiras dos edifícios, sendo que no limite do tramo leste que coincide com a parede oeste da Igreja da Misericórdia se apresenta cerca de 2.40m para norte do limite do edifício 5, e a projecção do tramo oeste até ao extremo oposto, berma leste da Rua do Cabido, entra cerca de 1m para sul daquele que é o limite das traseiras do edifício 1 (fig. 25). De resto, o desprezo pela muralha como marco referencial de divisão da propriedade, ao contrário do que sucedeu noutros pontos da cidade, é verdade que sem a mesma pressão urbana, já se fez sentir no séc. XVI, aquando da construção da Igreja da Misericórdia e das Capelas a norte da Sé. Porém, o “desrespeito” de então, terá sido determinante para a sua preservação. De facto, pelo que nos é dado observar, o alicerce da fachada oeste da Igreja, contornou o miolo e a face externa da muralha, pelo que se adivinha, que no seu interior, esta se encontre em excelente estado de conservação. O mesmo deverá suceder com grande parte do miolo e a face interna, subjacentes às ditas Capelas.

Convém sublinhar, que alguns aspectos cronológicos ora apresentados são susceptíveis de possíveis reajustamentos, porquanto os materiais que podem datar com rigor algumas estruturas, em especial os cerâmicos, ainda não foram estudados por especialistas.

As possíveis diferentes fases construtivas dos paramentos do existente, bem como das estruturas arqueológicas mais relevantes exumadas, podem ser observadas através da (fig. 26).

## **5. NOTA HISTÓRICA**

A consagração da Sé Catedral pelo Bispo D. Pedro em 28 de Agosto de 1089, marca o início daquilo que poderá ser considerado o nascimento urbano da Braga Medieval. Assim, nos primeiros séculos, toda a vida urbana se organiza em torno da Sé, com destaque para a área a sudoeste, estruturada em pequenas vielas de cariz vincadamente corporativista, onde se instalaram os ofícios e os mesteres, os mercadores, os clérigos e homens de leis, os servidores do Paço e até uma judiaria. O facto de

imediatamente a norte da Sé, a muralha romana permanecer activa, pelo menos até ao séc. XIII, terá empurrado o tecido urbano em sentido oposto, ficando toda aquela área como reserva agrícola do Arcebispo, condição que ter-se-á mantido inalterável até ao séc. XVI. Com a chegada ao poder episcopal do Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532), que estudou em Florença e Roma, onde terá sido fortemente inspirado pelo modelo Renascentista, a cidade conhece talvez o maior impulso urbanístico da sua história através da abertura de novas ruas, portas, praças, construção de edifícios, entre tantas outras obras. Neste intenso surto urbano, inscrevem-se sem sombra de dúvidas as actuais ruas D. Diogo de Sousa e do Cabido.

A Rua D. Diogo de Sousa, designada inicialmente de **Rua Nova**, devido à abertura da Porta Nova, que então fizeram na muralha Fernandina para ligar a Rua do Souto ao também recém-criado Campo das Hortas. Freitas, 1890, I, pág. 24, dá a abertura da Porta Nova (no extremo sul desta rua) “no ano de 1512, como consta de uma inscrição, que nessa época ali fora colocada”, nominativo que terá perdurado algumas dezenas de anos. Em finais do séc. XVI / princípios do XVII, aparecem documentos com referência à **Rua Nova do Sousa**, nome pelo qual terá sido apelidada esporadicamente a partir do seu alargamento no tempo de D. Diogo de Sousa e cujo prazo mais antigo a ela relacionado data de 1516, ano que deverá corresponder ao momento da sua remodelação. Todavia, o mapa das ruas de Braga de 1750, continua a identificá-la como **Rua Nova**. A mesma artéria, no mapa de 1857 aparece ainda denominada por **Rua Nova do Souto**, passando a chamar-se **Rua D. Diogo de Sousa em 24-10-1912**.

A Rua do Cabido terá sido baptizada no séc. XV com o nome de **Rua dos Açougues**. Nas primeiras décadas do séc. XVI, muito provavelmente com as remodelações empreendidas por D. Diogo de Sousa, passou a designar-se por **Rua dos Açougues Velhos**, nominativo que se mantém no mapa das ruas de Braga de 1750 e cujo prazo mais antigo a ela relacionada data de 1522. No mapa de 1857, aparece denominada por **Travessa dos Açougues Velhos**, desconhecendo-se a data exacta da alteração para o nome actual de **Rua do Cabido**.

A Rua Nova, actual D. Diogo de Sousa revestiu-se de importância fulcral na expansão urbana da cidade, libertando-a do colete de forças a que estivera submetida durante mais de quinze séculos. O facto de ser por esta rua que os novos arcebispos faziam a sua entrada solene na cidade, dá para perceber igualmente a sua importância social e religiosa. O mapa das ruas de Braga de 1750, mostra-nos um edificado de 3/4 pisos repleto de gelosias, uma forma de fechar as janelas e portas das varandas das casas

da burguesia comercial. O quarteirão a que nos reportamos, constituído por cinco edifícios, mantém ainda parte da estrutura dessa época (figs. 27 e 28), embora com alterações das fachadas, onde terão sido suprimidas e abertas algumas portas e janelas e cujas gelosias desapareceram integralmente. Estas remodelações, ter-se-ão iniciado por volta de 1793, altura em que a casa nº 9 da rua dos Açougues Velhos terá sido demolida para alargamento das casas do Cabido e terão continuado ao longo dos séculos XIX e XX.

Referência ainda para a última actividade exercida nos vários edifícios ora demolidos. Assim, nos edifícios 1 a 5 funcionavam respectivamente, uma casa que se dedicava à venda de armas; um talho; uma casa de vestuário; uma casa de electrodomésticos e a residência do servo da Sé.

## 6. CONCLUSÃO

Tendo em conta que a execução da obra com vista à instalação do Museu do Cabido, uma infra-estrutura de enorme valor para o desenvolvimento cultural da cidade era co-financiada através do Plano Operacional da Cultura, sujeita por isso, ao cumprimento de prazos, o processo que envolveu a intervenção em análise, à semelhança do que é habitual em Arqueologia Urbana, foi condicionada pelo factor “tempo”. Deste modo, é de enaltecer a postura das várias entidades envolvidas no processo em fazer convergir boas vontades, na tentativa de minimizar os seus efeitos.

Assim, foi possível integrar parcialmente no novo projecto, apesar das condições precárias de visualização, o tramo leste da muralha, bem como o seu miolo na zona da sondagem A; reconstituir em betão o alinhamento da fachada dos Açougues do tempo de D. Diogo de Sousa, onde foi incluída a porta com a inscrição de 1519; preservar, embora sob o betão, um extenso fragmento do eventual piso de circulação exterior à muralha localizado a sudoeste da área de construção, o torreão e tramo oeste da muralha e ainda a caleira em granito presumivelmente do séc. I. Fica assim garantida a possibilidade de a médio-longo prazo se poder mostrar aquela realidade, que agora só é possível visionar através de desenho e fotografia.

Essa hipótese de concretização no futuro, não teria sido possível sem a colaboração dos responsáveis do Cabido, que sempre se mostraram abertos ao diálogo, prescindindo entre outras coisas, do elevador ao nível da cave. Neste particular, não podemos deixar de sublinhar a excelente colaboração prestada pela equipa de projectistas, em especial do engº. Machado dos Santos, pelo esforço inextinguível que

dedicou à causa da conservação, procedendo a inúmeras alterações do projecto. Por último, uma palavra de apreço à empresa de construção “Ladário – Sociedade de construções, Lda.”, que envolve o engº. César Pinto, o encarregado sr. Fernando Policarpo e os trabalhadores em geral, pela paciência e saber que demonstraram em ouvir e executar as nossas propostas. Não obstante todos os condicionalismos em presença, a equipa de arqueologia terá feito tudo que estava ao seu alcance no cumprimento das suas obrigações éticas e profissionais, terminando esta operação com a sensação do dever cumprido.

CABIDO METROPOLITANO E PRIMACIAL DE BRAGA  
REABILITAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO TESOIRO-MUSEU DA  
CATEDRAL DE BRAGA-ARTE SACRA

EDIFÍCIOS N.ºs. 102/118 DA RUA D. DIOGO DE SOUSA - 2005

**INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA REALIZADA NA ÁREA DO SAGUÃO**

**APÊNDICE**

JOSÉ MANUEL FREITAS LEITE  
FRANCISCO SANDE LEMOS

**UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**

**JUNHO DE 2005**



## **7. APÊNDICE**

### **7.1. Introdução**

De acordo com o que estava programado desde o início das obras, só após a conclusão da estrutura do novo edificado e o acabamento das paredes perimetrais é que foi possível avançar com os trabalhos arqueológicos com vista à integração do miolo da muralha na área do saguão, zona correspondente ao sector A da fase de sondagens.

Por solicitação do arquitecto Rui Correia, responsável pelo projecto, agendou-se uma reunião no local, tendo sido transmitido à equipa de arqueologia o plano idealizado para aquela área restrita, cuja grande preocupação continuava a centrar-se na questão relacionada com as humidades. Assim, para minimizar os seus fluxos ascensionais, era imperioso impermeabilizar e rematar com um lajeado à superfície toda a faixa norte adjacente ao miolo da muralha com cerca de 1.20m. Este corredor, permitirá ao mesmo tempo, o acesso aos visitantes, que usufruirão de uma melhor visão de todo aquele espaço. A concretização do projecto, implicava a desmontagem de uma pequena parte do miolo da muralha a leste; o rebaixamento do solo para a caixa do pretense lajeado e a escavação do canto sudoeste do sector e posterior reconstituição da muralha, que ficaria assim representada em toda a faixa sul do saguão. Uma vez apresentados os pressupostos para a realização da intervenção, incluindo um orçamento prévio de 1000€, destinado a custear os honorários de um técnico profissional durante um mês, os responsáveis pelo “Cabido da Sé”- dono da obra, deram luz verde para a realização dos indispensáveis trabalhos arqueológicos, que decorreram de 6 a 29 de Junho de 2005.

Sob orientação científica do Arqueólogo José Manuel Leite, a equipa de escavação foi constituída por Eurico Machado, ambos dos quadros da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e pela aluna do último ano da licenciatura em Arqueologia Paula Virgínia Góis, contratada para o efeito. Colaboraram ainda nos trabalhos as recém-licenciadas Cristina Vilas Boas e Sofia Alexandra Silvério.

Os poucos materiais cerâmicos recolhidos, foram depositados no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, onde foram devidamente lavados e marcados. Os registos fotográficos operados em película, foram igualmente entregues no referido Museu. Os desenhos de campo foram realizados pela equipa supra-referida, enquanto a sua vectorização bem como o tratamento gráfico foram tarefas realizadas por Alfredo Barbosa, também ele dos quadros da Unidade de Arqueologia.

## 7.2. ESCAVAÇÃO

Antes de avançarmos com os aspectos da escavação ora realizada, devemos referir, que a área em questão se apresenta substancialmente alterada em relação ao último registo da fase de sondagens arqueológicas (plano 1). Efectivamente, o **M1** foi desmontado na fase de terraplanagens, tendo sido implantado no seu lugar um paramento em betão, que passou a delimitar o sector a norte. O muro **A** a oeste, o tramo do muro **B** a norte e os muros limite leste e sul das capelas da Sé, mantêm-se no seu lugar original, tendo sido apenas rebocados a cimento.

Um outro dado a assinalar, prende-se com o facto de optarmos por seguir a ordem sequencial dos registos da fase de escavação. Assim, o primeiro desenho desta fase recebeu a designação de **Lev. 4** e o primeiro complexo atribuído foi o **=0139=**. O mesmo sucedeu em relação à estratigrafia dos perfis, que teve igual continuidade. No que respeita às cotas, continuámos a operar com valores absolutos.

Como acima ficou dito, os trabalhos arqueológicos realizados nesta intervenção, tinham como único objectivo, tornar possível a exequibilidade do projecto concebido. Nessa perspectiva, foi desmontado longitudinalmente cerca de 1m do miolo da muralha, que juntamente com o restante espaço a norte, foi rebaixado até à cota de 182.30m, sendo que toda a área exterior à muralha era constituída por entulhos das obras, já que o último plano da fase de escavações tinha sido registado à cota de 182.20m. Ao mesmo tempo, aproveitou-se a oportunidade para escavar a falha da muralha no canto sudoeste do sector, correspondente à vala de fundação do muro **A**. Após a escavação, aproveitando o material proveniente do desmonte, procedeu-se à reconstituição do miolo da muralha, que ficou assim representada em toda a extensão do saguão.

[illegible][illegible]

### 7.3. RESULTADOS:

Em termos de resultados, a intervenção ora terminada revelou alguns aspectos interessantes:

- O muro identificado como **A** na fase de sondagens, que corresponde à fase mais antiga da parede oeste da área que estamos a tratar, aquando da sua implantação, que presumimos no séc. XVI, rompeu o miolo da muralha.
- A parede Sul, que assenta sobre o miolo da muralha, na confluência com o muro **A**, no canto sudoeste, procurou solo firme, o que equivale por dizer, que a sua construção é posterior à daquele, eventualmente do séc. XVIII.
- O necessário desmantelamento do miolo junto à parede oeste, revelou que o solo em *opus signinum*, que aventamos poder corresponder ao adarve da muralha, recobre uma fiada de blocos de um muro que deverá ser anterior à capela localizada a oeste, o que inviabiliza de todo qualquer relacionamento com a muralha.

Nas diferentes fases de intervenção, foram exumados na totalidade 7 740 fragmentos cerâmicos das mais variadas formas e tipologias.

### 7.4. CONCLUSÃO:

A realização desta intervenção, tinha como objectivo principal a integração do miolo da muralha no novo edificado em condições dignas de observação, pressuposto que terá sido plenamente atingido. Para uma melhor compreensão da real dimensão da muralha, foi acordado com a equipa de arquitectura, a implantação rigorosa da sua face externa na laje do rés-do-chão do novo edificado.

Logo que terminou a intervenção arqueológica, o arquitecto foi imediatamente informado, a fim de poder dar continuidade aos trabalhos de acabamento naquela área.

Não podia deixar de sublinhar, o clima de entendimento sempre presente no decorrer desta intervenção entre os vários agentes responsáveis por este projecto, com particular destaque para a disponibilidade demonstrada pelo encarregado da obra sr. Fernando Policarpo e pela sua equipa, sem a qual não teria sido possível a sua concretização.

**Ficha de Sítio/Trabalho Arqueológico**  
(para acompanhar relatório)

**Sítio**

**Designação**

BRAGA 2005-----

**Distrito** Braga-----

**Concelho** Braga -----

**Freguesia** Sé-----

**Lugar** Rua D. Diogo de Sousa, nº 102/118-----

**CMP 1:25.000 folha nº 70**

**Latitude N-** P. 175.45 -----

**Longitude W (Greenwich)**M. 509.05

**Altitude (m)** 183m -----

**Tipo de Sítio\*\*** Muralha-----

**Período cronológico\*\*** Medieval/Romano -----

**Descrição do sítio** (15 linhas) Edifício localizado no gaveto da rua D. Diogo de Sousa nº 102/118 com a rua do Cabido. É limitado a norte pela rua D. Diogo de Sousa; a leste pela Igreja da Misericórdia; a sul pela Sé Catedral e a oeste pela rua do Cabido. -----  
-----  
-----  
-----  
-----  
-----  
-----

**Bibliografia:**

**Proprietários** – Cabido Metropolitano e Primacial de Braga-----

**Classificação** ----- **Legislação** -----

**Estado de conservação\*\*** Em perigo ----- **Uso do solo\*\*** Urbano -----

**Ameaças\*\*** Construção Civil----- **Protecção/Vigilância\*\*** Inventariado-----

**Acessos** – A partir das ruas D. Diogo de Sousa e do Cabido-----

## **Espólio**

**Descrição-** Inúmeros fragmentos de cerâmica predominantemente romana, das mais variadas formas, num total de 7 740 fragmentos; alguns numismas mal conservados bem como alguns elementos metálicos, cuja funcionalidade não foi possível precisar. -----

**Local de depósito** – Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa -----

## **Trabalho Arqueológico Anual**

**Arqueólogos responsáveis** - Francisco Sande Lemos, José Manuel de Freitas Leite e Luís Fontes-----

**Tipo de trabalho\*\*** Salvamento -----

**Datas- Demolições e sondagens arqueológicas:** início 26.05.2003, fim 12.03.2004;-----  
**Acompanhamento:** início 22.09.2004, fim 23.11.2004; **Escavação na área do saguão:** início 06.06.2005, fim 29.06.2005 **duração (em dias)** 375-----

**Projecto de Investigação** "Salvamento de *Bracara Augusta*"-----

**Objectivos (10 linhas)** Registrar em fotografia todos os pormenores do edificado existente antes de se proceder às demolições; tentar identificar e registar possíveis diferentes fases construtivas durante a fase de demolições; efectuar sondagens arqueológicas, com vista à obtenção de um diagnóstico mais ou menos seguro do subsolo e em função disso, aferir a exequibilidade do projecto; proceder ao acompanhamento sistemático das terraplanagens necessárias à consecução da obra, registando em fotografia e quando necessário em desenho, todos os aspectos considerados relevantes do ponto de vista arqueológico-patrimonial, minimizando assim o impacte provocado. -----

**Resultados (15 linhas)** Os registos prévios à demolição, guardam todos os pormenores do edificado existente.

A fase de demolições permitiu identificar várias fases construtivas do séc. XVI ao séc. XX, com reaproveitamentos de alguns elementos arquitectónicos mais antigos e outros talhados numa das faces, pertencentes a estruturas romanas.

As sondagens arqueológicas revelaram o nível de circulação exterior à muralha, forneceram os primeiros indícios do coroamento do torreão da muralha romana e mostraram uma sedimentação espessa de 3/3,50m, com características aluvionares, recheada de inúmeras cerâmicas de diferentes épocas e tipologias e algumas estruturas medievais. Deverá corresponder ao pós-abandono da muralha.

O acompanhamento arqueológico serviu para confirmar o nível de circulação exterior à muralha bem como a existência do torreão, que inclui pelo menos três estelas funerárias no seu alicerce. Para além disso, possibilitou a identificação do embasamento da muralha romana em toda a extensão sul do terreno, de um pano de muralha a leste, excelentemente conservado, com alguns blocos siglados e ainda, de uma canalização mais ou menos paralela ao alinhamento da muralha e subjacente ao torreão, que reportamos do séc. I.

\*\* Preencher de acordo com a lista do thesaurus do ENDOVÈLICO. Essa lista poderá ser consultada no site do IPA: [www.ipa.min-cultura.pt](http://www.ipa.min-cultura.pt)

## BIBLIOGRAFIA:

BANDEIRA, Miguel Sopas (2000). O espaço urbano de Braga em meados do século XVIII, *Edições Afrontamento, Cidade em Questão/11*, Porto, pp. 60, 120-125.

BARREIROS, Pe. Manuel d'Aguiar (1922). A Catedral de Santa Maria de Braga, Edição facsimilada incluída nas comemorações do IX CENTENÁRIO da dedicação da Catedral de Santa Maria de Braga, *SÓ LIVROS DE PORTUGAL*, Braga.

COSTA, Pe. Avelino Jesus (1993). D. DIOGO DE SOUSA-Novo Fundador de Braga e Grande Mecenaz da Cultura, *Academia Portuguesa da História*, Braga.

FERREIRA, MONS. J. AUGUSTO (1930). FASTOS EPISCOPAES DA IGREJA PRIMACIAL DE BRAGA (SEC. III - SEC. XX), Obra Ilustrada com os brazões dos respectivos Arcebispos desde o século XIV-XV, TOMO II, *Edição da Mitra Bracarense*, Braga.

LEMOS, F. S. (1994). Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados na zona da muralha (Quinta do Fujacal), Braga.

LEMOS, F. S.; FONTES, L.; LEITE, J. M. F. (2002). A Muralha de *Bracara Augusta* e a Cerca Medieval de Braga, *Actas do Simpósio Internacional Sobre Castelos. Mil anos de Fortificações na Península Ibérica (500-1500)* (Palmela, 3 a 8 de Abril de 2000), Câmara Municipal de Palmela e Instituto Português do Património Arquitectónico, pp.121-132.

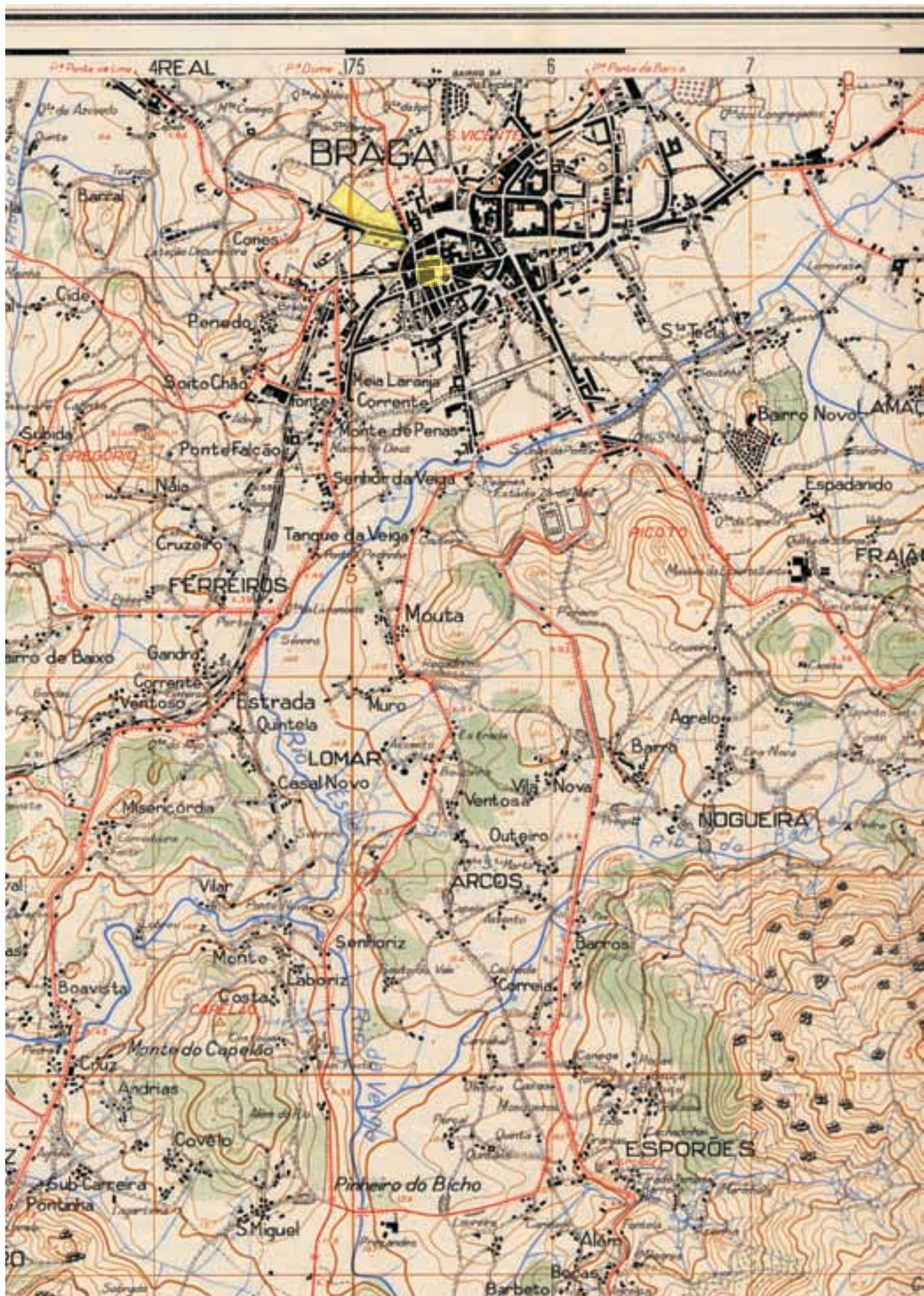
LEMOS, F. S.; MARTINS, M.; FONTES, L.; LEITE, J. M. F.; CUNHA, A. (2002a) – A muralha de *Bracara Augusta*, *I Colóquio de Arqueologia Militar en Hispania, Anejos de Gladius*, 5, Madrid, pp. 209-234.

OLIVEIRA, Eduardo Pires (1982). Estudos Bracarense. 1- As alterações toponímicas (1380-1980), *Aspa-Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural*, Braga, pp. 14, 39, 70-71.

## **FIGURAS**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012



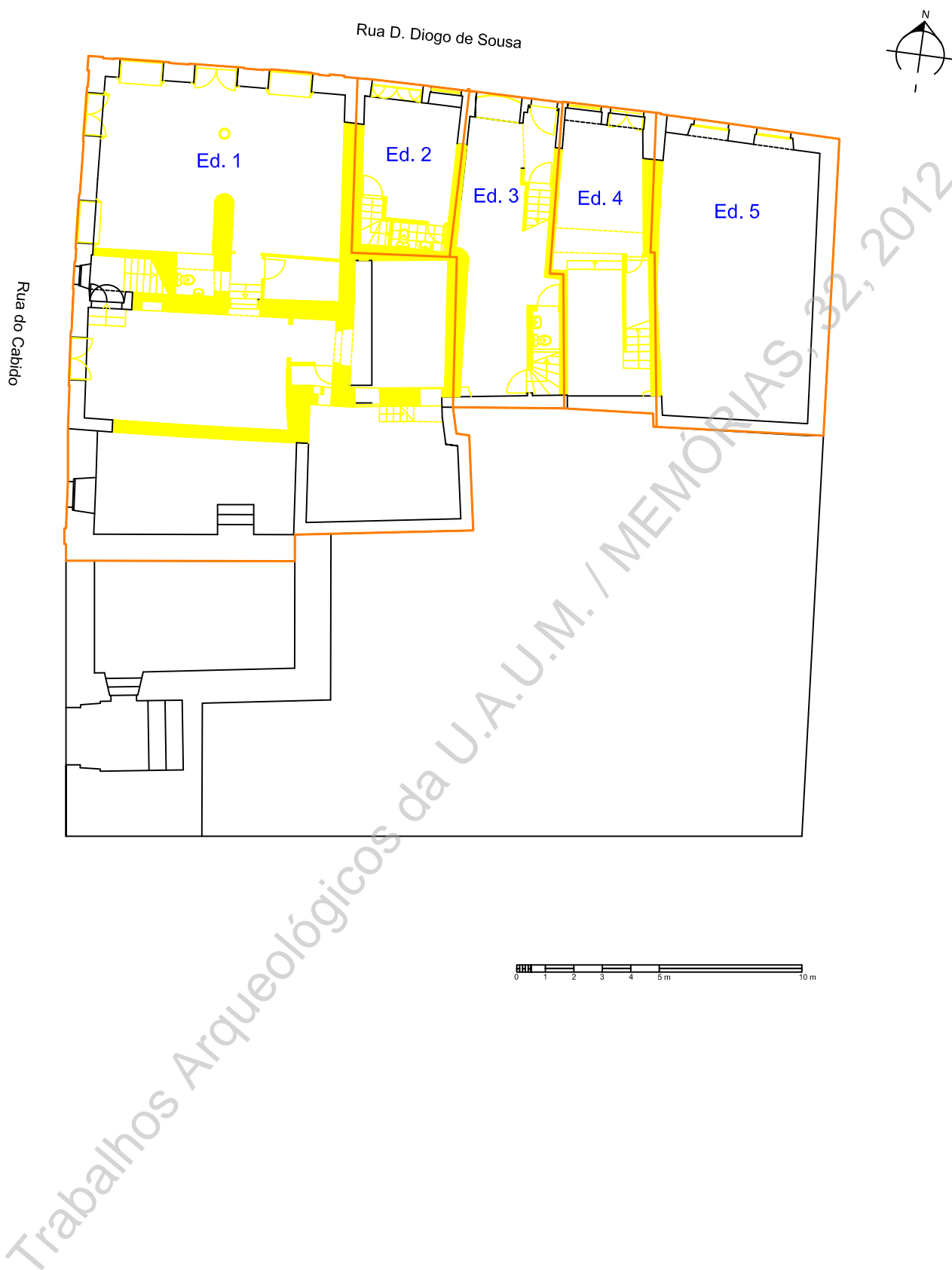


Localização da zona intervencionada na Carta Militar à Escala 1:25000



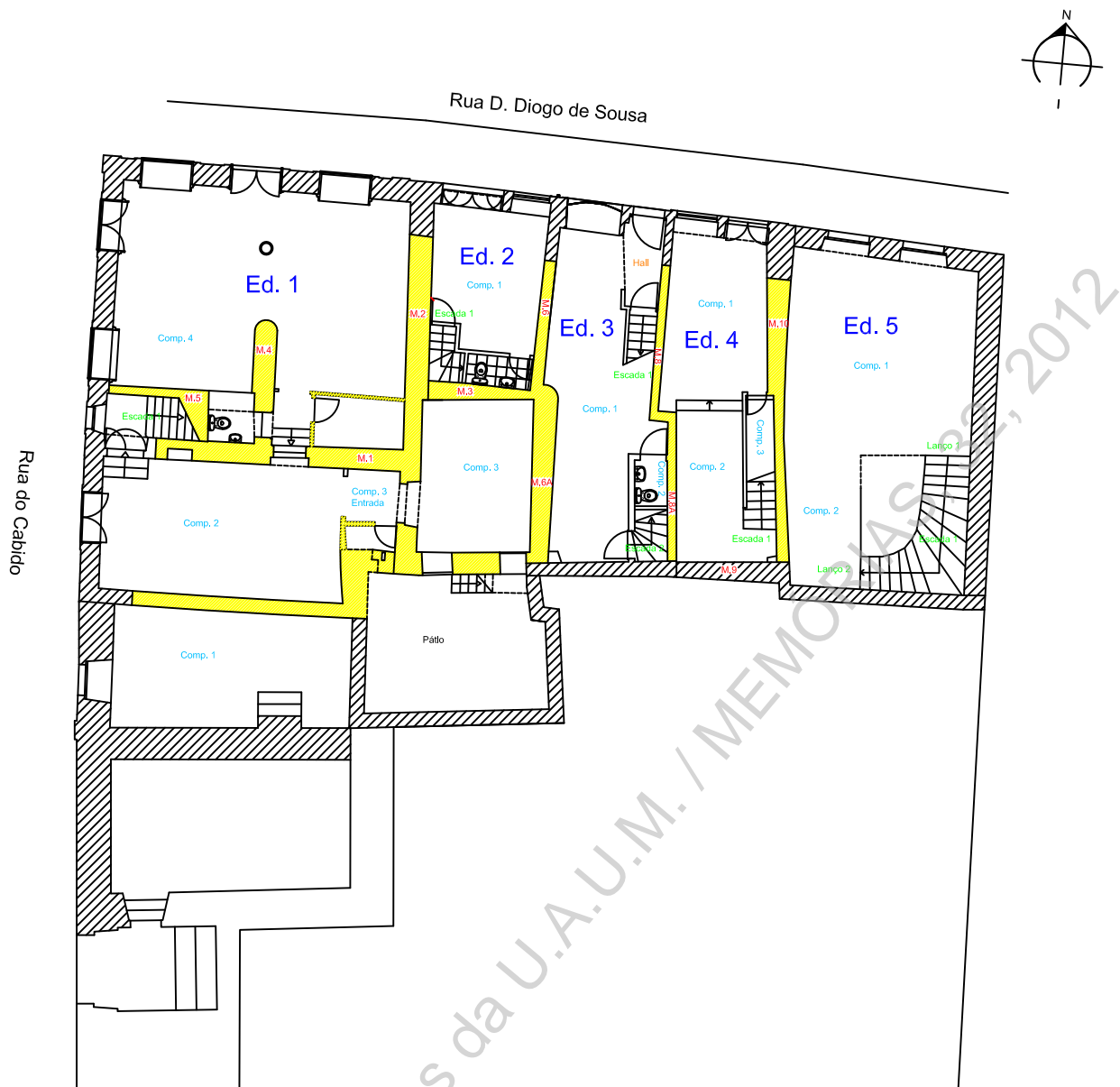


Localização da área intervencionada na carta de Braga datada de 1968 à Escala 1:1000



Esc. 1 : 200			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118		Unidade Arqueologia U.M.	
Campo			Planta geral com as divisões dos edifícios			BRA04-DDS
Gabinete	31-01-2005	Pedro				

FIG. 3

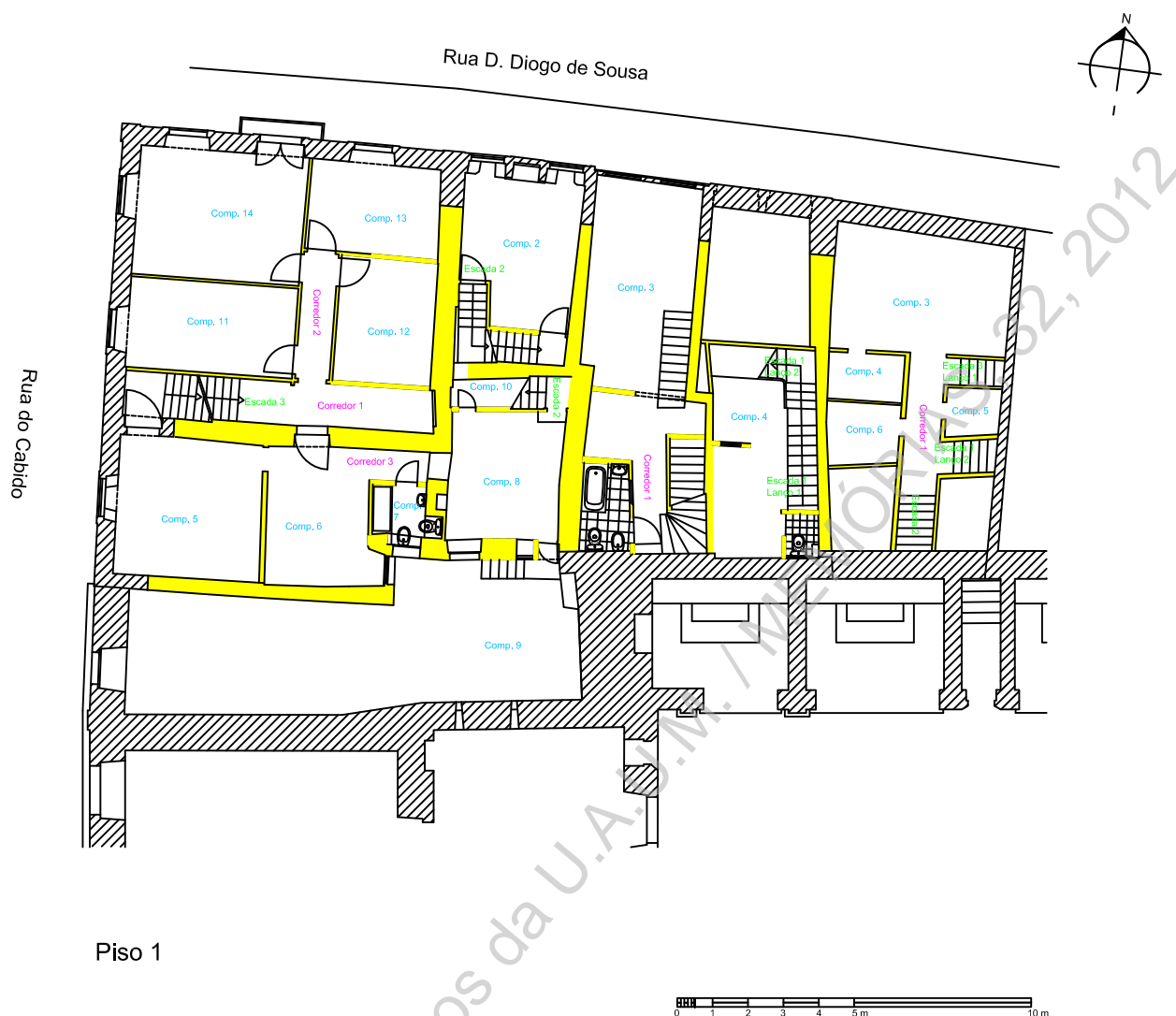


Rés-do-Chão

**M.** Descriminação de muros internos para efeitos de registo na fase de demolição

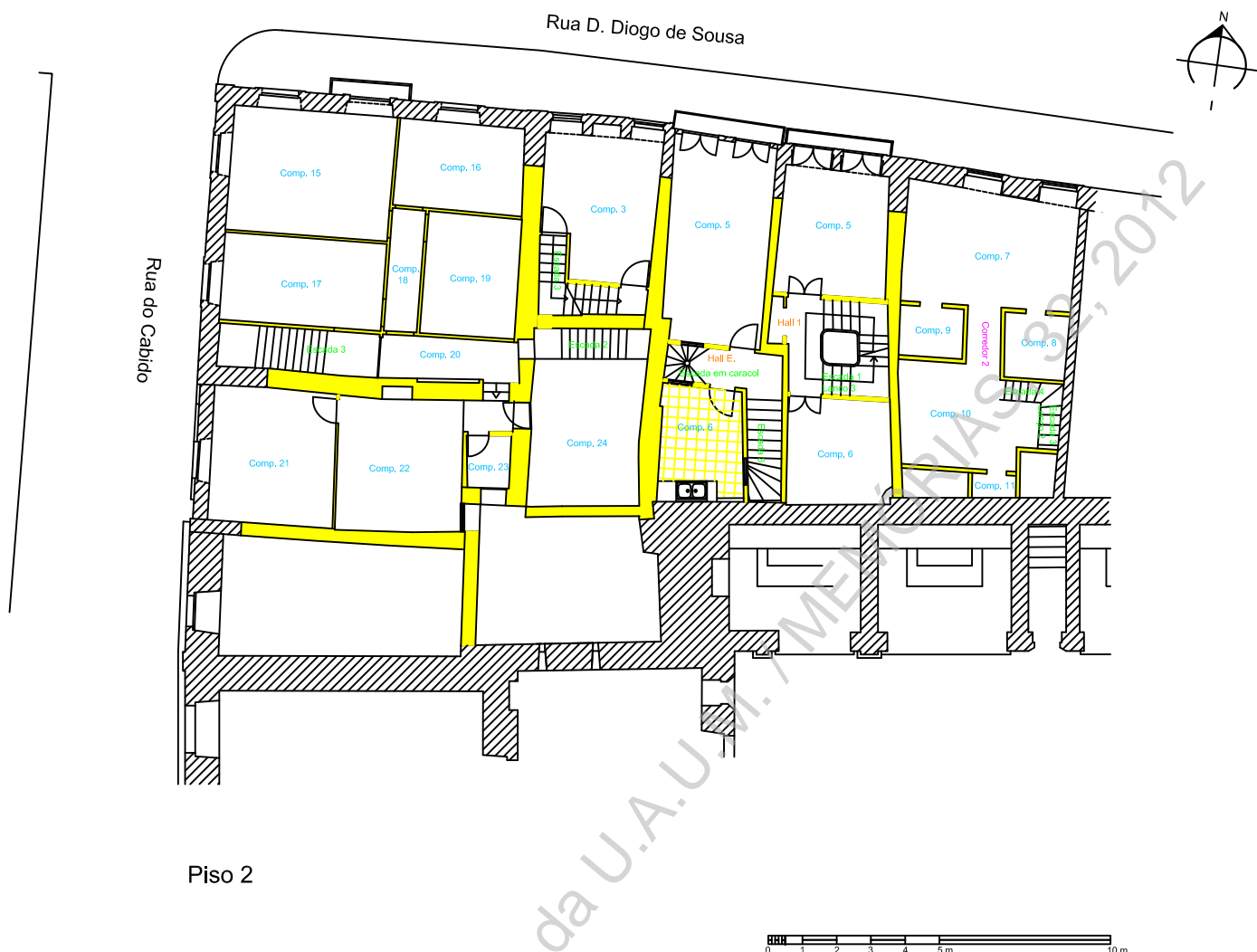
Esc. 1 : 200		Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo		Planta do pré-existente - Rés-do-chão. Designação de espaços no processo de pré-demolição	BRA04-DDS
Gabinete			

FIG. 4



Piso 1

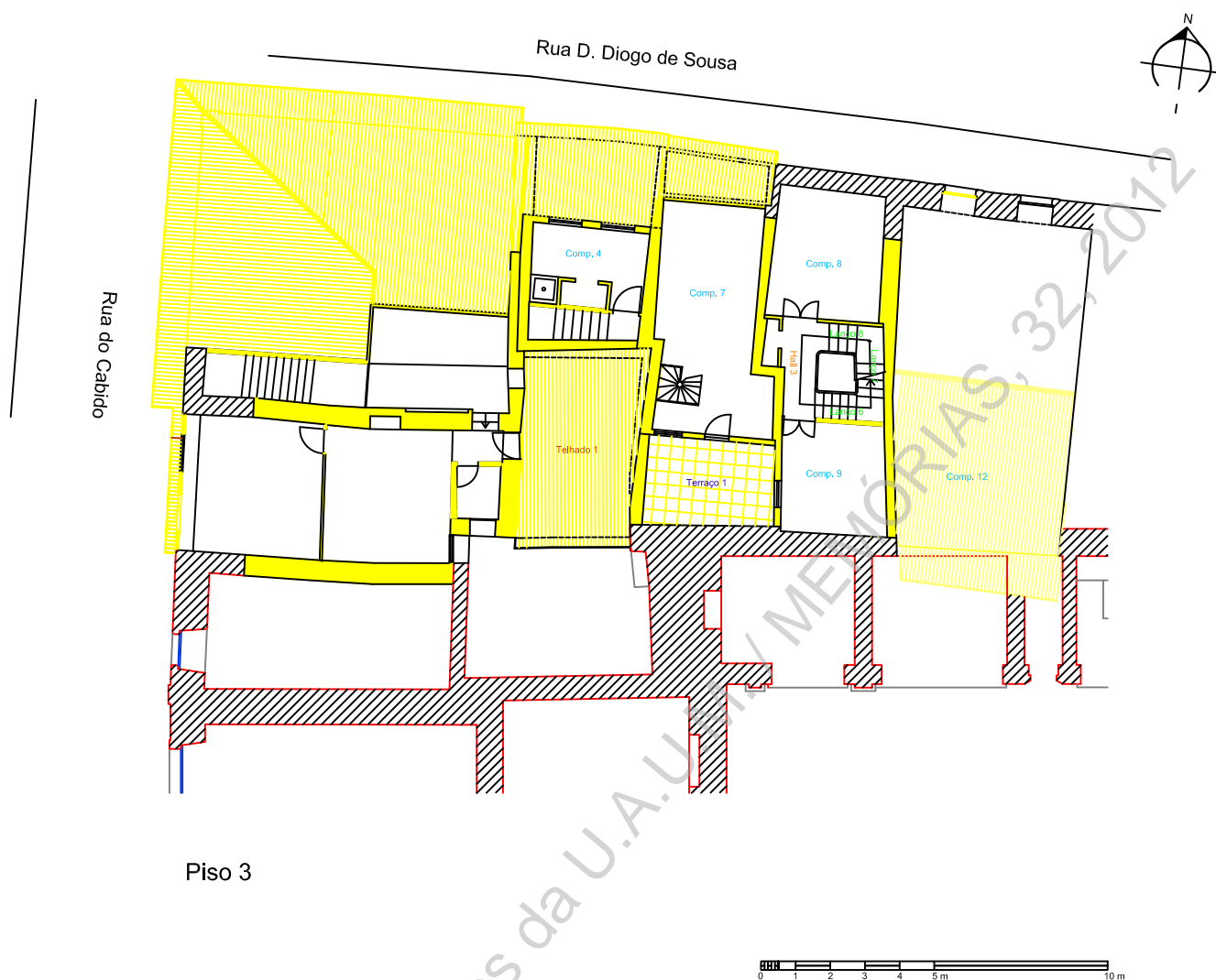
Esc. 1 : 200			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo			Planta do pré-existente - piso 1. Designação de espaços no processo de pré-demolição	BRA04-DDS
Gabinete	31-01-2005	Pedro		



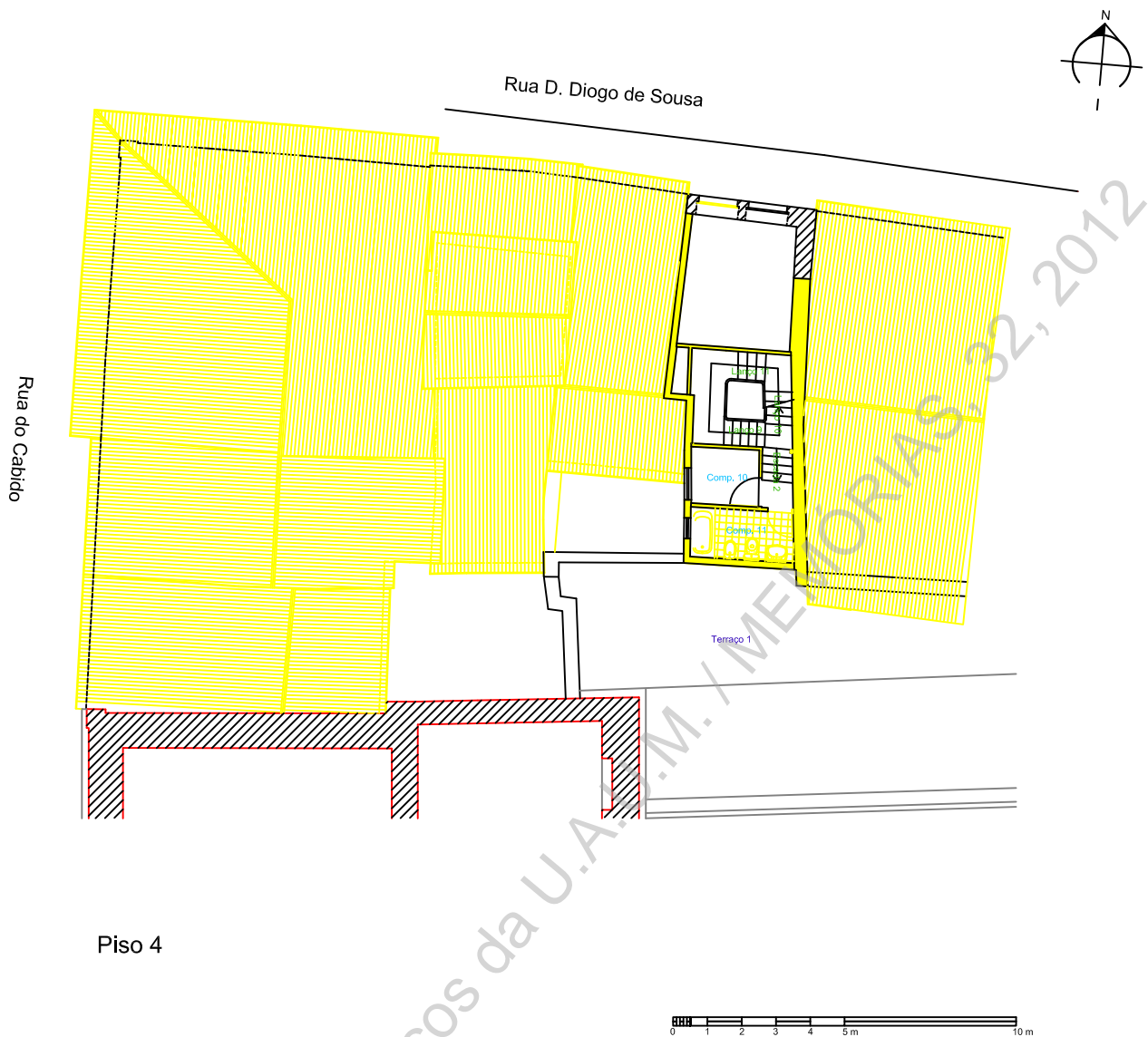
Esc. 1 : 200			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo			Planta do pré-existente - piso 2. Designação de espaços no processo de pré-demolição	BRA04-DDS
Gabinete	31-01-2005	Pedro		

FIG. 6





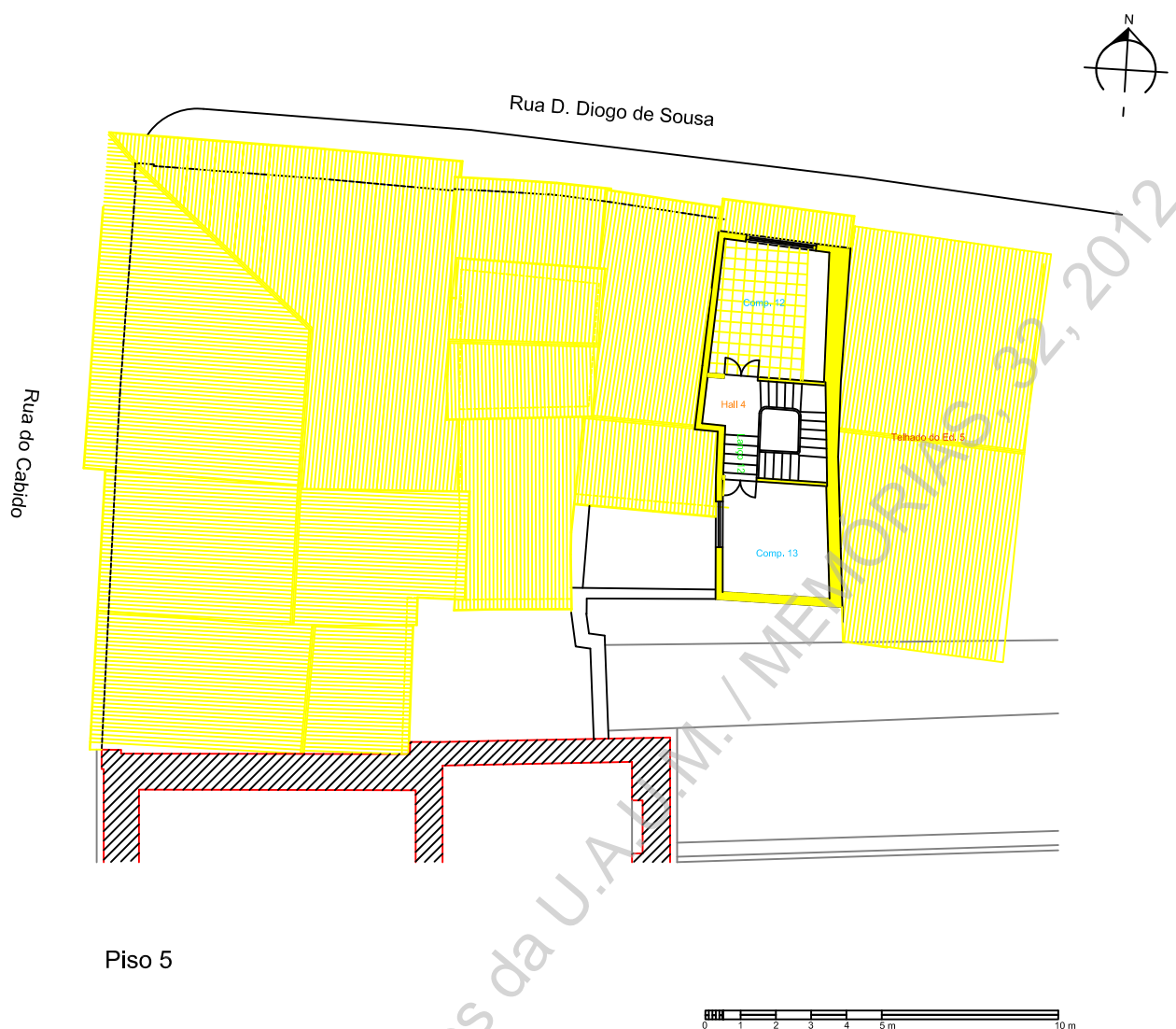
Esc. 1 : 200			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo			Planta do pré-existente - piso 3. Designação dos espaços no processo de pré-demolição	BRA04-DDS
Gabinete	31-01-2005	Pedro		



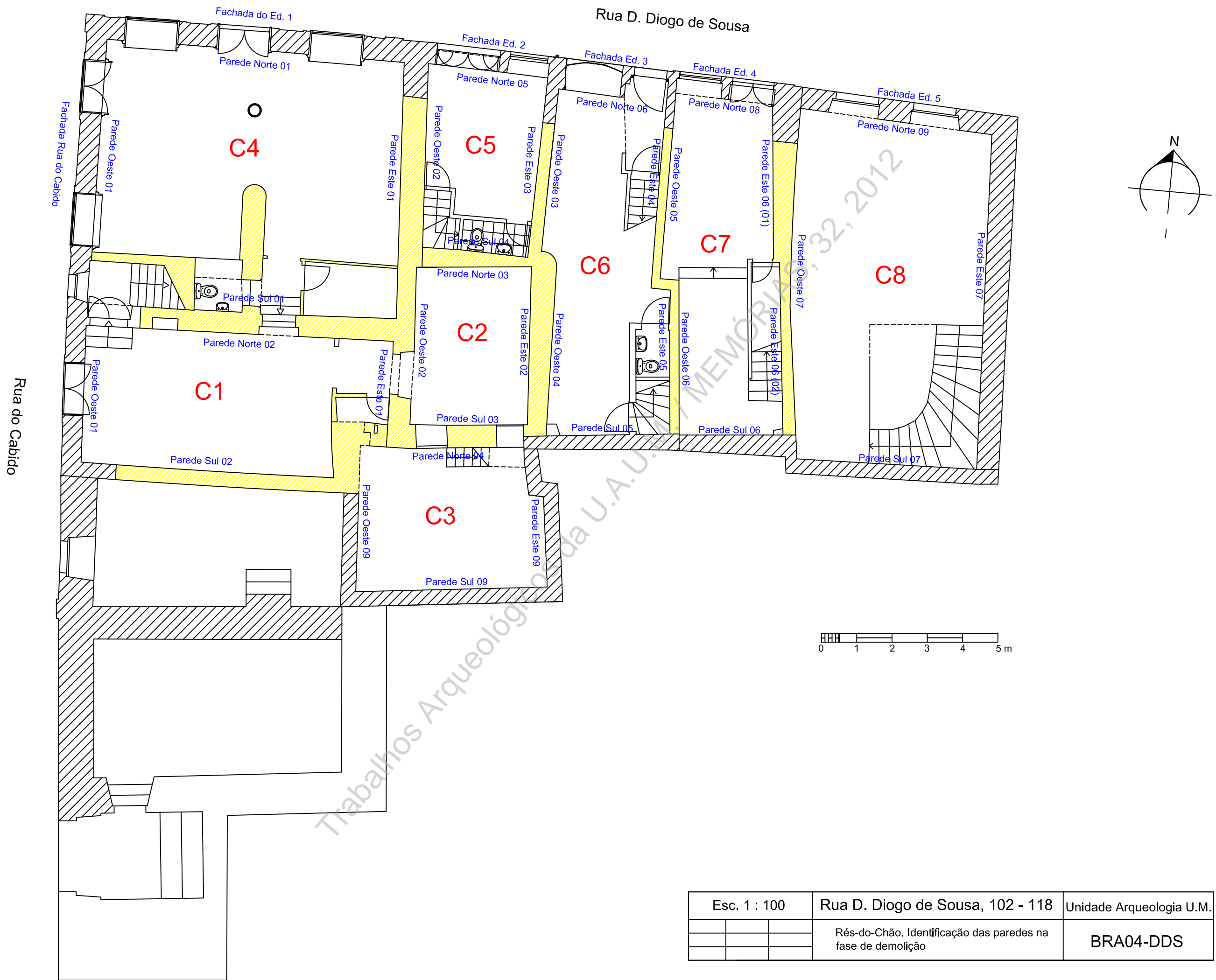
Esc. 1 : 200			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo			Planta do pré-existente - piso 4. Designação dos espaços no processo de pré-demolição	BRA04-DDS
Gabinete	31-01-2005	Pedro		

FIG. 8



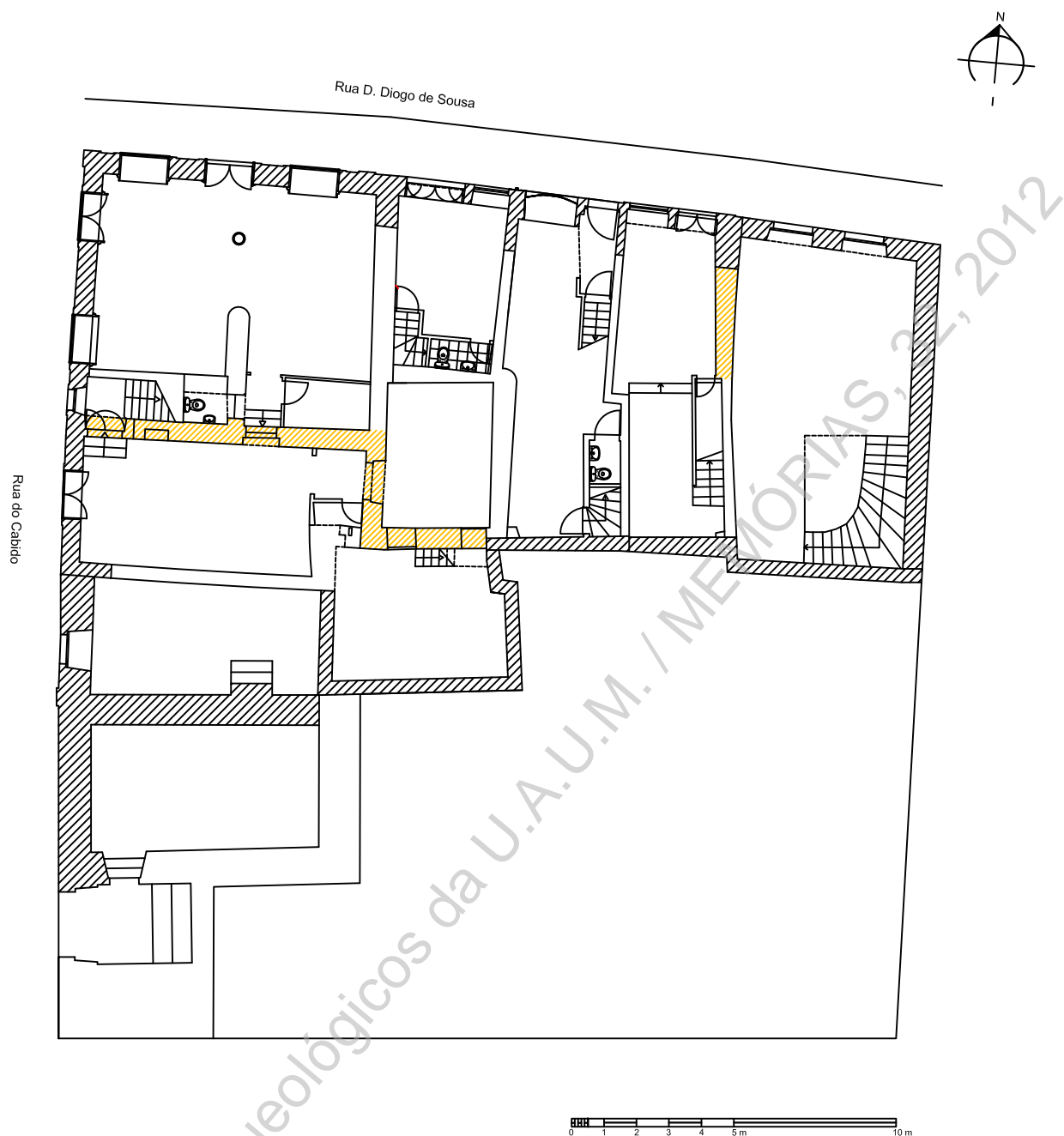


Esc. 1 : 200			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo			Planta do pré-existente - piso 5. Designação de espaços no processo de pré-demolição	BRA04-DDS
Gabinete	31-01-2005	Pedro		



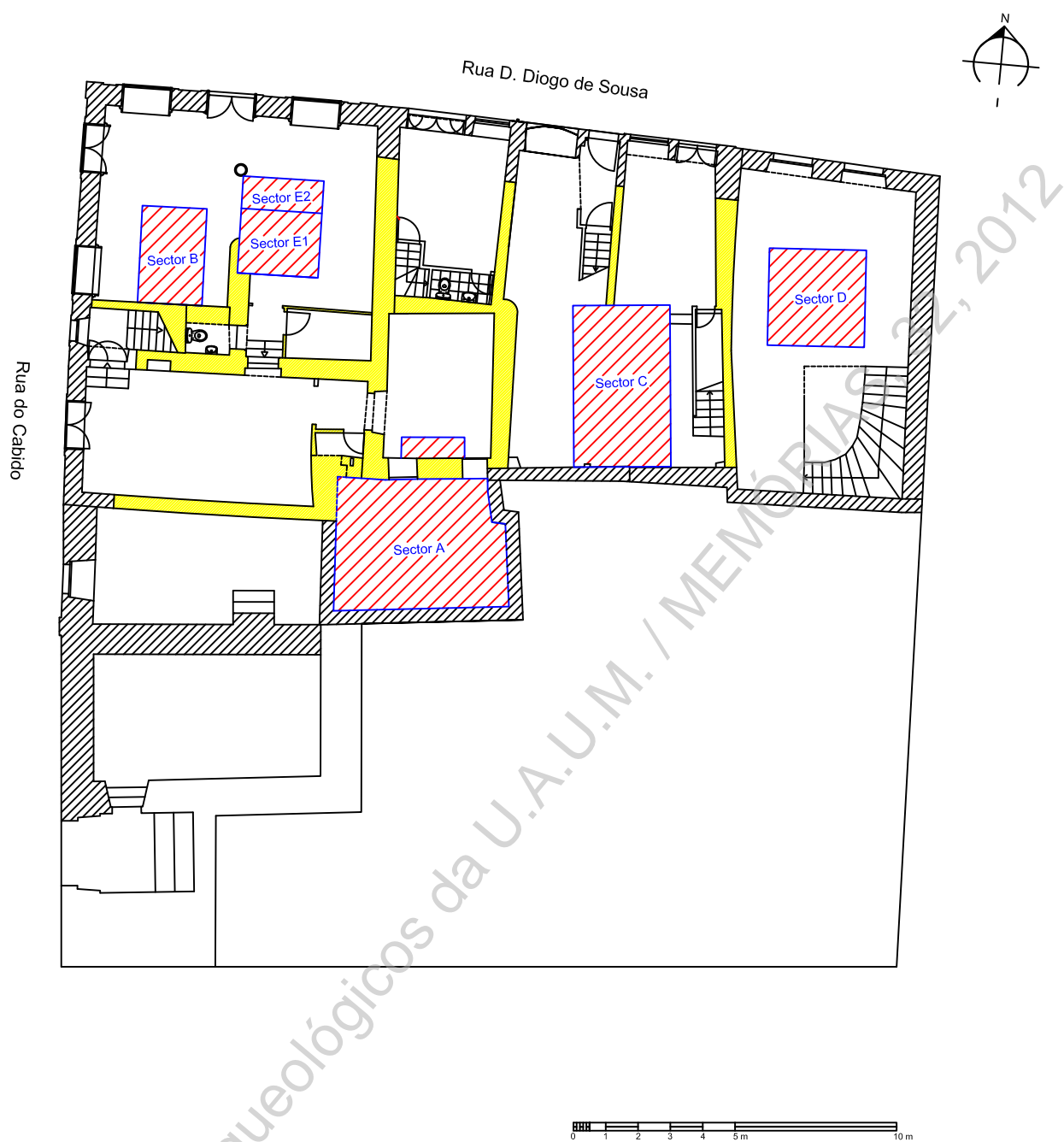
Esc. 1 : 100	Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
	Rés-do-Chão. Identificação das paredes na fase de demolição	BRA04-DDS

FIG.10



Esc. 1 : 200			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo			Fachadas que o IPPAR pretendia conservar	BRA04-DDS
Gabinete	31-01-2005	Pedro		

FIG.11



Esc. 1 : 200			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo			Planta de Localização dos Sectores Escavados	BRA04-DDS
Gabinete				

FIG.12

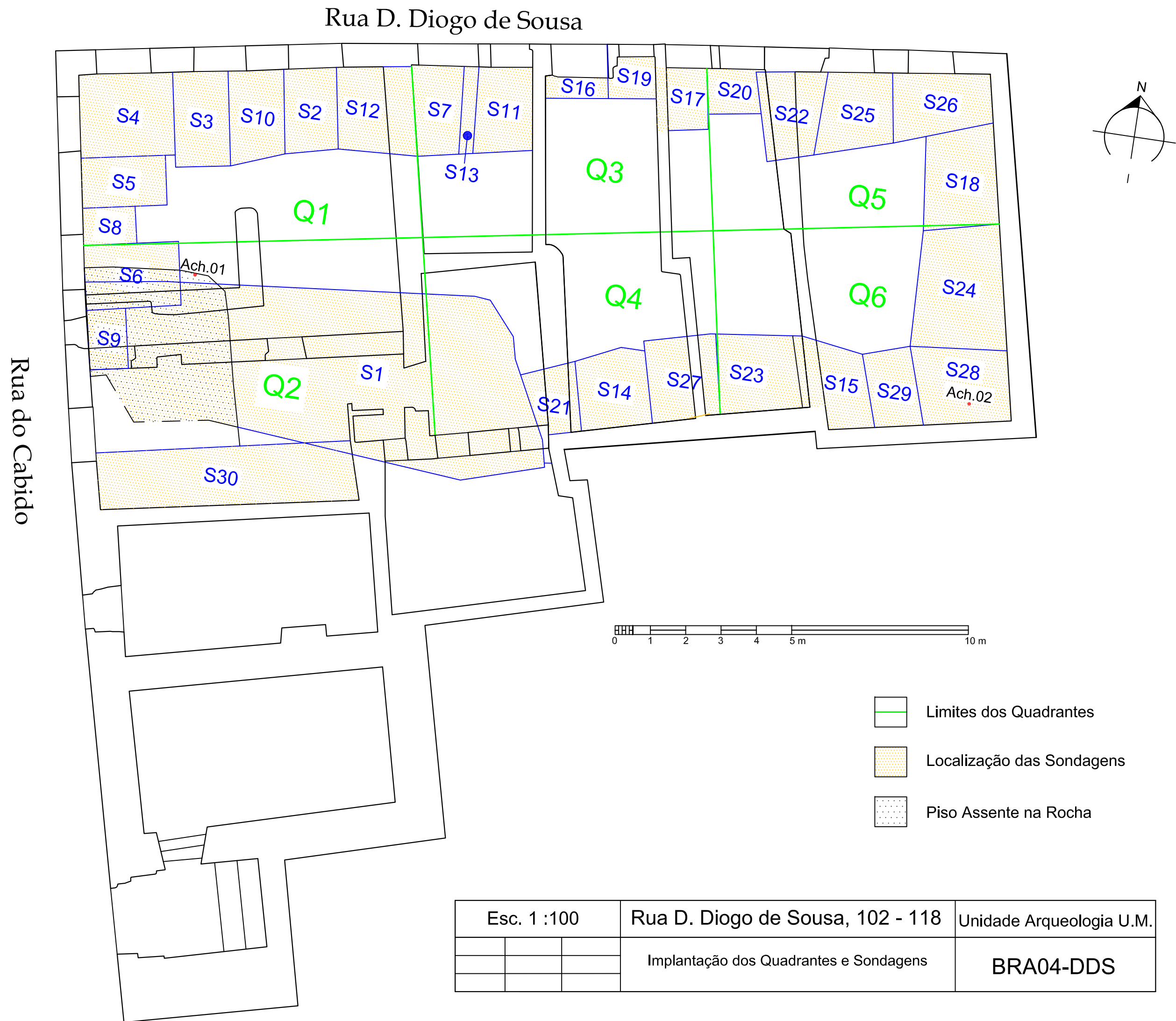
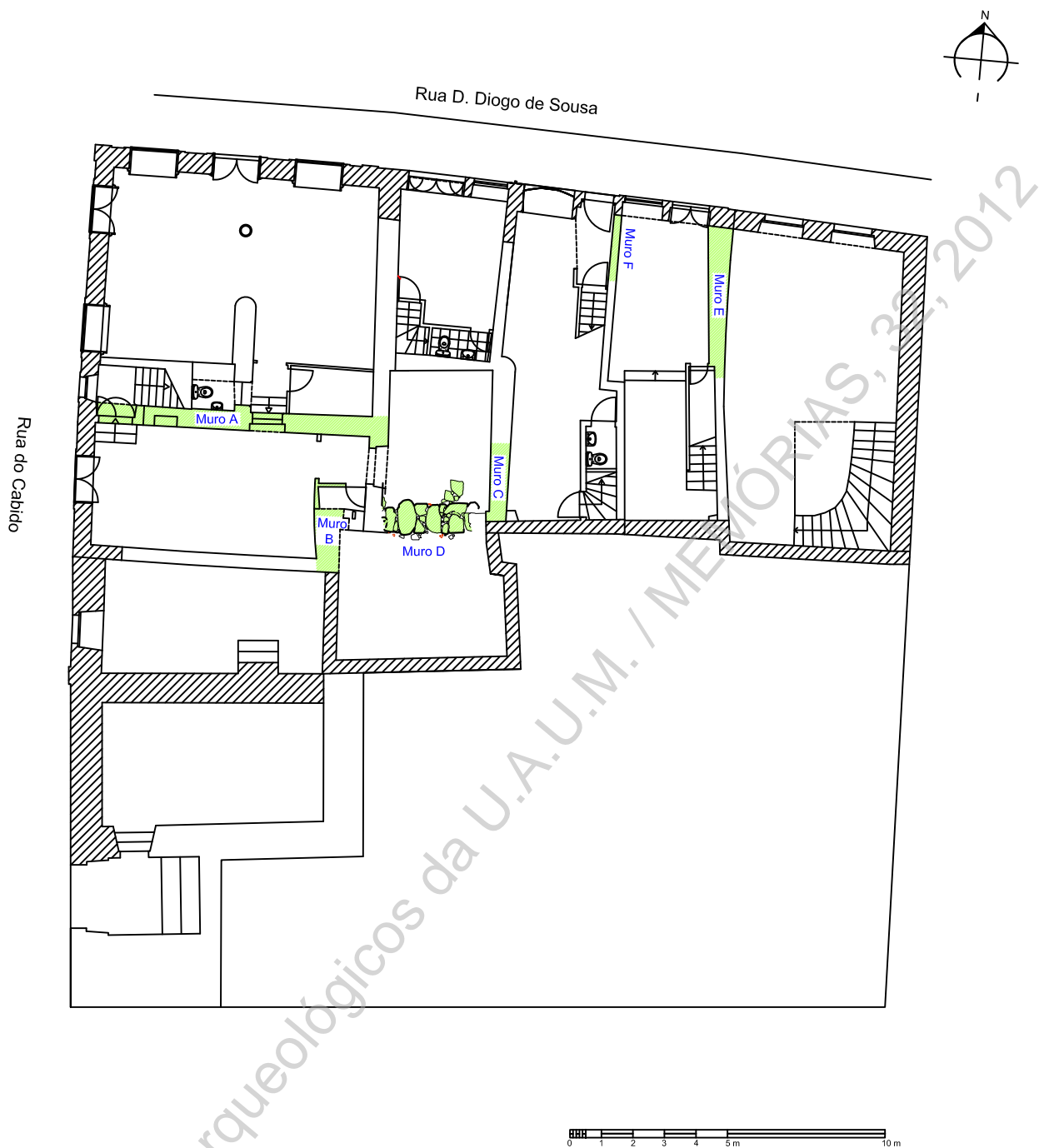
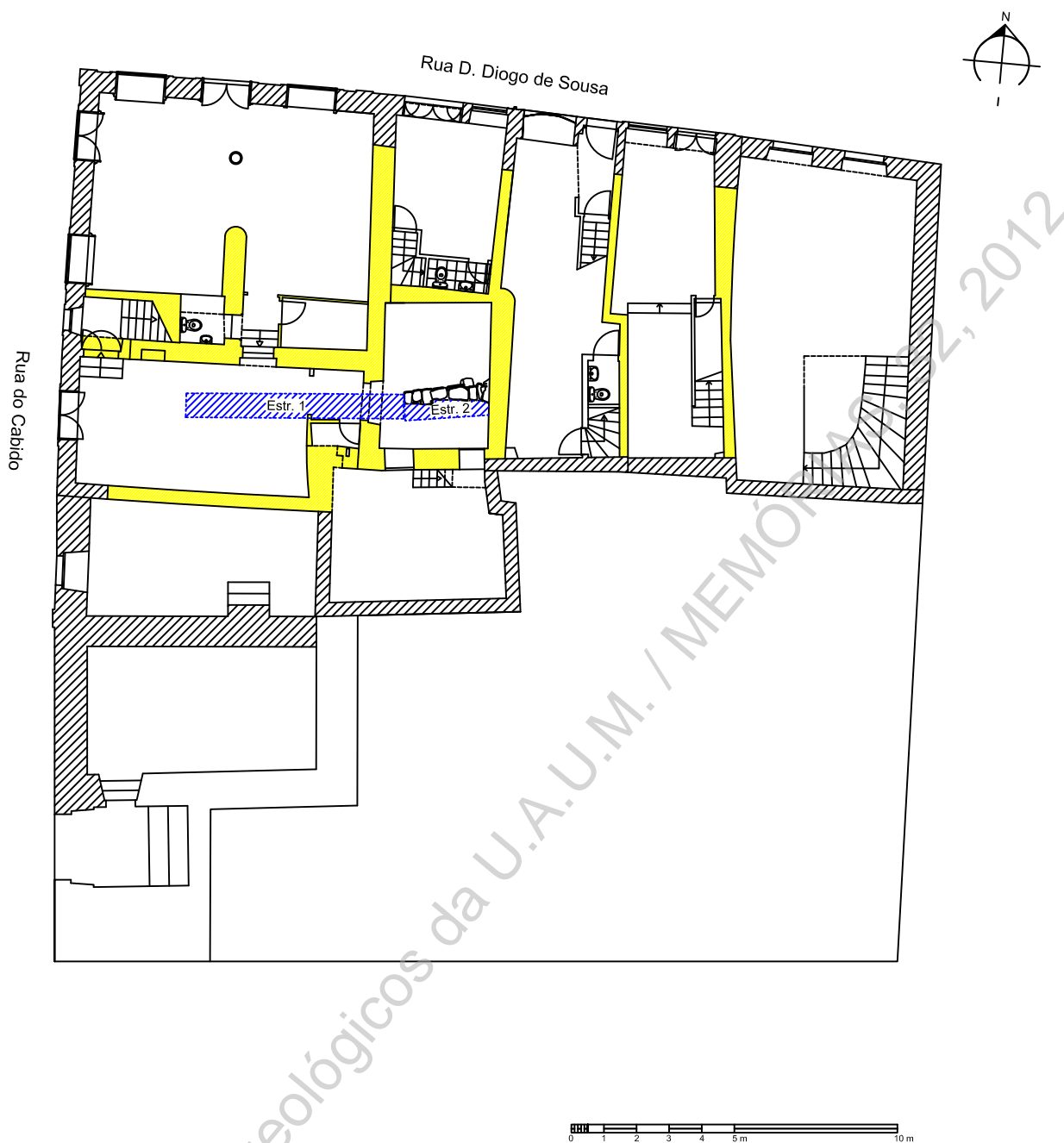


FIG.13



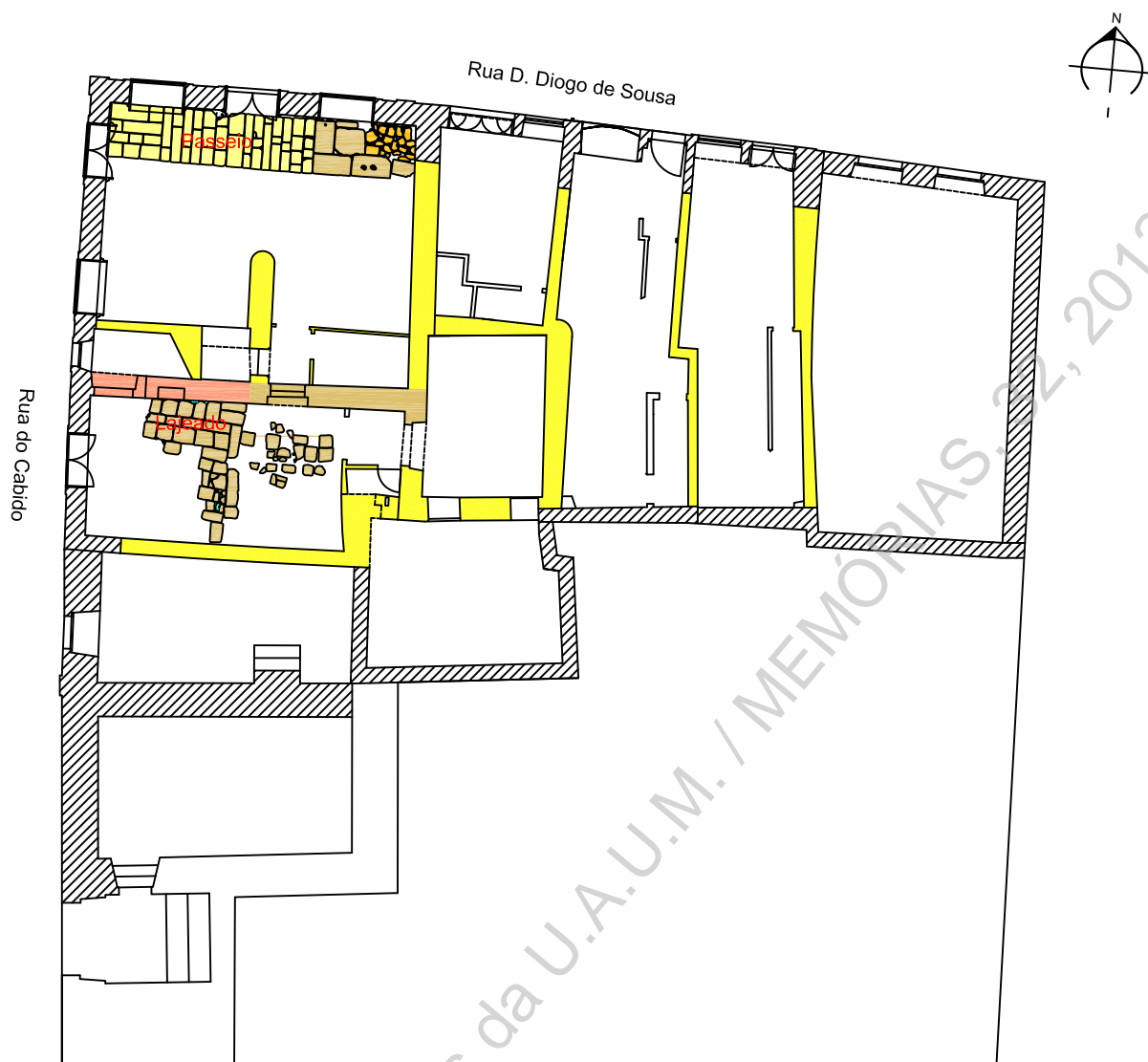
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo			Designação de alguns muros atribuída na fase de acompanhamento	BRA04-DDS
Gabinete	31-01-2005	Pedro		



 Estruturas medievais identificadas na fase do acompanhamento

Esc. 1 : 200			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo			Planta geral com estruturas medievais	BRA04-DDS
Gabinete	02-02-2005	Pedro		





- Paramento de muro anterior ao Séc. XVI ?
- Estruturas do Séc. XVI ?
- Tramo de passeio de finais do Séc. XVII / inícios do XVIII ?
- Empedado do Séc. XIX / XX ?

Esc. 1 : 200			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo			Estruturas exumadas durante a fase de demolições	BRA04-DDS
Gabinete	02-02-2005	Pedro		

FIG.16





Fig. 4 - Torreão da Quinta do Fajal

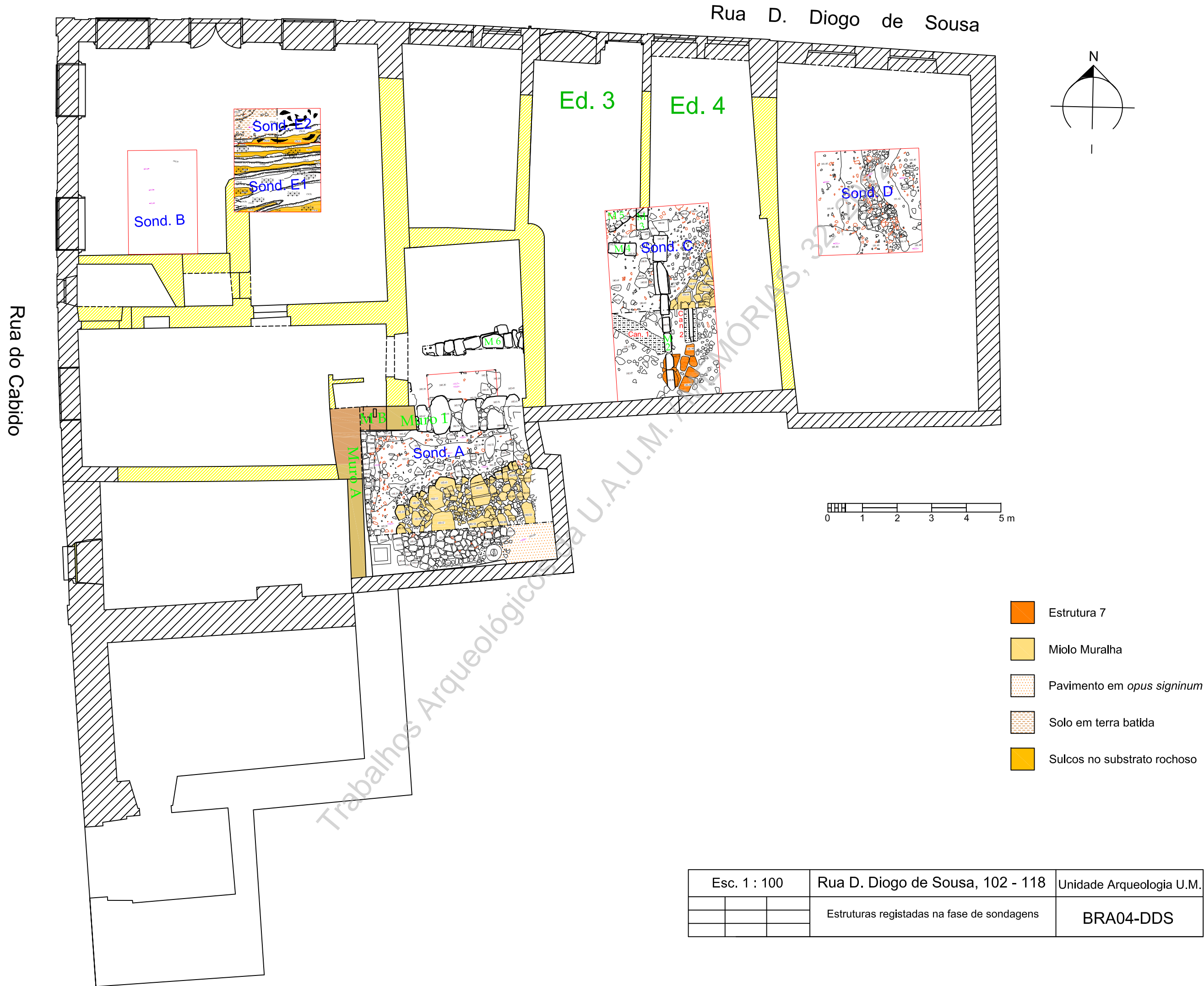
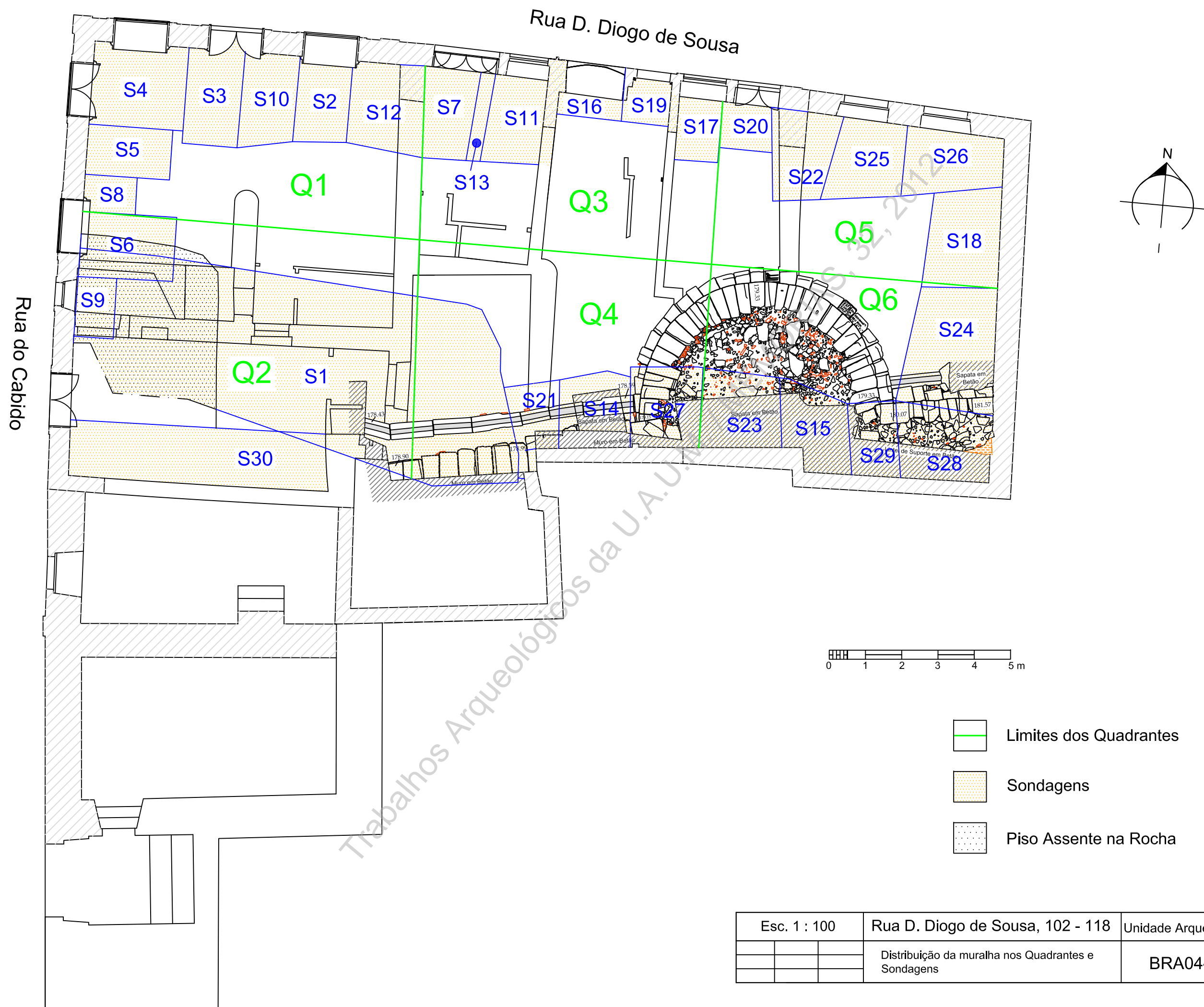
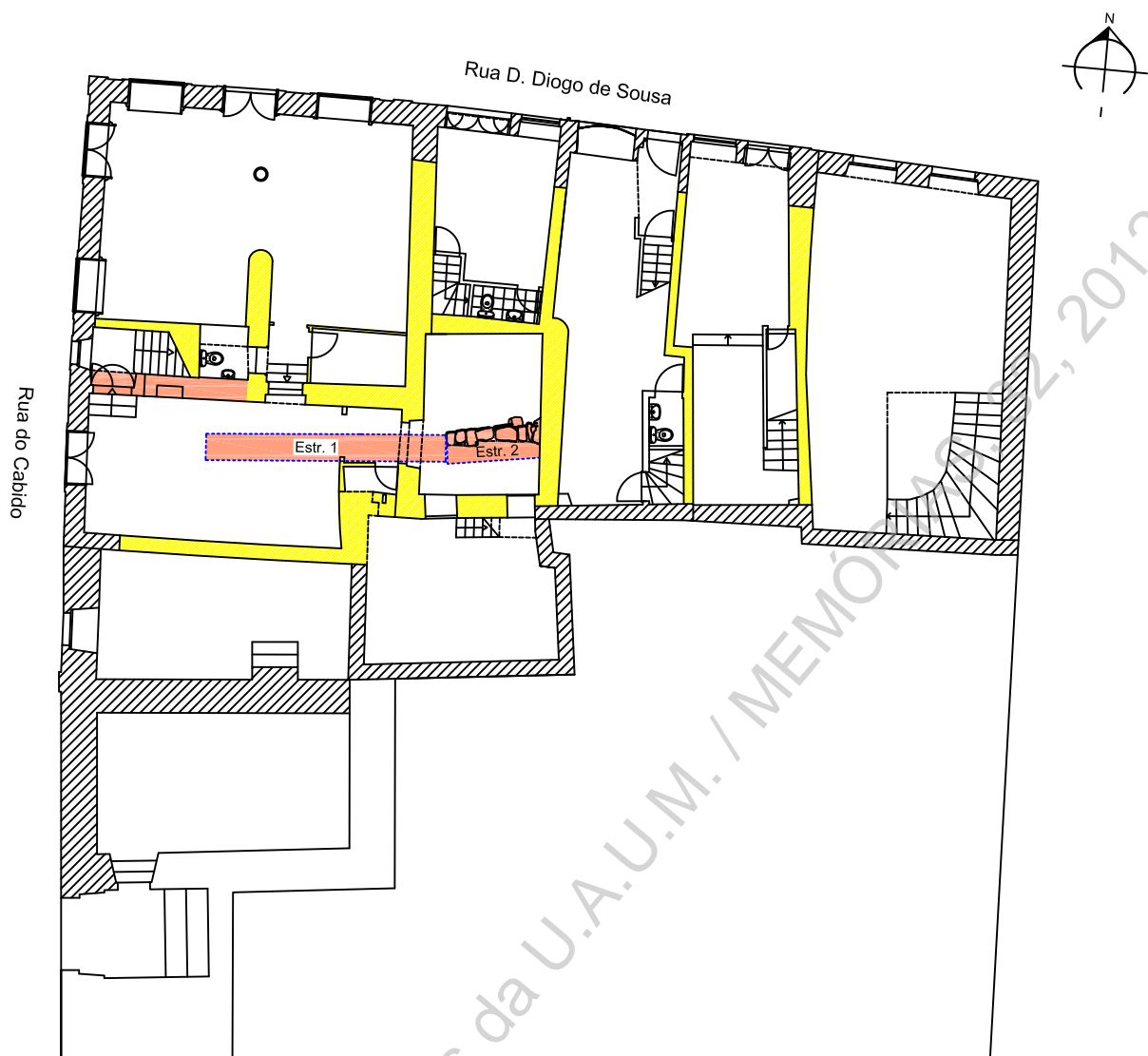


FIG.18



Esc. 1 : 100	Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
	Distribuição da muralha nos Quadrantes e Sondagens	BRA04-DDS

FIG.19

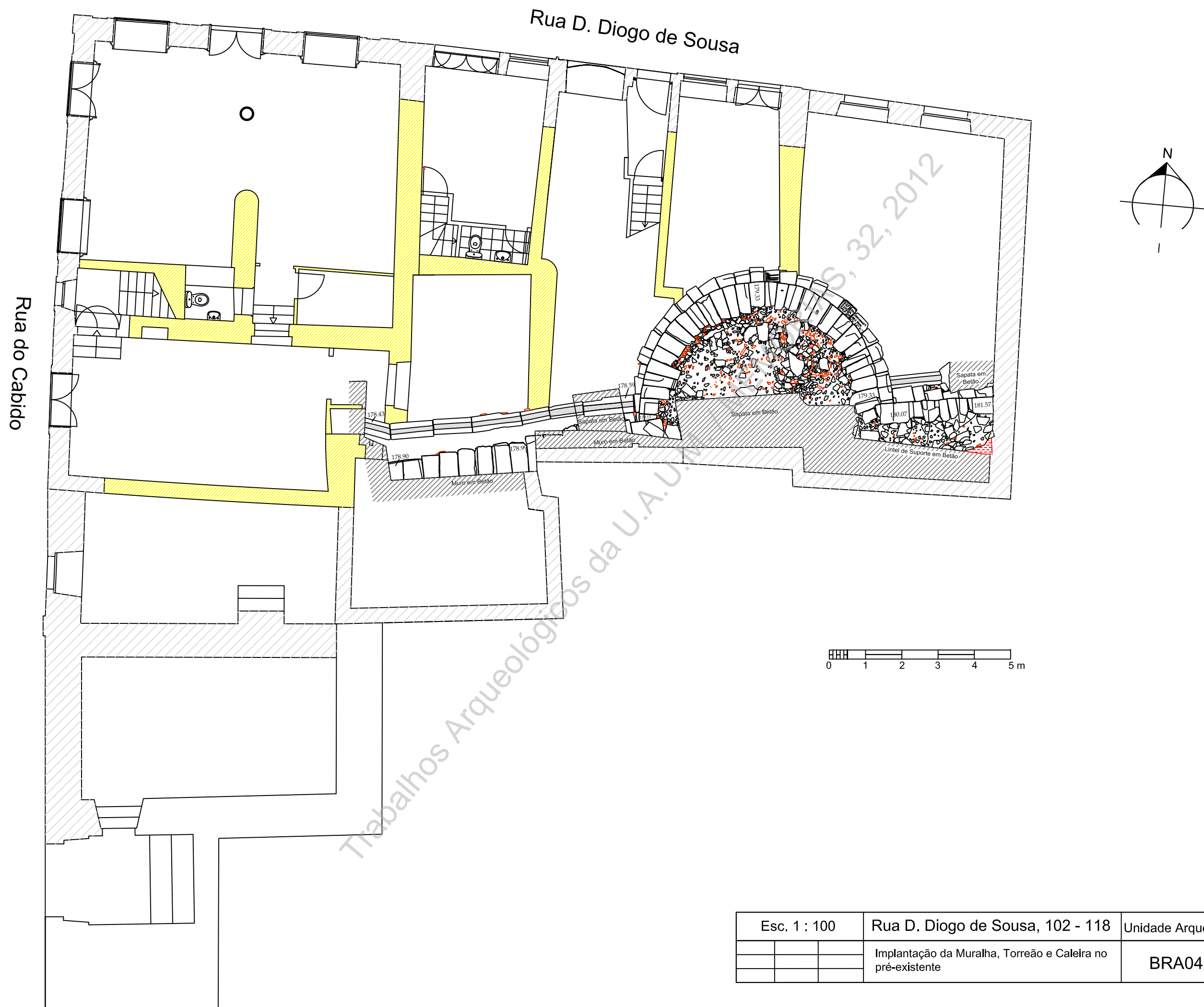


■ Estruturas anteriores ao Século XVI

Esc. 1 : 200			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo			Planta geral com estruturas anteriores ao Séc. XVI	BRA04-DDS
Gabinete	02-02-2005	Pedro		

FIG. 20





Esc. 1 : 100	Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
	Implantação da Muralha, Torreão e Caleira no pré-existente	BRA04-DDS

FIG. 21

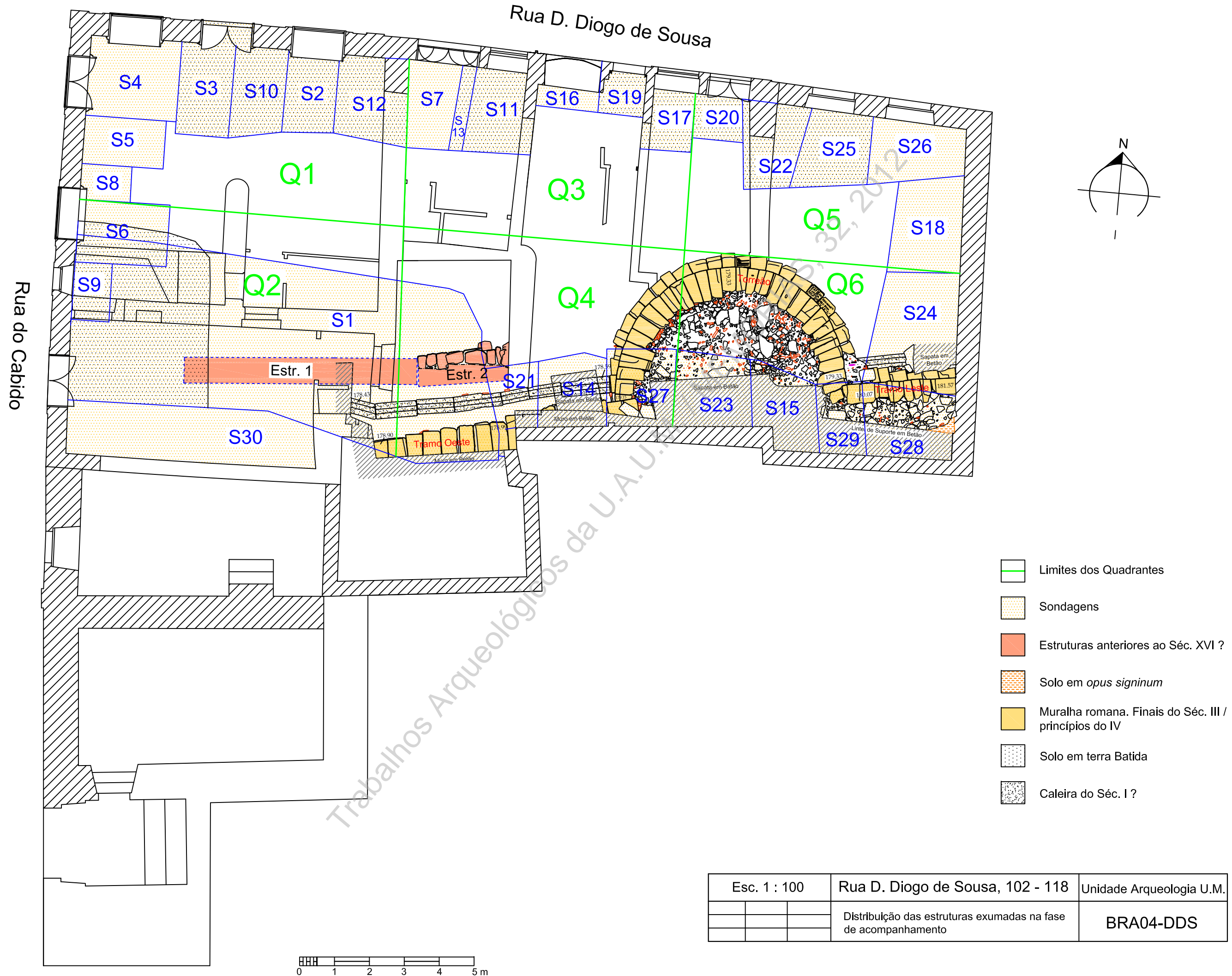
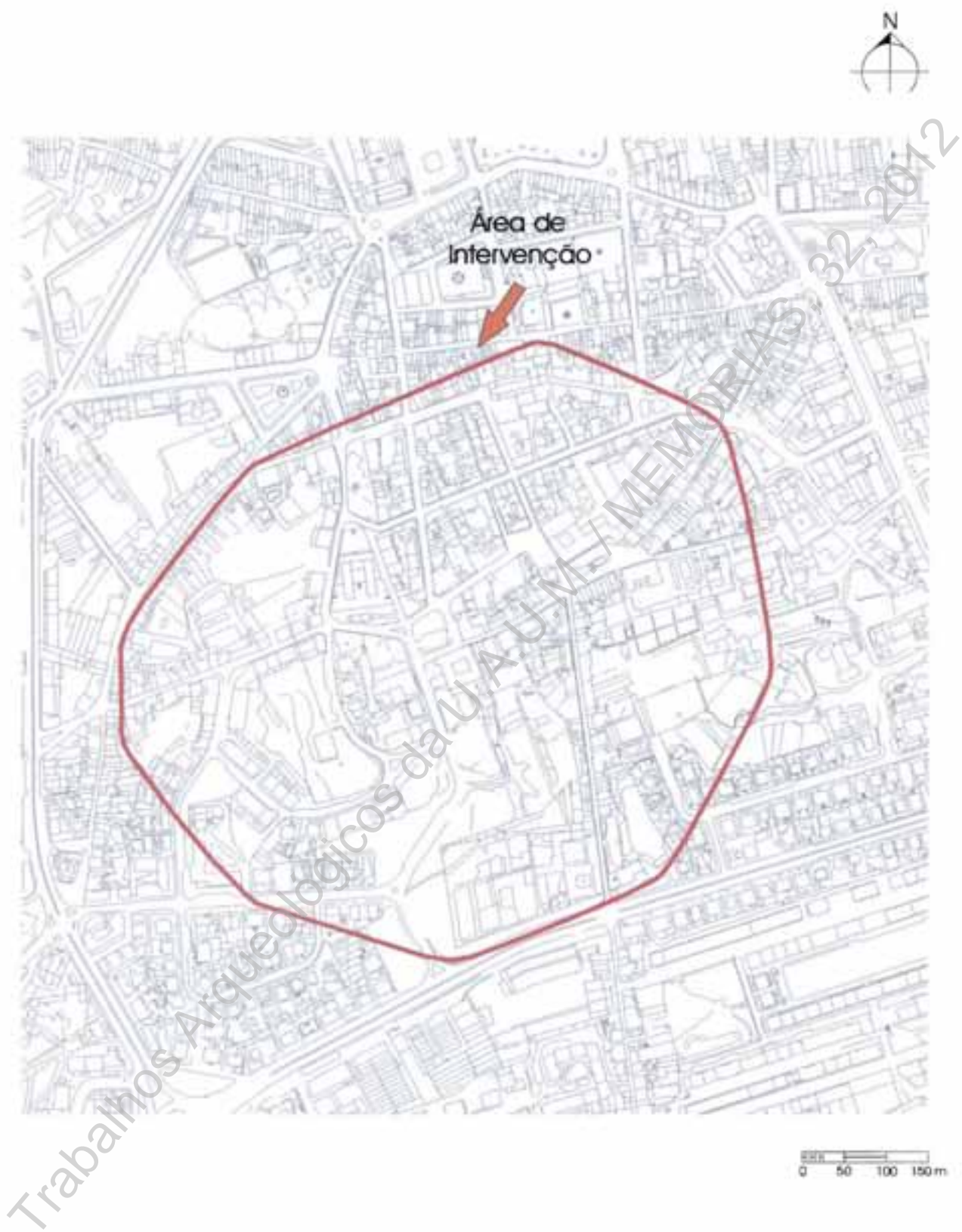


FIG. 22



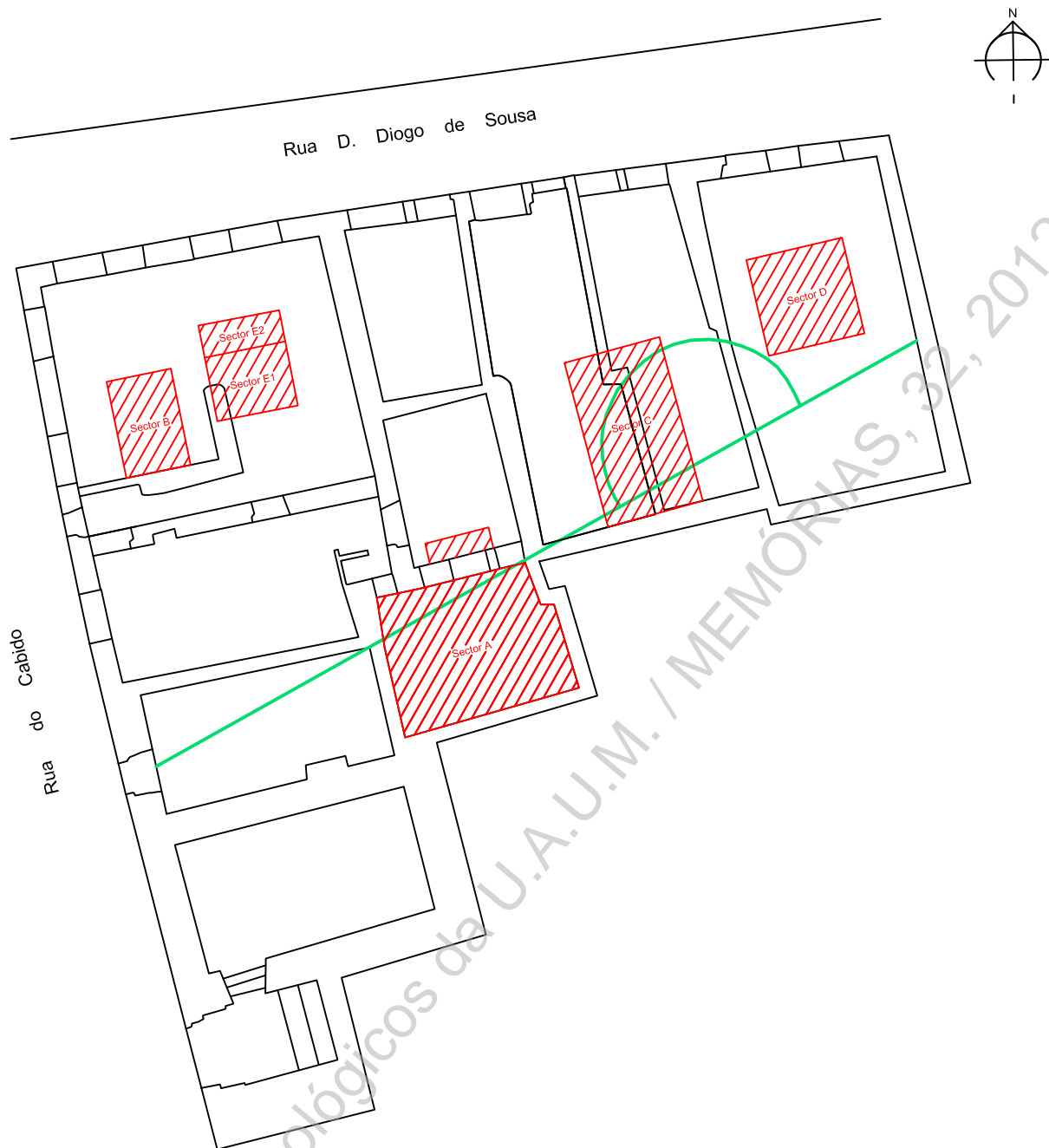
Possível traçado da Muralha Romana com indicação da Zona de Intervenção





Proposta do traçado da Muralha com base nesta intervenção, na da Torre da Senhora da Glória e na da Rua D. Paio Mendes





Esc. 1 : 200	Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
	Implantação das sondagens e do traçado da Muralha	BRA04-DDS

FIG. 25

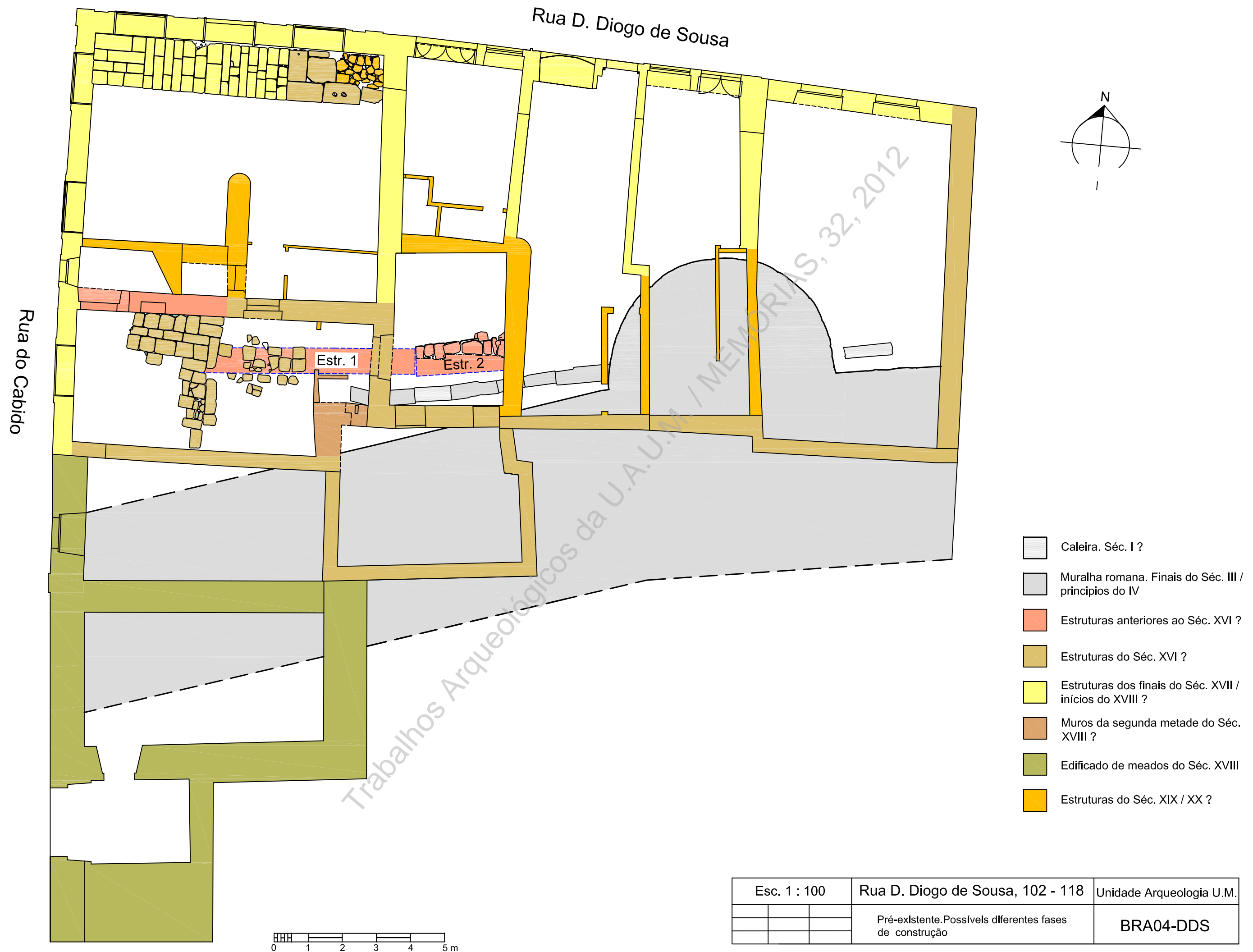


FIG. 26



Imagem retirada do Mapa das Ruas de Braga de 1750. Fachada do edificado ora intervencionado na actual Rua D. Diogo de Sousa

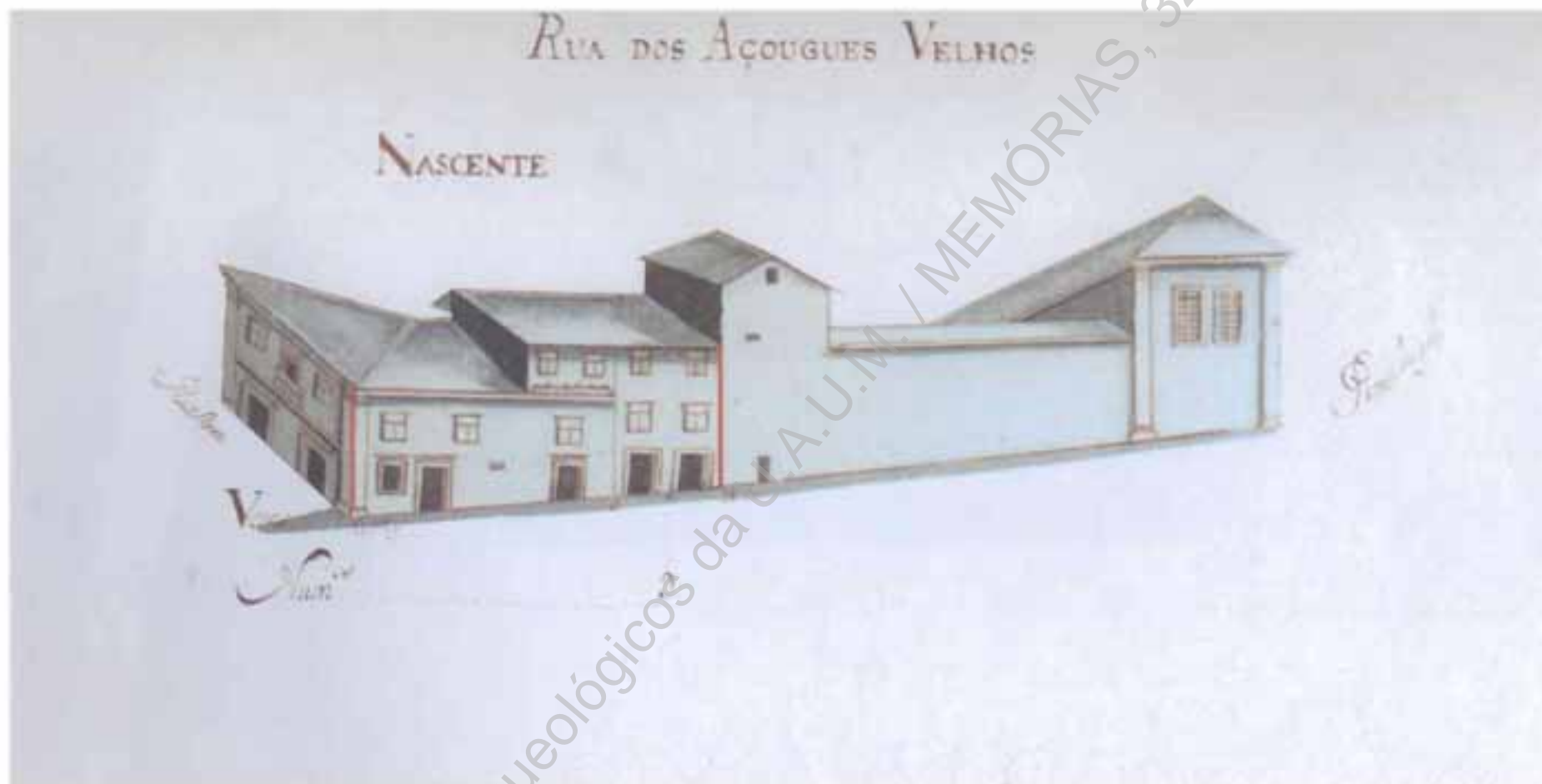
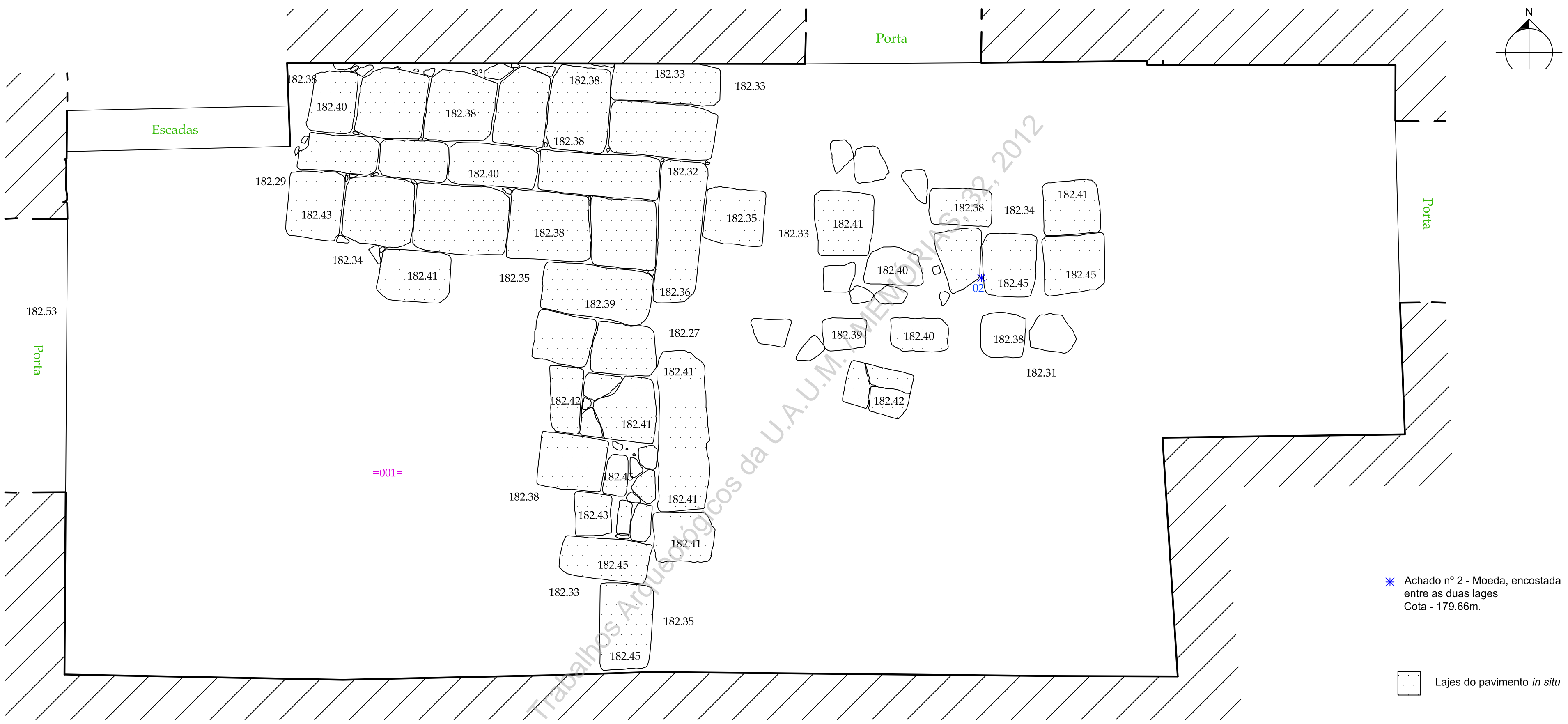


Imagem retirada do Mapa das Ruas de Braga de 1750. Fachada do edificado ora intervencionado na actual Rua do Cabido.

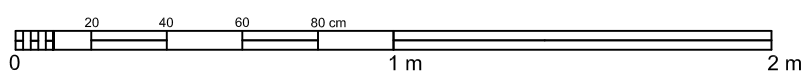
# **REGISTOS NA FASE DE DEMOLIÇÃO**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012



\* Achado nº 2 - Moeda, encostada entre as duas lajes  
Cota - 179.66m.

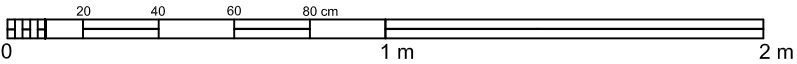
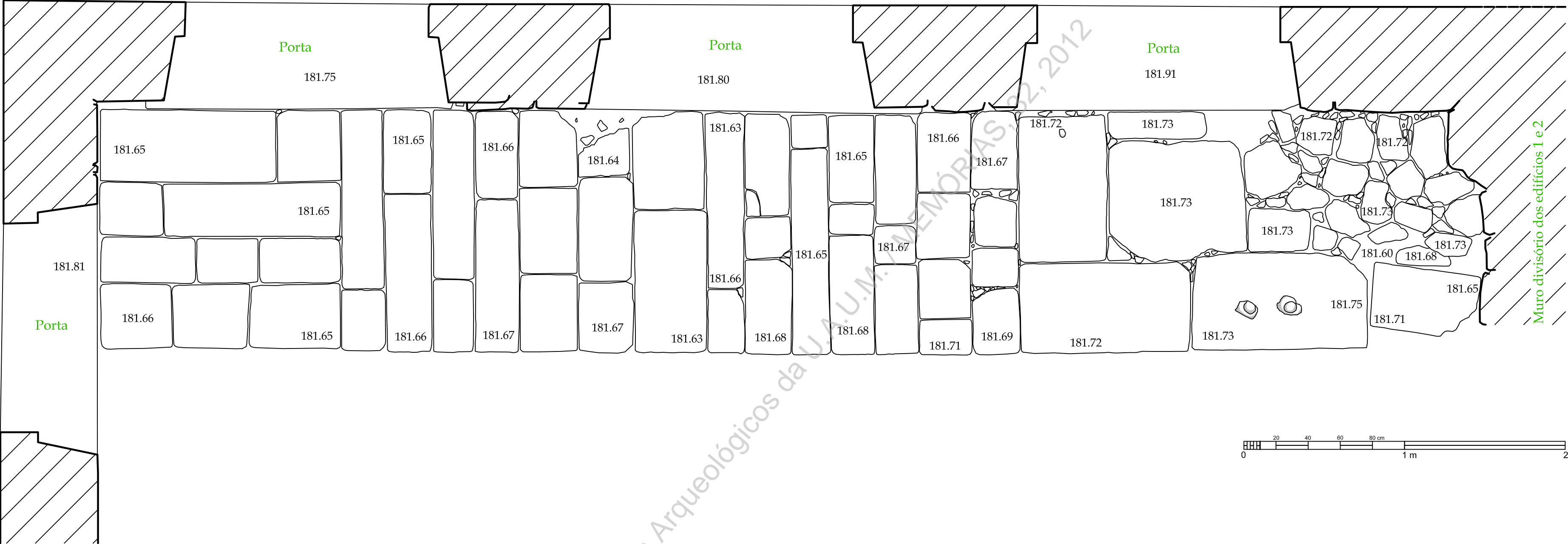
□ Lajes do pavimento *in situ*



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	18-06-2003	Fallénima	Ed.1-Comp.2 Lev. do Lajeado	BRA03-DDS-ED1
Gabinete	11-01-2005	Pedro		

Rua do Cabido

Rua D. Diogo de Sousa



Orificio

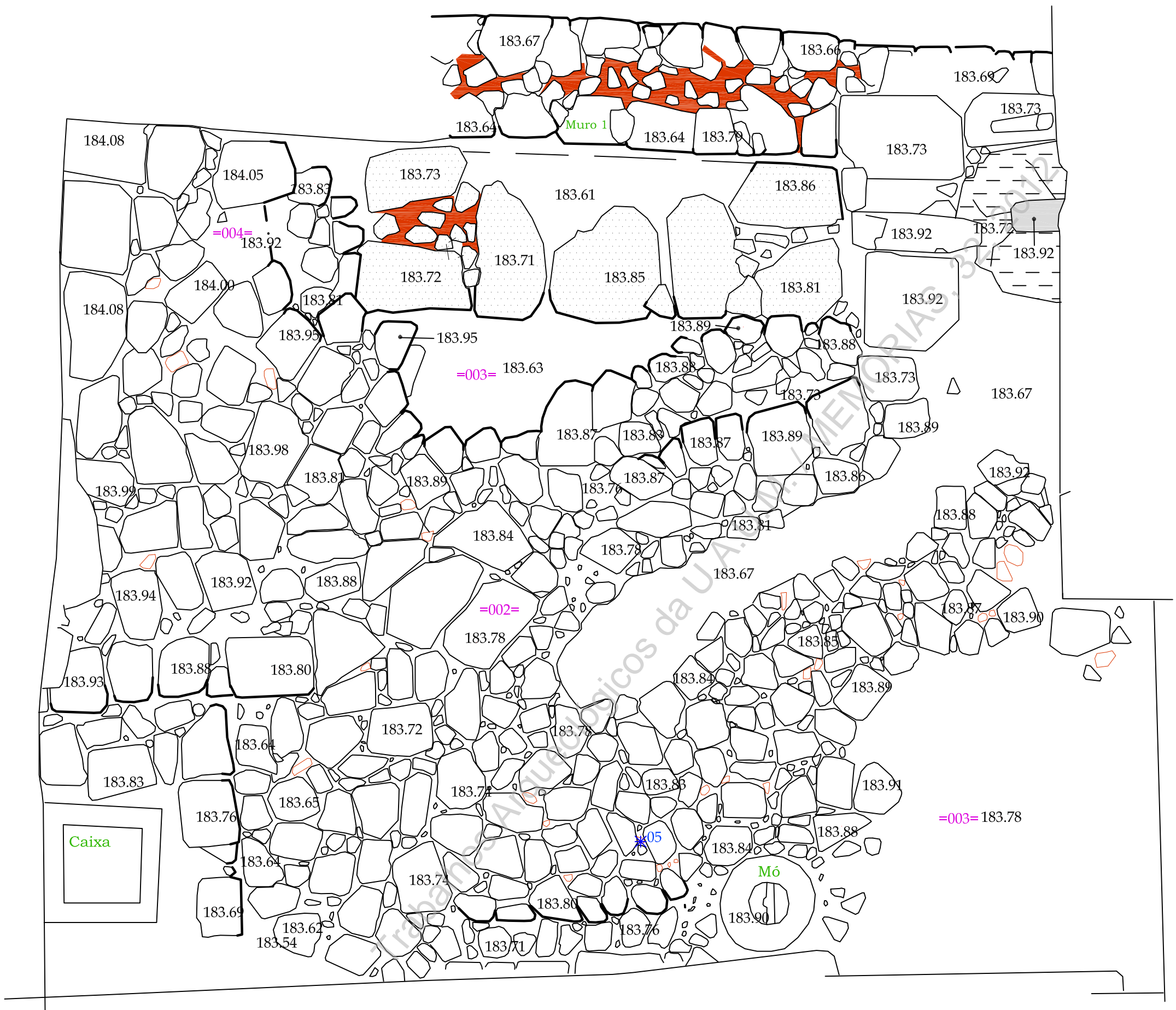
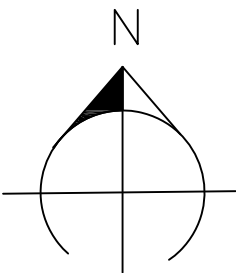
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	16-06-2003	Felismina	Ed.1 - Comp.4 Lev. do Lajeado	BRA03-DDS-ED1
Gabinete	13-01-2005	Pedro		

# **REGISTOS NA FASE DE ESCAVAÇÃO**

## **SECTOR A**

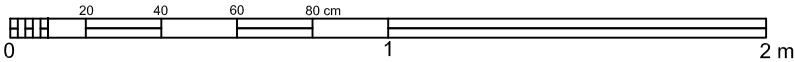
Trabalhos Arqueológicos da U.F.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012



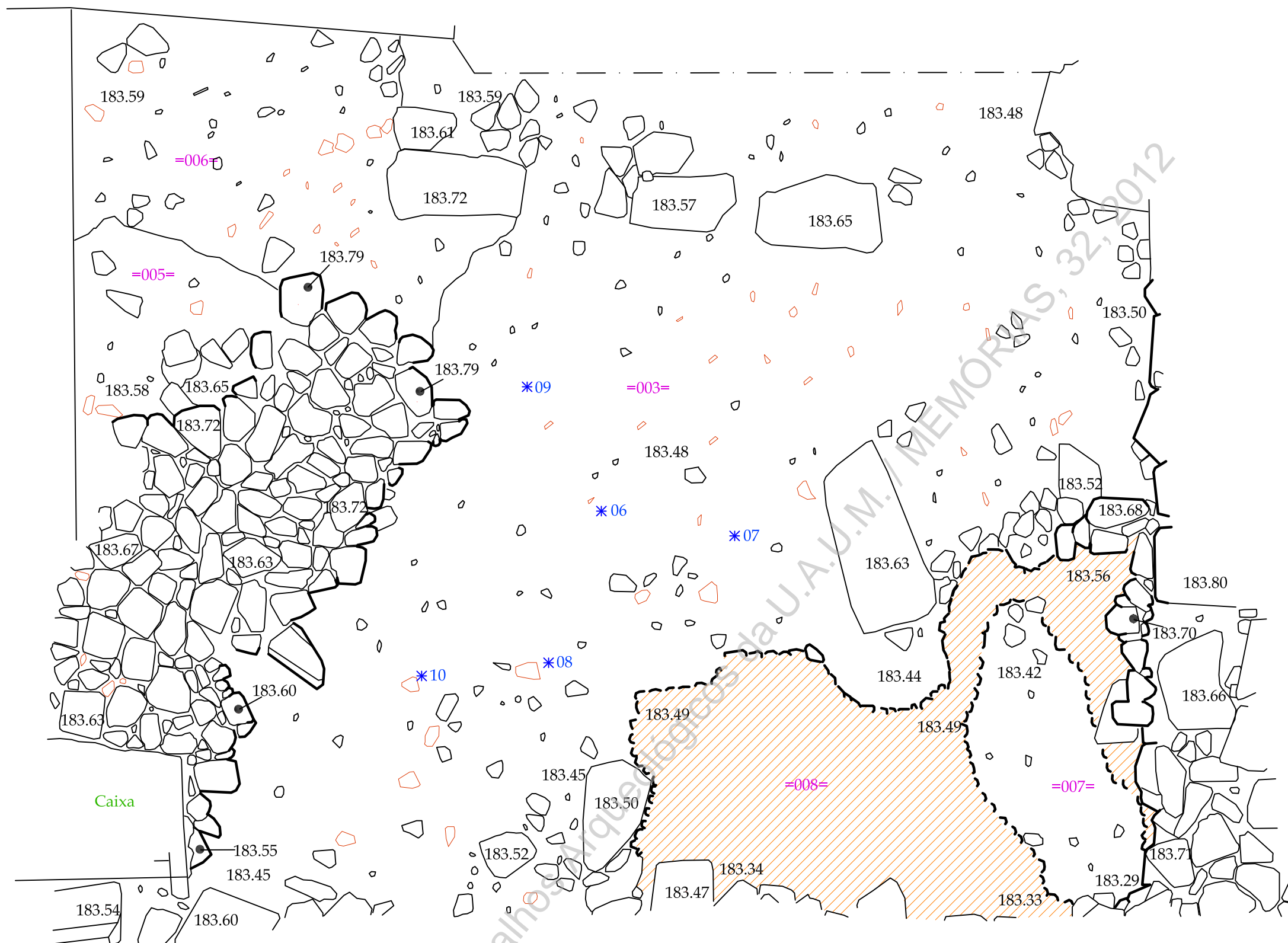
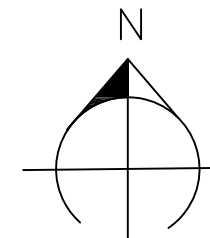


\* Achado nº 5 - Moeda, encontrada na calçada.  
Cota - 179.66m.


- Canalização moderna
- Alicerce de escadaria
- Argamassa

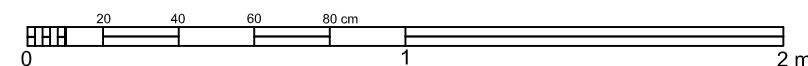


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	25-06-2003	Felismina	Sector A Lev. 1	BRA03-DDS-A
Gabinete	12-12-2003	J. Folhento		

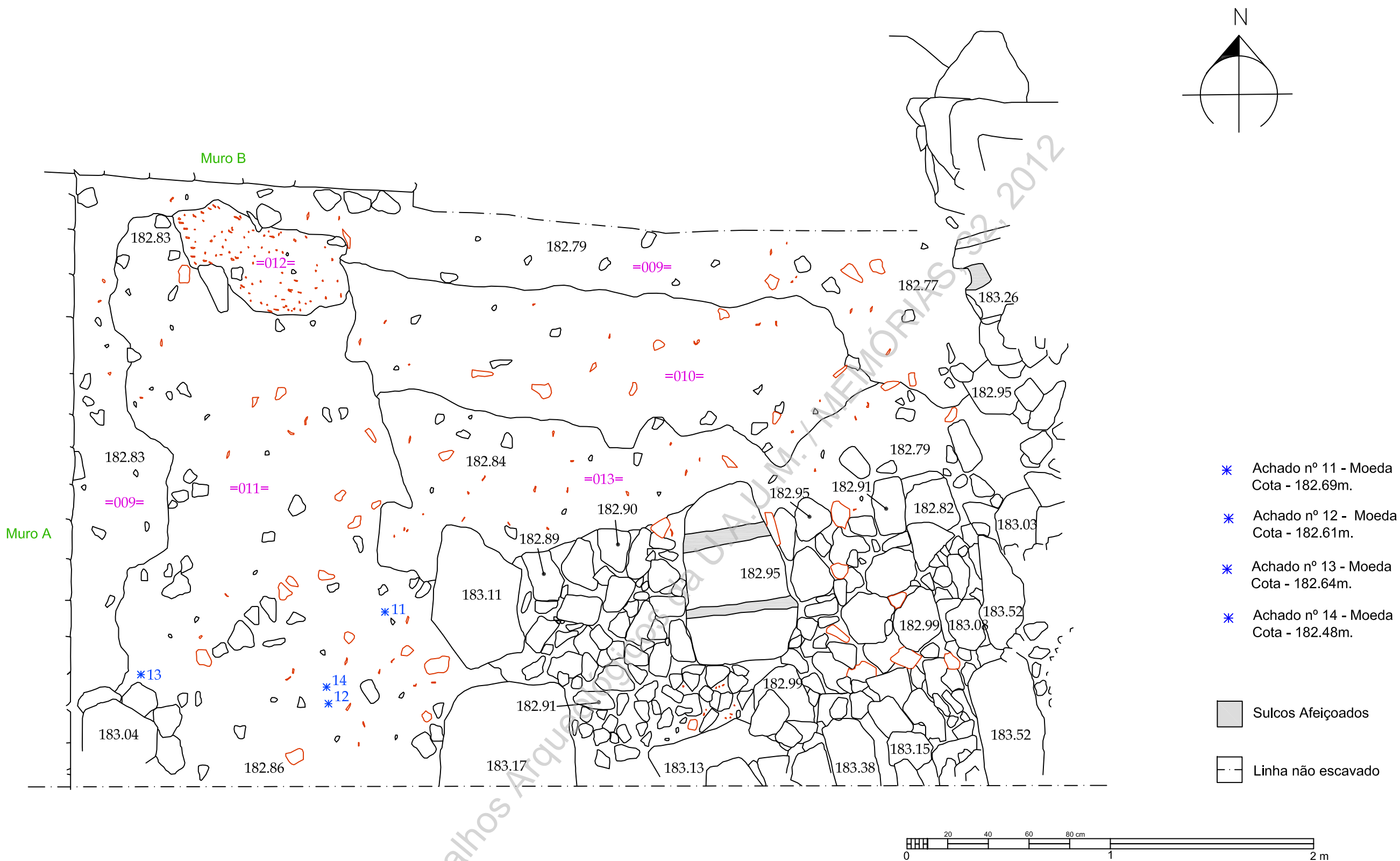


- \* Achado nº 6 - Moeda  
Cota - 183.58m.
- \* Achado nº 7 - 2 Moedas  
Cota - 183.28m.
- \* Achado nº 8 - Moeda  
Cota - 183.28m.
- \* Achado nº 9 - 3 Moedas  
Cota - 183.08m.
- \* Achado nº 10 - Moeda  
Cota - 183.08m.

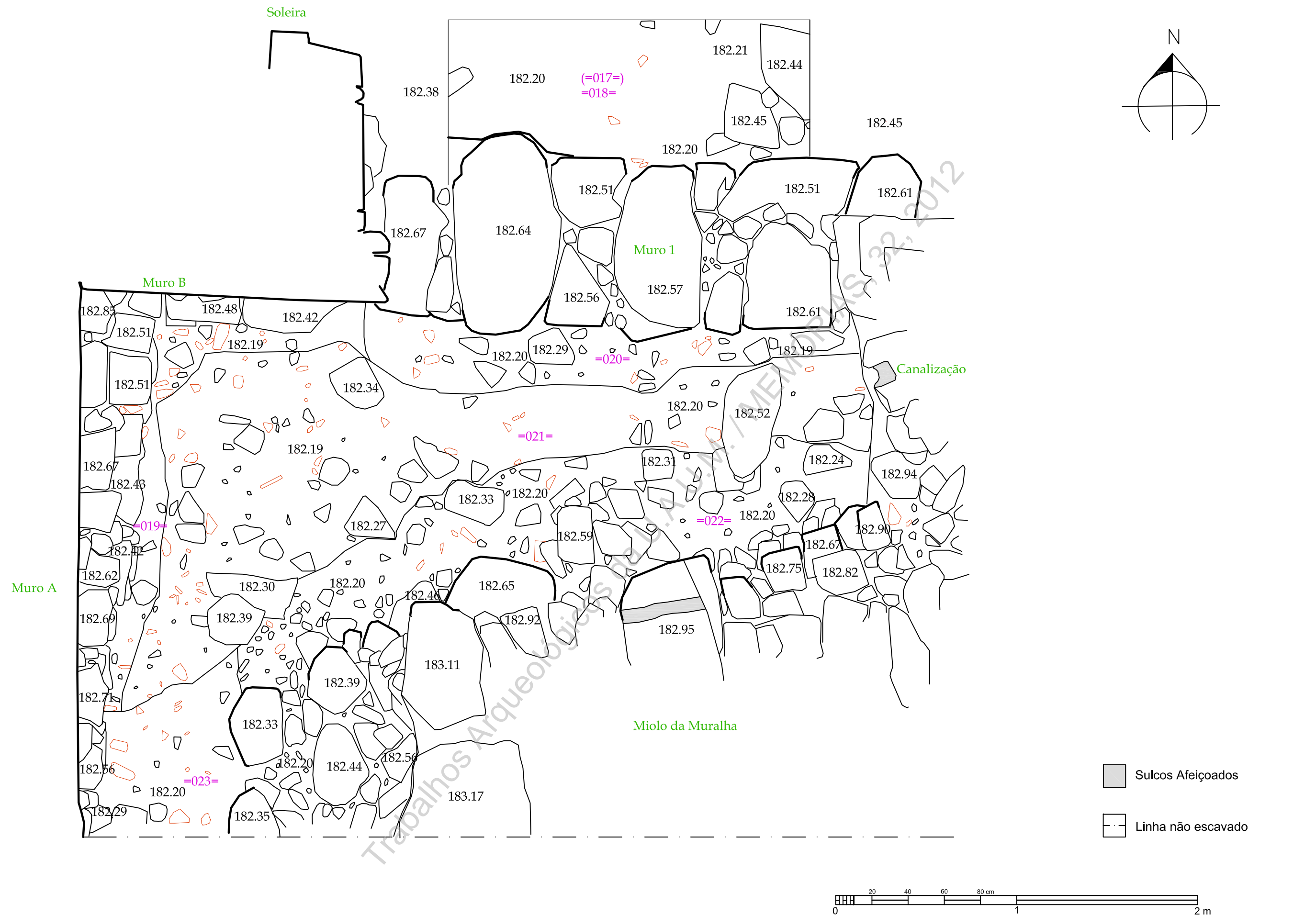
 Pavimento de *opus signinum*



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	07-07-2003	Felismina	Sector A Lev. 2	BRA03-DDS-A
Gabinete	12-12-2003			

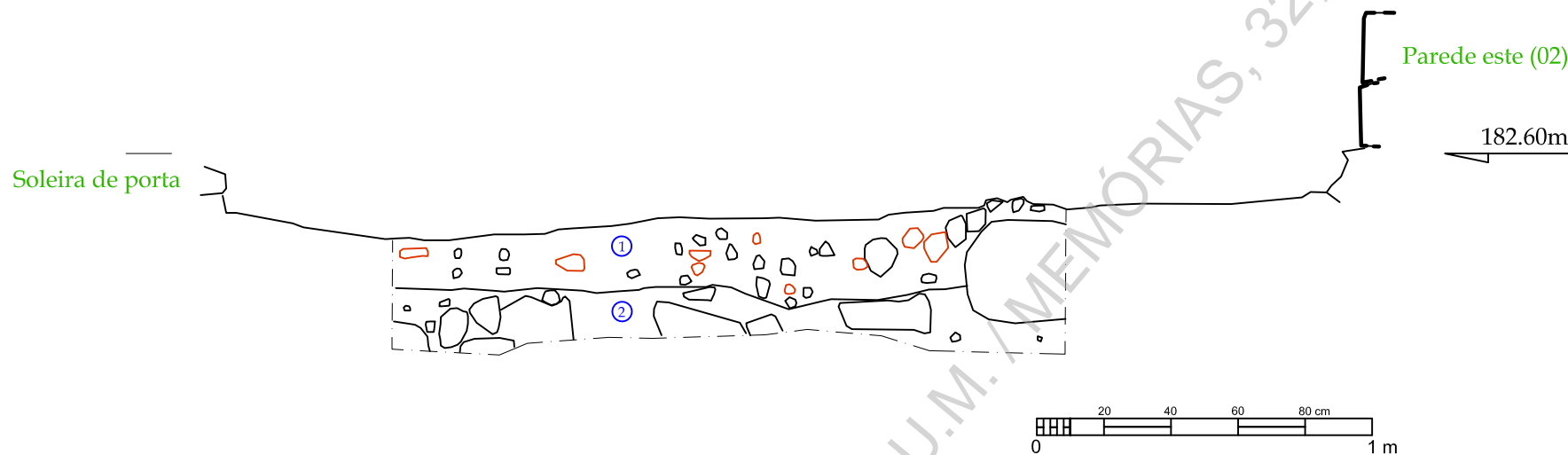


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	11-07-2003	Felismina	Sector A Lev. 3	BRA03-DDS-A
Gabinete	19-12-2003	J. Folhento		

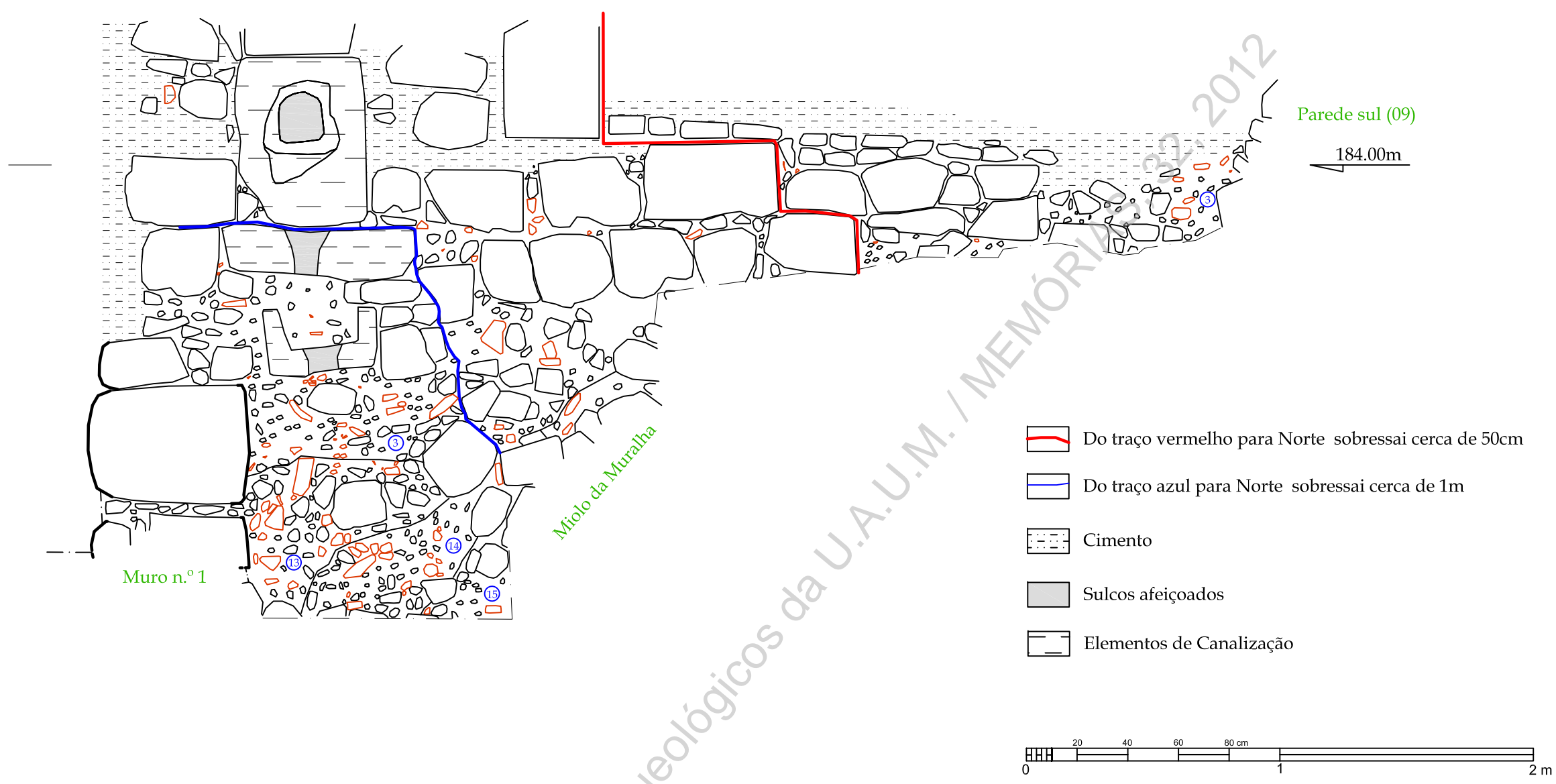


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	28-07-2003	Eurico	Sector A Plano 1	BRA03-DDS-A
Gabinete	20-01-2005	Pedro		



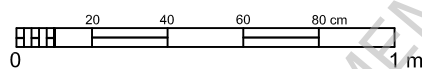
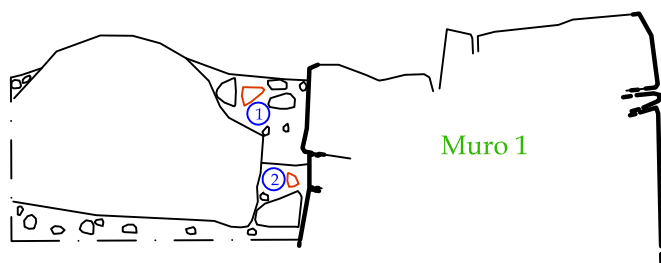


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	20-11-2003	Jorge	Sector A Perfil Norte	BRA03-DDS-A
Gabinete	30-12-2003	J.Folhento		

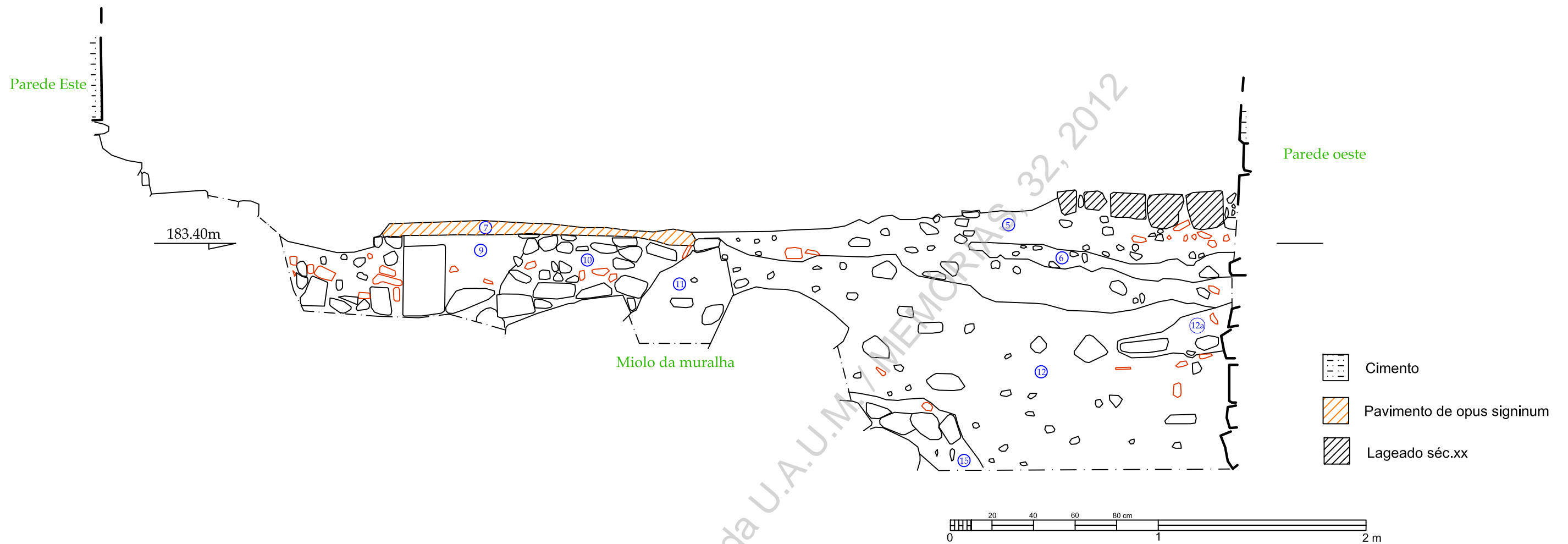


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	12-10-2003	Eurico	Sector A Perfil Este e parede Este	BRA03-DDS-A
Gabinete	25-01-2005			

182.70m

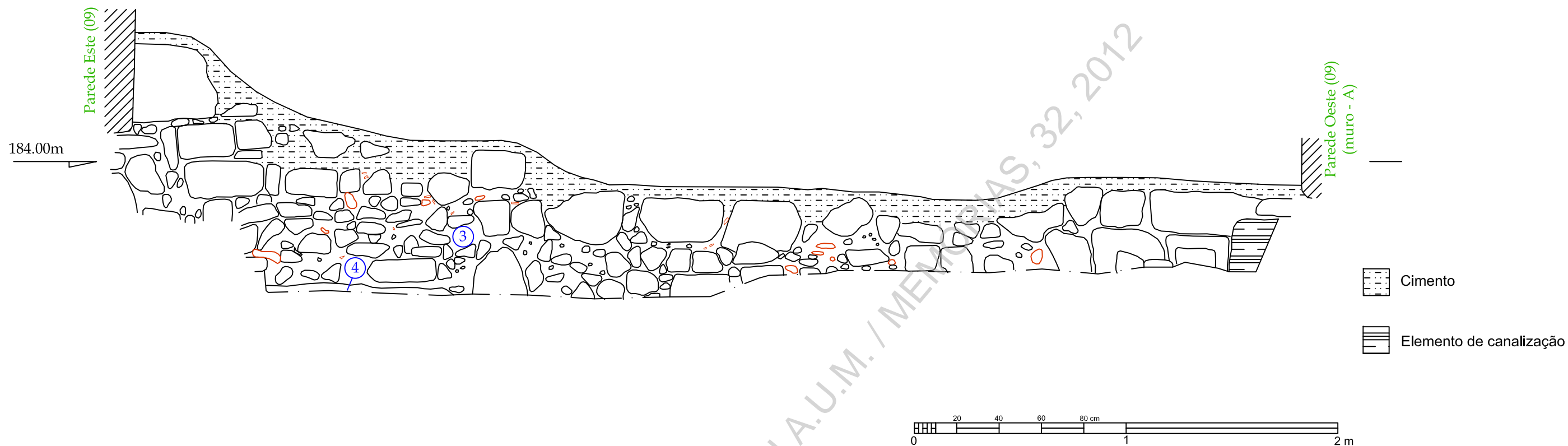


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	20-11-2003	Eurico	Sector A- Extremo Norte Perfil Este	BRA03-DDS-A
Gabinete	30-12-2003	J. Folhento		

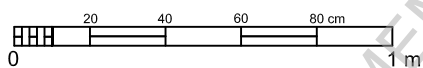
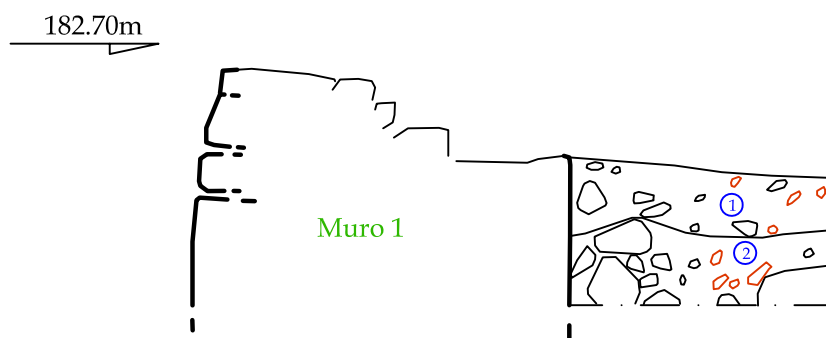


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	14-11-2003	Eurico	Sector A Perfil Sul	BRA03-DDS-A
Gabinete	30-12-2003			

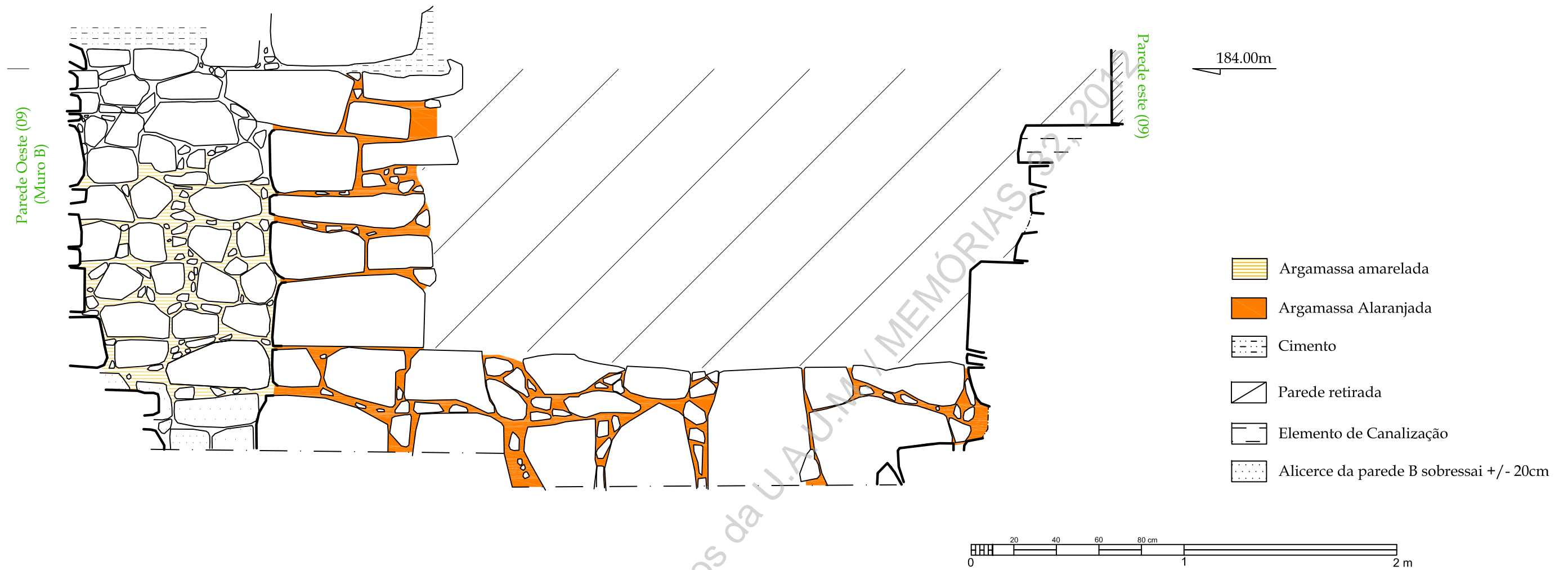




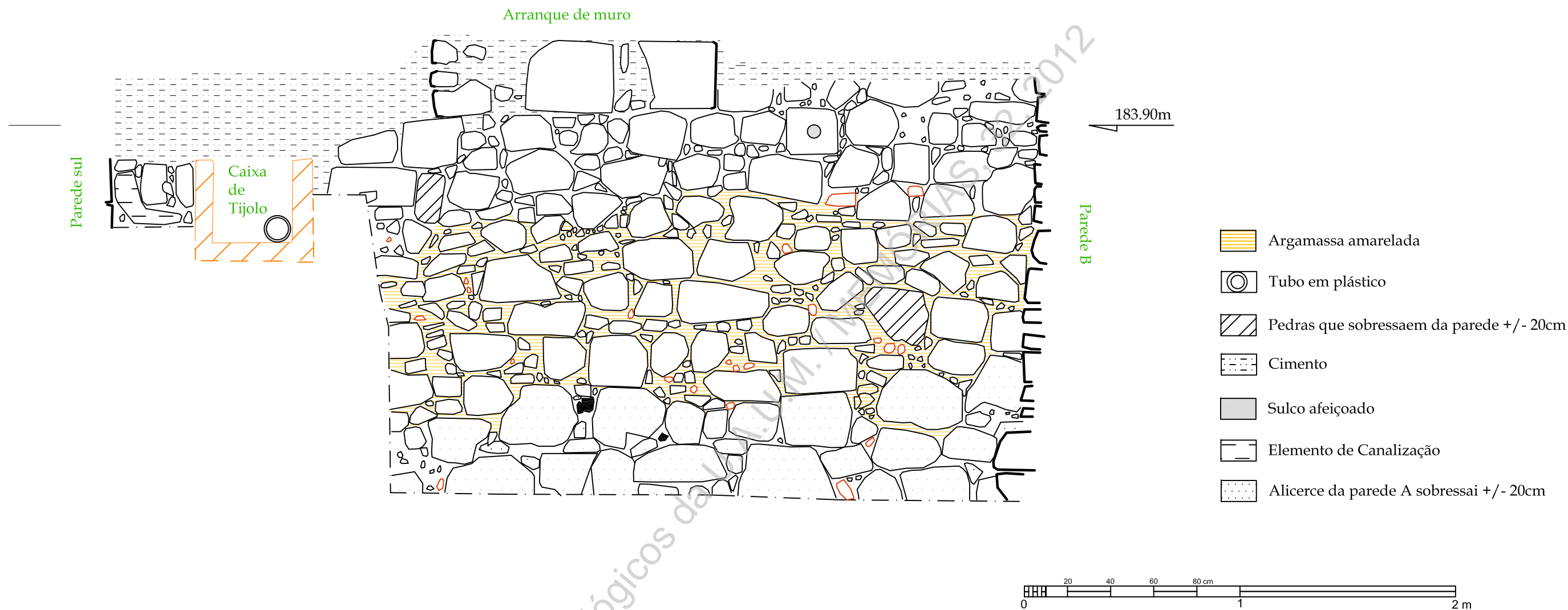
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	24-11-2003	Eurico	Sector A Alicerce/Alçado do arranque da parede Sul	BRA03-DDS-A
Gabinete	03-02-2004	J. Folhento		



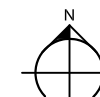
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	20-11-2003	Eurico	Sector A-Extremo Norte Perfil Oeste	BRA03-DDS-A
Gabinete	30-12-2003			



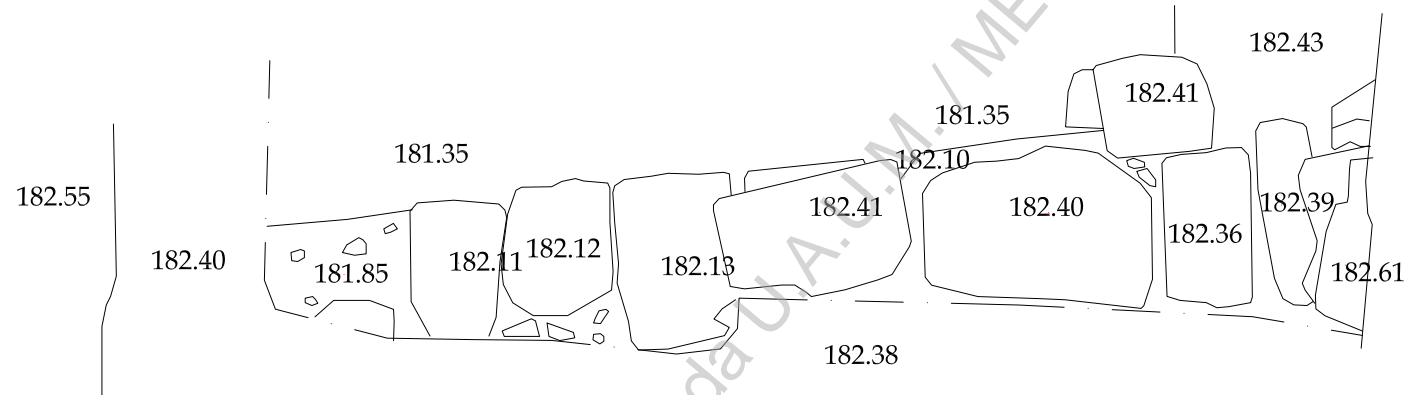
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	07-11-2003	Eurico	Sector A Alçado Sul - Parede B/Muro 1	BRA03-DDS-A
Gabinete	29-12-2003			



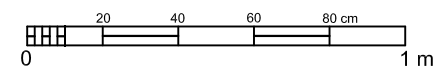
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	10-11-2003	Eurico		
Gabinete	22-12-2003			
			Sector A Alçado Este - Muro A	BRA03-DDS-A



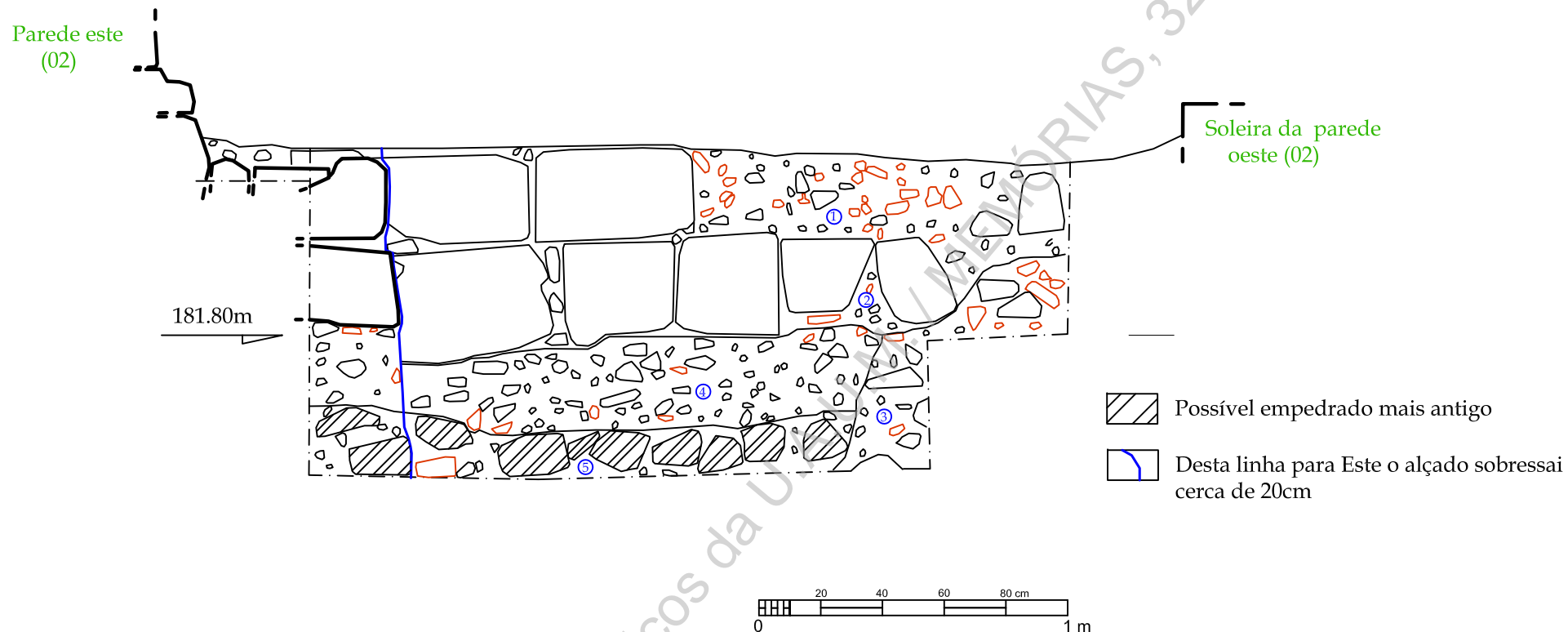
Eixo norte/sul



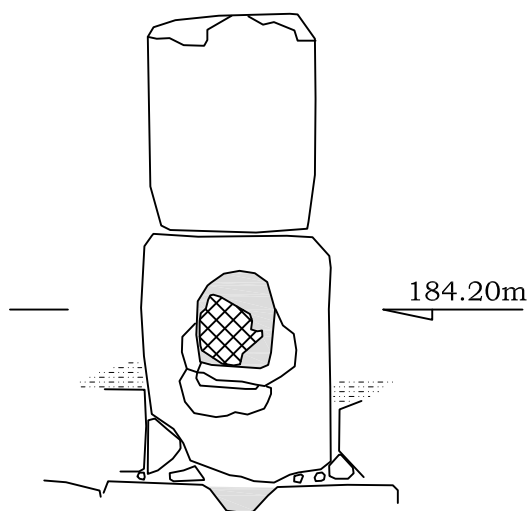
Sector A



Campo	20-11-2003		D. Diogo de Sousa	Unidade de Arqueologia U.M.					
Gabinete	22-12-2003								
						A 4			
Escala 1 : 20			Muro 6 - Sector A						




Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	20:11:2004	Eurico	Sector A Alçado Norte - Muro 6	BRA03-DDS-A
Gabinete	20:11:2004	J.Folhento		



 Cimento

 Sulcos afeixoados

 Pedra colocada para inutilizar a conduta

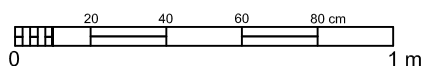
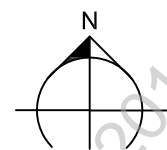
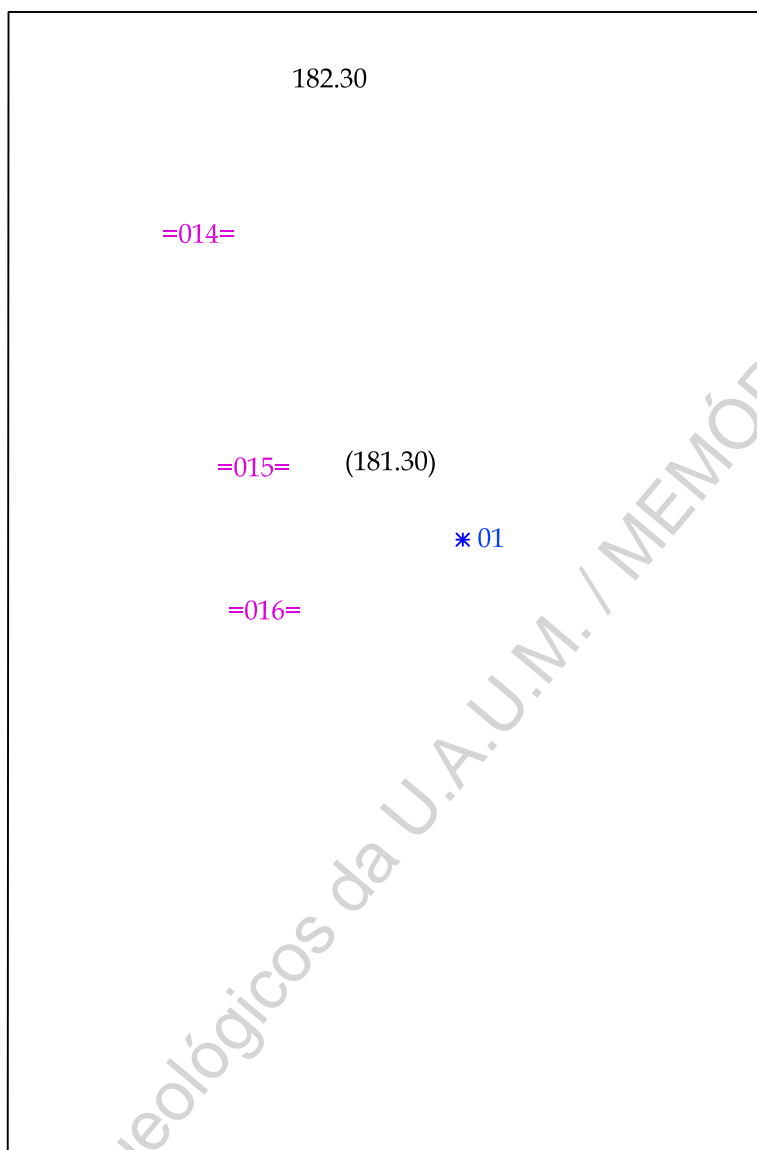
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	30-06-2003	Felismina	Sector A Pormenor da conduta construida na vertical	BRA03-DDS-A
Gabinete	29-12-2003			

**SECTOR**

**B**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012





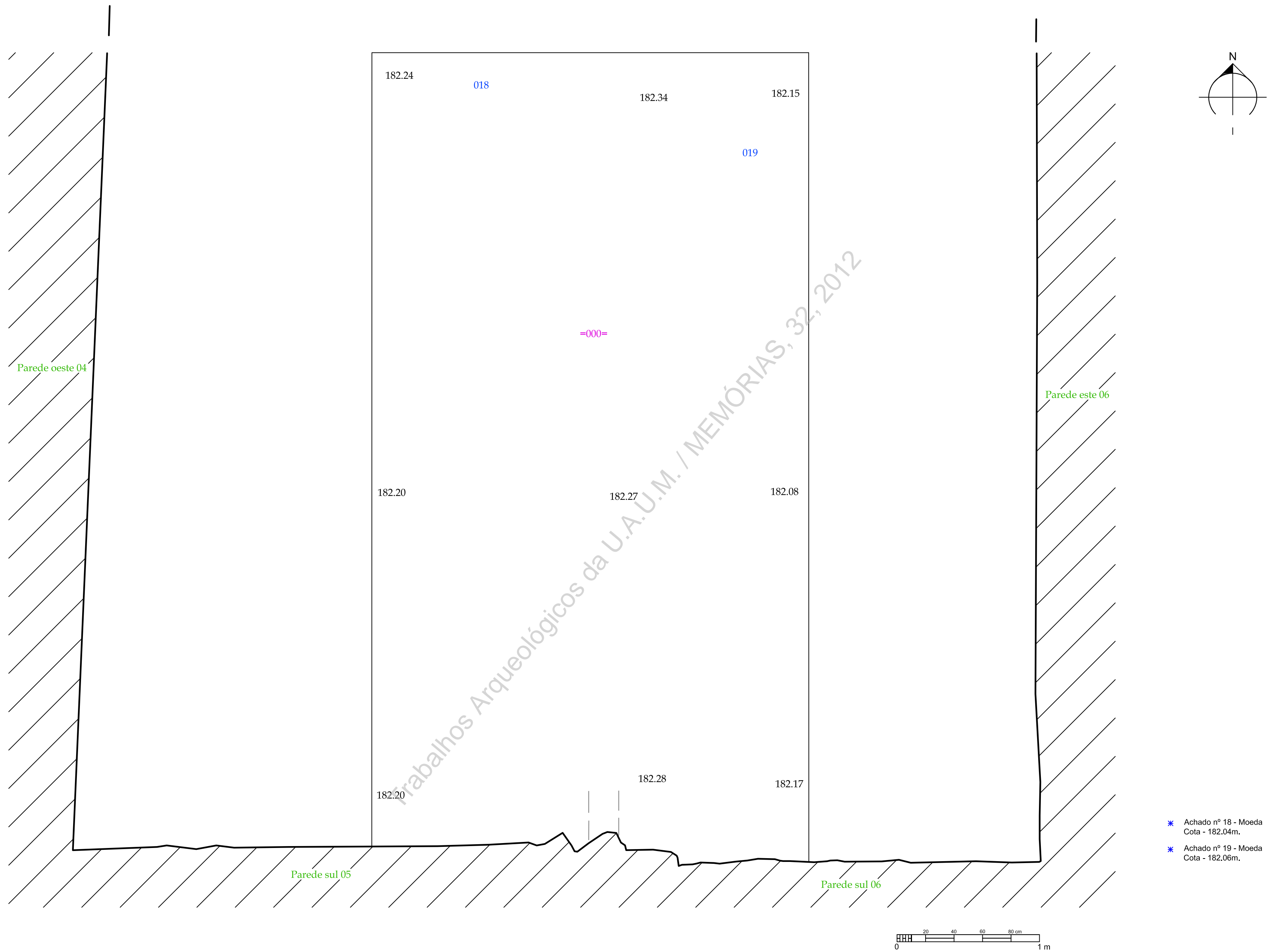
\* Achado nº 01 - Moedas

Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	11-07-2003		Sector B Lev. Inicial	BRA03-DDS-B
Gabinete	12-01-2005	Pedro		

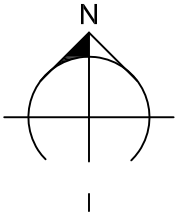
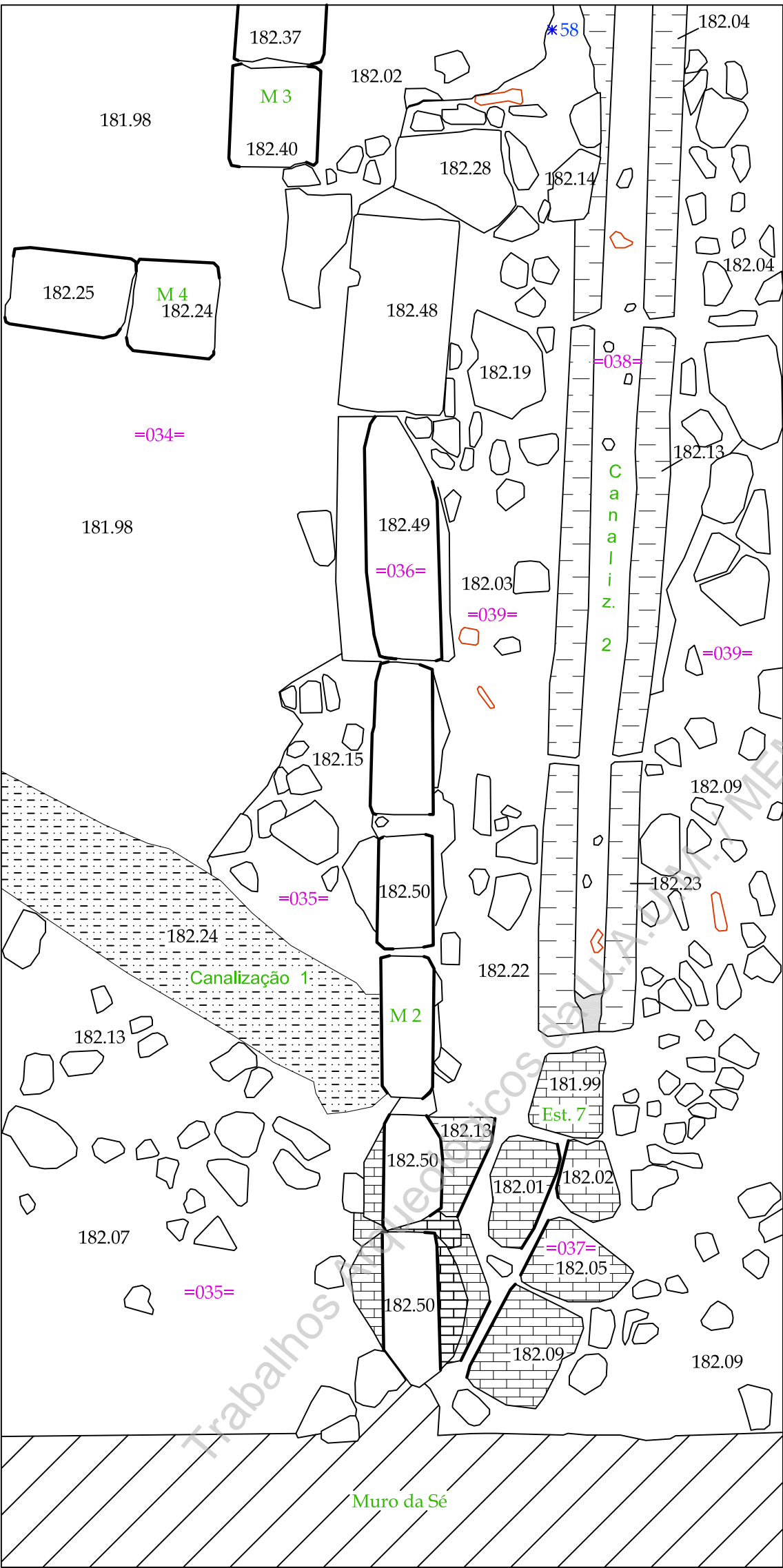
**SECTOR**




**C**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012

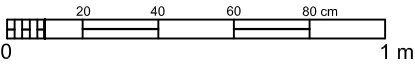


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	04-08-2003	Jorge/David	Sector C Levantamento inicial	BRA03-DDS-C
Gabinete	02-01-2004			

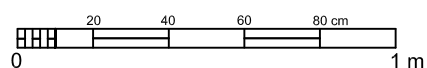
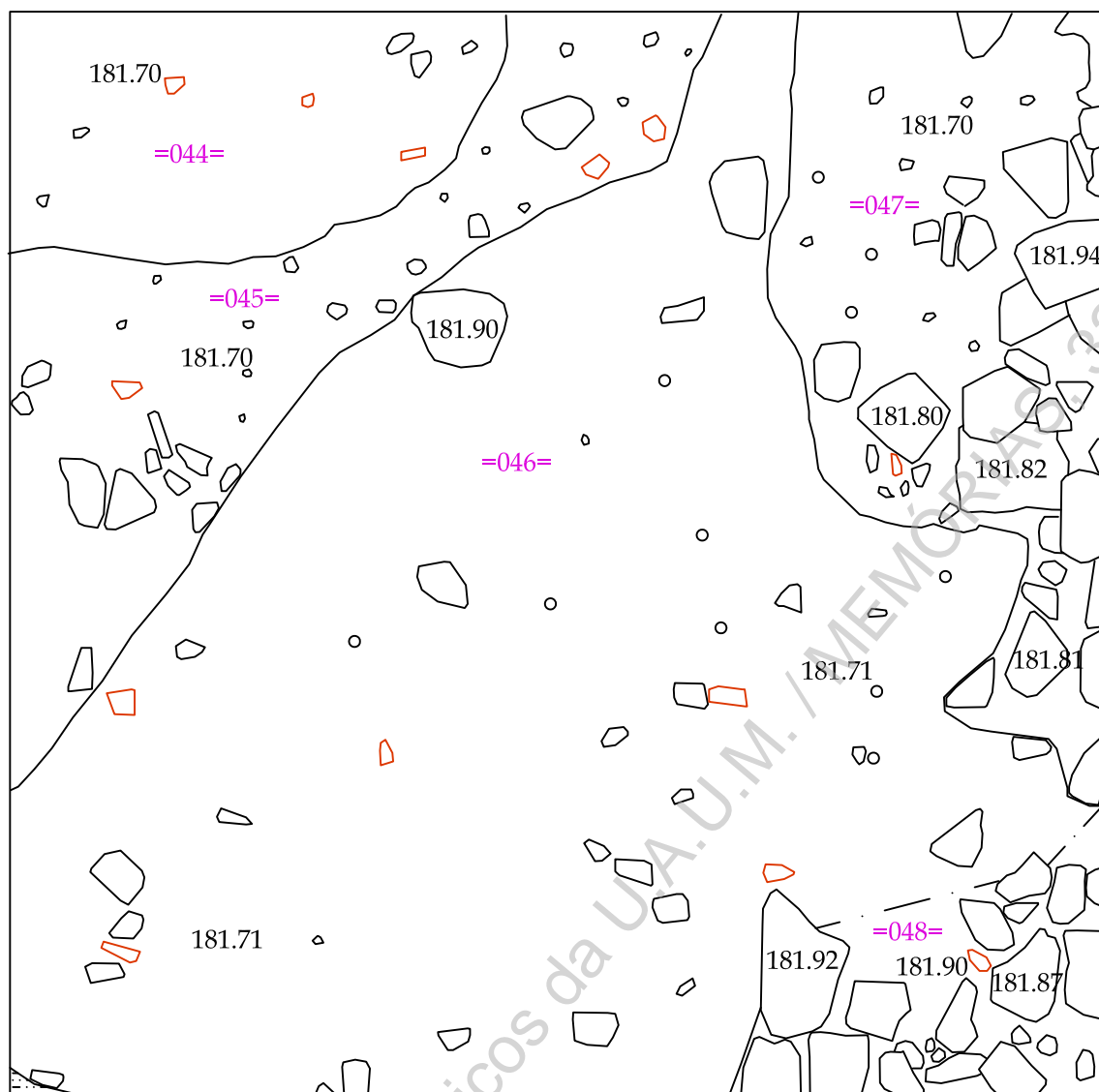



-  Est. 7: Canalização ou pavimento ?
-  Argamassa de cimento e cascalho da canalização 1
-  Canalização 2

\* Achado nº 64 - Moeda  
Cota - 181.30m.

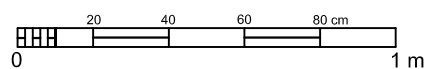
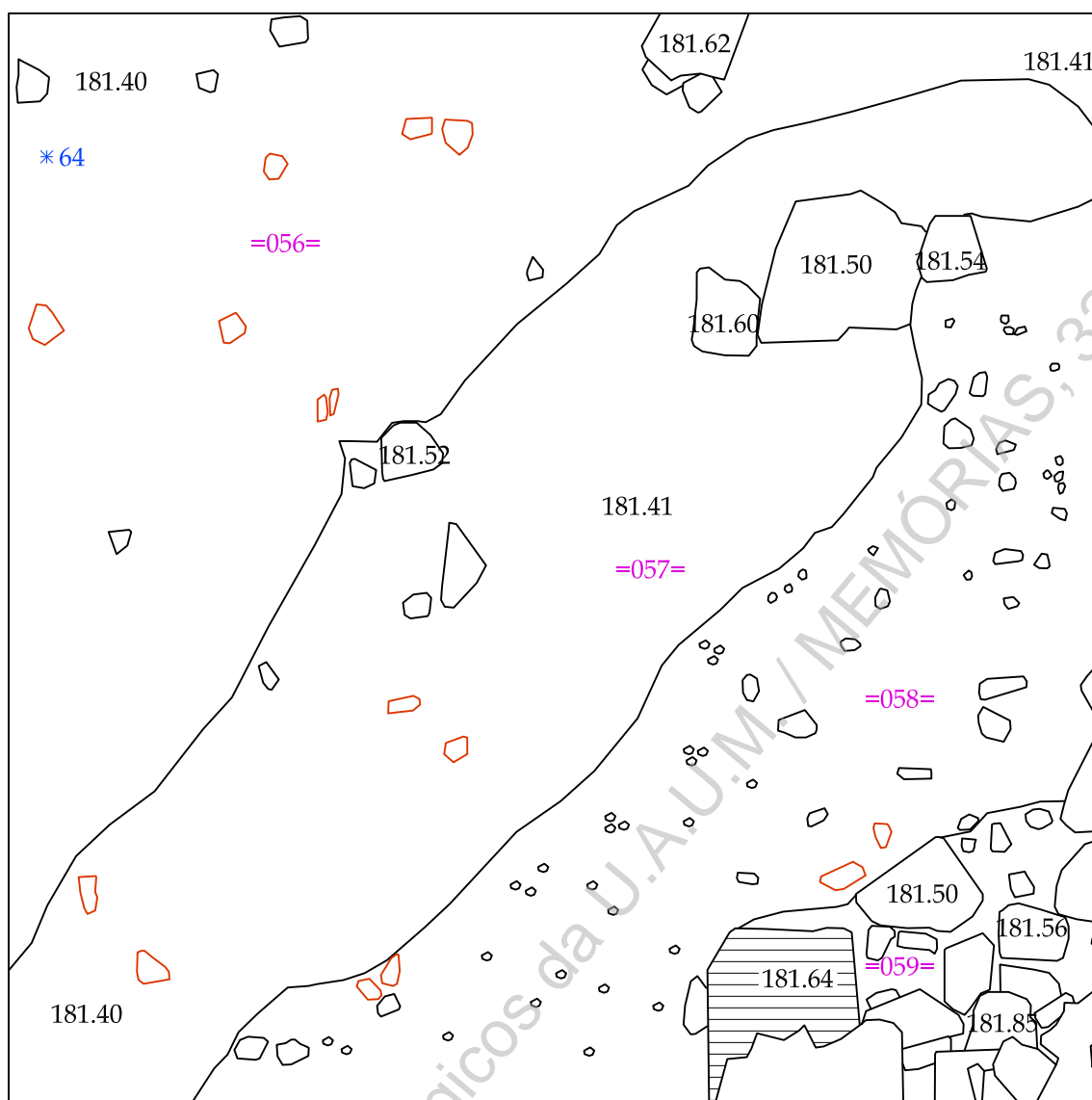


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	06-08-2003	Eurico	Sector C Plano 1	BRA03-DDS-C
Gabinete	05-01-2004			



 Cimento e cascalho da canalização nº 1

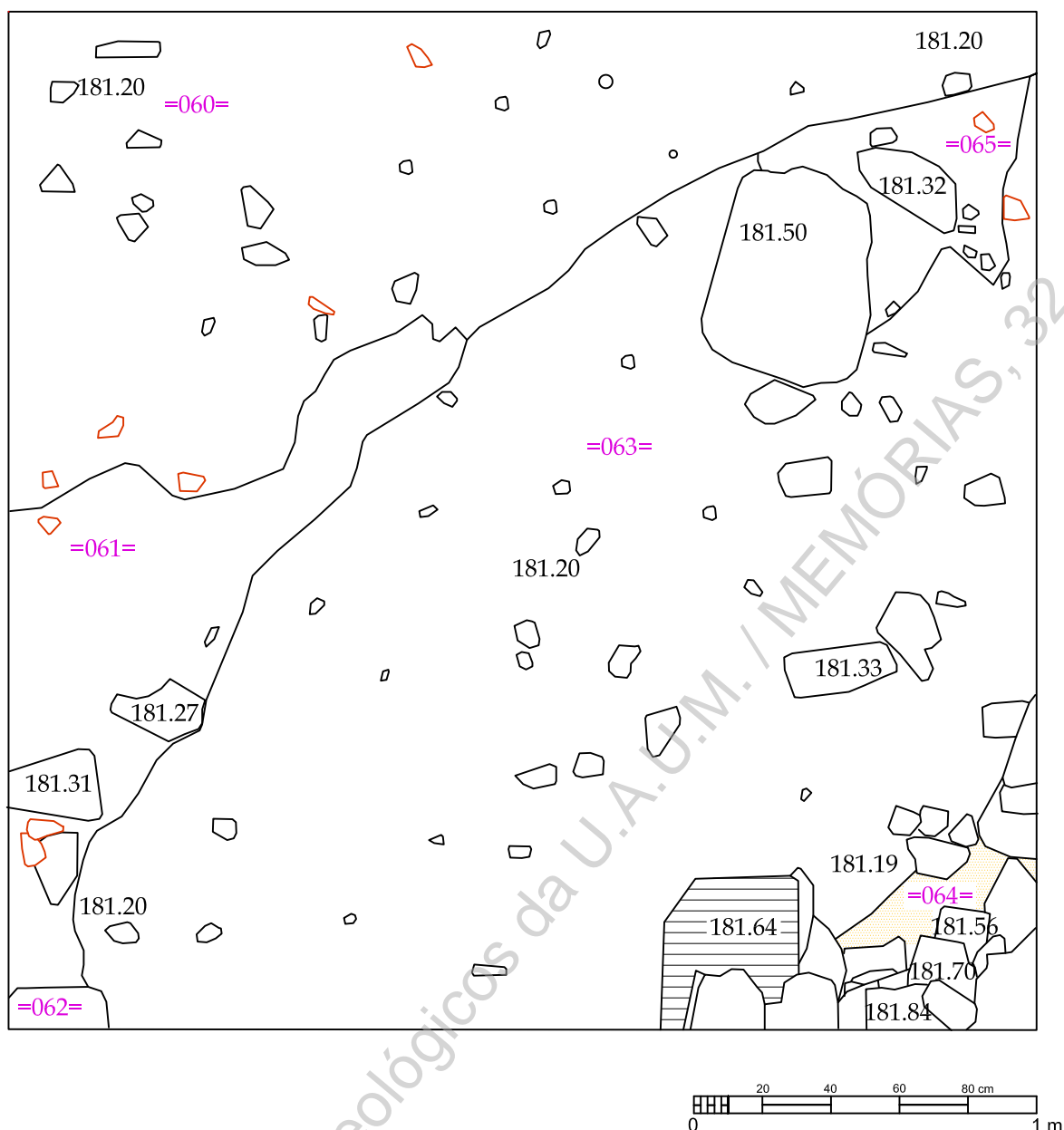
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	09-09-2003	Jorge	Sector C Plano 2	BRA03-DDS-C
Gabinete	05-01-2004			

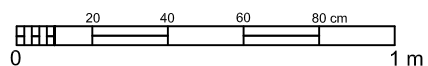
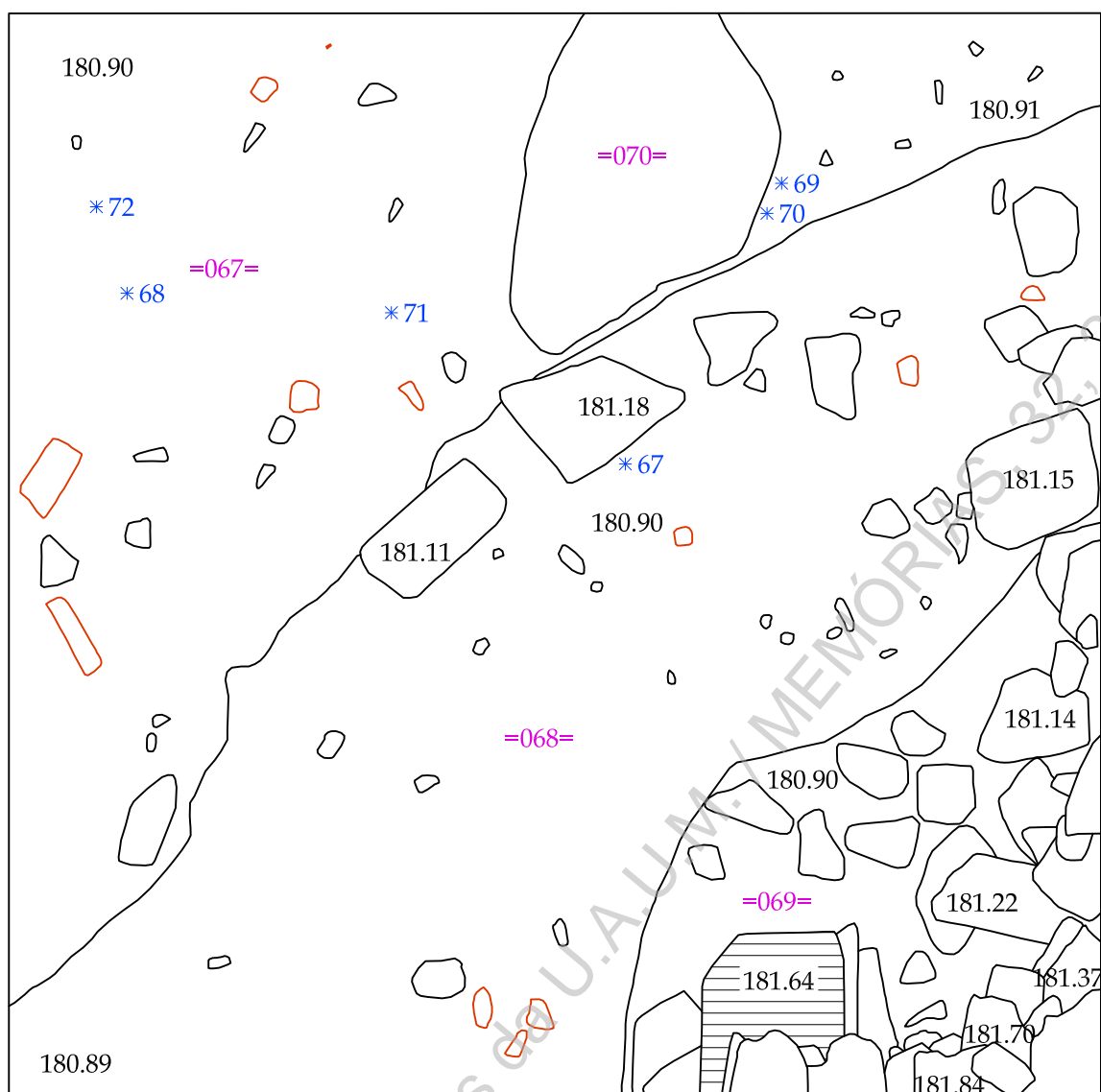


 Elemento de Cornija?

\* Achado nº 64 - Argola metálica.  
Cota - 181,30m.

Esc. 1 : 20			Rua D.Diogo de Sousa, 102 - 118		Unidade Arqueologia U.M.
Campo	18-09-2003	Jorge	Sector C Plano 3		BRA03-DDS-C
Gabinete	05-01-2004				

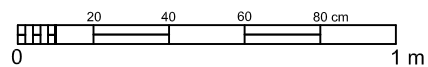
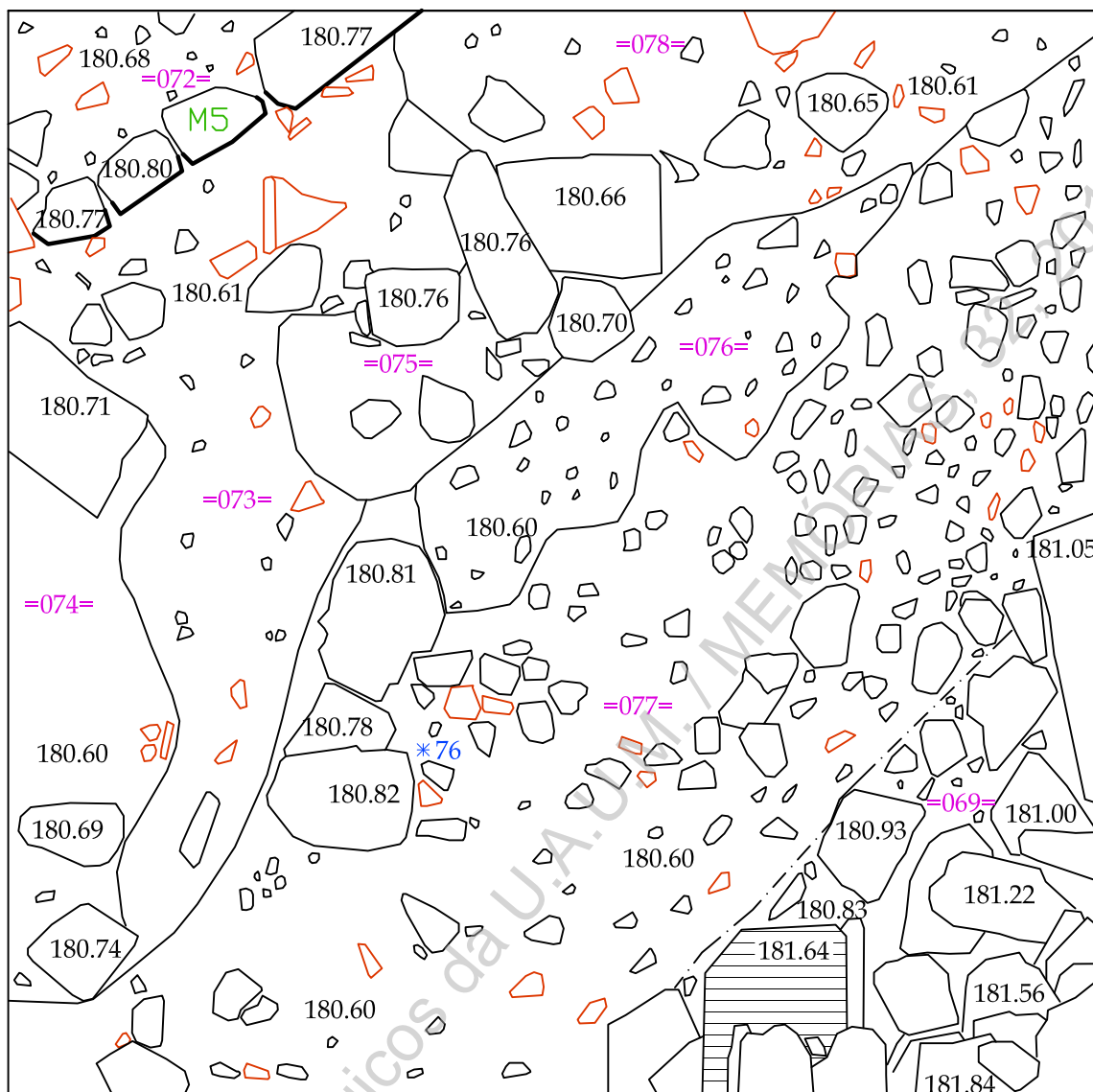




- \* Achado nº 67 - Moeda  
Cota - 180.74m.
- \* Achado nº 68 - Moeda  
Cota - 180.75m.
- \* Achado nº 69 - Moeda  
Cota - 180.71m.
- \* Achado nº 70 - Moeda  
Cota - 180.69m.
- \* Achado nº 71 - Moeda  
Cota - 180.67m.
- \* Achado nº 72 - Moeda  
Cota - 180.62m.

Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	26-09-2003	Jorge	Sector C Plano 5	BRA03-DDS-C
Gabinete	13-01-2005	Pedro		

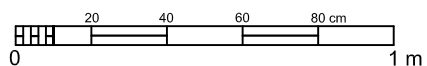
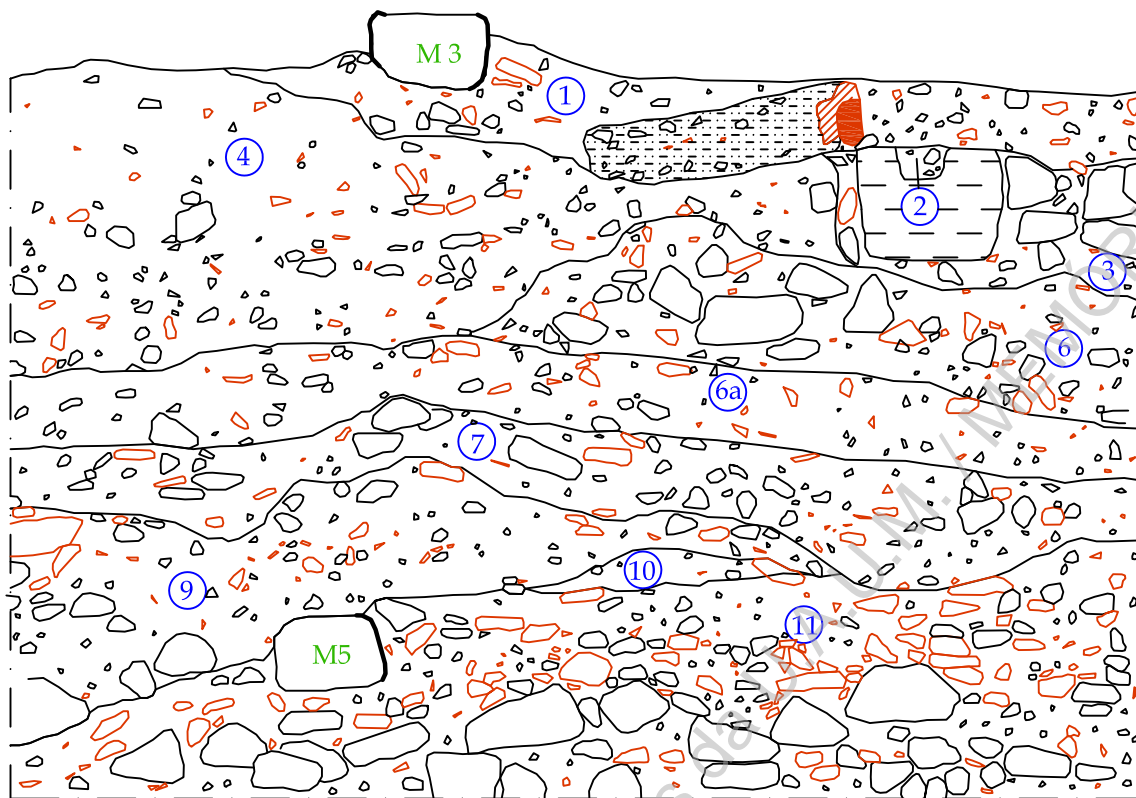







\* Achado nº 76 - Objecto cerâmico  
Cota - 180.32m.

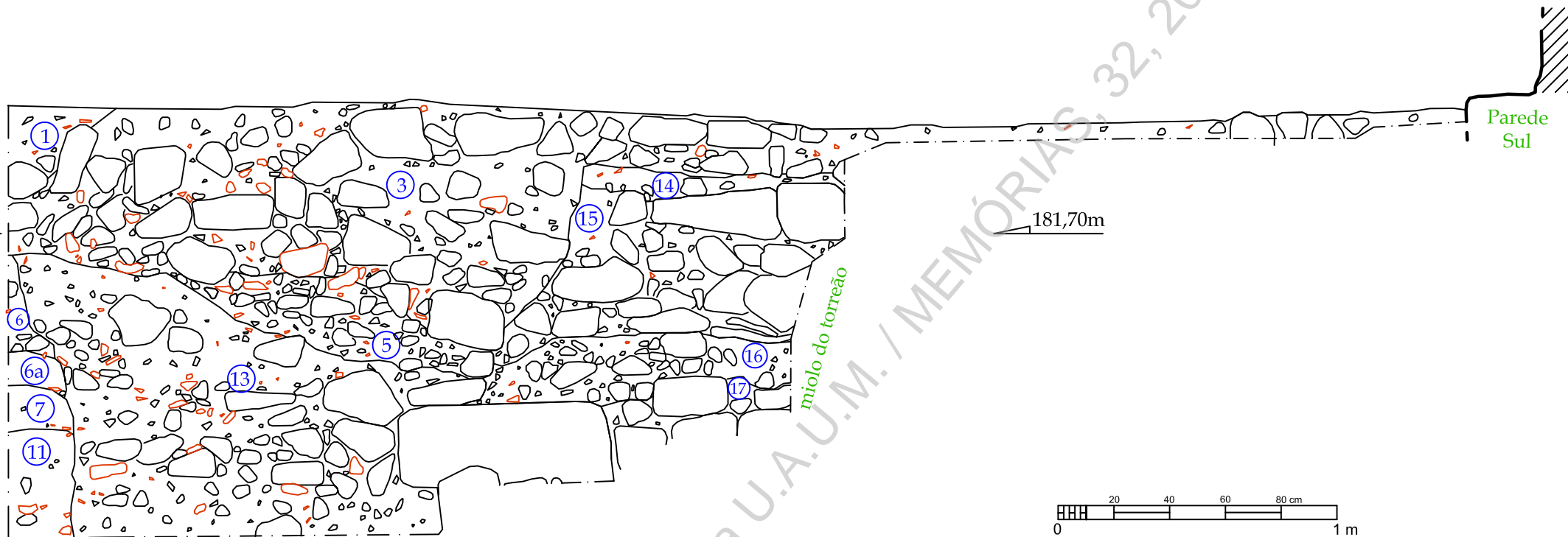
Esc. 1 : 20			Rua D.Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	09-10-2003	Jorge	Sector C Plano 6	BRA03-DDS-C
Gabinete	12-01-2004			

181.70m

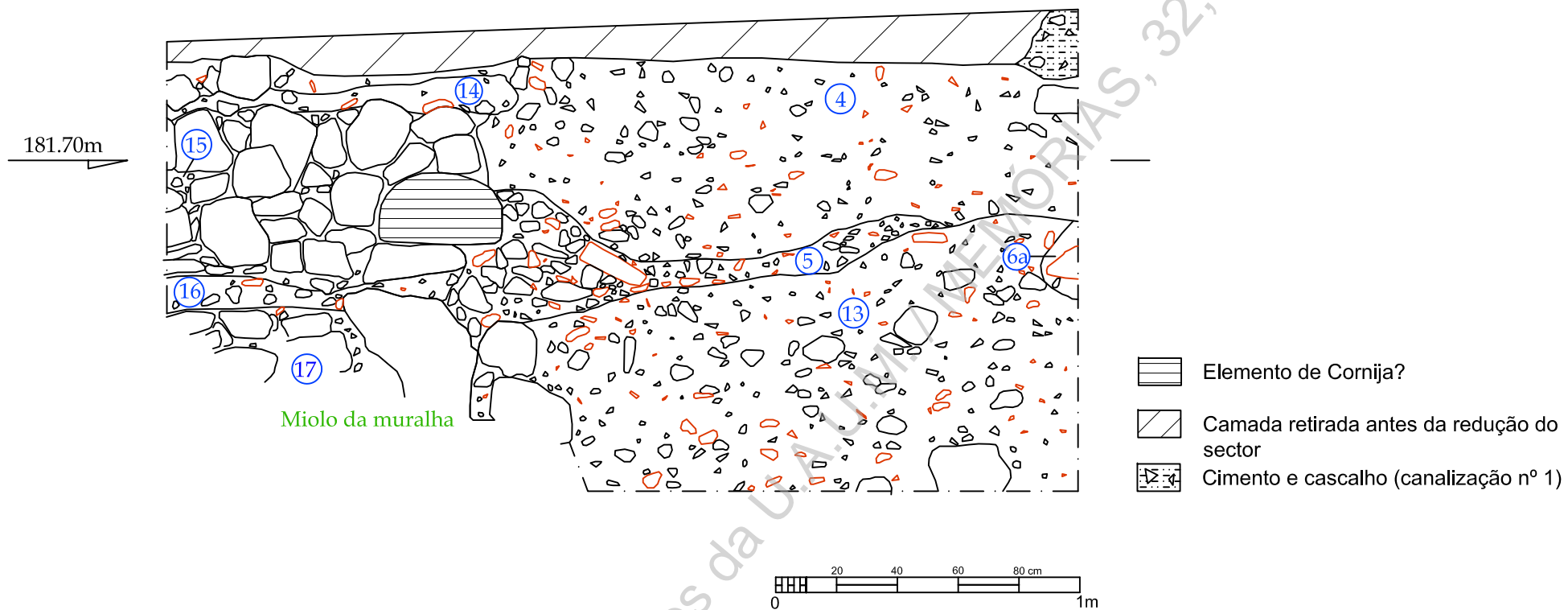


-  Canalização nº 2
-  Canalização em Grés
-  Cimento e cascalho

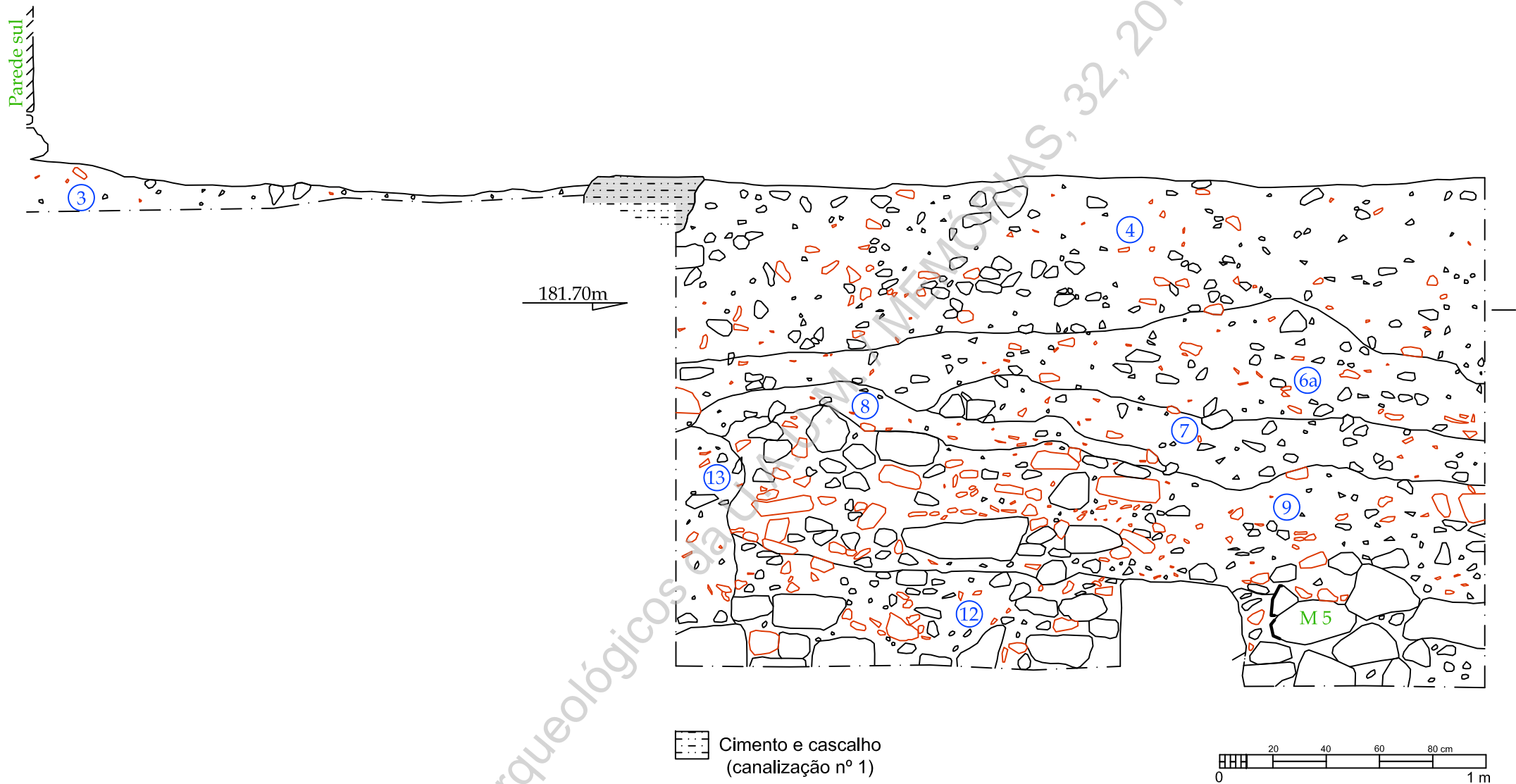
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	29-09-2003	Eurico	Sector C Perfil Norte	BRA03-DDS-C
Gabinete	26-02-2004	J.Folhento		



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	07-10-2003	Eurico	Sector C Perfil Este	BRA03-DDS-C
Gabinete	27-02-2004	J.Folhento		



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	06-10-2003	Eurico	Sector C Perfil Sul	BRA03-DDS-C
Gabinete	26-02-2004	J.Folhento		

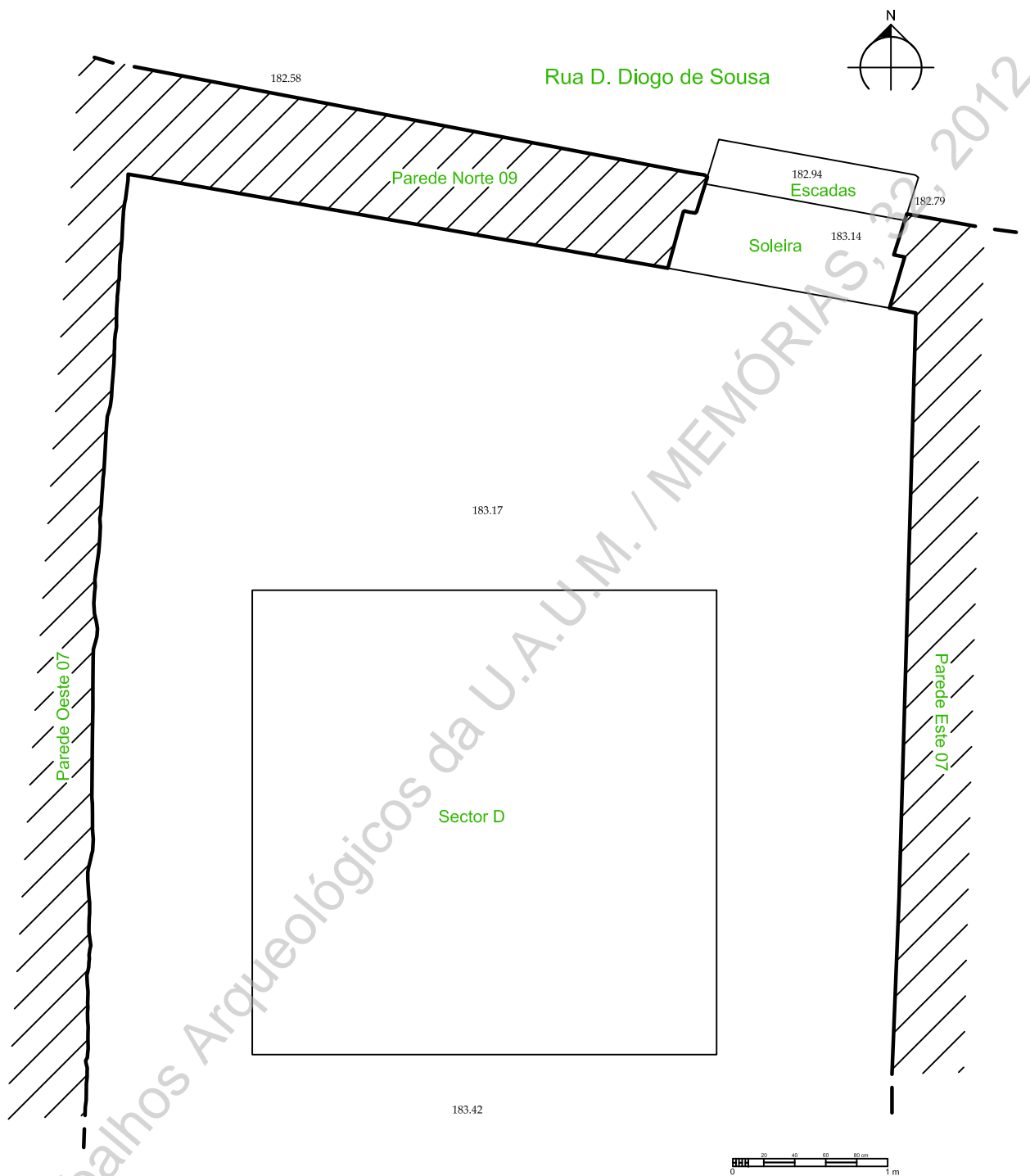


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	02-10-2003	Eurico	Sector C Perfil Oeste	BRA03-DDS-C
Gabinete	26-02-2004	J.Folhento		

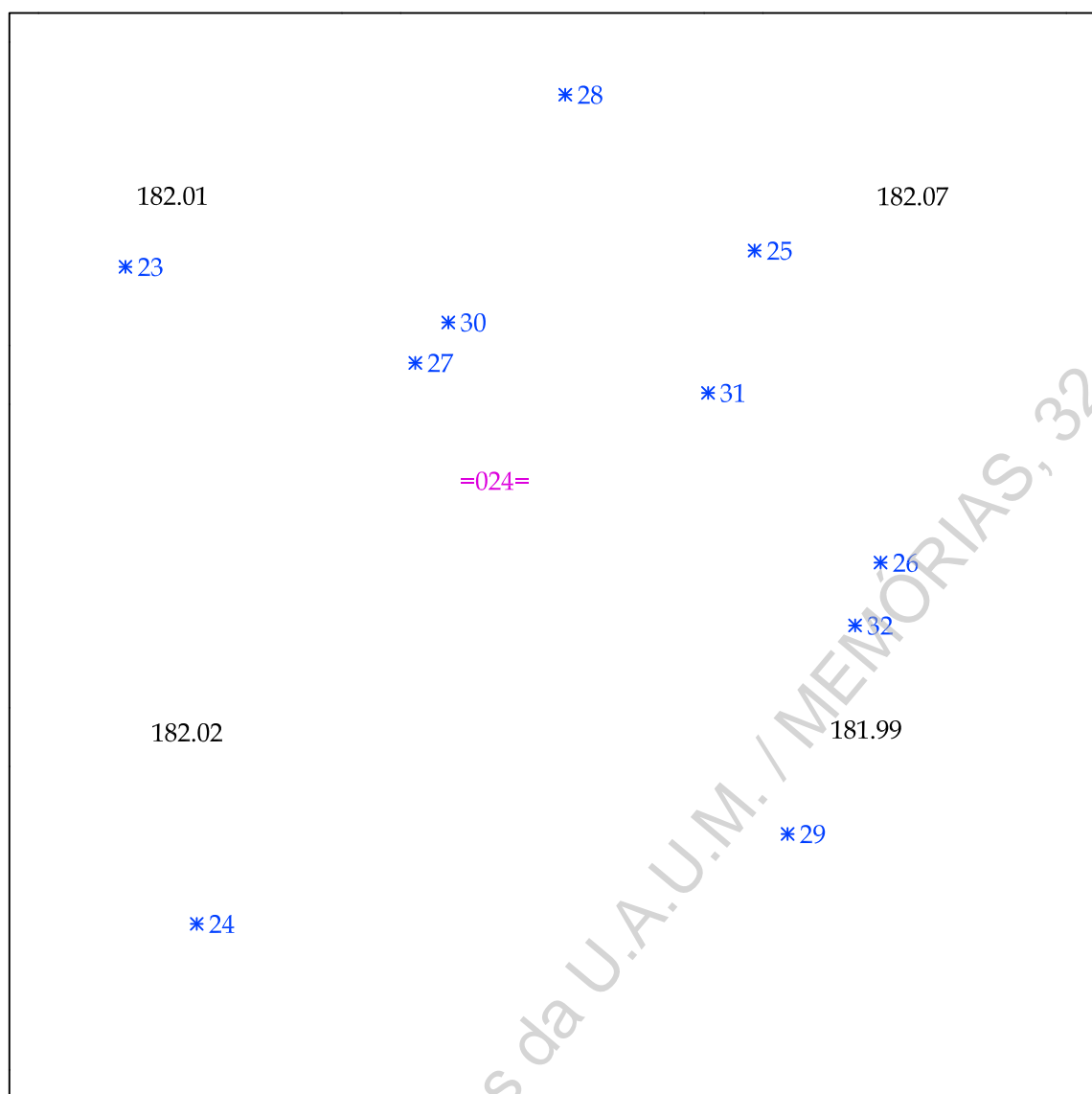
**SECTOR**

**D**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012



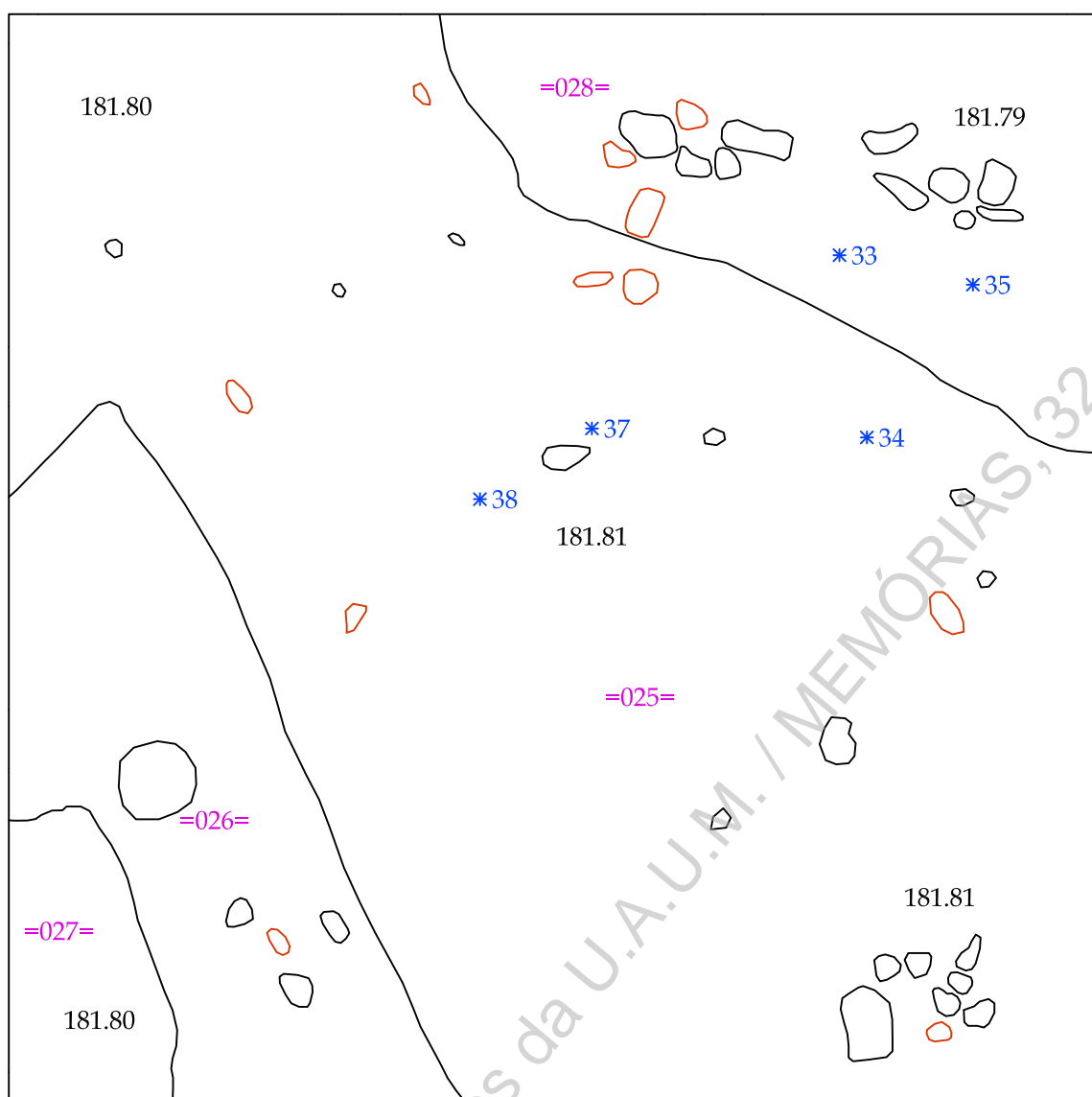
Esc. 1 : 40		Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118		Unidade Arqueologia U.M.	
Campo		Europa		Sector D  Localização da sondagem em relação às paredes do edifício 5	
Gabinete	17-02-2005	Pedro			
				BRA03-DDS-D	



- \* Achado nº 23 - Moeda. Cota - 181.87m.
- \* Achado nº 24 - Moeda. Cota - 181.86m.
- \* Achado nº 25 - Moeda. Cota - 181.03m.
- \* Achado nº 26 - Moeda. Cota - 181.93m.
- \* Achado nº 27 - Moeda. Cota - 181.86m.
- \* Achado nº 28 - Moeda. Cota - 181.87m.
- \* Achado nº 29 - Moeda. Cota - 181.82m.
- \* Achado nº 30 - Moeda. Cota - 181.81m.
- \* Achado nº 31 - Moeda. Cota - 181.85m.
- \* Achado nº 32 - Moeda. Cota - 181.82m.

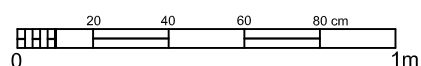
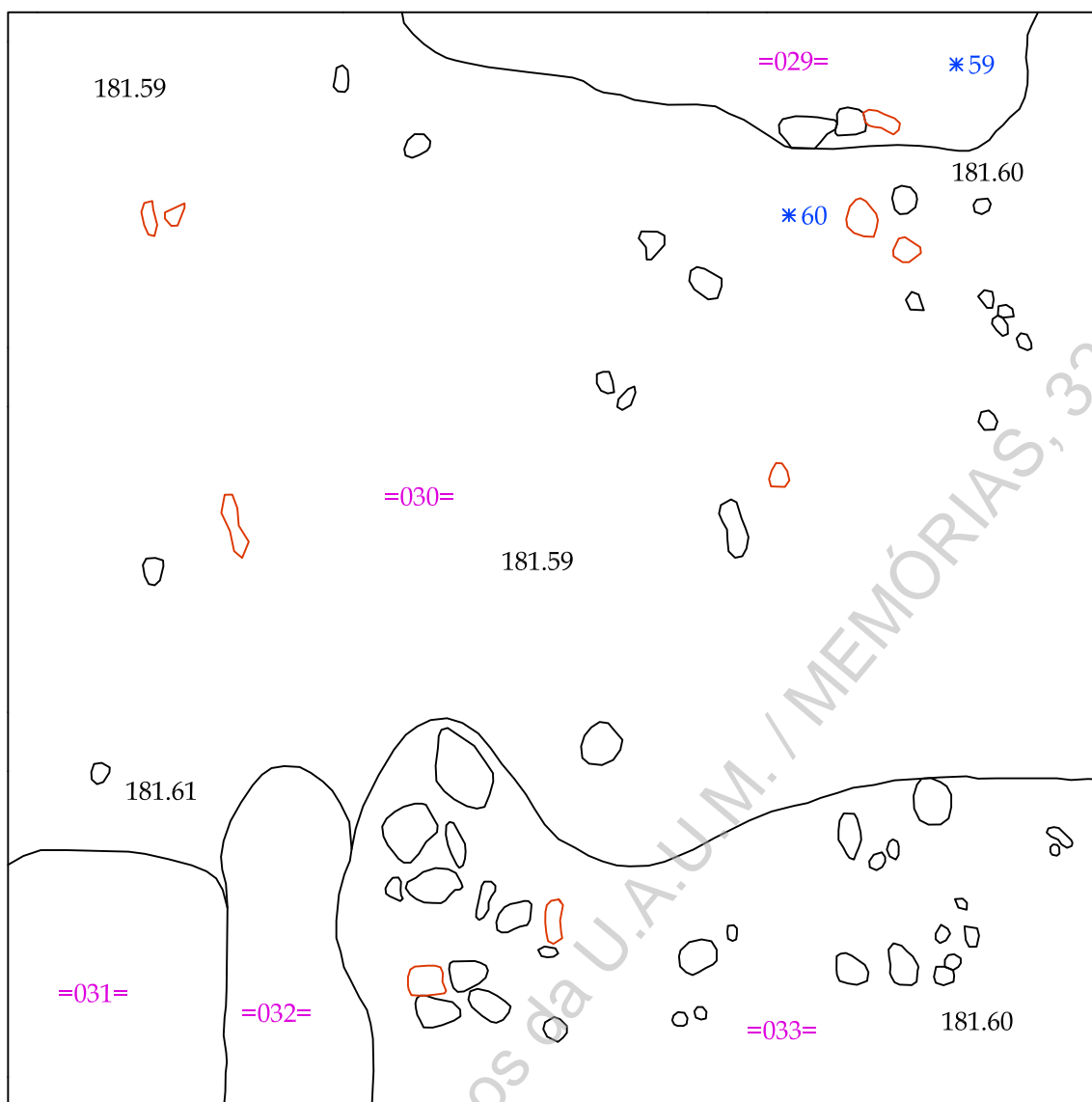
Esc. 1 : 20			Rua D.Diogo de Sousa, 102 - 118		Unidade Arqueologia U.M.	
Campo	12-08-2003	A. Garrido	Sector D Plano 1		BRA03-DDS-D	
Gabinete	03-02-2004	J.Folhento				





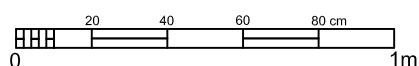
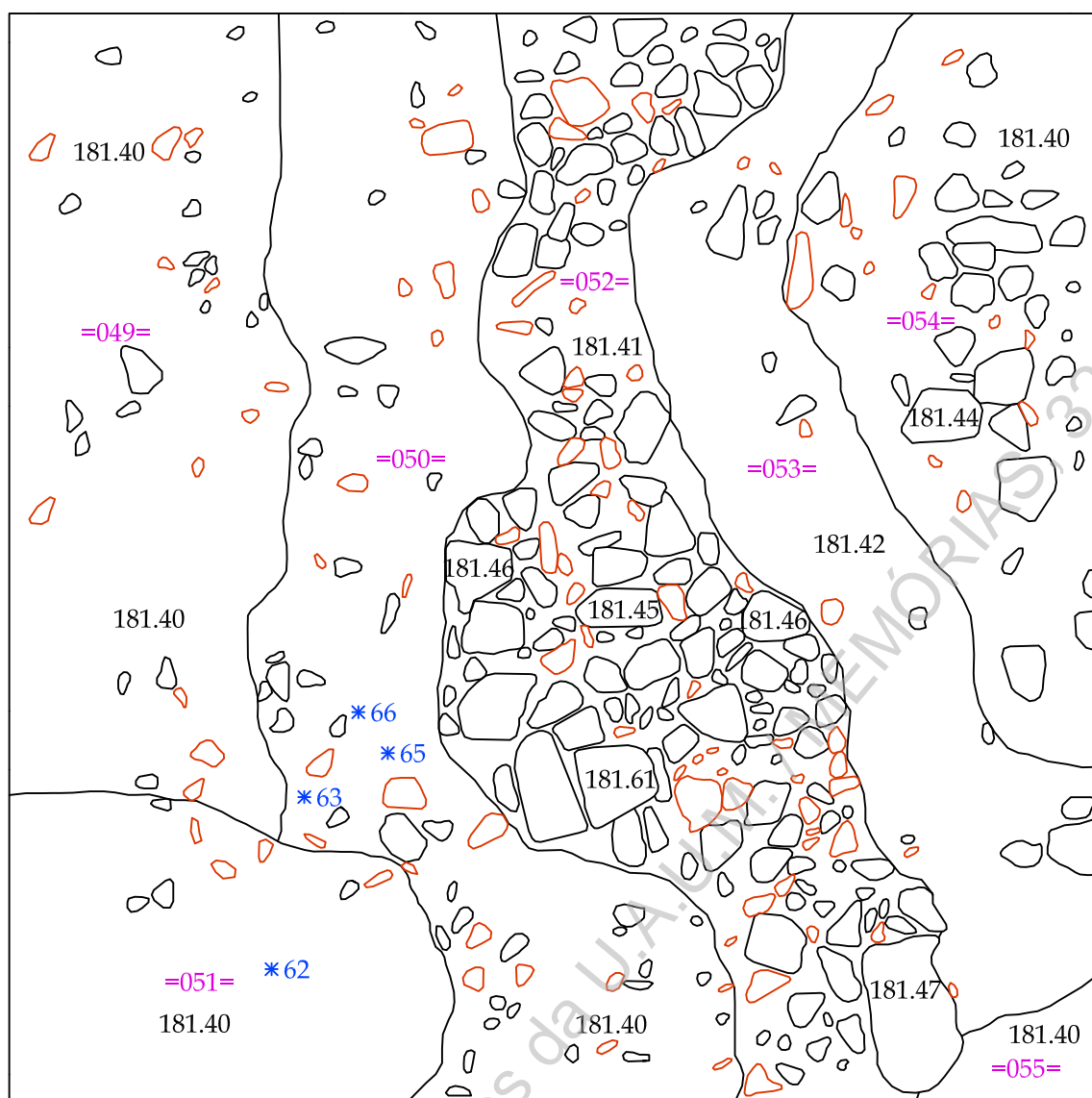
- \* Achado nº 33 - Moeda  
Cota - 181.75m.
- \* Achado nº 34 - Moeda  
Cota - 181.74m.
- \* Achado nº 35 - Moeda  
Cota - 181.77m.
- \* Achado nº 37 - Moeda  
Cota - 181.81m.
- \* Achado nº 38 - Moeda  
Cota - 181.75m.

Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	20-08-2003	Jorge	Sector D Plano 2	BRA03-DDS-D
Gabinete	02-02-2004	J.Folhento		



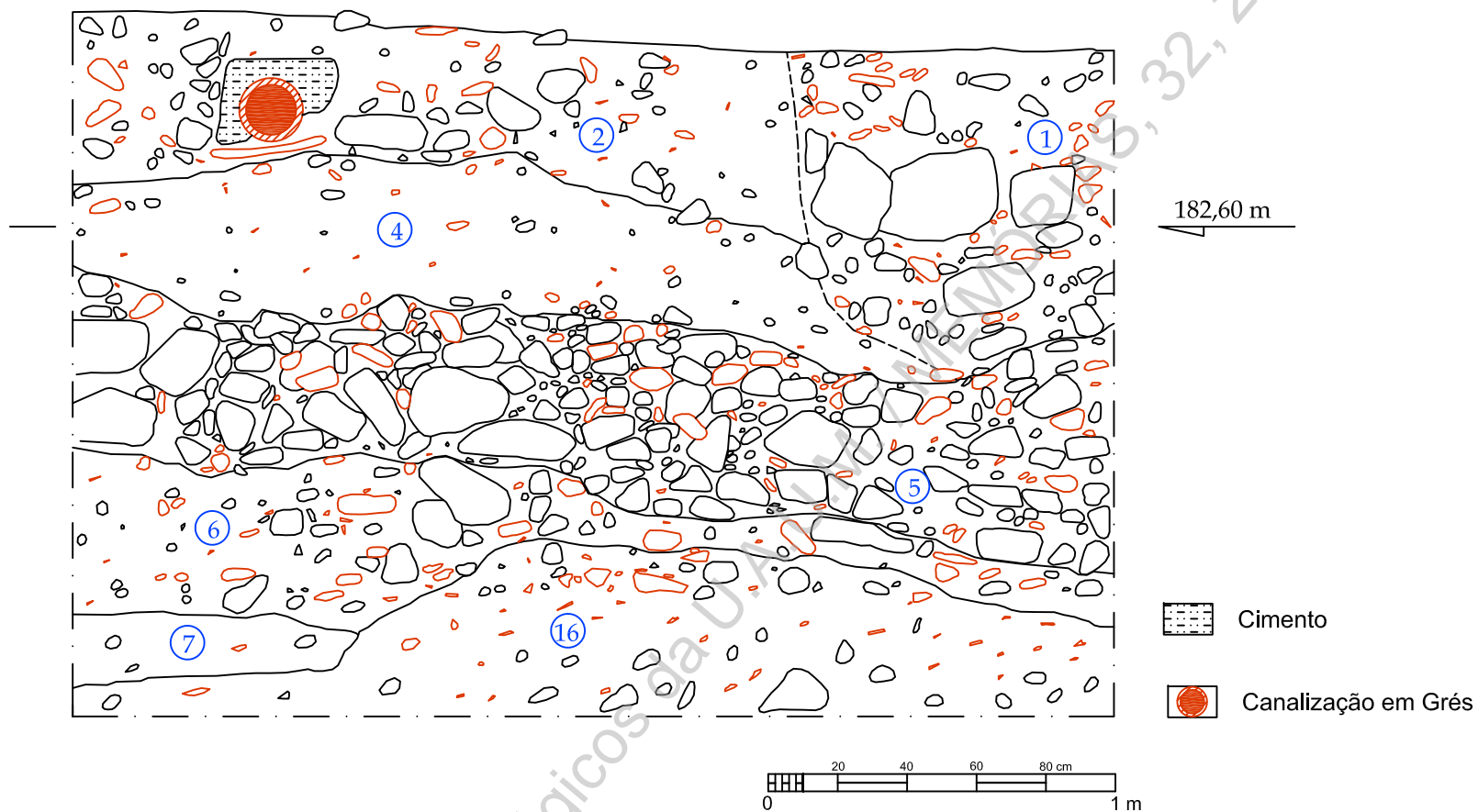
- \* Achado nº 59 - Moeda  
Cota - 181.42m.
- \* Achado nº 60 - Moeda  
Cota - 181.42m.

Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	21-08-2003	A. Garrido	Sector D Plano 3	BRA03-DDS-D
Gabinete	02-02-2004	J. Folhento		

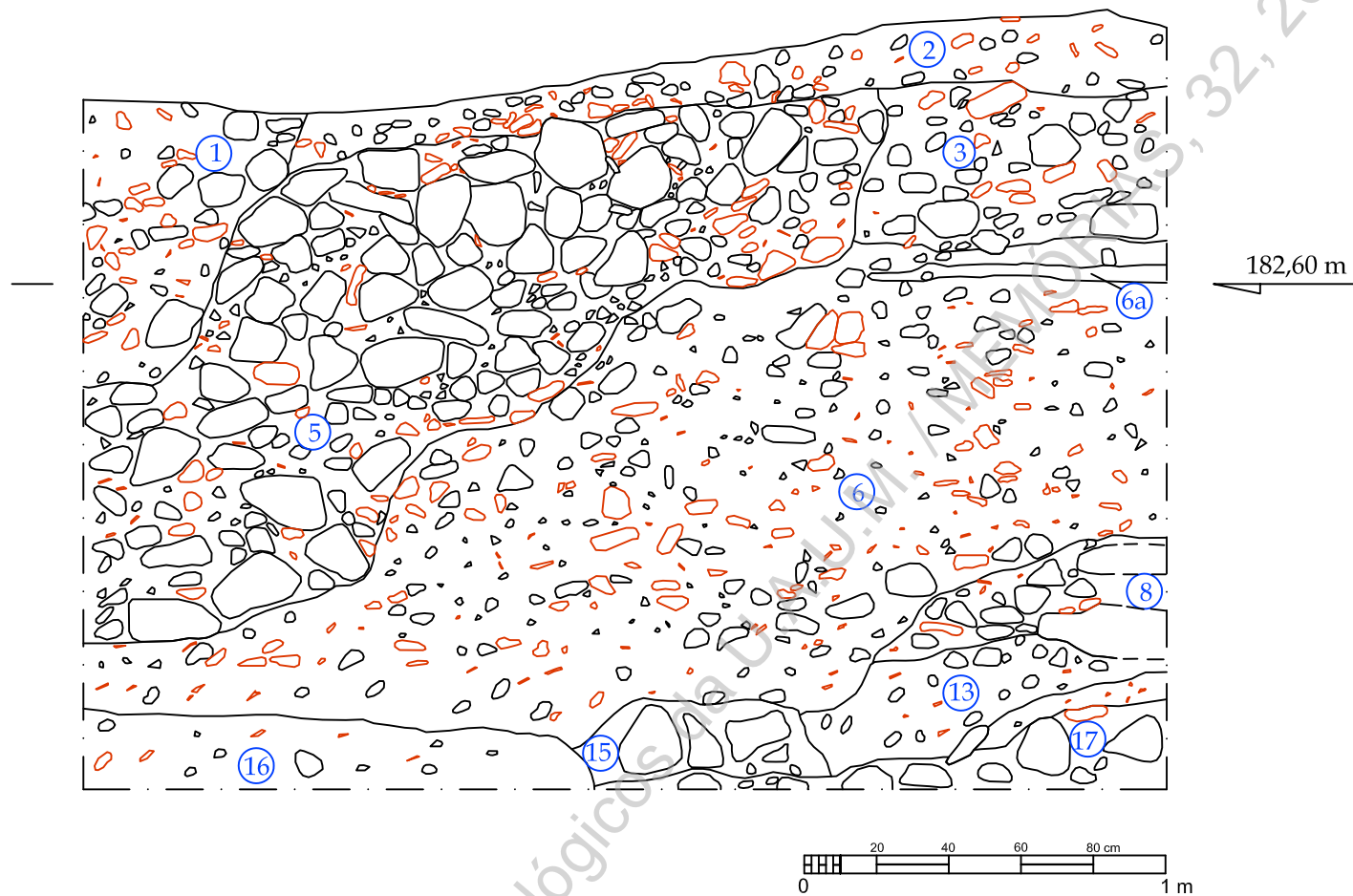


- \* Achado nº 62 - Moeda  
Cota - 181.39m.
- \* Achado nº 63 - Moeda  
Cota - 181.38m.
- \* Achado nº 65 - Moeda  
Cota - 181.21m.
- \* Achado nº 66 - Moeda  
Cota - 181.22m.

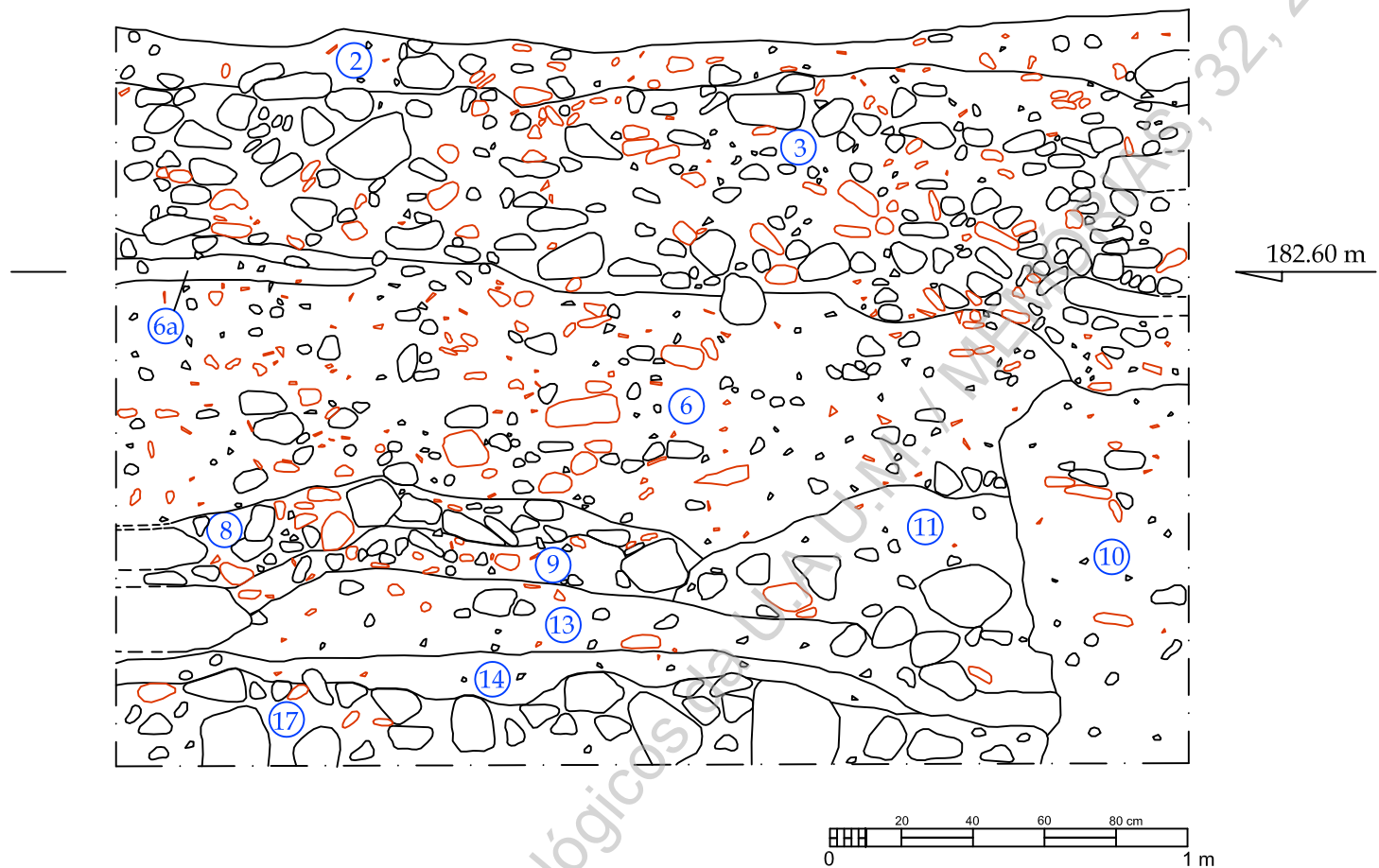
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	15-09-2003	Eurico	Sector D Plano 4	BRA03-DDS-D
Gabinete	25-01-2005	Pedro		



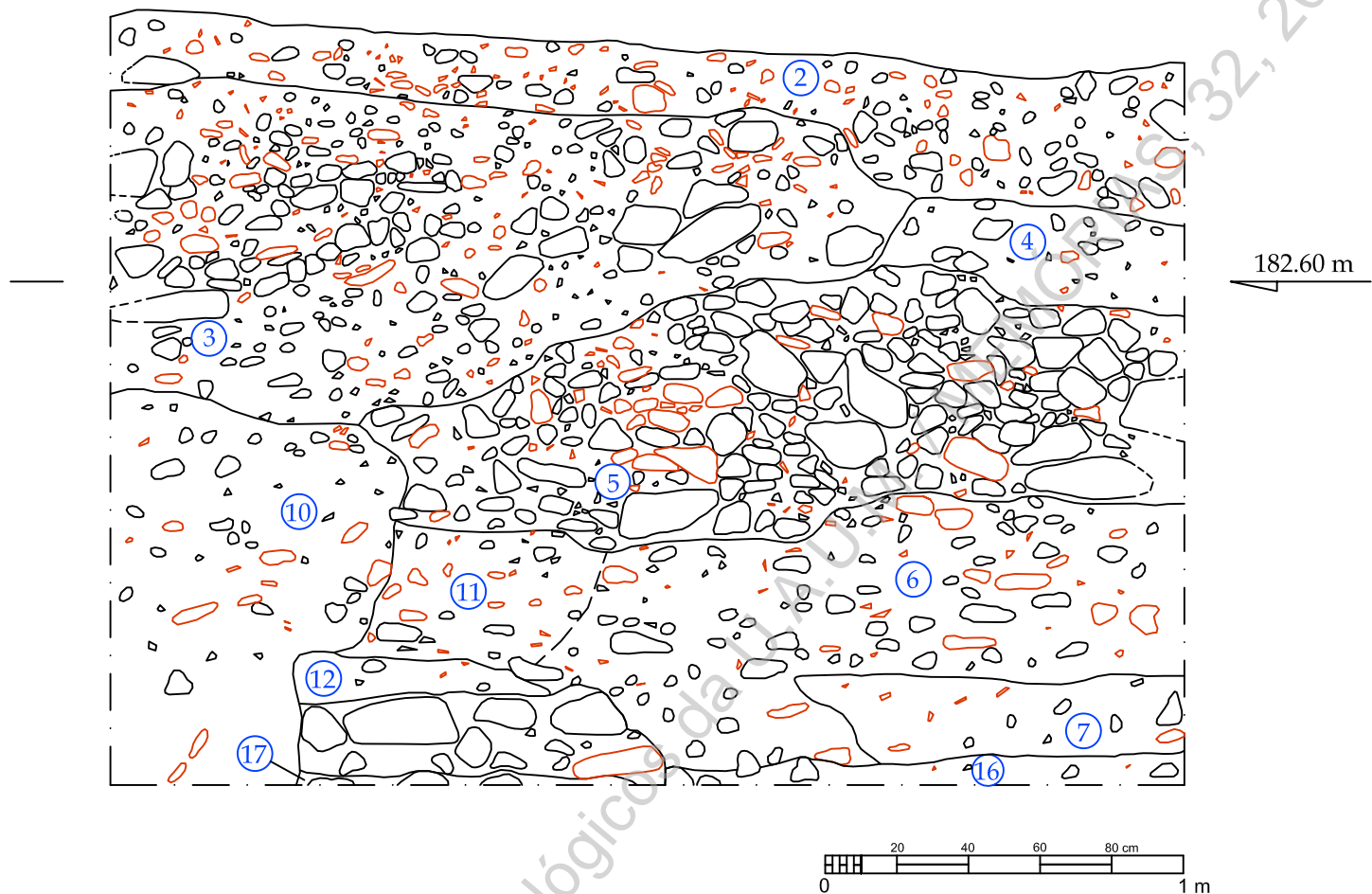
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	03-09-2003	Eurico	Sector D Perfil Norte	BRA03-DDS-D
Gabinete	28-01-2004	J.Folhento		



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	04-09-2003	Eurico	Sector D Perfil Este	BRA03-DDS-D
Gabinete	27-02-2002	J.Folhento		



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	29-08-2003	Jorge	Sector D Perfil Sul	BRA03-DDS-D
Gabinete	28-01-2004	J.Folhento		



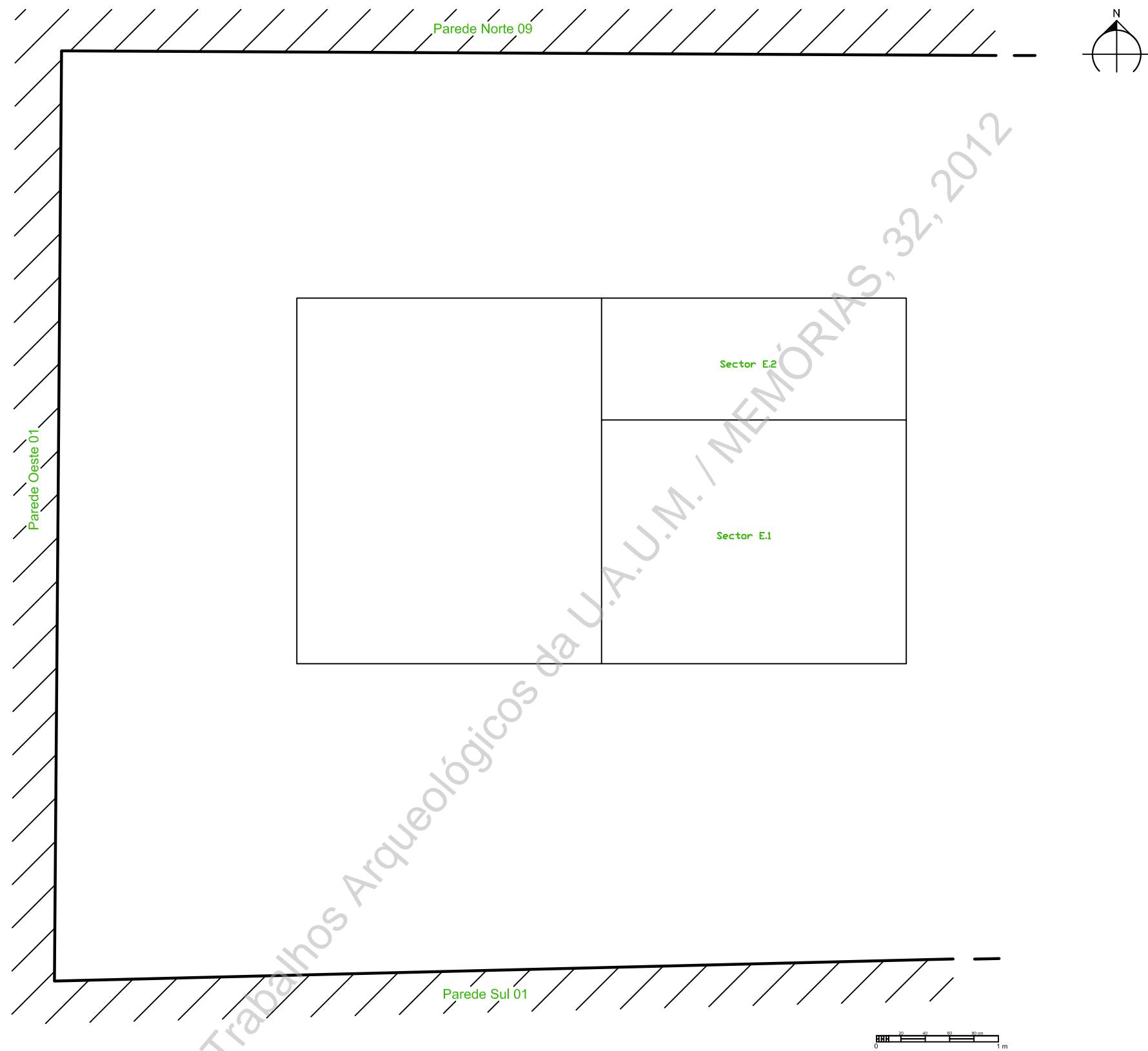
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	05-09-2003	Eurico	Sector D Perfil Oeste	BRA03-DDS-D
Gabinete	29-01-2004	J.Folhento		

**SECTOR**

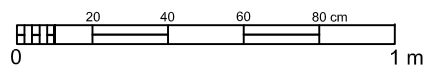
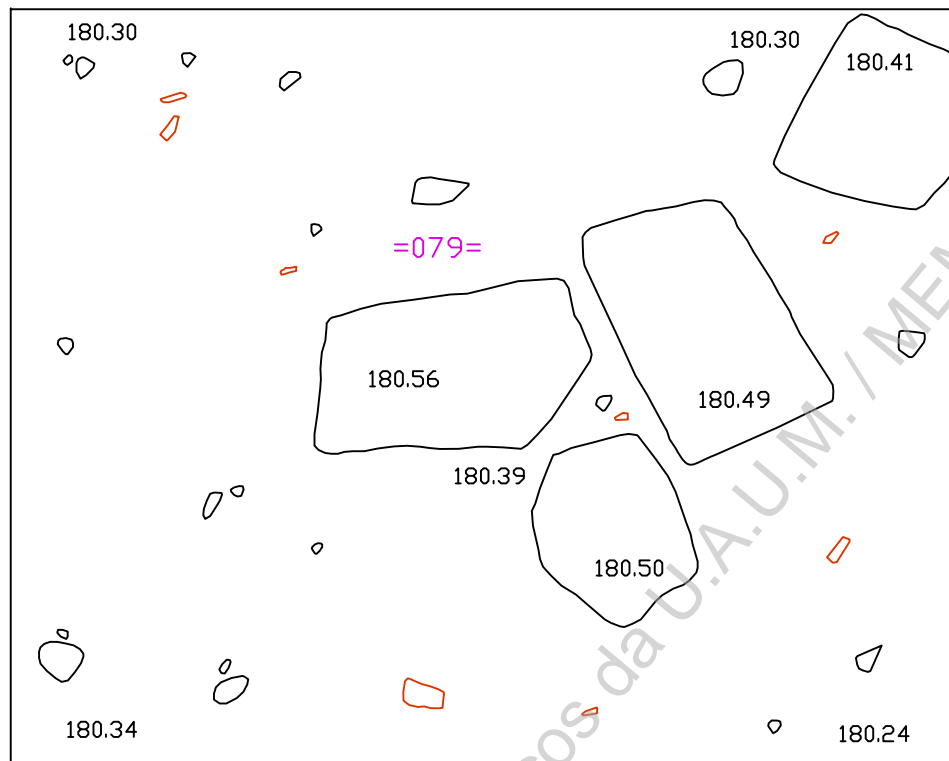
**E1**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012

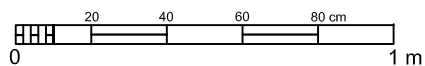
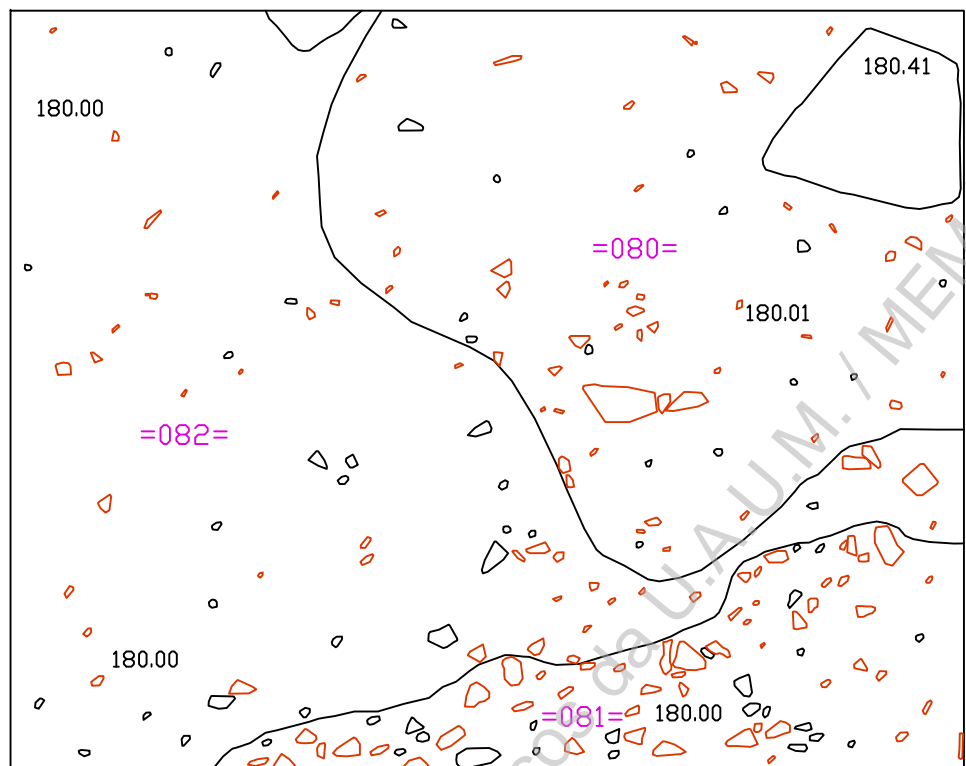




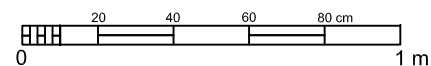
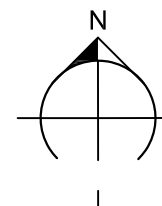
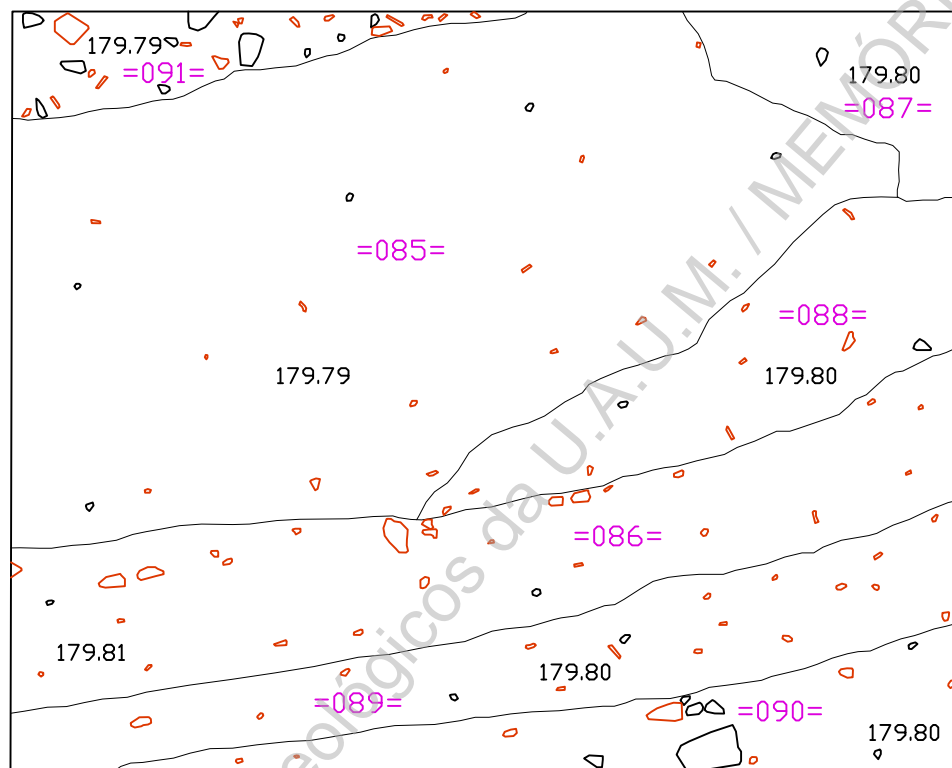
Esc. 1 : 40		Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	3.12.2003	Sector E	
Delimitação	01-02-2005		
		Localização da sondagem em relação às paredes do edifício 1	BRA03-DDS-E



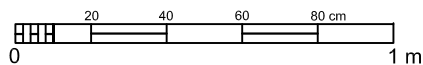
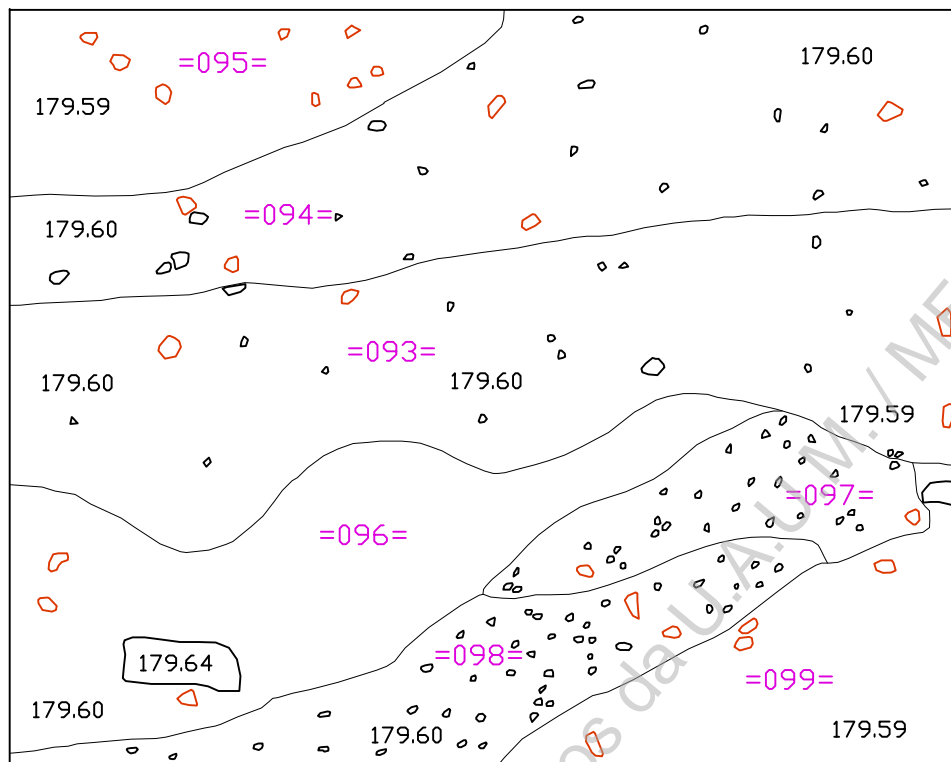
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	12-12-2003		Levantamento Inicial	BRA03-DDS-Sector E1
Gabinete	19-01-2005	Eurico		



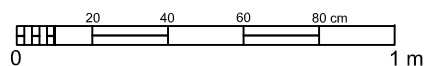
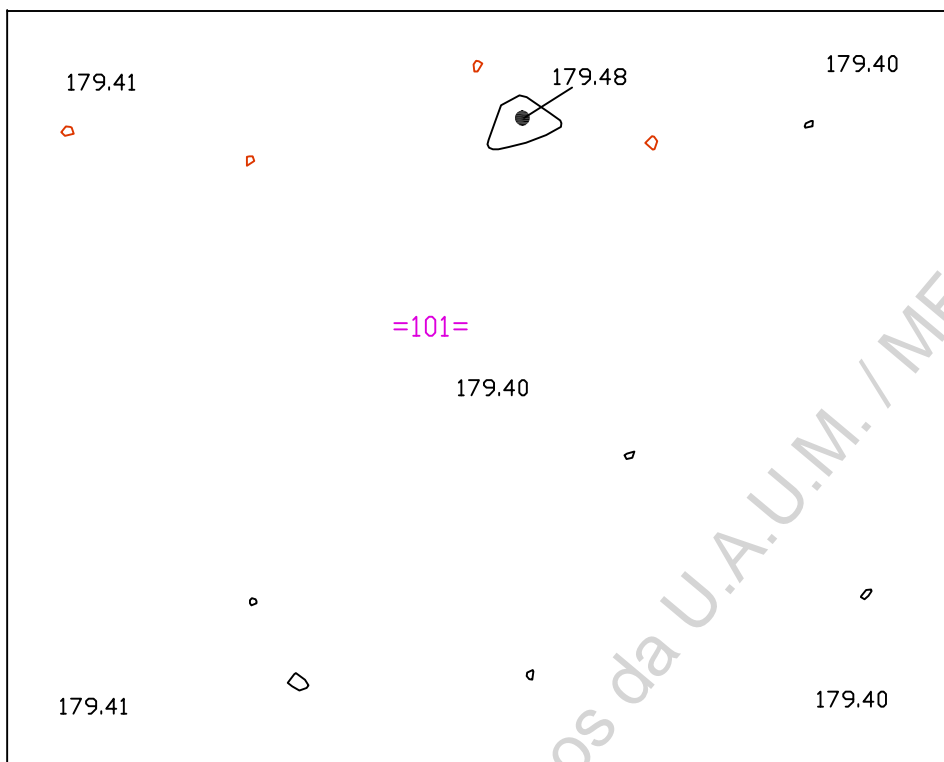
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	16-12-2003		Sector E1 - Plano 1	BRA03-DDS-Sector E1
Gabinete	12-01-2005	Eurico		



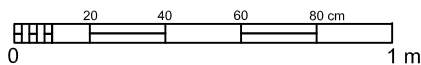
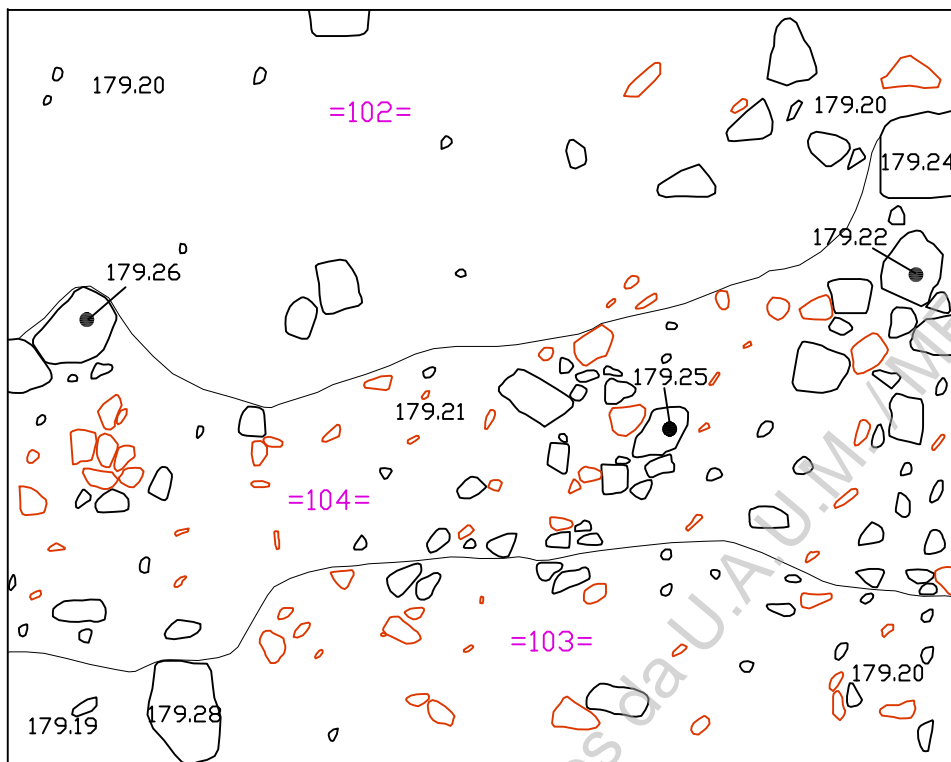
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	19-12-2003		Sector E1 - Plano 2	BRA03-DDS-Sector E1
Gabinete	12-01-2005	Eurleo		



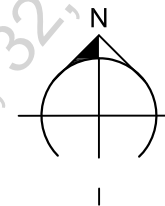
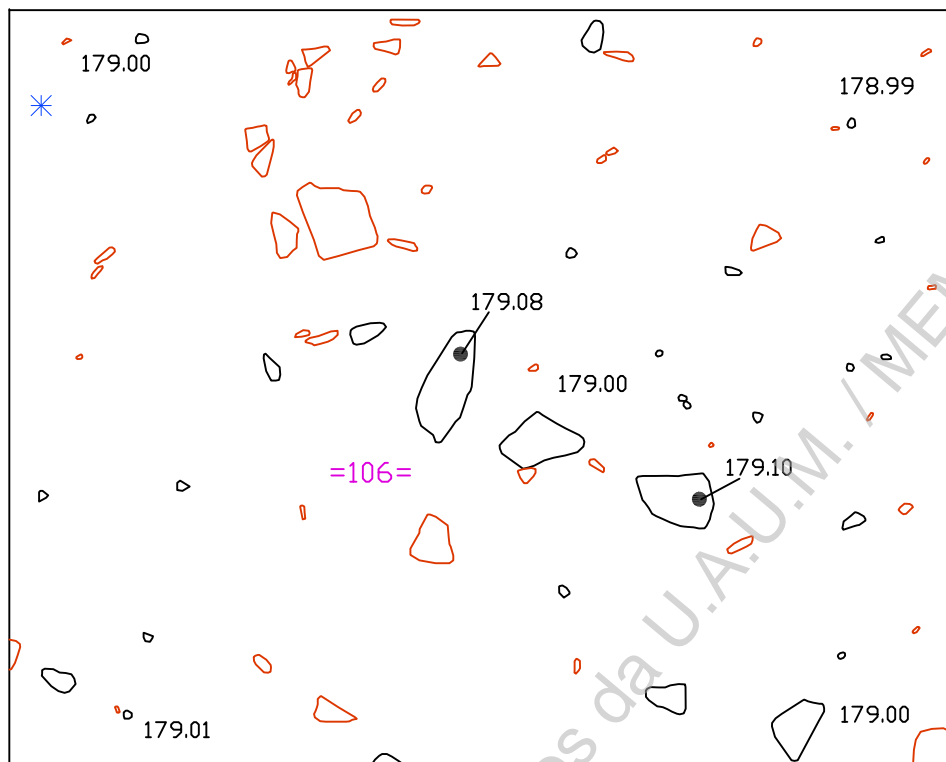
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	23-12-2003		Sector E1 - Plano 3	BRA03-DDS-Sector E1
Gabinete	13-01-2005	Eurico		



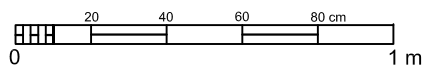
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	30-12-2003		Sector E1 - Plano 4	BRA03-DDS-Sector E1
Gabinete	12-01-2005	Eurico		



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	06-01-2004		Sector E1 - Plano 5	BRA04-DDS-Sector E1
Gabinete	14-01-2005	Eurico		

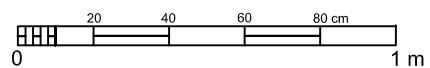
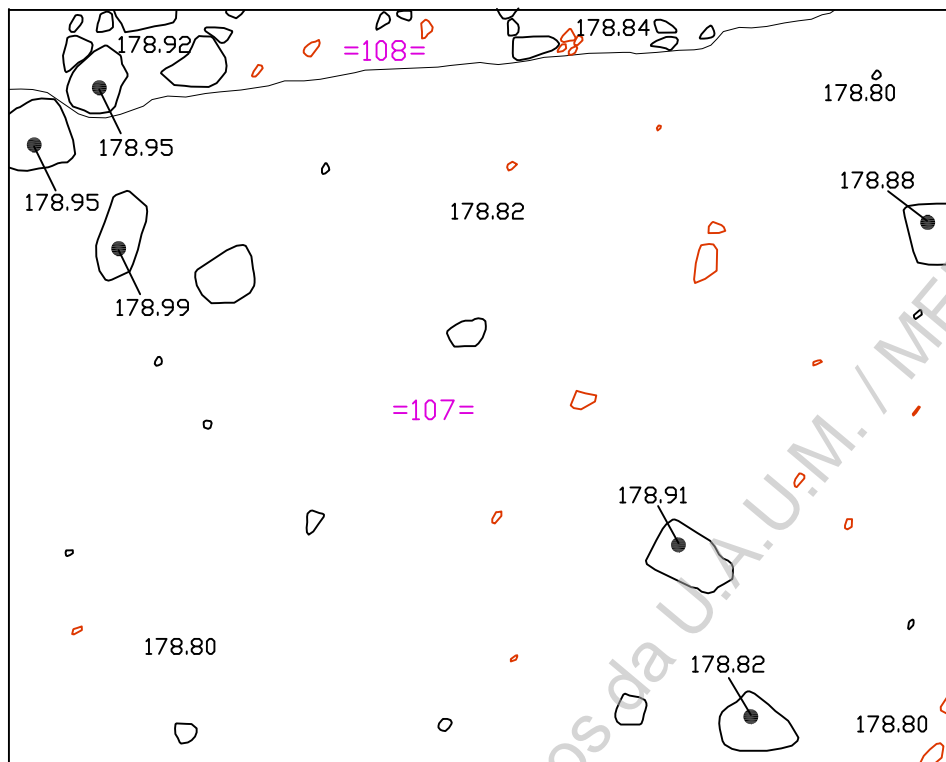


\* Achado nº 77 - Moeda.  
Cota - 178.95m.

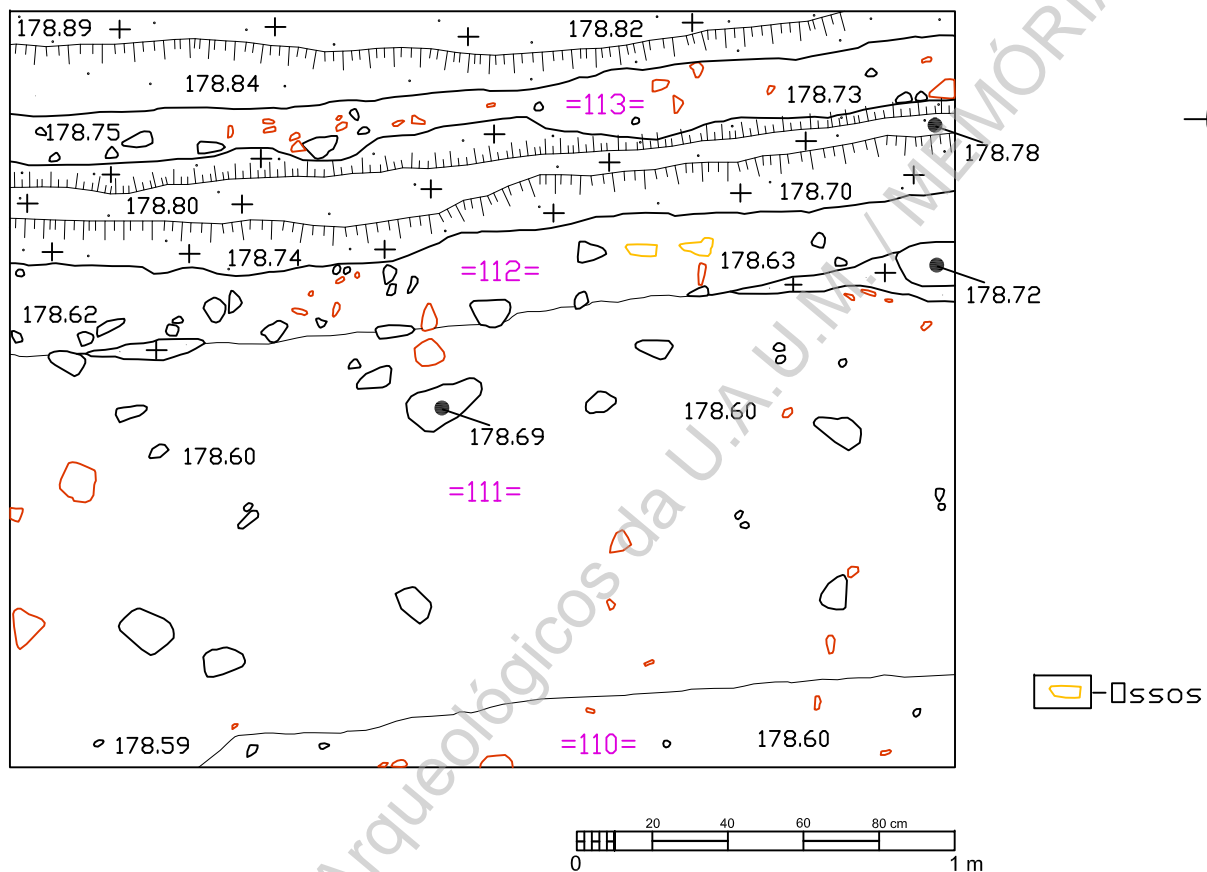


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	12-01-2004		Sector E1 - Plano 6	BRA04-DDS-Sector E1
Gabinete	14-01-2005	Eurico		

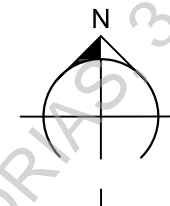
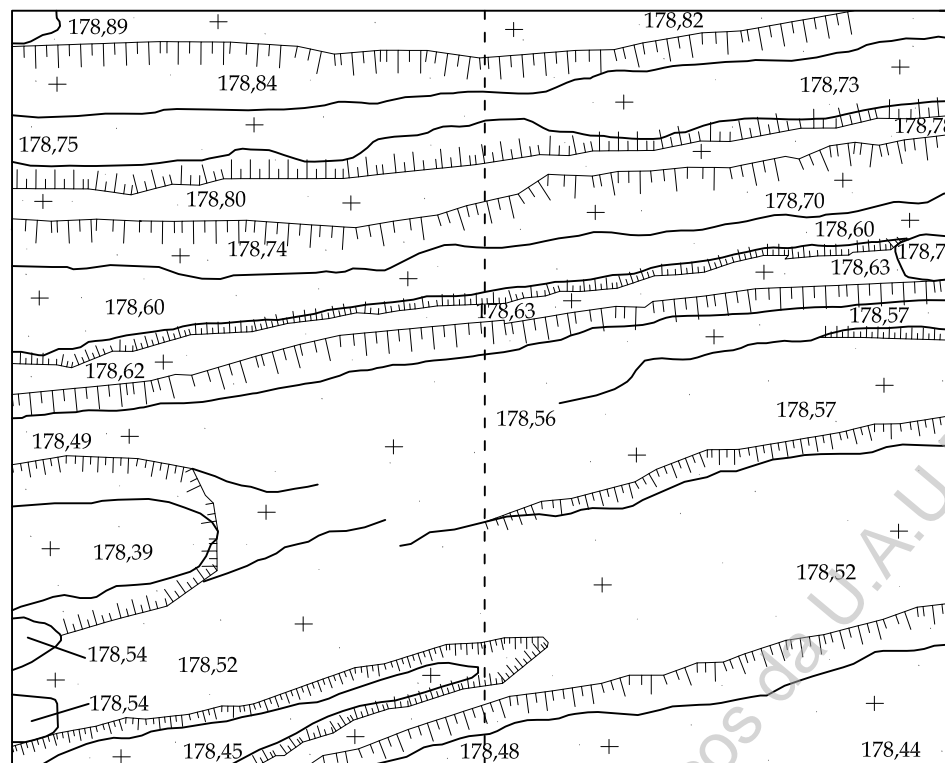




Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	21-01-2004		Sector E1 - Plano 7	BRA04-DDS-Sector E1
Gabinete	16-01-2005	Eurico		

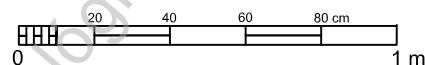


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	26-01-2004		Sector E1 - Plano 8	BRA04-DDS-Sector E1
Gabinete	17-01-2005	Eurico		

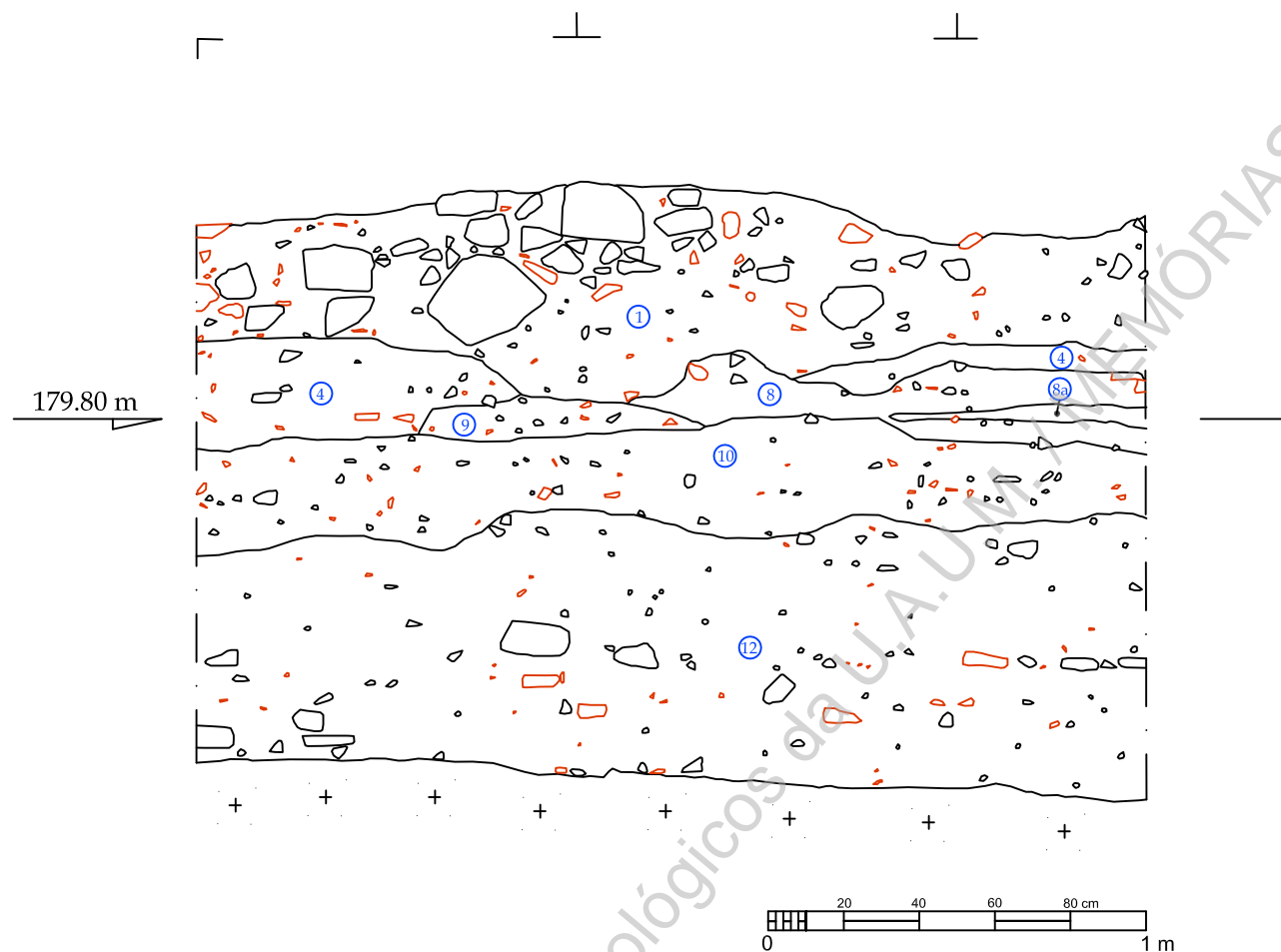


+ -Substrato Rochoso

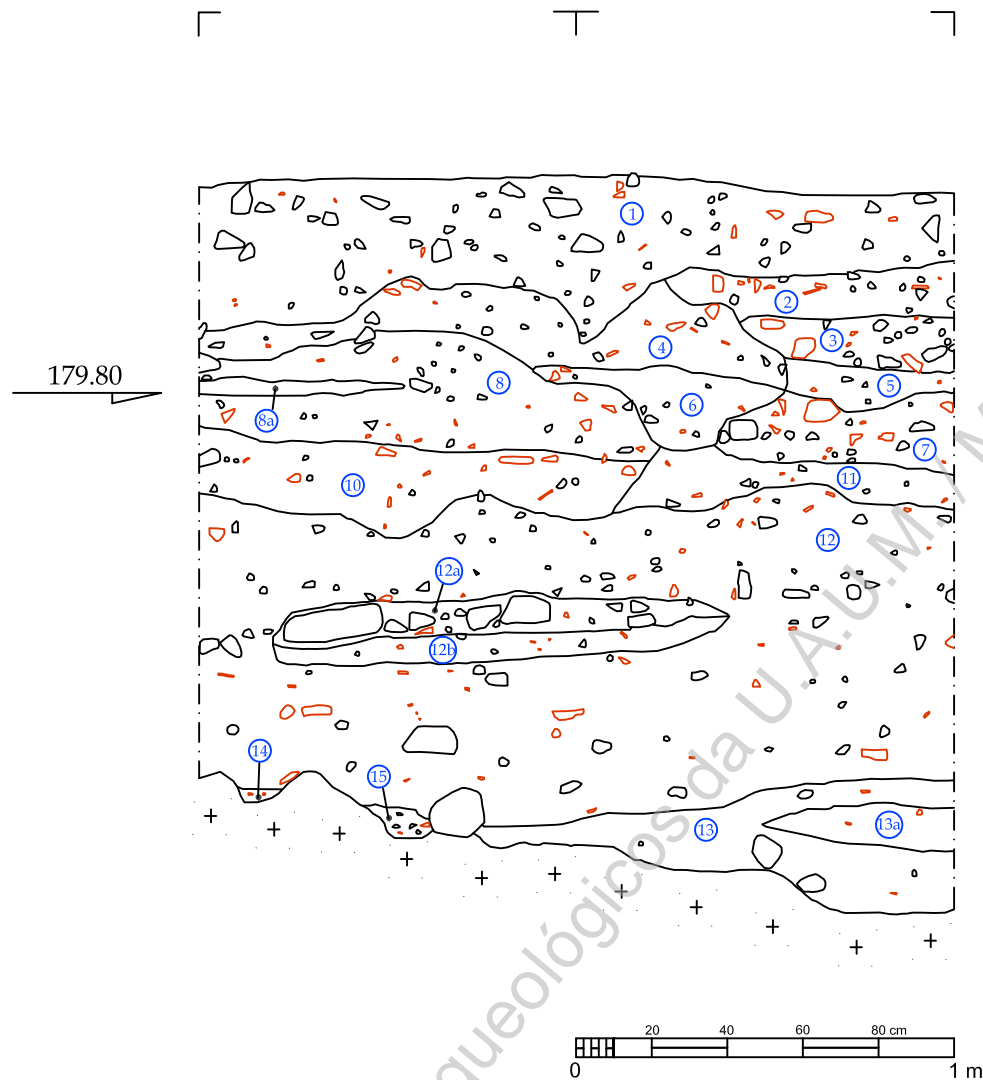
\* Este levantamento liga com os levantamentos finais do Sector E2.



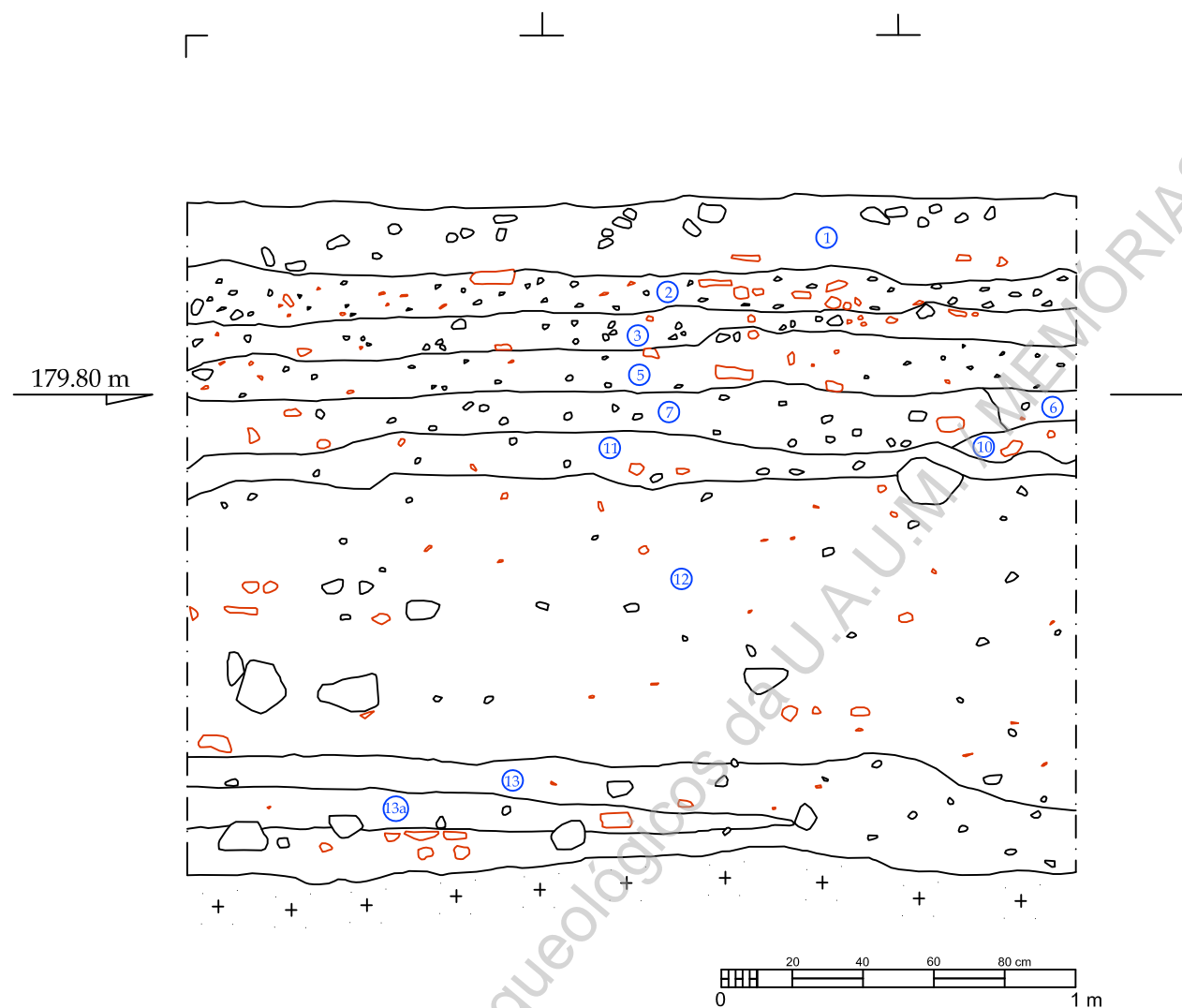
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	30-01-2004		Levantamento Final	BRA04-DDS-Sector E1
Gabinete	20-01-2005	Eurico		



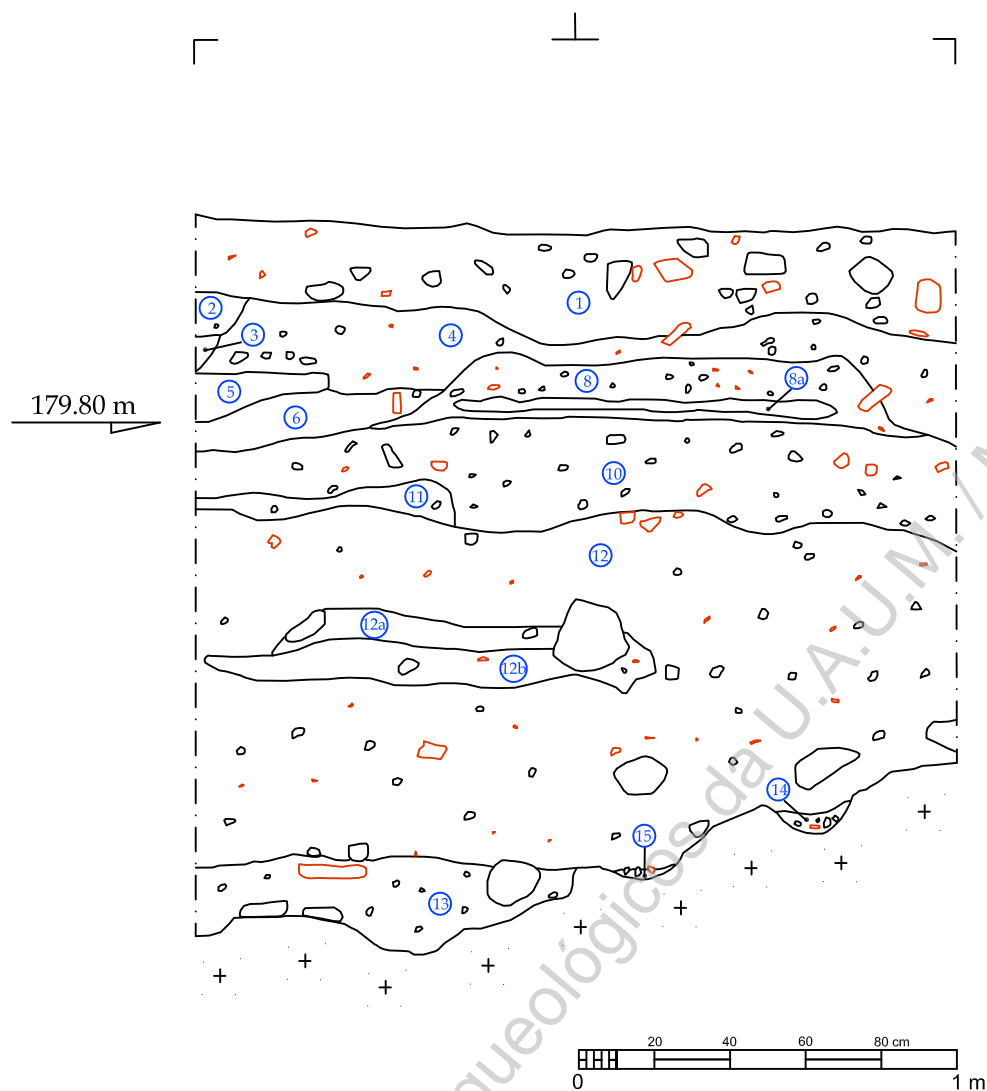
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	13-01-2004		Sector E 1 Perfil Norte	BRA04-DDS-E1
Gabinete	17-01-2005	Pedro		



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	14-01-2004		Sector E 1 Perfil Este	BRA04-DDS-E1
Gabinete	14-01-2005	Pedro		



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	14-01-2004		Sector E 1 Perfil Sul	BRA04-DDS-E1
Gabinete	17-01-2005	Pedro		



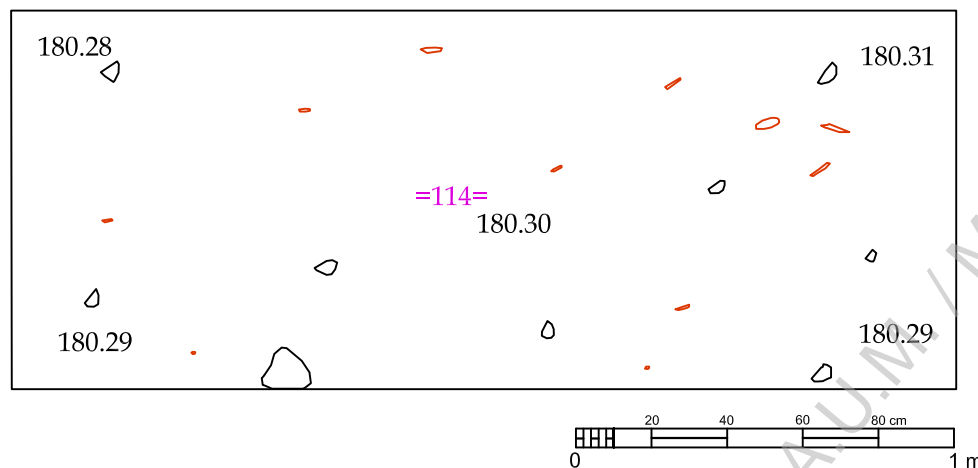
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	13-01-2004		Sector E 1 Perfil Oeste	BRA04-DDS-E1
Gabinete	17-01-2005	Pedro		

**SECTOR**

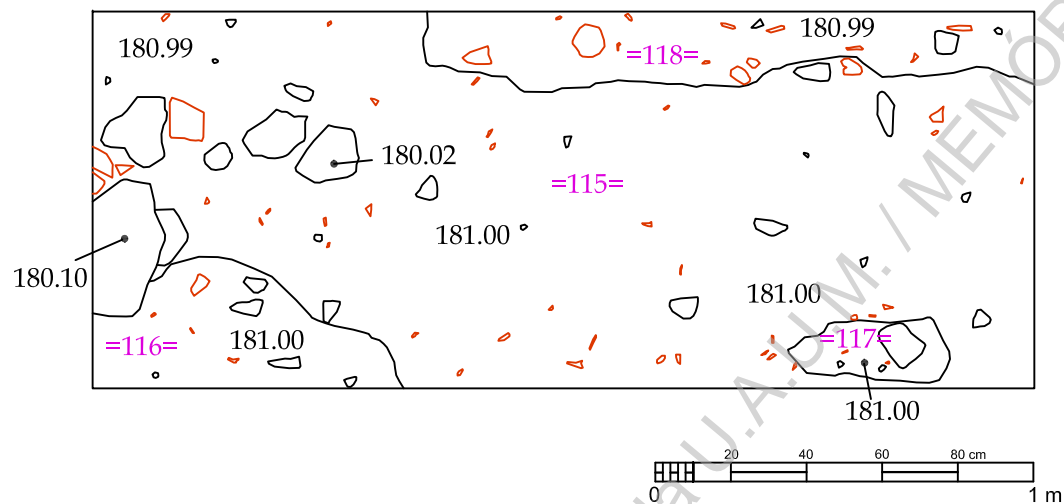
**E2**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012

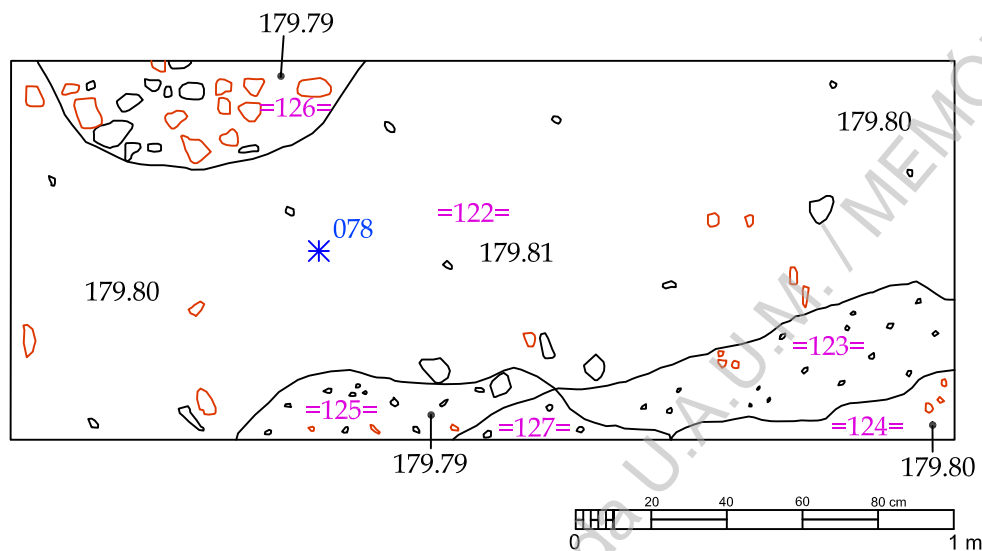




Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	Eurico		Sector E 2 Lev. Inicial	BRA04-DDS-E2
Gabinete	04-01-2005	Pedro		

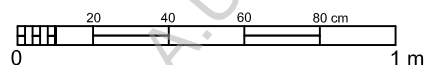
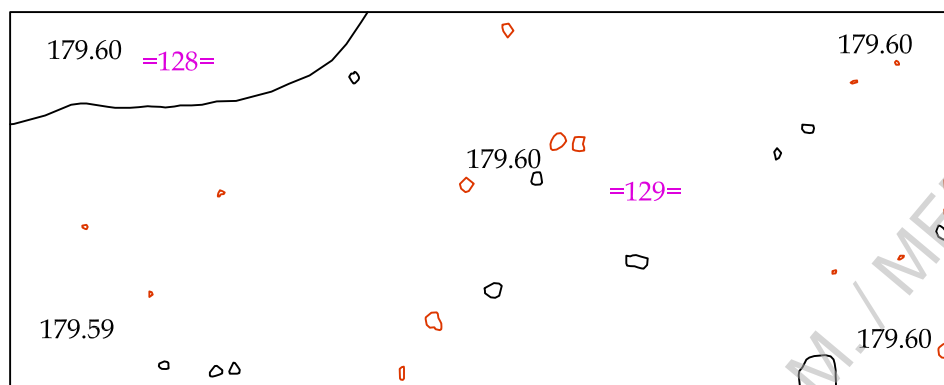


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo		Jorge/David	Sector E 2 Plano 1	BRA04-DDS-E2
Gabinete	04-01-2005	Pedro		

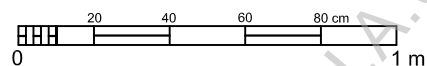
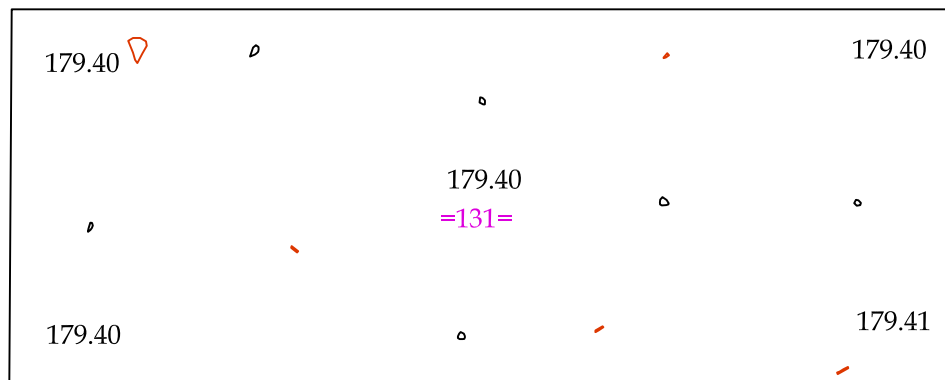


\* Achado nº 78 - Moeda.  
Cota - 179.66m.

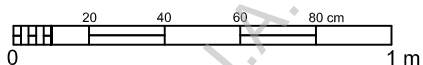
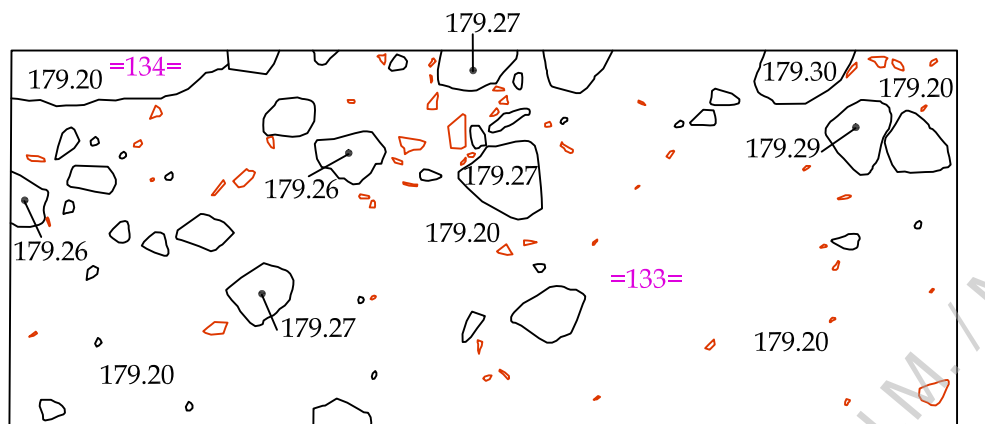
Esc. 1 : 20			Rua D.Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	11-02-2004	Jorge	Sector E 2 Plano 2	BRA04-DDS-E2
Gabinete	03-01-2005	Pedro		



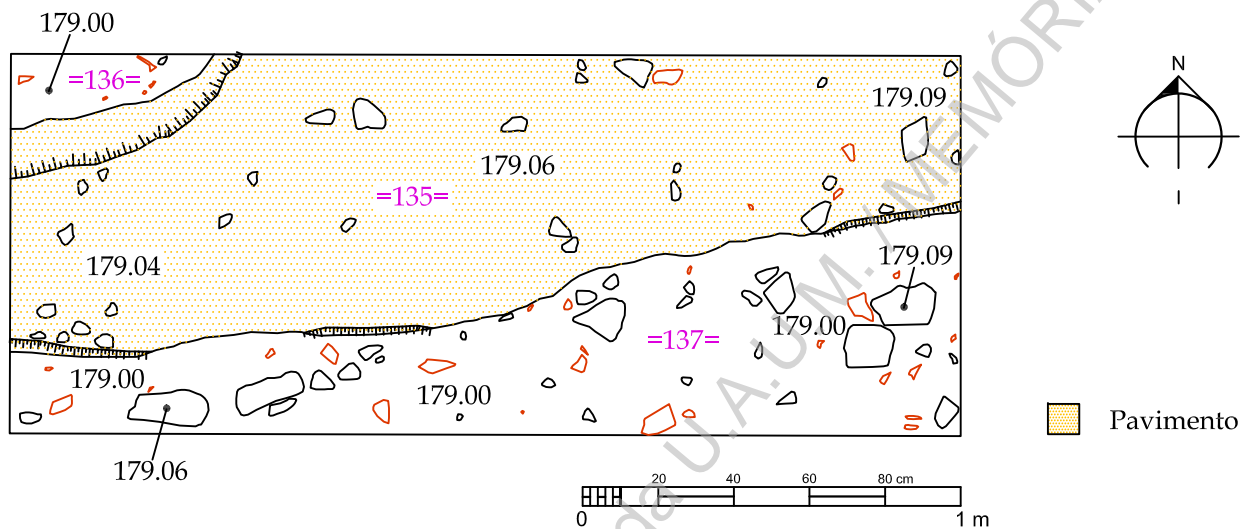
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	13-02-2004	Jorge	Sector E 2 Plano 3	BRA04-DDS-E2
Gabinete	04-01-2005	Pedro		



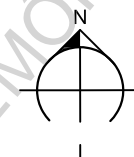
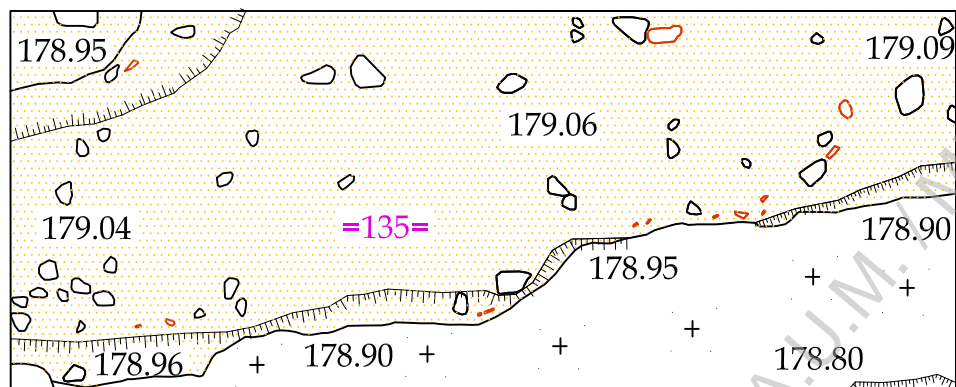
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	16-02-2004	Jorge	Sector E 2 Plano 4	BRA04-DDS-E2
Gabinete	04-01-2005	Pedro		



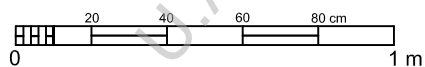
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	17-02-2004	Eurico	Sector E 2 Plano 5	BRA04-DDS-E2
Gabinete	04-01-2005	Pedro		



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	19-02-2004	Eurico	Sector E 2 Lev.2	BRA04-DDS-E2
Gabinete	04-01-2005	Pedro		

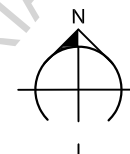
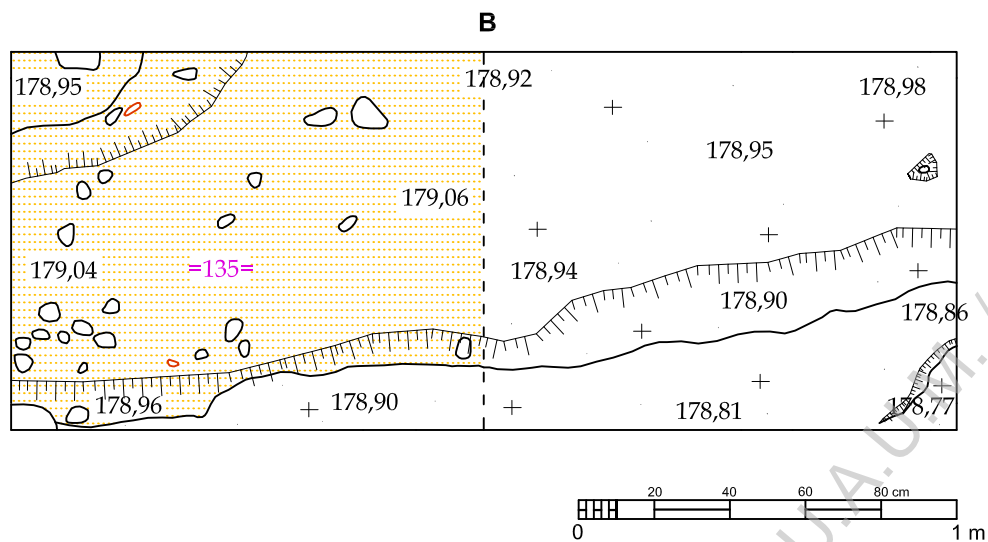


 Pavimento



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	20-02-2004	Eurico	Sector E 2 Lev. 3	BRA04-DDS-E2
Gabinete	05-01-2005	Pedro		

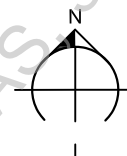
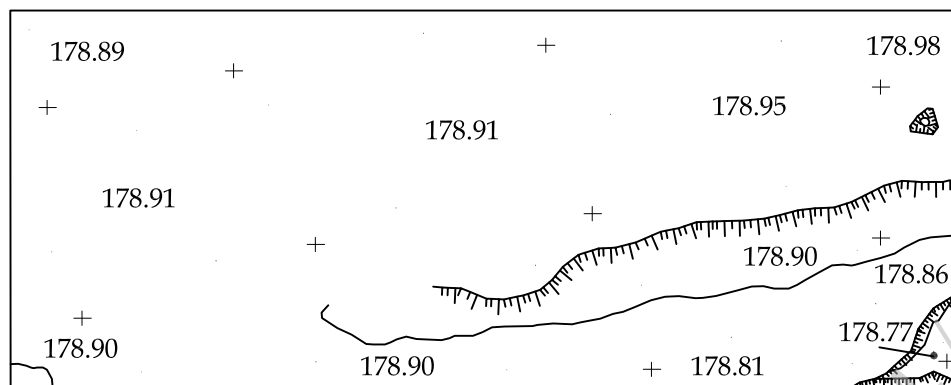




- Pavimento
- Substrato Rochoso

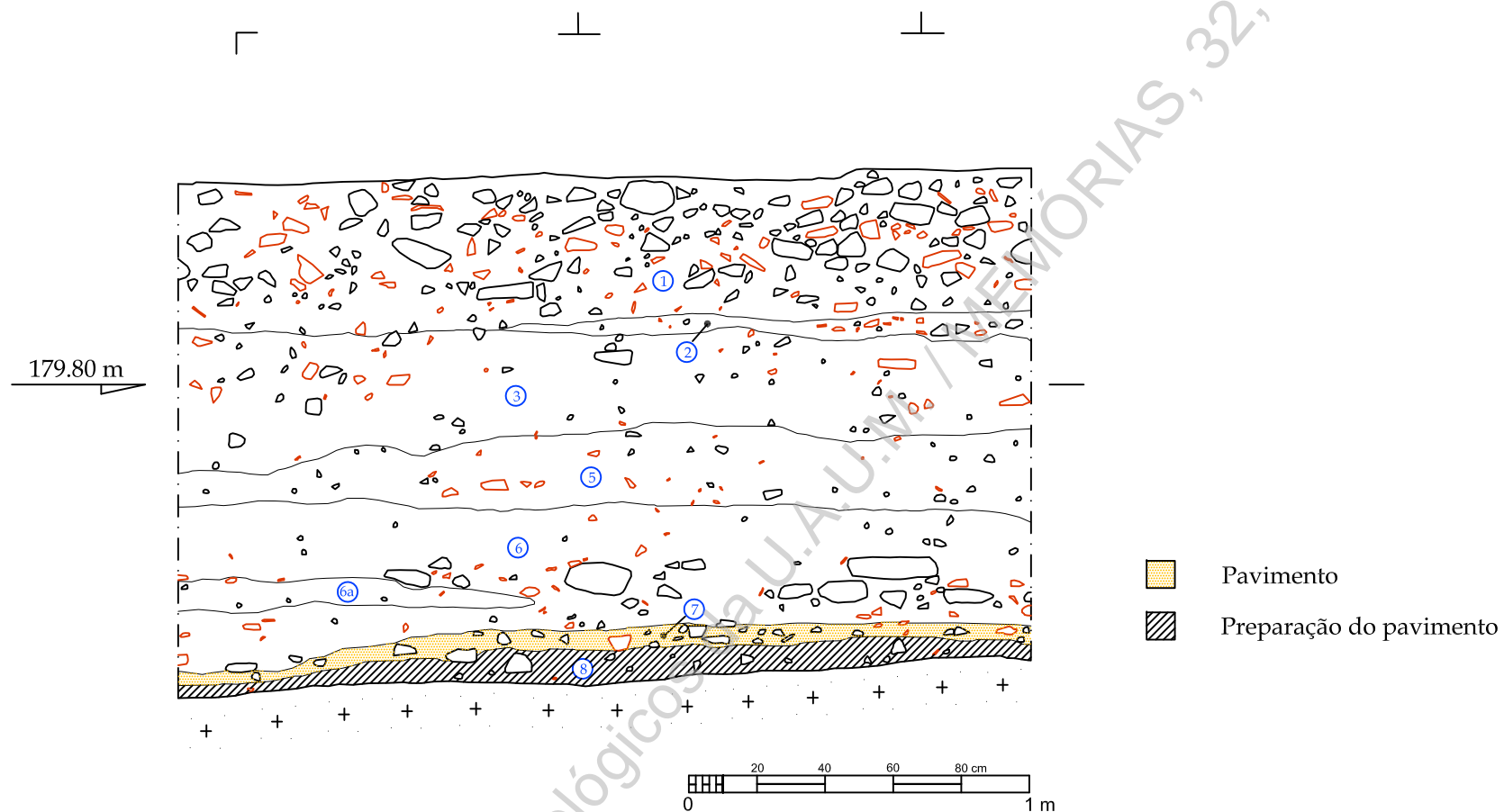
\* Este levantamento liga com o levantamento final do Sector E1

Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	25-02-2004	Eurico	Sector E 2 Lev.Final	BRA04-DDS-E2
Gabinete	13-04-2004	J. Folhento		

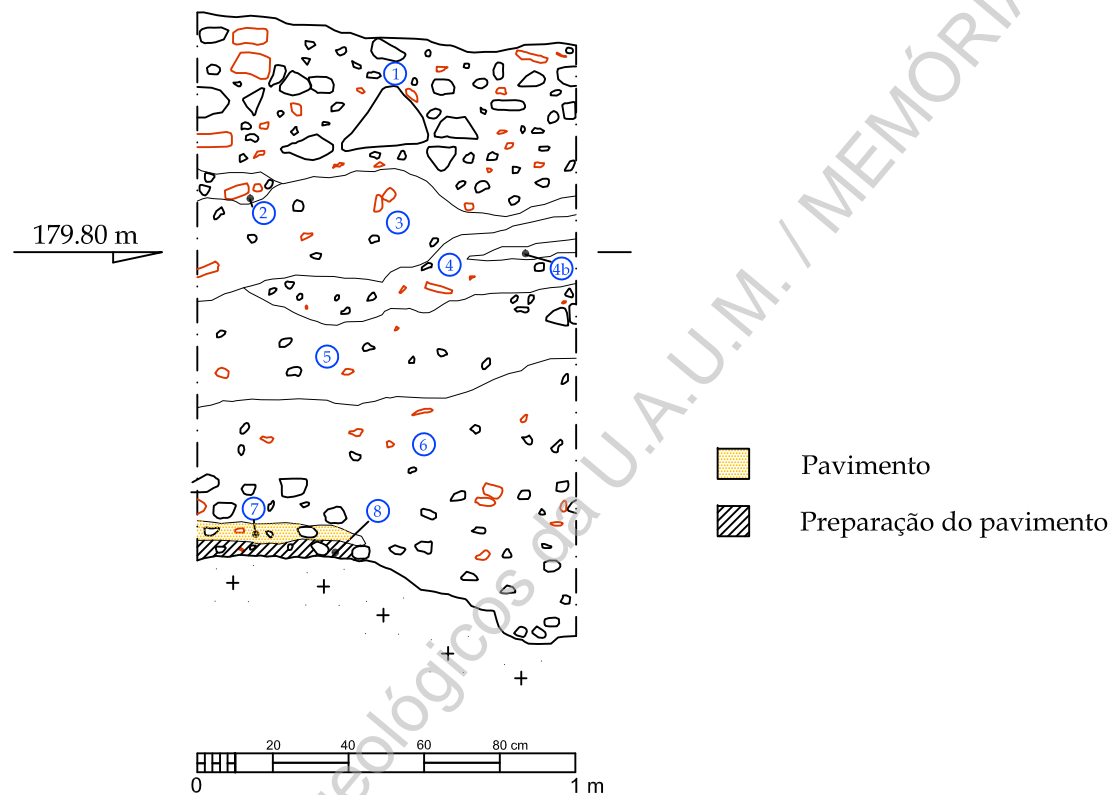


\* Este levantamento liga com o levantamento final do Sector E1

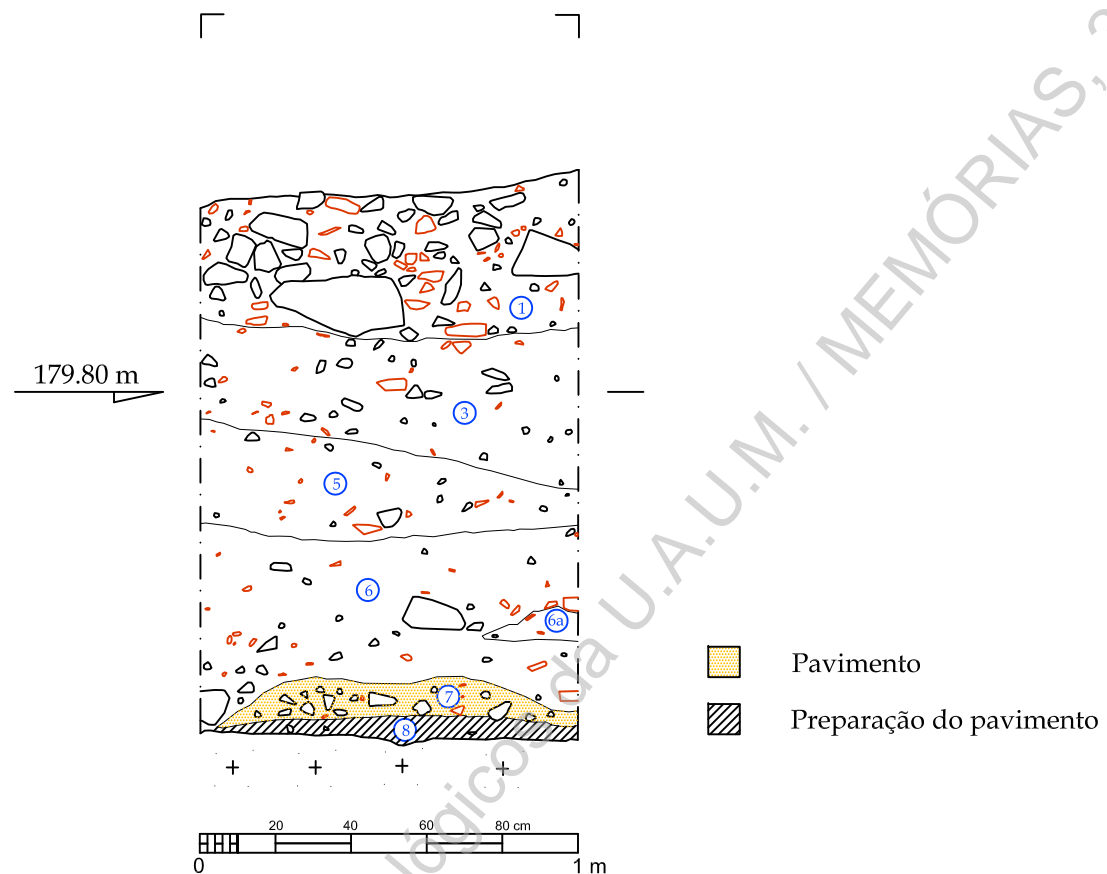
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	02-03-2004	Eurico	Sector E 2 Lev. Final (Fase posterior)	BRA04-DDS-E2
Gabinete	05-01-2005	Pedro		



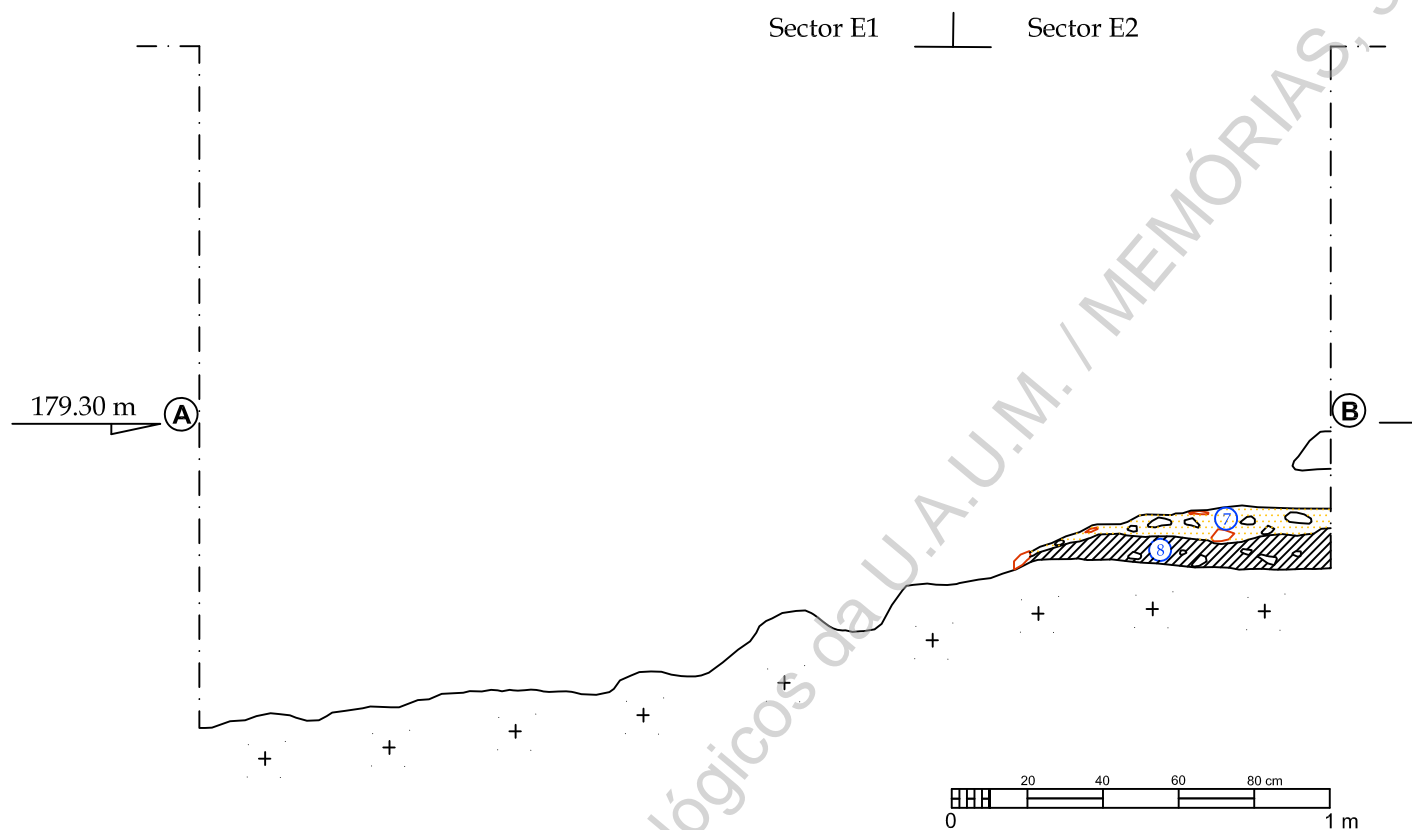
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	26-02-2004	Eurico	Sector E 2 Perfil Norte	BRA04-DDS-E2
Gabinete	12-01-2005	Pedro		



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	26-02-2004	David	Sector E 2 Perfil Este	BRA04-DDS-E2
Gabinete	07-01-2005	Pedro		



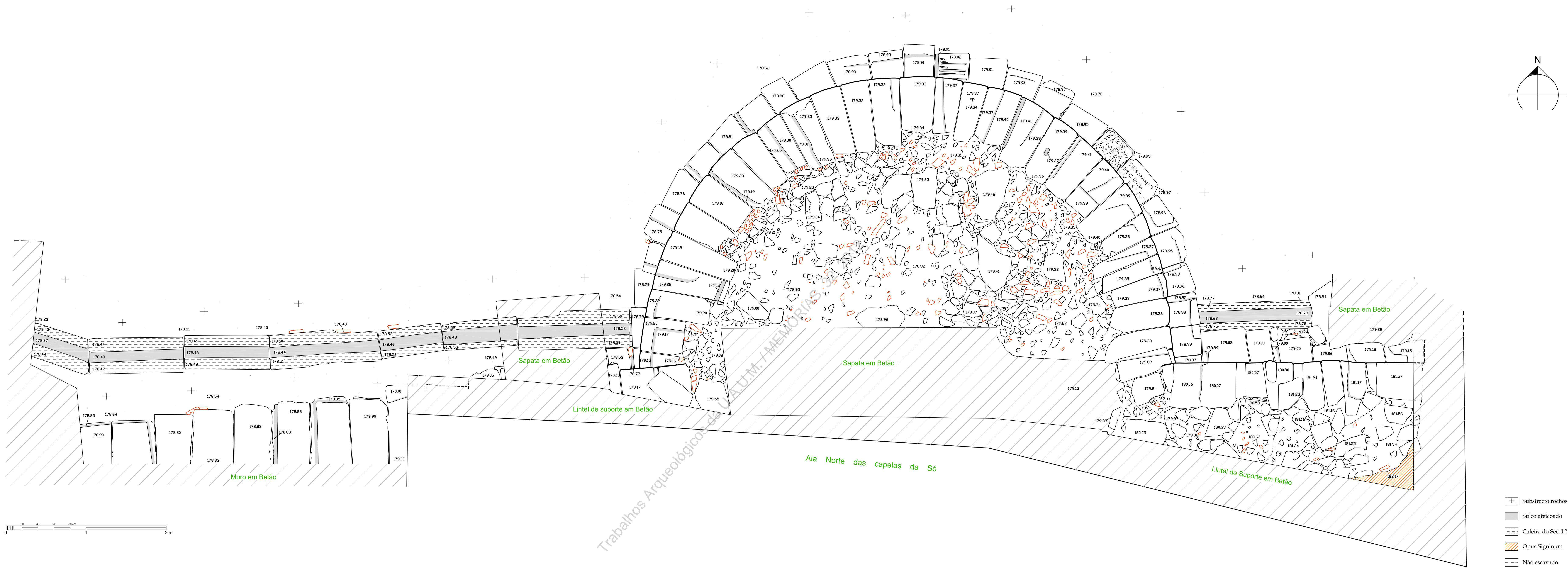
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	26-02-2004	Eurico	Sector E 2 Perfil Oeste	BRA04-DDS-E2
Gabinete	10-01-2005	Pedro		



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	17-02-2004	Eurico	Sector E 1 e E2 Secção A-B / Perfil Oeste	BRA04-DDS-E2
Gabinete	04-01-2005	Pedro		

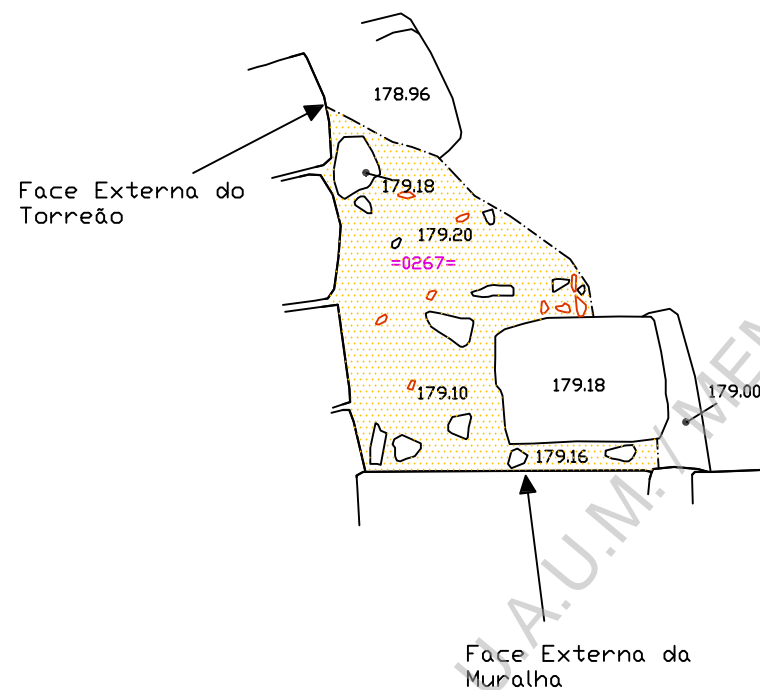
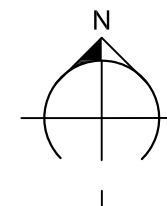
**REGISTOS NA FASE DE  
ACOMPANHAMENTO DAS  
TERRAPLANAGENS**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012



Esc. 1 : 20	Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueológica U.M.
Coord. UTM: 22QUC000000	Tramoa e Torreão da Muralha de 2ª met. do séc. III e Calceira do Séc. I?	BRA04-DDS



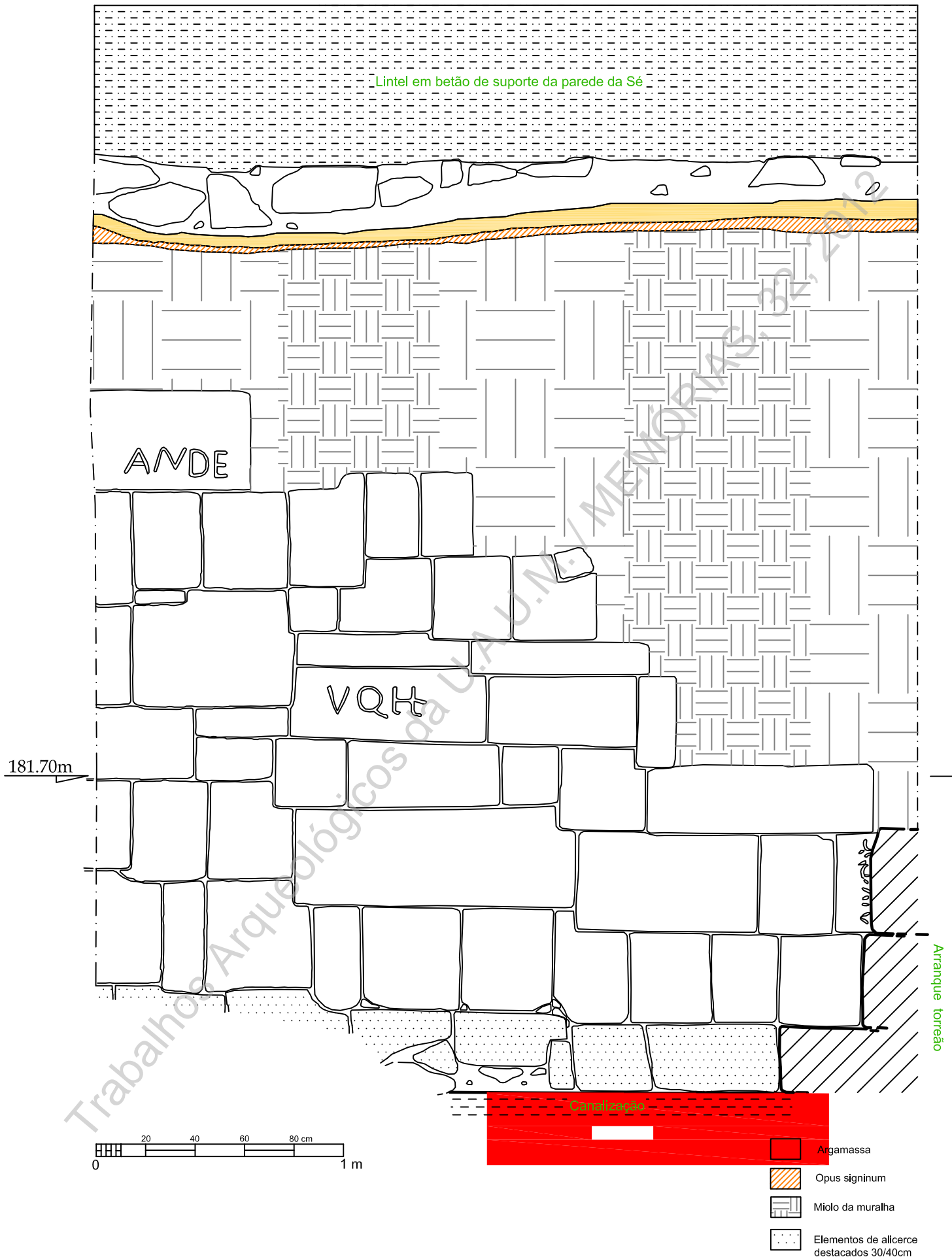


Lintel de suporte em Betão

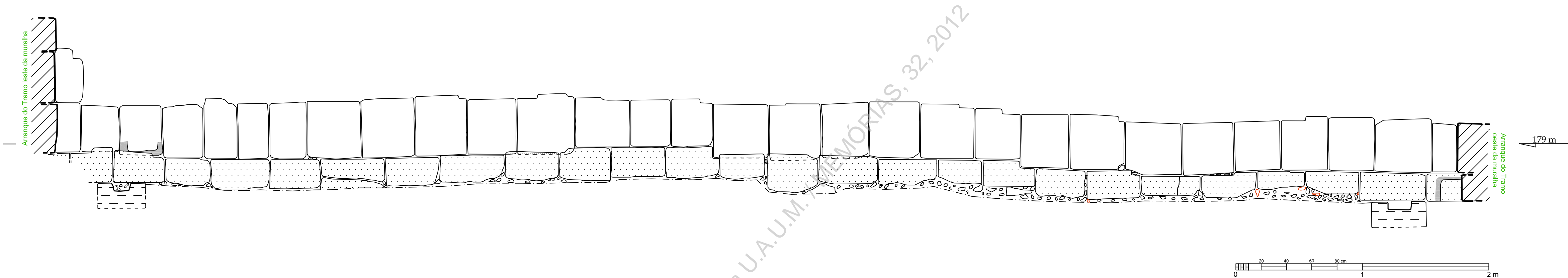
Lintel de suporte em Betão



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	23-10-2004		Piso de Circulação no Entroncamento Oeste do Torreão com a Muralha Levantamento 1	BRA04-DDS-piso-tor-mur
Gabinete	30-12-2004	Eurico		



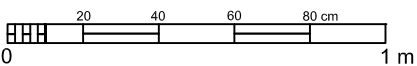
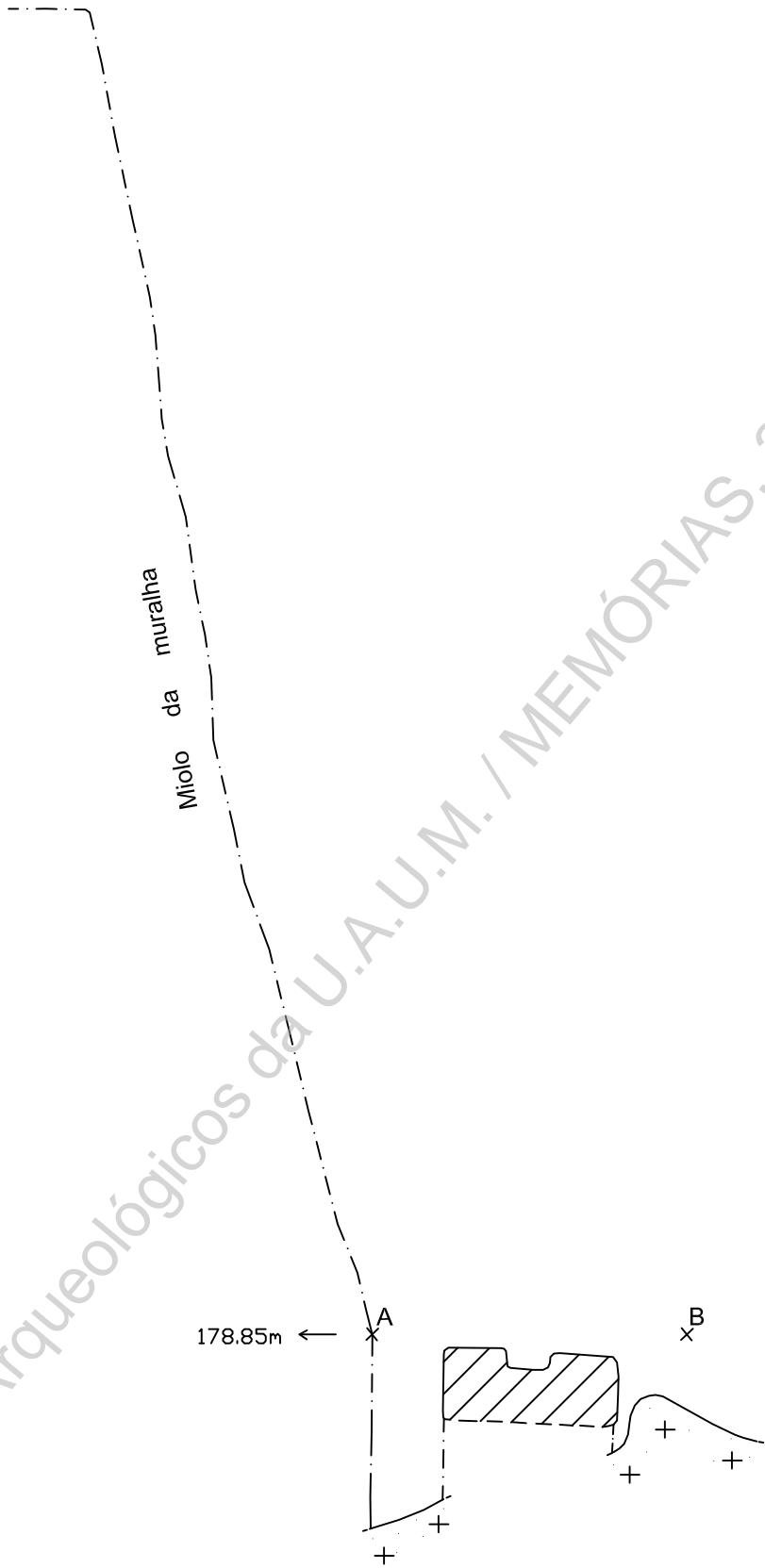
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	22-10-2004	Eurico	Alçado Norte do tramo Leste da Muralha	BRA04-DDS
Gabinete	22-02-2005	Eurico		



- Sulco afeiçoado
- Elemento de Canalização
- Alicerce do Torreão
- Linha oculta

Esc. 1 : 20		Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	22-10-2004	Então	
Outros	22-02-2002	Então	
Alçado planificado do Torreão			BRA04-DDS

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	01-10-2004		Canalização Secção-A-B (levantamento-1)	BRA04-DDS-Canalização
Gablnete	03-01-2005	Eurico		

## **FOTOS GERAIS DA INTERVENÇÃO**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012

**Foto – cab0041**



Fachadas Norte (edifícios 1, 2, 3, 4, 5) e Oeste (Rua do Cabido).

**Foto – cab0124**



Vista de Leste dos telhados dos edifícios 2 e 3.

**Foto** – cab0042



Pormenor da fachada principal Norte do edifício 1.



**Foto** – cab0068



Pormenor da fachada principal Norte do edifício 3.



**Foto – cab0157**



Pátio traseiro do edifício 1, onde foi implantado o sector A. Orientação E-W.

**Foto – cab0449**



Aspeto da demolição dos edifícios 1, 2 e 3. Orientação Ne-Sw.

Foto – cab0345



Lajeado do passeio porticado do séc. XVIII.



**Foto – cab1158**



Vista de Sudeste pós demolição dos edifícios 1, 2, 3 e 4.

**Foto – cab1208**



Fachada do edifício do séc. XVI.

**Foto – cab0528**



Pormenor da inscrição (1519) no lintel da porta de entrada do edifício do séc. XVI.

**Foto** – cab0808



Elementos de um arco reaproveitados em paredes.



**Foto** – cab0856



Aspeto do miolo da muralha no setor A. Orientação So-Ne.

**Foto – cab0764**



Vista de Sudoeste da entivação do sector B.

**Foto – F1000004**



Sector C – plano 6. Orientação E-W.

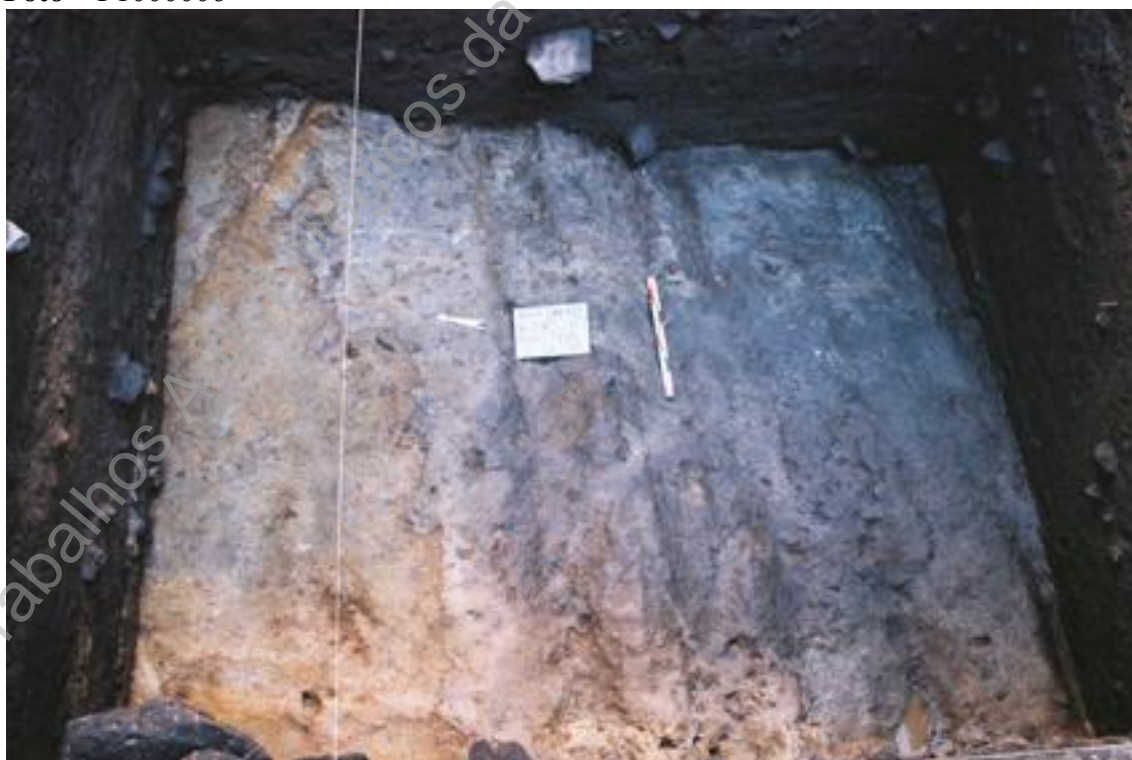


**Foto – cab1224**



Setor D – plano 4. Orientação W-E.

**Foto – F1000006**



Setor E1/2 – levantamento final. Orientação W/E.



**Foto - 091**



Estruturas 1 e 2. Orientação N-S.

**Foto – F1020002**



Vista de Sudoeste do esqueleto interior da fachada dos edifícios 2, 3 e 4.

Foto – DSC02029



Perfil Norte da sondagem 4, na fase de acompanhamento.

Foto – DSC02263



Perfil Norte da sondagem 19, na fase de acompanhamento.



**Foto – DSC02350**



Perfil Este da sondagem 24, na fase de acompanhamento.

Foto – DSC02368



Perfil Norte da sondagem 26, na fase de acompanhamento.

Foto – DSC0...



Perfil Este da sondagem 26, na fase de acompanhamento.  
Alicerces da igreja da Misericórdia.



**Foto – 176**



Pavimento externo à muralha, registado no quadrante 2. Orientação N-S.

**Foto – F1030018**



Tramo mais a Oeste do embasamento da muralha e da conduta.

**Foto – DSC02447**



Pormenor do torreão visto de Norte.

**Foto – F1030027**



Pormenor dos elementos epigrafados do embasamento do torreão vistos de Sul.



**Foto – F1010015**



Face externa da muralha e entroncamento com o torreão.

**Foto – F1010016**



Pormenor da epígrafe superior integrada no pano da muralha.



**Foto – F1010017**



Pormenor da epígrafe inferior integrada no pano da muralha.

**Foto – F1000010**



Perspetiva geral da face externa da muralha, do torreão e da conduta, vista de Nordeste.

**Foto – F1000030**



Enquadramento das estruturas exumadas na fase de acompanhamento, no espaço da obra.

**Foto – DSC02589**



Pormenor do ensoleiramento do torreão em betão, visto de Norte.



**Foto – DSC02699**



Alçado Norte da muralha após deslocamento para Oeste do elemento superior, para melhor visualização da epígrafe.

**Foto – F1000037**



Enquadramento urbano da zona intervencionada. Orientação E-O.

# **FOTOS DE EXEMPLARES CERÂMICOS**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012

**Foto** – E11935 2004.1592 Int.2004-12-22 Y



Fragmento de prato em Terra Sigillata Africana.

**Foto** – E11937 2004.1591 Int.2004-12-22 Y



Fragmento de prato em Terra Sigillata Africana.

**Foto** – 11939 2004.1594 Int.2004-12-22 Y(Tratada)



Fragmento de prato em Terra Sigillata Africana.

**Foto** – E11941 2004.1593 Int.2004-12-22 Y(Tratada)



Fragmento de prato em Terra Sigillata Africana.

**Foto** – E11943 2004.1120, 2004.1133 e 2004.1136 2004-12-22 Y(Tratada)



Fichas de jogo em cerâmica comum romana.

**Foto** – E11944 2004.1129, 2004.1132 e 2004.1133 2004-12-22 Y(Tratada)



Fragmentos de ânforas.



**Foto** – E11945 1a3 2004.1129 4-2004.1134 e 5-2004.1129 2004-12-22 Y(Tratada)



Cerâmica cinzenta tardia.

**Foto** – E11946 1e2 2004.1129 e 3e4 2004.1132 2004-12-22 Y(Tratada)



Cerâmica comum romana.

**Foto** – E11947 1e2 2004.1130 e 3e4 2004-12-22 Y(Tratada)



Alguns exemplares de cerâmica comum.

**Foto** – E11948 1e2 2004.1129 e 3 2004.1120 2004-12-22 Y(Tratada)



Cerâmica de engobe vermelho.

**Foto** – E11949 1 2004. ...e 2 2004.1129 2004-12-22 Y(Tratada)



Fragmentos de Terra Sigillata Hispânica, datadas do Alto Império.

**Foto** – E11950 2004.1129 2004-12-22 Y(Tratada)



Fundo e parte da pança de um fragmento de cerâmica comum fina.

**Foto** – E11951 2004.1135 2004-12-22 Y(Tratada)



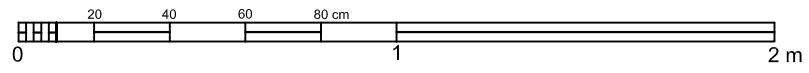
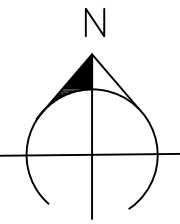
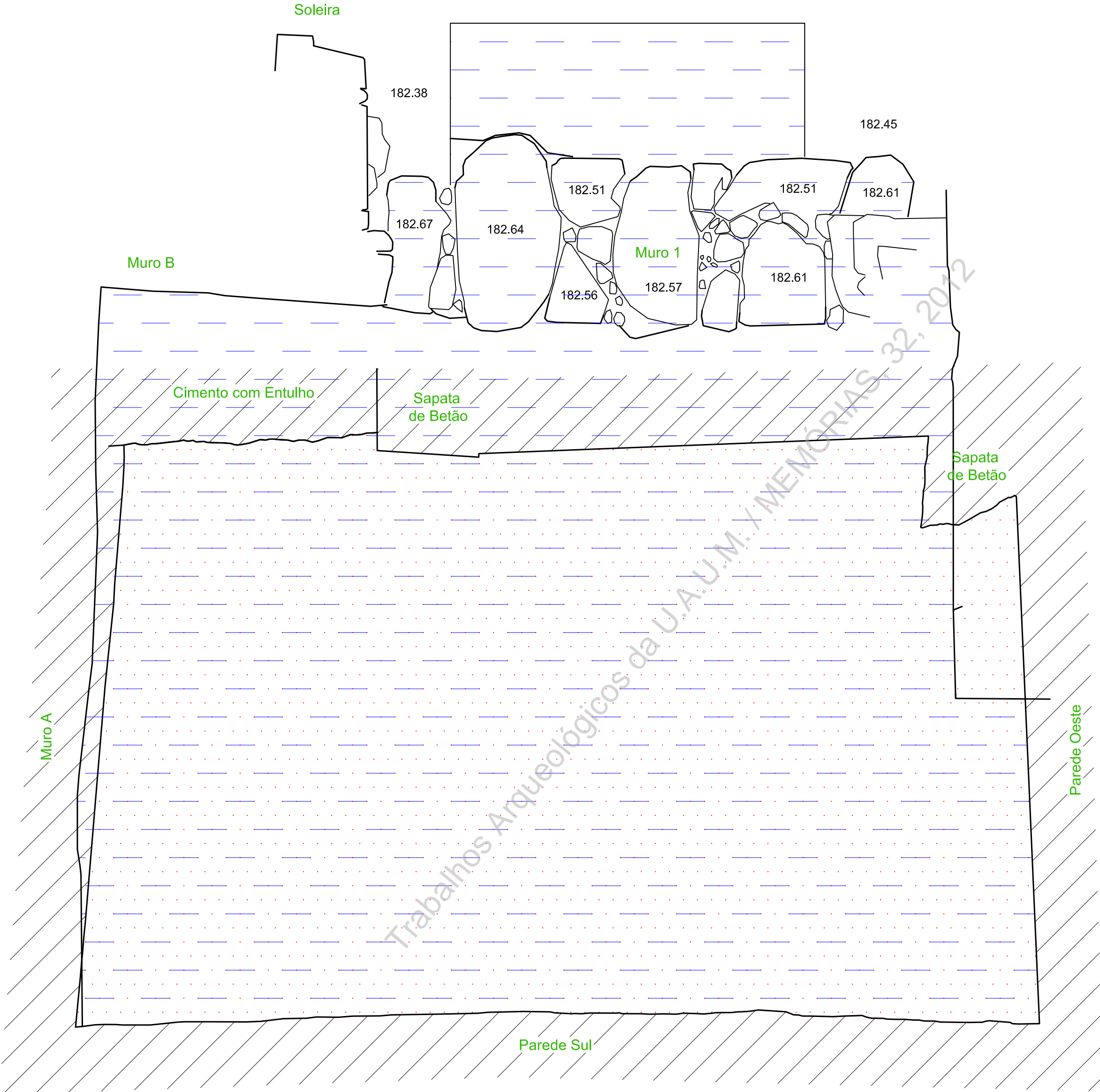
Bordo de cerâmica cinzenta, datada da Baixa Idade Média.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.C.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012

# **APÊNDICE**

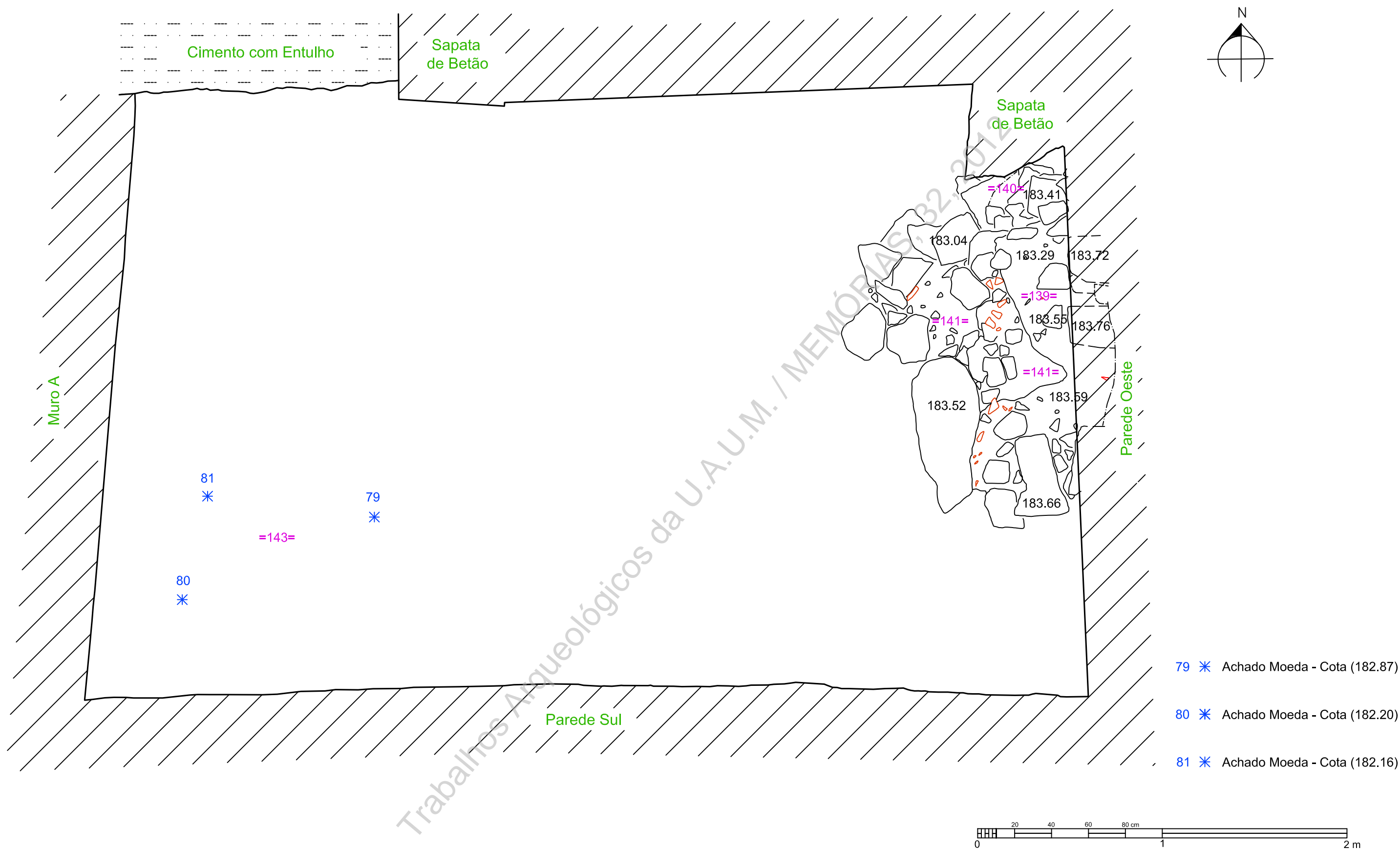
## **REGISTOS NA FASE DE CONCLUSÃO DA ESCAVAÇÃO DO SECTOR A**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIA 32, 2012

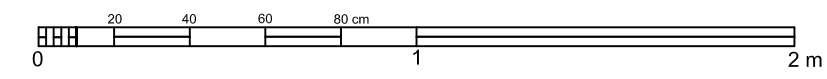
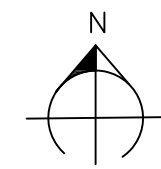
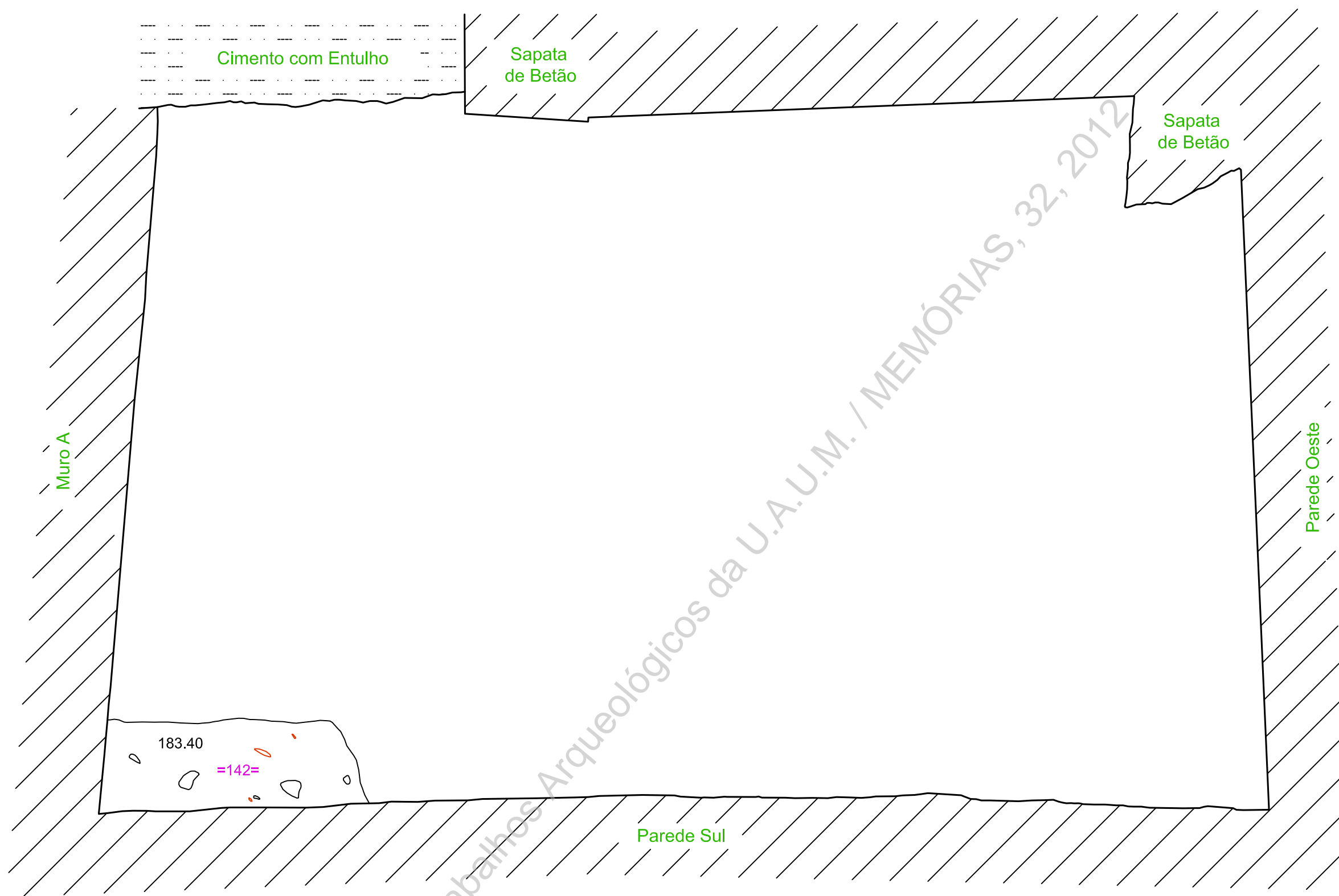


- Área intervençionada em 2003 entretanto suprimida
- Área intervençionada em 2005

Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	09-06-2005	Eurico	Sector A Representação das áreas intervençionadas em 2003 e 2005	BRA05-DDS-A
Gabinete	12-10-2005	Eurico		

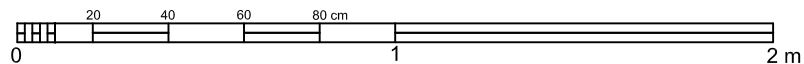
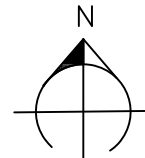
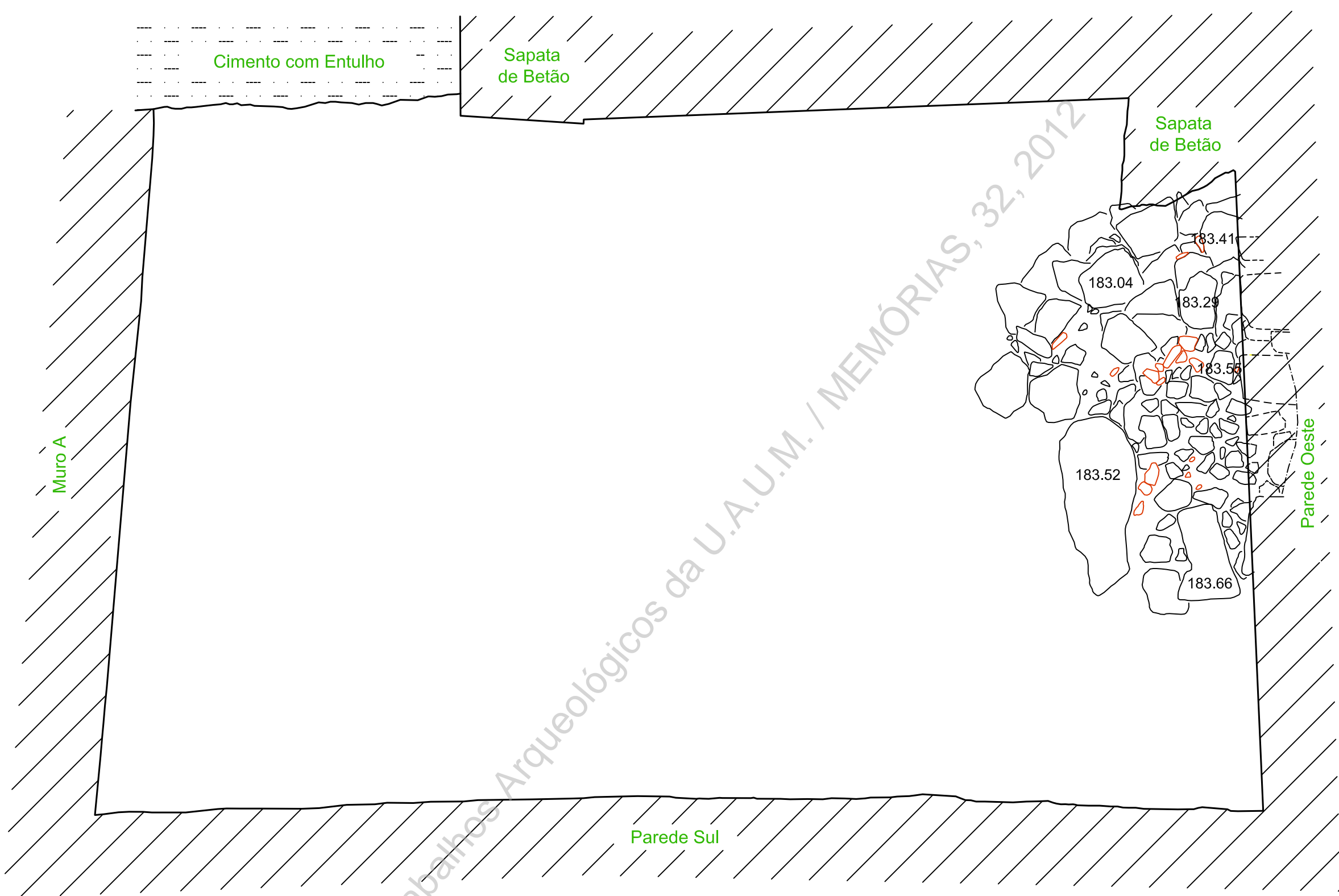


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	09-06-2005	Eurico	Sector A Levantamento 4	BRA05-DDS-A
Gabinete	12-10-2005	Alfredo		

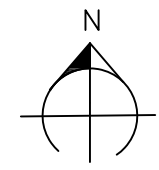
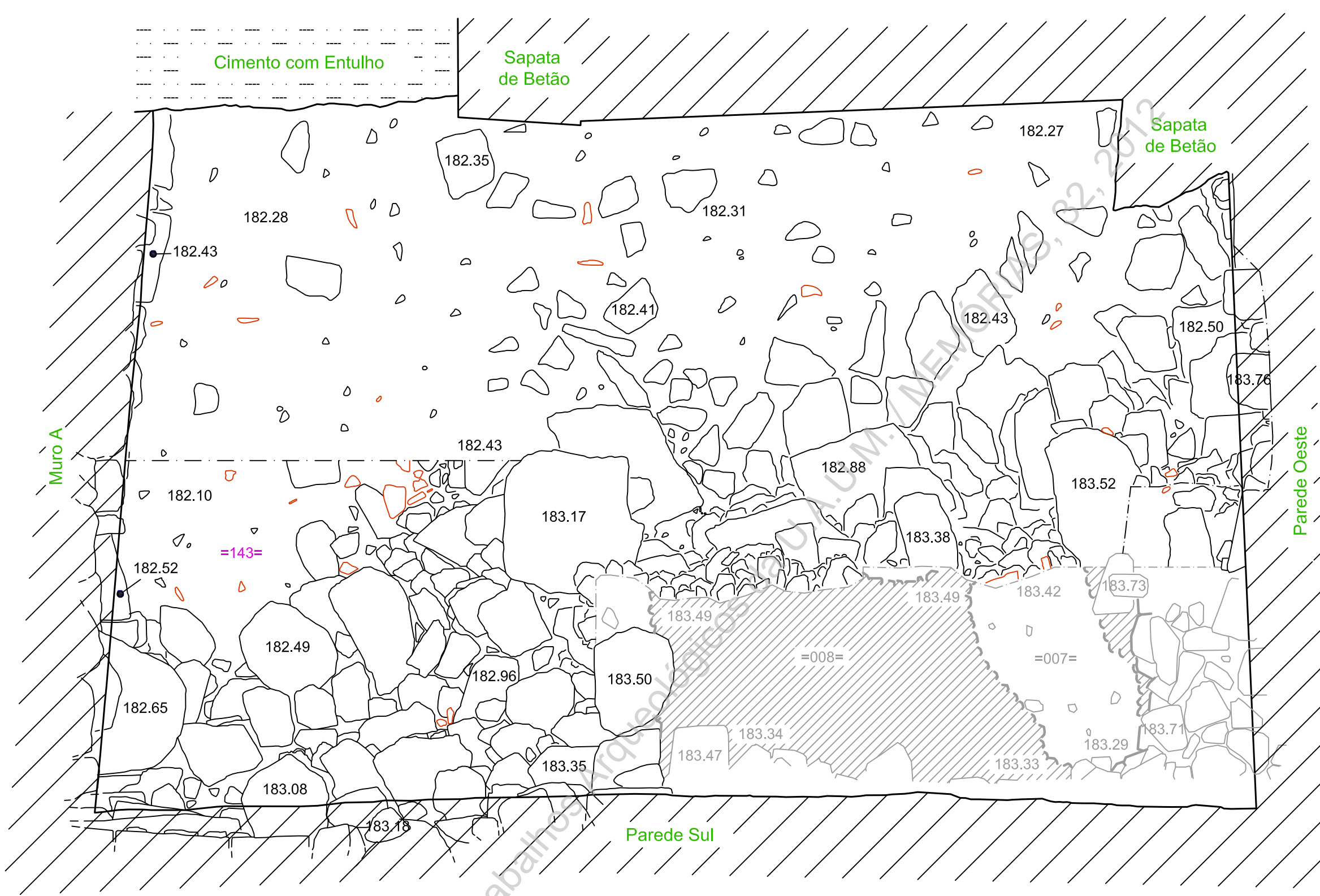





Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	09-06-2005	Eurico	Sector A Levantamento 4 - Fase Posterior	BRA05-DDS-A
Gabinete	12-10-2005	Alfredo		

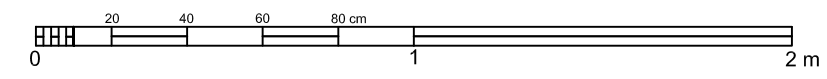




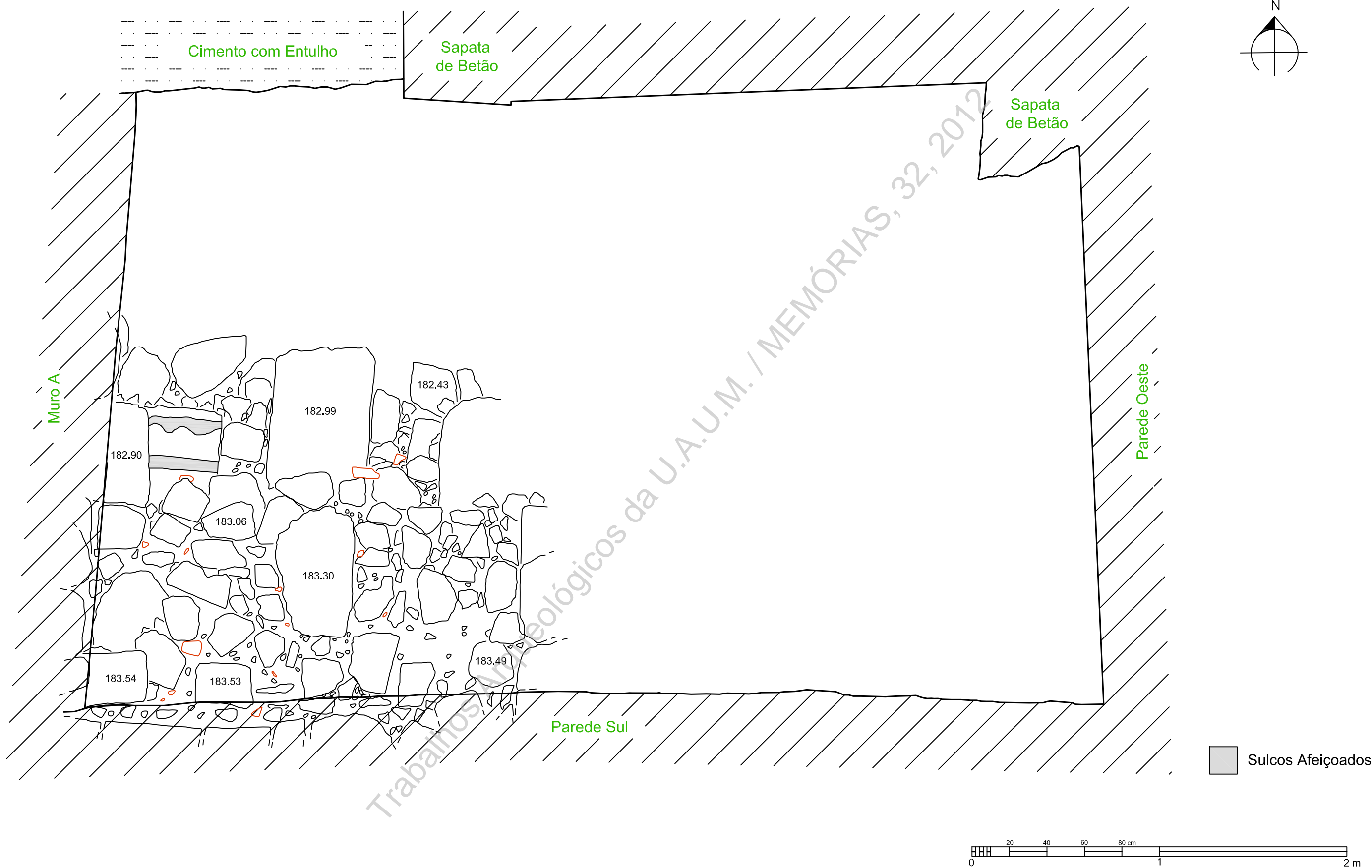
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	14-06-2005	Eurico	Sector A Levantamento 5	BRA05-DDS-A
Gabinete	12-10-2005	Alfredo		



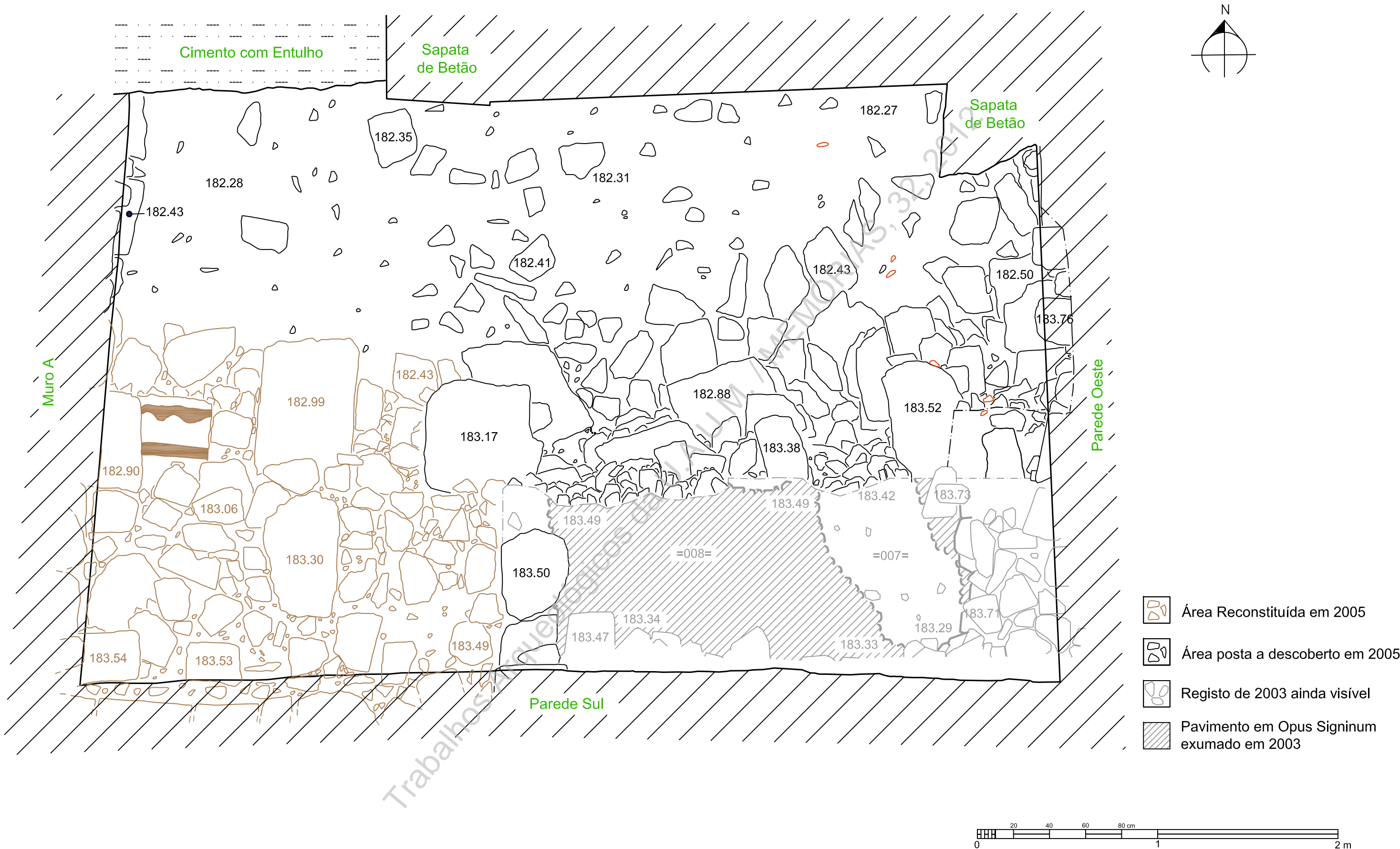
-  Área posta a descoberto em 2005
-  Registo de 2003 ainda visível
-  Pavimento em Opus Signinum exumado em 2003



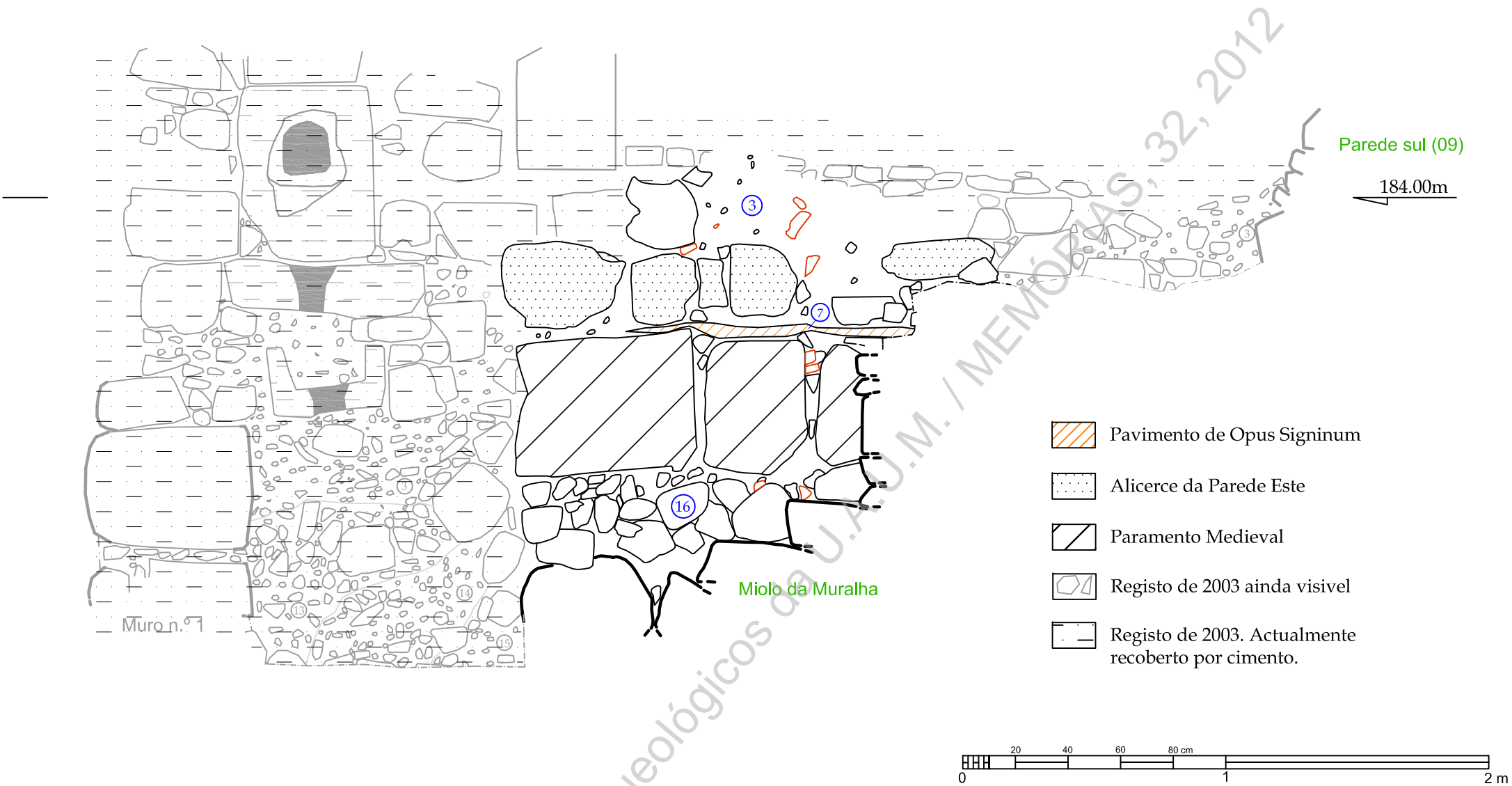
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	15-06-2005	Eurico	Sector A Levantamentos 2/6/7	BRA05-DDS-A
Gabinete	13-10-2005	Eurico		



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	27-06-2005	Eurico	Sector A Levantamento 7 Troço reconstituído do Miolo da Muralha	BRA05-DDS-A
Gabinete	13-10-2005	Alfredo		

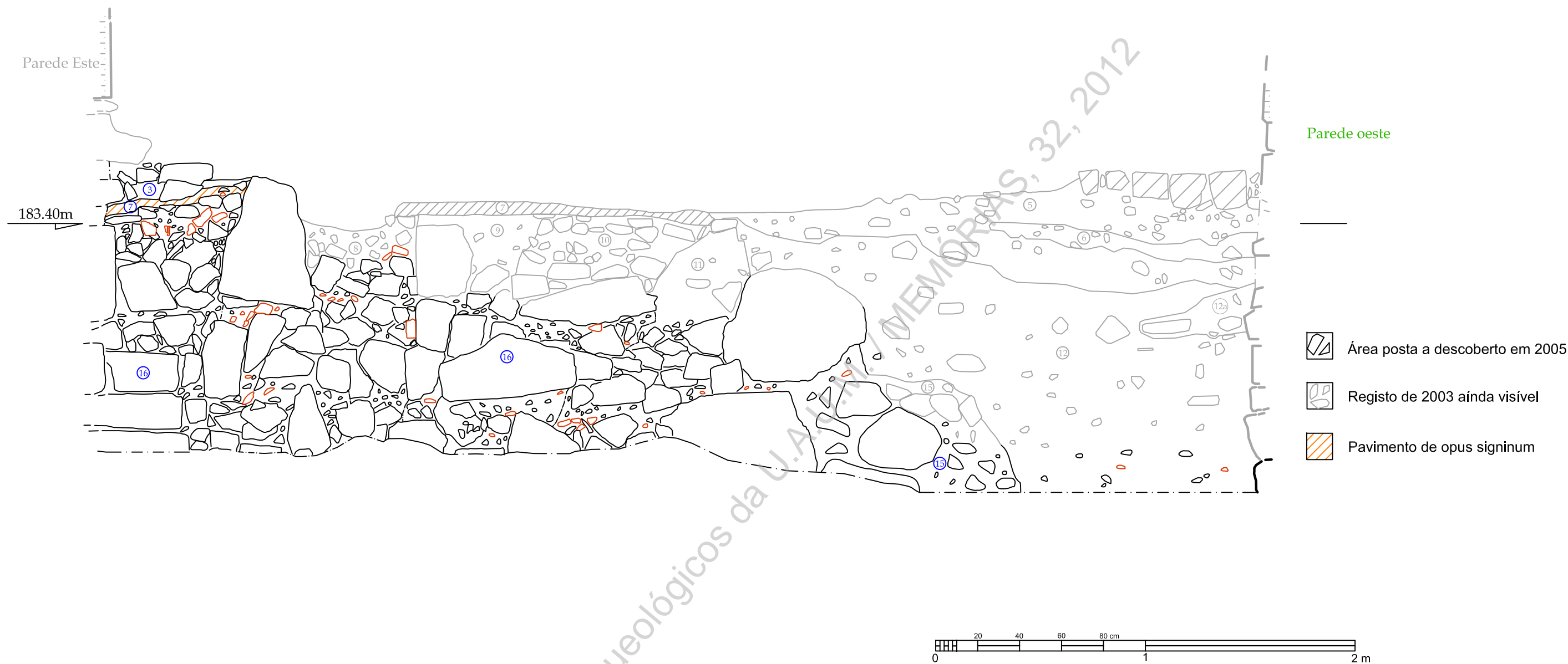


Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	15-06-2005	Eurico	Sector A Levantamento Final	BRA05-DDS-A
Gabinete	13-10-2005	Eurico		

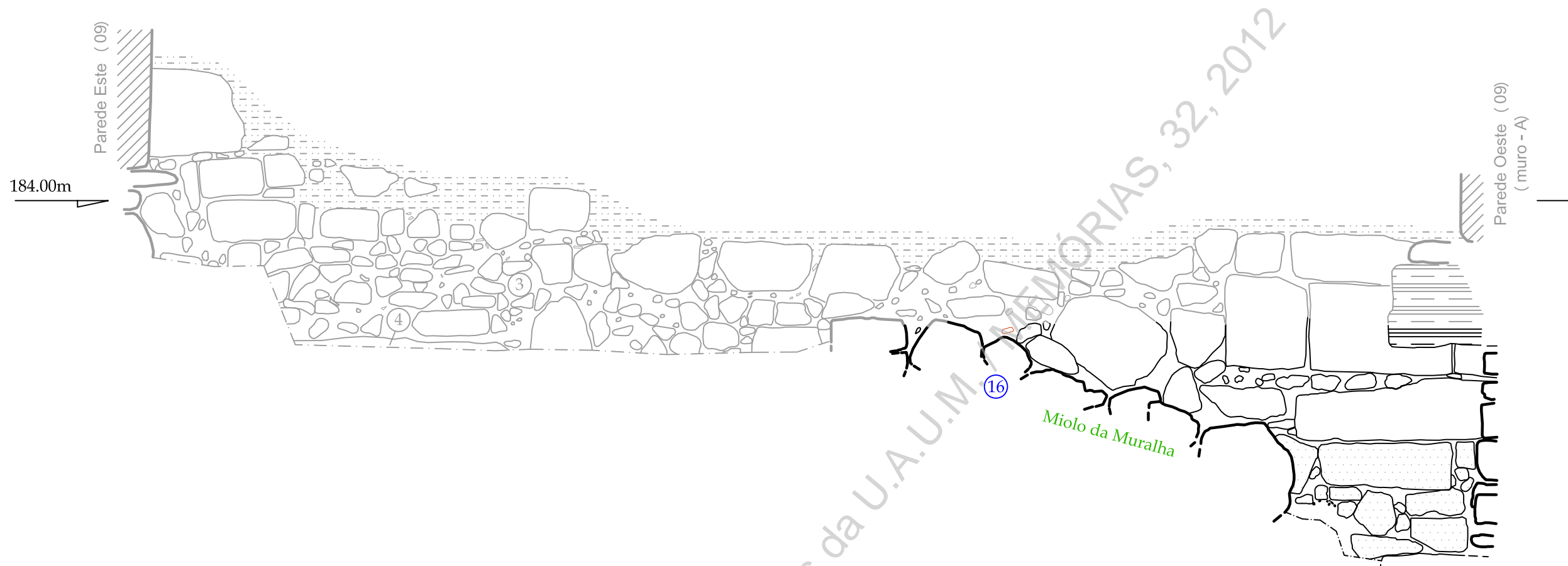





Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	27-06-2005	Paula	Sector A Perfil Este e parede Este Fase Final	BRA05-DDS-A
Gabinete	06-10-2005	Alfredo		





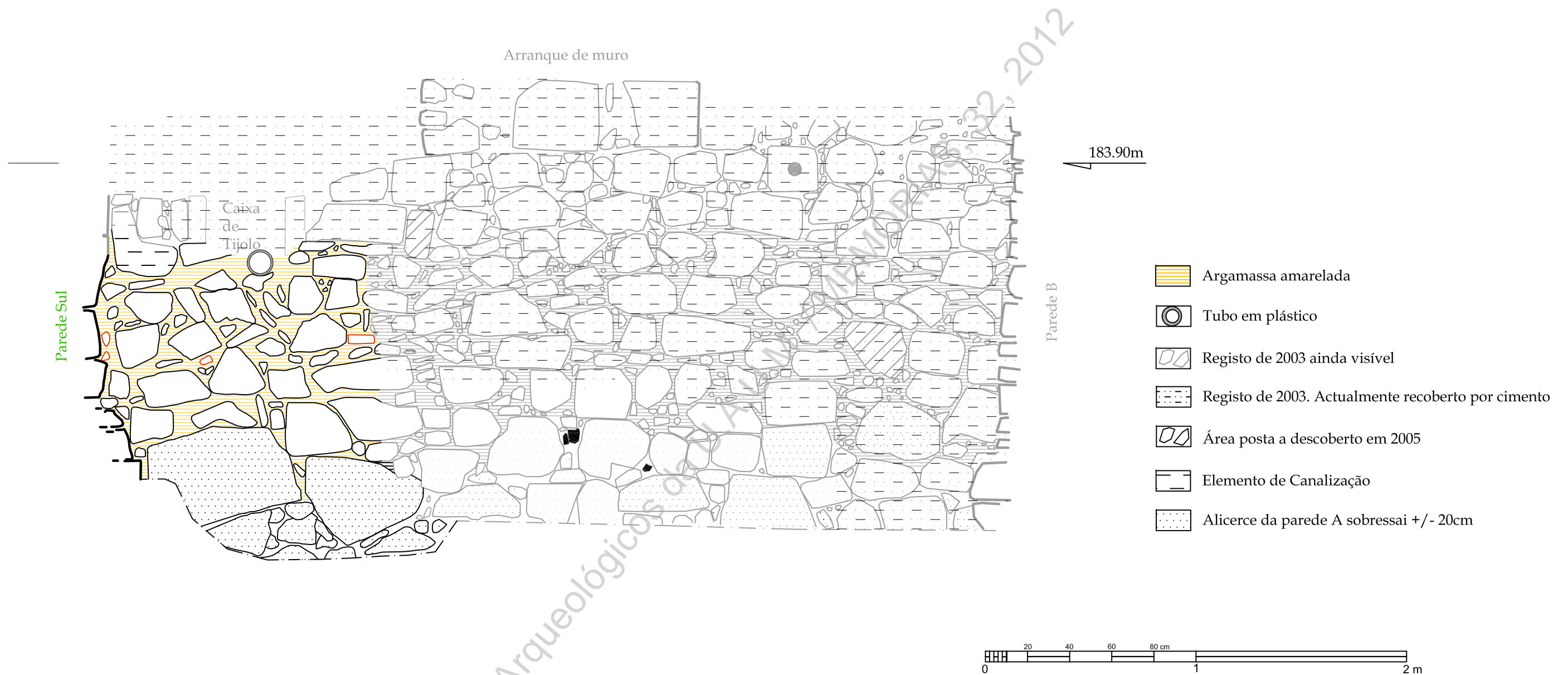
Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	27-06-2005	Eurico	Sector A Perfil Sul - Fase Final	BRA05-DDS-A
Gabinete	07-10-2005	Eurico		



-  Área posta a descoberto em 2005
-  Elemento de canalização
-  Alicerce da parede Sul. Sobressai +/- 20cm



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	27-06-2005	Eurico	Sector A Alicerce/Alçado do arranque da parede Sul Fase Final	BRA05-DDS-A
Gabinete	03-10-2005	Alfredo		



Esc. 1 : 20			Rua D. Diogo de Sousa, 102 - 118	Unidade Arqueologia U.M.
Campo	27-06-2005	Eurico	Sector A Alçado Este - Muro A - Fase Final	BRA05-DDS-A
Gabinete	10-10-2005	Eurico		



# **FOTOS DA FASE DE CONCLUSÃO DA ESCAVAÇÃO DO SECTOR A**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 32, 2012

**Foto – 1**



Sector A. Segunda fase antes da limpeza. Orientação N-S.

**Foto – 2**



Sector A. Aspecto geral do levantamento 4. Orientação N-S.

**Foto – 3**



Sector A. Levantamento 5 (pormenor). Orientação N-S.

**Foto – 4**



Sector A. Levantamento 6 (pormenor). Orientação N-S.

**Foto – 5**



Sector A. Levantamento 7. Colocação de tela na área reconstituída. Orientação N-S.



**Foto – 6**



Sector A. Levantamento 7. Fase final após colocação da tela geo-têxtil. Orientação N-S.

**Foto – 7**



Sector A. Pormenor do perfil Sul.

**Foto – 8**



Sector A. Pormenor do perfil Este.

**Foto – 9**



Sector A. Pormenor do alçado Norte.

**Foto – 10**



Sector A. Pormenor do alçado Este.